

Gelka Arruda de Barros

PARA A FAMÍLIA DO BRASIL:
o cultivo do corpo e a diversão em Belo Horizonte nas páginas da revista Alterosa
(1939 – 1945)

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG
2018

Gelka Arruda de Barros

PARA A FAMÍLIA DO BRASIL:

o cultivo do corpo e a diversão em Belo Horizonte nas páginas da revista Alterosa
(1939 – 1945)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar de Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Estudos do Lazer

Orientador: Prof. Dr. Rafael Fortes Soares

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG
2018

B277p Barros, Gelka Arruda de
2018 Para a família do Brasil: o cultivo do corpo e a diversão em Belo Horizonte nas páginas da revista Alterosa (1939-1945). [manuscrito] / Gelka Arruda de Barros – 2018.

261 f., enc.: il.

Orientador: Rafael Fortes Soares

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 246-261

1. Lazer – Teses. 2. Belo Horizonte (MG) – História – Teses. 3. Educação Física – Periódicos – Teses. I. Soares, Rafael Fortes. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Danilo Francisco de Souza Lage, CRB 6: n° 3132, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



ATA DA 34ª DEFESA DE TESE DE DOUTORADO

GELKA ARRUDA DE BARROS

Às 14h00min do dia 26 de julho de 2018 reuniu-se na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho "Para a família do Brasil: o cultivo do corpo e a diversão em Belo Horizonte nas páginas da revista *Alterosa (1939-1945)*", requisito final para a obtenção do Grau de Doutora em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Rafael Fortes Soares, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovada	Reprovada
Prof. Dr. Rafael Fortes Soares (Orientador)	X	
Prof. Dr. André Mendes Capraro (UFPR)	X	
Profa. Dra. Ana Carolina S. Costa Vimieiro (UFMG)	X	
Prof. Dr. Cleber Augusto Goncalves Dias (UFMG)	X	
Profa. Dra. Maria Cristina Leite Peixoto (FUMEC)	X	

Após as indicações a candidata foi considerada: APROVADA

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para a candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Este documento tem validade de 60 dias.

Belo Horizonte, 26 de julho de 2018.

Prof. Dr. Rafael Fortes Soares Rafael Fortes Soares

Prof. Dr. André Mendes Capraro André Mendes Capraro

Profa. Dra. Ana Carolina Soares Costa Vimieiro Ana Carolina Soares Costa Vimieiro

Prof. Dr. Cleber Augusto Goncalves Dias Cleber Augusto Goncalves Dias

Profa. Dra. Maria Cristina Leite Peixoto Maria Cristina Leite Peixoto

Para: Maria Gilda, Maria José, Maria da Paz, Gilda Cristina e Valentina.

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

ao meu marido e companheiro, Tibério, por me apoiar, por me acalantar e por compartilhar das alegrias e angústias desse processo e de tantos outros.

à minha luz, Valentina, por me transformar em uma pessoa mais paciente, perseverante e forte para continuar novas lutas.

aos meus pais, obrigada pela ternura com a qual me conduziram na vida e pelo apoio e compreensão nos momentos difíceis. Aos meus irmãos, Márcio, Gilda e Glener e às minhas irmãs de coração, Andréa e Waldênia, pela compreensão de minhas ausências.

ao meu orientador, Rafael Fortes, por ter me acolhido. Obrigada pelo imenso aprendizado que me conduziu pela experiência de realizar uma pesquisa histórica. Obrigada pela confiança, pelos conselhos, pelas conversas, pelos risos e, especialmente, pelo respeito e pela compreensão de minhas ansiedades durante esse desafio.

ao professor Cleber Dias pela escuta afetuosa dos dilemas durante esse processo, por aceitar o convite de coordenar meu estágio docente e por me convidar para participar, mesmo que espiritualmente, do grupo de estudos HISLA.

ao professor Hélder Isayama pela sinceridade, bom humor e as valiosas contribuições.

ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer pela imensa aprendizagem acadêmica. Agradeço aos seus professores e aos funcionários da secretaria, Danilo e Randley, que, de forma atenciosa e prestativa, estão sempre disponíveis para o atendimento.

à minha turma de doutorado e aos amigos que fiz na trajetória de pós-graduação, em especial para Sarah, Denise, Malaby, Salete, Agustín e Ronaldo.

aos professores José Carlos Marques e Cleber Dias pelos gentis pareceres que colaboraram para o desenvolvimento da tese.

aos professores André Mendes Capraro, Ana Carolina Soares Costa Vimieiro, Cleber Augusto Gonçalves Dias e Maria Cristina Leite Peixoto, membros titulares, e

Sebastião Brandão Miguel e Victor Andrade de Melo, membros suplentes, pela generosidade em aceitar o convite de participar da banca examinadora.

aos funcionários da Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, de Belo Horizonte, pela gentileza. Obrigada, especialmente, a Renan e Bernardo.

a todos que contribuíram para a escrita deste trabalho, mesmo sem saber que o fizeram. Por isso, agradeço à educação pública, gratuita e de qualidade, e espero fervorosamente que não se arrefeça nesses tempos obscuros.

por fim, agradeço à FAPEMIG pelo financiamento do meu doutorado.

Belo Horizonte, dizemos, conforme aprendemos sem perceber no indicativo de lugar a potência implícita na própria instância da duração desse pronunciamento.

(Laís Corrêa de Araújo)

RESUMO

Esta tese teve por objetivo investigar as mudanças da vida social de Belo Horizonte durante o processo de modernização da cidade por meio da análise das estratégias discursivas presentes na revista *Alterosa* durante o período de 1939-1945. A metodologia utilizada combinou análise de conteúdo de imagem e texto. A escolha deste modelo buscou captar os processos de produção de sentidos nas práticas sociais materializadas nessa revista. O periódico ilustrado, criado em Belo Horizonte em agosto de 1939, foi um importante propagador do ideal de modernidade que se procurava gestar naquele período, no qual a capital mineira vivenciava intensas transformações que acarretaram o desenvolvimento de uma nova dinâmica social na cidade. O contexto nacional estava marcado pelo projeto nacionalista do Estado Novo e pelo estreitamento das relações entre o Brasil e EUA por meio da Política de Boa Vizinhança que objetivava obter o alinhamento do país ao esforço de guerra norte-americano. Este cenário propagandístico era composto principalmente pelos meios de comunicação de massa, dentre eles, o cinema que irradiava a cultura norte-americana como referência de modernidade, mas a imprensa foi igualmente importante por exibir fotografias profusamente, afirmando certa visualidade na cultura urbana da cidade. Esse processo buscava afirmar hábitos e reconfigurar comportamentos sob a lógica da eficiência, em que a família conjugal ganhou centralidade como lugar estratégico para instituir a ordem social. Assim, o padrão corporal feminino foi redefinido visando a maternidade sadia para o aprimoramento da raça, ao mesmo tempo que o corpo masculino foi regulado objetivando sua adequação ao trabalho para o progresso da nação. Juntamente ao controle dos corpos, o discurso da modernidade valorizava a diversão e o cultivo do corpo como práticas modernas.

Palavras-chave: Revista *Alterosa*. Diversão. Corpo. Estado Novo. Americanismo.

ABSTRACT

This thesis aimed to investigate the changes of the social life of Belo Horizonte during the process of modernization of the city through the analysis of the discursive strategies present in the magazine *Alterosa* during the period of 1939-1945. The methodology used combined image and text content analysis. The choice of this model sought to capture the processes of meaning production in the social practices materialized in the magazine. The illustrated periodical, created in Belo Horizonte in August 1939, was an important propagator of the ideal of modernity that was sought to develop in that period, in which the capital of Minas Gerais experienced intense transformations that led to the development of a new social dynamic in the city. The national context was marked by the nationalist project of the *Estado Novo* and the narrowing of relations between Brazil and the United States through the "Good Neighbor Policy" aimed at achieving the country's alignment with the US war effort. This propagandistic scenario was mainly composed of the mass media, among them, the cinema that radiated the American culture as a reference of modernity, but the press was equally important to display photographs profusely, affirming a certain visuality in the urban culture of the city. This process sought to affirm habits and reconfigure behaviors under the logic of efficiency, in which the conjugal family gained centrality as a strategic place to institute social order. Thus the female body pattern was redefined aiming at healthy motherhood for the betterment of the race, while the male body was regulated aiming at its adequacy to work for the nation's progress. Together with the control of bodies, the discourse of modernity valued fun and cultivation of the body as modern practices.

Keywords: *Alterosa* Magazine. Leisure. Body. *Estado Novo*. Americanism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capa da primeira edição da revista <i>Alterosa</i>	27
Figura 2 – Chamada da revista <i>Alterosa</i> no jornal <i>Estado de Minas</i>	37
Figura 3 – Sumário	45
Figura 4 – Sumário	46
Figura 5 – Anúncio do Cassino da Pampulha	67
Figura 6 – Pensamentos de Lolita	74
Figura 7 – Anúncio do regulador ginecológico Veragridol	111
Figura 8 – Anúncio do creme dental Colgate	115
Figura 9 – Anúncio do creme dental Kolynos	117
Figura 10 – Anúncio do regulador ginecológico Gynestol	122
Figura 11 – Matéria sobre o “Minas Tennis Club”	124
Figura 12 – Anúncio da Loteria Mineira	126
Figura 13 – Detalhe da matéria “O calor convida ao esporte”	133
Figura 14 – Frances Nell, estrela da R.K.O Radio	135
Figura 15 – Detalhe da matéria “Silhuetas Encantadoras”	140
Figura 16 – A benção da obra	150
Figura 17 – Cumprimento entre Vargas e Valadares	152
Figura 18 – Enlace João de Lima Padua - Lucia Valadares	154
Figura 19 – Anúncio do depurativo Inhameol	172
Figura 20 – Anúncio do “Sal de Fructa ENO”	174
Figura 21 – Anúncio do depurativo Tapayuna	178
Figura 22 – Anúncio do creme dental Colgate	180
Figura 23 – Anúncio do creme de barbear Dagelle	181
Figura 24 – Anúncio da caneta Parker	185
Figura 25 – Fotografias da reportagem sobre o jogador Guará	186

Figura 26 – Fotografias da reportagem sobre o jogador Guará	187
Figura 27 – Fotografias da reportagem sobre o jogador Guará	188
Figura 28 – Fotografias da reportagem sobre o jogador Guará	189
Figura 29 – Anúncio da Guanabara	204
Figura 30 – Bazar Americano	207
Figura 31 – Recepo do embaixador norte-americano nas ruas da cidade...	216
Figura 32 – Desfile da Guanabara no dia 7 de setembro	220
Figura 33 – Vista panorâmica da estância de Araxá	227

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

AMFORP	American and Foreign Power Company
AML	Academia Mineira de Letras
APCBH	Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte
APM	Arquivo Público Mineiro
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CFLMG	Companhia Força e Luz de Minas Gerais
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
EUA	Estados Unidos da América
FEB	Força Expedicionária Brasileira
FIEMG	Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais
LBA	Legião Brasileira de Assistência
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UMG	Universidade de Minas Gerais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IHGMG	Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais
OCIAA	Office of the Coordinator Inter-American Affairs
PBH	Prefeitura de Belo Horizonte
P.R.I.3	Rádio Inconfidência
P.R.I.7	Rádio Guarani
PRM	Partido Republicano Mineiro
R.K.O	Radio Keith Orpheum

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 REVISTA ALTEROSA: “PARA A FAMÍLIA DO BRASIL” (1939-1945)	24
1.1 A primeira edição	24
1.1.2 A repercussão do lançamento em Belo Horizonte: “A grande revista de Minas para todo o Brasil”	36
1.2 O perfil editorial da revista	43
1.2.1 Capas e edições especiais	43
1.2.2 Sumário e <i>slogan</i>	44
1.2.3 Editoriais	47
1.2.4 Comunicação com leitores e anunciantes	49
1.2.5 Características gerais	64
1.2.6 Seções permanentes	71
2 A EDUCAÇÃO DA MULHER PARA A FEMINILIDADE	77
2.1 A mulher à sombra do homem no lar	77
2.2 A aparência e o cultivo do espírito	87
2.3 O trabalho assalariado e a questão doméstica	94
2.4 “Em guarda! Para a proteção da beleza”	109
2.4.1 “Sadia - formosa - satisfeita”	110
2.4.2 “A juventude tem idade?”	118
2.5 “O esporte como fator de beleza”	123
3 A EDUCAÇÃO DO HOMEM PARA A MASCULINIDADE	141
3.1 O trabalho em prol da nação	142
3.2 O comportamento hostil do homem no lar	156
3.3 A aparência e o refinamento dos modos	167
3.4 “Fraco você é um empecilho! Forte você será indispensável!”	170
3.4.1 “Na vida só vencem os fortes!”	171
3.4.2 “Mantenha a aparência dos homens ativos”	179
3.5 “Contando a história dos campeões”	185
4 A MODERNIDADE: O CULTIVO DO CORPO E A DIVERSÃO	196
4.1 “Belo Horizonte não podia permanecer na quietude monótona das cidades silenciosas e mornas”	196
4.2 A dinâmica sociocultural de Belo Horizonte	203
4.2.1 “Somos todos americanos”	212
4.2.2 A formação do novo homem	217
4.3 Os monumentos da modernidade	224

4.3.1	O “diamante líquido” de Minas Gerais	224
4.3.2	“Em Minas também se faz esporte”	228
4.3.3	A “Copacabana” de Belo Horizonte	231
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	239
	REFERÊNCIAS	246

INTRODUÇÃO

Em comemoração ao centenário de Belo Horizonte no ano de 1997, o Centro de Estudos Históricos e Culturais da Fundação João Pinheiro¹ convidou a poetisa e cronista Laís Corrêa de Araújo para a organização de um dos livros da Coleção Centenário, voltada para o resgate e a valorização da memória da capital mineira. O livro *Sedução do Horizonte*² foi o resultado de um projeto que buscou captar diversas visões sobre a cidade, em determinados tempos e espaços, de acordo com a observação e a vivência dos autores selecionados. Olhares que contemplaram a atitude de ator/espectador na fruição da cidade e a construíram em palavras a partir desta experiência urbana (ARAÚJO, 1996). Crônicas, textos de livros, artigos de jornais, poesias e fotografias constituíram a atmosfera de diferentes épocas da cidade, sendo o olhar o produtor destas narrativas que foram divididas em cinco partes: introdução, intitulada “O nome é a marca”, e quatro seções: “O olhar do outro”, “O olhar histórico”, “O olhar interior” e “O olhar poético”, que, segundo a organizadora, representam “a visão do instante da mudança, visão de fora e alheia à mudança, visão interior da imaginação criadora da ficção e da poesia” (ARAÚJO, 1996, p.14).

Por meio desses olhares foi possível perceber uma ideia que permeava toda a construção simbólica sobre a capital mineira, anterior à sua fundação, que apontava para uma aparente contradição entre a tradição e o moderno. Para alguns autores, a cidade era “morta”. Outros a percebiam como uma “moça de grande futuro”. Essa ambiguidade se fazia presente, especialmente, no comportamento do belo-horizontino diante do que se entendia por modernidade. Do ponto de vista do planejamento físico, Belo Horizonte era uma cidade moderna, mas, no que dizia respeito às sociabilidades, Oliveira Vianna assegurava que “da preponderância absorvente da vida de família resulta para o mineiro uma extrema restrição dos círculos de sociabilidade”.³ Segundo esse autor, essa seria uma explicação para que a capital mineira parecesse deserta: “esta cidade, tão formosa e grande, não está,

¹ “Criada em 1969, a Fundação João Pinheiro é uma instituição de pesquisa e ensino vinculada à Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão de Minas Gerais. Fonte de conhecimento e informações para o desenvolvimento do estado e do país, tem como característica a contínua inovação na produção de estatísticas e na criação de indicadores econômicos, financeiros, demográficos e sociais”. Para maiores informações acessar o sítio. Disponível em: <www.fjp.mg.gov.br>. Acesso em 13. Ago. 2015.

² Cf. ARAÚJO, Laís Corrêa de (Org.). **Sedução do horizonte**. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais; Fundação João Pinheiro, 1996.

³ OLIVEIRA VIANNA. In: ARAÚJO, 1996, p. 88.

porém, despovoada, ao contrário, está inteiramente habitada: apenas, não se vê o habitante...”.⁴ Sua fala retrata o início dos anos 1920. Passados 10 anos, as crônicas de Carlos Drummond de Andrade no jornal *Minas Gerais*,⁵ entre 1930-1934, retomam o assunto. Nas “Notas Sociais”, assinadas pelos pseudônimos Barba Azul e Antônio Crispim, Drummond registrou suas observações sobre o cotidiano de Belo Horizonte. Segundo Valéria Machado (2009), em artigo sobre as crônicas de Drummond, embora esse escritor lamentasse a perda de alguns ritos tradicionais, sendo mordaz em sua análise da modernidade, em seus breves relatos, a capital mineira muitas vezes era tida como tediosa quando comparada ao Rio de Janeiro e a São Paulo. O tédio estava vinculado ao conservadorismo mineiro, como se apresenta no trecho de uma dessas crônicas, “Os dedos sobre o teclado”, a respeito da visita de uma famosa pianista à capital: “essas velhas palmas belo-horizontinas, palmas chochas e insossas, que desde os tempos de Curral del-Rey caracterizam a clássica pobreza mineira de entusiasmo...” (DRUMMOND *apud* MACHADO, 2009, p. 83). Outro fator apontado pelo escritor, que também revelava o provincianismo mineiro, dizia respeito ao lento processo de modernização de Belo Horizonte, na crônica “Luzes da Cidade”, sobre o “atraso” da capital:

As vitrinas apagaram-se na noite de Belo Horizonte. Atrás dos vidros, na hora em que o burguês faz a sua digestão ambulante e as meninas saem do cinema, já não há mais nada para espiar... Enquanto isso, os jornais do Rio anunciam ironicamente os concursos de vitrinas. Nós aqui podíamos fazer o mesmo: indagar qual a vitrina mais escura e, como prêmio, oferecer ao proprietário um lampião de gasolina (DRUMMOND *apud* MACHADO, 2009, p.83).

Belo Horizonte foi uma cidade planejada, diferentemente do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, e São Paulo que nasceram da decisão de poucos em se fixar num dado lugar. Em suas primeiras décadas, o espaço físico da capital mineira era monumental para uma população ainda pouco volumosa. No início da década de 1930, a impressão de uma cidade deserta e o comportamento conservador do belo-horizontino ainda eram fortes elementos de questionamento sobre a modernidade da capital mineira. Essa interpretação talvez resultasse do fenômeno de excitabilidade

⁴ OLIVEIRA VIANNA. In: ARAÚJO, 1996, p. 89.

⁵ O jornal *Minas Gerais* é publicado pela Imprensa Oficial do Estado para divulgação de atos do governo, decretos e regulamentos que devam ter execução no Estado. Seu primeiro exemplar foi publicado em 21 de abril de 1892, marcando o centenário da morte de Tiradentes, em Ouro Preto. Disponível em: <www.iof.mg.gov.br>. Acesso em: 16. Ago. 2015.

pública referente ao ideário moderno, caracterizado pela multidão e tráfego de pessoas e bens materiais. Em 1900, a população era de 13.472 habitantes; entre 1920 e 1940, ela aumentou de 55.563 para 211.377, respectivamente, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística⁶ (IBGE, 1957, p. 27). Essa informação provocou o interesse de identificar se essa imagem conflitante de Belo Horizonte ainda persistia, principalmente porque, a partir da década de 1940, o processo de modernização da cidade se intensificou.

Nesse sentido, esta tese buscou compreender as mudanças da vida social na capital mineira decorrentes do seu processo de modernização, entre 1939 e 1945, por meio dos discursos presentes na revista *Alterosa*. Muitas foram as possibilidades de investigação do tema proposto, diante de um universo extenso de fontes, entre jornais, documentos oficiais, acervos iconográficos públicos e revistas ilustradas. Para esta análise, a *Alterosa* se constituiu objeto e fonte principal, não excluindo a possibilidade de utilização de outras fontes secundárias para o cruzamento de informações. Essa escolha se deveu ao fato de existirem poucos estudos sobre a revista e ao reconhecimento de sua relevância no cenário da imprensa brasileira.

A *Alterosa* foi uma revista ilustrada mineira, criada em agosto de 1939, pelo jornalista Olímpio de Miranda e Castro. Periódico de caráter literário e noticioso, de frequência mensal, entre suas seções figuravam principalmente contos e crônicas, entremeados por reportagens econômicas, políticas e sociais sobre o estado de Minas, notas sociais, humor, poesia, passatempos, entretenimento como o rádio e o cinema, prescrições sobre saúde, beleza, moda e anúncios publicitários. Em 1943, passou a apresentar sumário e, em 1945, adotou o *slogan* “Para a família do Brasil”, alterado para “A revista da família brasileira”, em 1959. Intelectuais como Djalma Andrade, Henriqueta Lisboa e Olga Obry estavam entre os colaboradores da revista que, ocasionalmente, publicava contos de literatos como Machado de Assis, Fernando Sabino, Rubem Braga e outros. No período pós-guerra, precisamente após 1950,⁷ a revista tinha assinantes na Europa e no continente americano. Miranda e Castro que recusou por duas vezes, em 1945, a venda da revista aos Diários Associados, já

⁶ IBGE. Disponível em <http://www.biblioteca.ibge.gov.br/.../emb_volume24_bh_separata.pdf> Acesso em: 03. Set. 2015.

⁷ A breve apresentação de datas posteriores ao recorte proposto é importante para a caracterização da publicação.

adoecido, vendeu o periódico a Magalhães Pinto⁸, em 1962 (MAIA; SILVA, 2010). A partir de então, sob a direção do jornalista José Aparecido de Oliveira e redação de Roberto Drummond, a revista passou por uma ampla reforma editorial, mas o nome de Miranda e Castro constou no expediente como fundador da publicação até o seu encerramento, dois anos depois. Segundo Carla Rodrigues (2011), neste período das últimas publicações, na década de 60, as fotorreportagens variavam sobre eventos pitorescos do interior de Minas Gerais à política nacional e internacional. Através dos textos e imagens da publicação era notável sua partidização contra o governo de João Goulart. A autora indica que o objetivo do novo proprietário era utilizar a publicação como propaganda política para se eleger presidente da República. Como este propósito não foi alcançado, a revista encerrou suas atividades em 1964 e o maquinário importado e ainda novo foi vendido à Editora Abril. Rodrigues ainda relata que entre os colaboradores desta época estiveram Jorge Amado, Otto Lara Resende, Fernando Gabeira e Henfil, que teria iniciado sua carreira de cartunista na revista.

No início dos anos 1940, Belo Horizonte vivenciava um intenso processo de transformação. Vários elementos contribuíram para o florescimento de uma nova dinâmica sociocultural na cidade, tais como a verticalização do centro da cidade, a diversificação do comércio, a urbanização da área suburbana e a ampliação da sua infraestrutura, a construção da Cidade Industrial e a criação e reorganização de aparelhos sociais, econômicos e culturais. O contexto nacional estava marcado pelo projeto nacionalista e intervencionista do Estado Novo e pelo estreitamento das relações entre Brasil e EUA por meio da chamada Política da Boa Vizinhança que objetivava obter o alinhamento do país ao esforço de guerra norte-americano. Este cenário propagandístico era composto principalmente pelos meios de comunicação de massa, como o rádio e o cinema, que irradiavam a cultura norte-americana como referência de modernidade, mas a imprensa foi igualmente importante por exibir fotografias profusamente, afirmando certa visualidade na cultura urbana da cidade.

Em 1941, podia-se ver nas páginas da *Alterosa* a inquietação com a imagem da capital mineira.⁹ Em editorial, Miranda e Castro conclamava o poder

⁸ José de Magalhães Pinto (1909-1996) era proprietário do Banco Nacional. Foi signatário do Manifesto dos Mineiros (1943), deputado federal por MG em várias ocasiões, ministro das Relações Exteriores (1967-1969), além de governador de Minas entre 1961 e 1966 (RODRIGUES, 2011).

⁹ Ao longo da tese, a grafia das citações referentes à revista *Alterosa* está de acordo com a redação original, isto é, optou-se por não atualizar a ortografia dos textos citados conforme o acordo ortográfico vigente (1990). Esta opção visa manter a integridade absoluta do texto e é uma forma de fidelidade às fontes de pesquisa e ao contexto da publicação.

público, nas figuras do prefeito e do governador, das entidades de classe, dos clubes e associações esportivas, além dos leitores, em torno do programa de “elevar e engrandecer o nome de nossa Capital, tornando-a conhecida e admirada em todo o país, através de suas esplendidas realizações culturais e econômicas, e em toda a amplitude de sua avançada civilização”.¹⁰ O movimento iniciado pela União dos Varejistas de Minas Gerais, visava, por meio da propaganda, mudar a imagem de Belo Horizonte dentro e fora do estado. Segundo o texto, ainda persistia em “grande parcela” da população mineira, que vivia em pontos afastados da região central, a ideia de que a cidade não passava de um “Curral del Rei melhorado” e, no Rio e em São Paulo, para muitos, a cidade não passava de “um grande arraial”, não restando dúvida de que “a Capital não era conhecida”. Esta foi então a proposta editorial da *Alterosa*, assumir para si a responsabilidade de propagar uma nova imagem de Belo Horizonte. A partir de 1942, a *Alterosa* construía a imagem de uma capital moderna prestes a debutar.

Diante da perspectiva de que a revista circulou em um importante contexto histórico, buscou-se aqui identificar e analisar, em suas estratégias discursivas, as representações político-econômicas, ideológicas e estéticas definidas para o projeto de modernidade da cidade, em uma abordagem direta de seu conteúdo – imagem e texto –, posto que ela fez parte desse processo de construção. A elaboração da tese, portanto, reflete a articulação da textualidade (textos visuais e textos verbais) ajudando na compreensão das maneiras de ser e agir dos belo-horizontinos na medida em que a interpretação dos textos históricos emerge da interdependência entre imagem e palavra (MAUAD, 1996).

Em síntese, a tese procurou responder: qual o papel da revista naquele cenário? Quais símbolos, valores e representações da modernidade foram retratados? Qual era a tensão entre os valores tradicionais e os valores modernos? Como o poder público foi representado e de que maneira e em que medida auxiliou a gestação de uma sensibilidade considerada moderna? Qual foi o padrão de comportamento definido como moderno? Enfim, como o processo de modernização de Belo Horizonte, no início dos anos 1940, alterou a vida social da capital mineira?

Para tanto, foram analisados, sistematicamente, todos os 68 exemplares publicados entre 1939 e 1945 e disponíveis no acervo da Hemeroteca Histórica da

¹⁰ MIRANDA E CASTRO, Olímpio de. A propaganda de Belo Horizonte. *Alterosa*, ano III, n. 23, outubro de 1941, p. 37.

Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais. Os dados selecionados foram provenientes de crônicas, reportagens políticas, econômicas e sociais, entrevistas, enquetes, colunas de beleza, seções memorialistas, de cinema e moda, notas e editoriais da revista, além de anúncios publicitários. Os elementos de análise, divididos em categorias, auxiliaram na identificação dos valores e dos comportamentos eleitos para a representação da modernidade através das práticas sociais. Entendo que as práticas sociais manifestam e produzem sentidos de forma a revelar os interesses político-econômicos e ideológicos de determinados grupos na arena cultural. Esta análise envolveu conhecer quem era retratado, a definição de seu papel social e quais eram suas funções e atributos em dado espaço e circunstância social. Este reconhecimento apresentou a tensão entre as forças que atuaram nesse processo modernizante. Os estudos de gênero foram adotados para a apreensão dos papéis sociais da mulher e do homem de forma a esclarecer a dinâmica das relações sociais no seio do processo em questão, inclusive apontando as hierarquias e assimetrias existentes no interior de um mesmo gênero. As representações de feminilidade e masculinidade contribuíram para a identificação da noção de família (mote central da revista) e da intermediação da *Alterosa* no processo de modernização da cidade através da inculcação de condutas, na intenção de atender às imagens de modernidade que visava afirmar na capital e difundir no estado e no país para a representação da cultura mineira. A escolha deste modelo buscou captar os processos de produção de sentidos presentes nas práticas sociais materializadas na *Alterosa* por meio dos atos comunicacionais que, segundo Marialva Barbosa (2009), caracterizam a correlação entre comunicação e história, na medida em que “a história é sempre interpretação feita a partir de quem, do presente, olha o passado. A história é sempre narrativa, algo que foi narrado no passado e que agora podemos re-narrar” (BARBOSA, 2009, p. 24).

As revistas brasileiras do início do século XX se inspiravam nos magazines ilustrados e nas revistas de variedades europeias do século anterior, especialmente nas publicações francesas (MIRA, 1997, p. 14). Uma característica geral da imprensa daquela época era a estreita relação entre jornalismo e literatura, os jornais e as revistas compartilhavam sobretudo seções literárias. De 1930 a 1950, configurou-se o período de transição das publicações em direção aos modelos da indústria cultural, sob forte atuação do cinema na vida cotidiana (MIRA, 1997, p. 22). Este predomínio das imagens cinematográficas foi regido pelo ideal romântico, principalmente nas

décadas de 40 e 50 (MIRA, 1997), os conhecidos “anos dourados”. Em um gradual processo de avanço tecnológico, passando de ilustrações para fotografias, de preto e branco para cor, as fotorreportagens da revista *O Cruzeiro* demarcaram o ápice da visualidade. Em Belo Horizonte, a conformação do campo fotográfico ocorreu em torno de 1940, relata Luana Campos (2008). De acordo com a autora, o desenvolvimento da prática profissional e amadora incorporou a fotografia ao cotidiano da cidade. A fotografia é um artefato que se configura como produto e produtor de hábitos sociais (CAMPOS, 2008). Isto posto, a cultura fotográfica em Belo Horizonte pode ser entendida como uma prática social que envolve tanto a experiência profissional dos fotógrafos e o campo da fotografia como o modo de representação do mundo e da sociedade característicos do princípio da visibilidade moderna. Portanto, a fotografia como constructo cultural contribui para veiculação de novos comportamentos e representações de classe, atuando como meio de controle social através da educação do olhar (MAUAD, 1996, p.11).

O hábito da leitura, particularmente de um produto cultural ligado ao universo do entretenimento, configura-se como uma leitura de descontração, uma forma de diversão. Nos anos 1940, era possível encontrar na *Alterosa* diversos aspectos do cotidiano da capital. A profusão de fotografias nas revistas ilustradas, conforme indica Márcia Padilha (2000, p. 42), devia-se “à compreensão de que a vida urbana, recriada pelas técnicas cinematográficas e fotográficas, tornara-se espetáculo para seus leitores” (PADILHA, 2000, p. 42). As imagens da vida social juntamente com a forte presença da publicidade na revista ofereciam ao leitor novos códigos de civilidade, estabelecendo a ordem usual das coisas e modos de viver. A publicidade fazia circular no espaço público uma infinidade de informações de educação, do trabalho, do tempo do não trabalho e do consumo, que consubstanciava a subjetividade do indivíduo urbano (PADILHA, 2000, p. 25).

A definição do recorte temporal desta pesquisa justificou-se por esse período cobrir uma época rica em transformações econômicas, sociais e principalmente culturais. Em aproximadamente 40 anos após sua fundação, Belo Horizonte passou por um segundo processo de modernização, devido à sua expansão para além do perímetro urbano definido em sua planta de construção. De 1935 a 1947, ocorreu a verticalização do centro da cidade, período conhecido como “ciclo do arranha-céu” que simbolizou um novo tempo de progresso na história da capital mineira, segundo Vera Chacham (1996). Destacou-se, nessa época, a atuação de

Juscelino Kubitschek na prefeitura da capital que, tendo sido nomeado prefeito em 1940, permaneceu nesse cargo até 1945. Sua nomeação foi realizada por Benedito Valadares, interventor do estado de Minas Gerais durante o regime do Estado Novo. Um amplo conjunto de reformas impôs um ritmo acelerado na cena urbana da cidade, muitos projetos da administração de Otacílio Negrão de Lima,¹¹ entre 1935-1938, e de José Oswaldo de Araújo, entre 1938-1940, foram incorporados à administração de Juscelino, tais como a ligação da zona urbana aos subúrbios, a reforma e ampliação do sistema viário e dos arruamentos existentes, a extensão da rede de água potável, águas pluviais e esgotos para a periferia (STARLING, 2002). Mas para construir a nova imagem da capital, seu plano político associou a modernidade ao modelo desenvolvimentista:

Ao mesmo tempo, esse é um modelo que vai se solidificando apenas quando projetado em obras e apenas quando essas obras são capazes de transmitir a disposição do modelo para alterar radicalmente valores, critérios, costumes e instituições tradicionais, atingir o maior número possível de pessoas e tentar inculcar, em cada morador da cidade, a convicção de que ser moderno, antes de mais nada, significa viver integralmente o tempo presente (STARLING, 2002, p. 35).

A concepção do Complexo Arquitetônico da Pampulha, a realização da Exposição de Arte Moderna (IBGE, 1957, p. 14; CEDRO, 2006), a criação do Museu Histórico da Cidade e do Instituto de Belas Artes e a construção do Teatro Municipal foram obras que buscaram alterar as experiências e as percepções da população belo-horizontina. De acordo com Marcelo Cedro (2006), os empreendimentos de Juscelino abrangeram mudanças não apenas no âmbito material, mas também na esfera cultural, fundamentando o discurso de modernidade e progresso em coerência com a orientação do Estado Novo, “buscando inserir Belo Horizonte no mesmo contexto de modernização das principais cidades do mundo” (CEDRO, 2006, p. 85).

Cabe, no entanto, mais esclarecimentos sobre o marco temporal desta pesquisa. A escolha foi motivada pela relação entre dois fatores. Houve uma

¹¹ Otacílio Negrão de Lima foi prefeito da capital entre 08/08/1935 a 18/04/1938, quando pediu exoneração do cargo e Benedito Valadares nomeou José Oswaldo de Araújo, que administrou a cidade de 18/04/1938 a 18/04/1940. Durante sua gestão concluiu “[...] obras na avenida do Contorno, no bairro Barroca, na avenida Getúlio Vargas e no bairro Nova Suíça, além da assinatura do convênio que deu início aos concertos públicos na cidade, a preparação do projeto de padronização dos quadros da Prefeitura, a elaboração dos Códigos de Obras e Tributário e do Regulamento dos Serviços Domiciliários de águas e esgotos e a criação do laboratório do Saneamento Municipal”. Em abril de 1940, Juscelino Kubitschek assumiu a administração municipal. Disponível em: <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/>>. Acesso em 02. Jan. 2017.

significativa mudança na revista após 1945. Na edição de janeiro de 1946,¹² foi verificado o arrefecimento de reportagens político-econômicas sobre o desenvolvimento do estado, sobretudo sobre o regime de Vargas, que deixou de vigorar ao final de 1945. Essa queda substancial resultou na quebra discursiva adotada pela revista durante a vigência do Estado Novo. O que permitiu, diante de um extenso corpo de trabalho, a seleção realizada no intuito de estabelecer uma discussão aprofundada do tema proposto, sem a pretensão de esgotá-lo, apontando, inclusive para futuros estudos de variadas temáticas, certas especificidades do cenário modernizante da capital mineira no interior da conjuntura nacional, marcada pela vigência do Estado Novo e pelo processo de americanização do país.

Considerando que os meios de comunicação de massa produzem discursos de grande penetração social, contribuindo como instâncias de representação e como elementos ativos na construção da realidade (FORTES, 2009), esse trabalho foi organizado em quatro capítulos.

O primeiro capítulo traz uma breve contextualização da imprensa belo-horizontina até o início dos anos 1940, focalizando as revistas ilustradas e buscando evidenciar as dificuldades de implantação de um projeto editorial na capital. A partir das informações do expediente da primeira edição da *Alterosa*, bem como da repercussão de seu lançamento nos jornais locais, analisou-se as expectativas em torno de sua longevidade e sua proposta de representação da cultura mineira no estado e no país. A abordagem da dinâmica de conteúdo e gráfica da revista mostra quais as estratégias de autopromoção auxiliaram na construção da sua imagem para si e para os leitores, destacando sua relação com a afirmação de uma identidade mineira e com a cidade como constituintes de seu perfil editorial.

As mudanças da vida social na capital mineira são identificadas e analisadas a partir dos capítulos subsequentes, o 2 e o 3, especificamente por meio do reconhecimento dos papéis sociais da mulher e do homem. Neles, são abordadas as práticas sociais sob a definição de valores e comportamentos constituídos em torno da ordem conjugal. Apresenta-se quem era retratado, suas funções e atributos, em dado espaço e circunstância social, com o propósito de reconhecer as relações de poder na sociedade belo-horizontina e as ideologias que estavam presentes naquele

¹² ALTEROSA. Ano VIII, n. 69, janeiro de 1946.

contexto, nos quais os discursos sobre a modernidade se alinham a princípios higiênicos e eugênicos em prol do progresso da nação.

Esse debate se prolonga no quarto capítulo, considerando as transformações urbanísticas, econômicas e socioculturais como fatores responsáveis pelo florescimento de uma nova dinâmica sociocultural em Belo Horizonte. A análise se concentrou nesses elementos e nas especificidades do cenário marcado pelo americanismo e pelo nacionalismo desenvolvimentista do Estado Novo. A tentativa de forjar uma sensibilidade tida por moderna foi permeada pelo cultivo do corpo e pela diversão através da eleição de monumentos que expressavam a modernidade da capital mineira.

1 Revista Alterosa: “Para a família do Brasil” (1939-1945)

A proposta deste capítulo ultrapassa a simples caracterização do periódico. Na primeira seção, o cenário da imprensa belo-horizontina, anterior ao lançamento da *Alterosa*, foi contextualizado brevemente no intuito de melhor apresentar seu projeto editorial. O expediente da primeira edição e a repercussão do lançamento na imprensa são analisados acompanhando a perspectiva de que essas informações foram essenciais para a imagem que a revista construiu de si mesma na sociedade mineira. A segunda seção trata da caracterização propriamente dita da publicação e de seu perfil editorial, expondo a dinâmica do conteúdo, destacando sua relação com a cidade e discutindo sua pretensão de representar a cultura de Minas Gerais no país. Esses elementos permitem construir a trajetória da publicação em busca da cristalização de seu projeto editorial que visava à circulação nacional.

1.1 A primeira edição

A principal característica das primeiras décadas da imprensa belo-horizontina era a efemeridade das publicações. Embora fosse uma atividade intensa e de grande diversidade na cidade, marcada pelo associativismo e por práticas político-partidárias, a maioria das iniciativas não passava do terceiro exemplar. Para se ter uma ideia, de 1897 a 1954, existiram em Belo Horizonte mais de 800 periódicos, entre jornais e revistas literários, noticiosos, religiosos, operários, políticos, humorísticos, carnavalescos, acadêmicos, esportivos, escolares, de agremiações recreativas e esportivas, de italianos, árabes e alemães, de cinema, de rádio, de propaganda, de associações comerciais, agropecuárias, etc. (CASTRO, 1995).

As possíveis causas da efemeridade das publicações na cidade são referidas por Maria Ceres Castro (1995) em seu estudo crítico sobre a Coleção Linhares.¹³ A autora menciona um trecho da obra *A menina do sobrado*, de Cyro dos Anjos, sobre as dificuldades da imprensa independente se estabelecer na capital, em torno dos anos 1920. O memorialista indica o predomínio das “folhas do governo” e das “gazetas cariocas”, a “população rala”, de “reduzida massa leitora”, “comércio pobre” e “indústria quase nenhuma”. O ambiente socioeconômico da pouca população

¹³ A Coleção Linhares contém resenhas de publicações de 1895 a 1954. Até o momento, é considerado o estudo mais detalhado dos anos iniciais da imprensa belo-horizontina (LINHARES, 1995).

refletia o fraco comércio e a indústria incipiente, não apresentando condições para o estabelecimento de um mercado editorial (CASTRO, 1995, p. 26).

Belo Horizonte, até a década de 1940, alternou períodos de desenvolvimento e de estagnação. Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a recessão econômica provocou a ruptura no processo de desenvolvimento de Belo Horizonte. O esgotamento da oferta de energia elétrica foi um dos principais obstáculos ao processo emergente de industrialização. Diante das dificuldades de importação de materiais, incluindo papel, as obras públicas e privadas ficaram praticamente paralisadas. Após a guerra, o ritmo de crescimento da capital foi retomado, a indústria mineira de pequeno porte diversificou-se com a instalação de fábricas de equipamentos para panificação, indústria alimentícia, farmacêutica e de mobiliário (PEREIRA, 2009, p. 62-63).

Neste contexto, ingressar no mercado editorial era muito arriscado. Para cristalizar um projeto gráfico eram necessários: aporte financeiro, leitores, assinantes e anunciantes para manter o negócio. Outra indicação de Cyro dos Anjos merece ser evidenciada, a “falta de assunto e de público”. Em princípio, a afirmação sinalizava uma fraca dinâmica social. Analisando a visão que outros escritores contemporâneos desse autor tinham da cidade, por exemplo, Carlos Drummond de Andrade, a cidade era “morta” porque sua dinâmica social era vista como resultado dos hábitos provincianos mantidos por seus moradores, mas é preciso lembrar que essas afirmações eram feitas em comparação aos grandes centros urbanos da época, Rio de Janeiro e São Paulo.

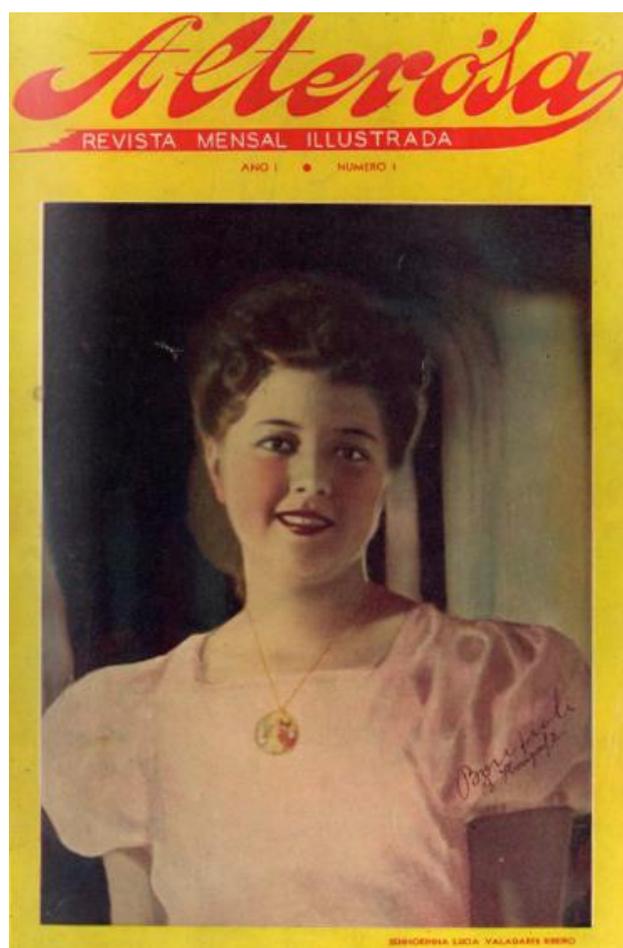
O cenário da imprensa local se modificou a partir da década de 1930, momento em que iniciou, gradativamente, seu processo de profissionalização. Castro (1995) relata que neste período aumentou o número de periódicos com maior duração, a qualidade gráfica melhorou devido a equipamentos mais avançados tecnologicamente, o que levou à profissionalização gradual do setor, ainda que existissem iniciativas amadoras e artesanais. O cenário que antecedeu e acompanhou a *Alterosa* em seus primeiros anos se configurou por importantes publicações. Dando sequência ao movimento modernista mineiro iniciado por *A Revista* (1925) e por *Verde* (1928), em Cataguases - MG; a revista modernista *Surto* (1933) foi criada por alunos da Faculdade de Direito. Juntamente com o comitê de redação formado por esses, escreviam Abgar Renault, Cyro dos Anjos, Carlos Drummond de Andrade, entre outros. Foi uma das publicações de maior projeção em Belo Horizonte (LINHARES,

1995, p. 310-311). A revista *Bello Horizonte* (1933-1953) foi uma das mais longevas. Fundada e dirigida pelo jornalista Augusto Siqueira, que faleceu em 1946, a revista interrompeu temporariamente as atividades, retornando em 1947, já sob a direção do jornalista Miguel Chalup. Aparentemente encerrou suas atividades em fevereiro de 1953, passando por novos proprietários, direção e redação ao longo de sua duração (LINHARES, 1995, p. 307-309). No ano de 1944, foram lançadas as revistas *Novidades* e *Minas Tênis*.

Sob a direção de Miranda e Castro, a *Montanheza* (1935-1938) foi uma revista semanal “fartamente ilustrada”. Entre contos e crônicas, notícias sobre esportes, notas sociais e caricaturas, ela manteve seções permanentes como “Marionetes”, que versava sobre o mundanismo, sob autoria de Guilherme Tell¹⁴ (LINHARES, 1995, p. 330-331), que posteriormente colaborou na *Alterosa*. Parece ter sido a primeira experiência de Miranda e Castro dirigindo um periódico ilustrado, cuja linha editorial assemelhava-se à da *Alterosa*, incluindo a colaboração de Djalma Andrade. Sobre a *Alterosa*, Joaquim Nabuco Linhares afirmou que, “tanto pelo texto, quanto pela parte gráfica, deve ser incluída entre as que formam a primeira linha do País” (1995, p. 374). O texto desse autor sugeria que ele tinha acompanhado, em certa medida, parte da trajetória da revista, por apresentar dados referentes à sua frequência, indicando, por exemplo, que “em 1953 passou de mensal a quinzenal” (LINHARES, 1995, p. 374), além de assegurar que a publicação havia se estabelecido no mercado editorial de Belo Horizonte: “*Alterosa* é, sob todos os aspectos, uma revista vitoriosa. Já recebeu a consagração pública, e muito merecidamente. Sua vida tem sido das mais luminosas de nossa imprensa. Nada vemos que fique ela devendo às melhores dos grandes centros” (LINHARES, 1995, p. 374).

¹⁴ Guilherme Tell e Félix Arruda foram pseudônimos usados por Djalma Andrade. O literato atuou em diversos periódicos de Belo Horizonte, incluindo os jornais *Folha de Minas* e o *Estado de Minas*. Membro da Academia Mineira de Letras e da Academia de Lisboa, em 1928, compôs a letra do primeiro hino oficial do Clube Atlético Mineiro. Disponível em: <<http://academiadeletrasdobrasilideminasgerais.blogspot.com.br/2011/10/linkcadeira-n-02alb-mg-silvia-de.html>>. Acesso em 20. Fev. 2016.

Figura 1 – Capa da primeira edição da revista *Alterosa*



Fonte: ALTEROSA. Ano I, n. 1, agosto de 1939, capa.

Alterosa foi uma revista ilustrada de propriedade da Sociedade Editora Alterosa Ltda. De acordo com o expediente do primeiro exemplar, o corpo diretor e redator era composto por José Carlos Lisboa,¹⁵ Olímpio de Miranda e Castro,¹⁶

¹⁵ “José Carlos Lisboa foi professor, escritor, radialista, tradutor e literato. Formado em Farmácia, bacharel e doutor em Direito pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, participou, no final da década de 1930, da fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da então, Universidade de Minas Gerais (UMG), que daria origem a UFMG. Ocupou a cátedra de Língua e Literatura Espanhola da Faculdade a partir da década de 1940. Dez anos depois, tornou-se catedrático e doutor em Língua e Literatura Espanhola também pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Foi diretor adjunto do curso de Jornalismo desta faculdade e, em 1967, participou da criação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da qual foi o primeiro diretor. Na UFRJ lecionou também os cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Letras”. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/boletim/bol1375/oitava.shtml>>. Acesso em: 25. Fev. 2015.

¹⁶ O jornalista Olímpio de Miranda e Castro atuou na imprensa mineira em vários veículos, como por exemplo, o *Correio Mineiro*, e empreendeu alguns projetos editoriais, entre eles, a revista ilustrada *Montanha*, anterior à *Alterosa* (LINHARES, 1995).

Theódulo Pereira¹⁷ e Helio Vaz de Melo.¹⁸ O termo “alterosa” significa o que é alto, majestoso ou de grande estatura. Minas Gerais, conhecida também como “terra das alterosas”, traz em seu imaginário as montanhas e o mito fundador das tradições mineiras, representado pelo passado de riqueza e de luta pela liberdade. Lançada em agosto de 1939, o expediente¹⁹ de sua primeira edição exibia os inspetores-viajantes que estavam a seu serviço pelo interior do estado, segundo a revista, devidamente credenciados: Otacílio Guimarães, Carlos Machado Coelho, Luiz Barreto Gabrielli, Raimundo Pereira Brasil e Maria Thereza de Souza. Ainda informava ter agentes-correspondentes em todos os municípios mineiros e em todas as capitais dos estados brasileiros.

Naquela época, Minas Gerais possuía 288 municípios²⁰ e a revista provavelmente não atingia essa cobertura em agentes-correspondentes, no estado e nas capitais brasileiras. Superestimar esse dado pode ser entendido como uma estratégia de autopromoção, com o objetivo de sugerir o potencial de alcance da revista. Na tentativa de concretizar essa pretensão,²¹ o periódico anunciou, em alguns jornais do interior de Minas,²² sua procura por agentes-correspondentes, sob o título “Colocação para senhoras ou moças”:

A direção da revista ALTEROSA interessa-se em obter, em cada cidade do Triângulo Mineiro e de Goiás, moça ou senhora para assumir as funções de

¹⁷ Theódulo Pereira foi promotor de Justiça, professor, jornalista e empresário. Trabalhou em diversos jornais como o *Correio Mineiro*, *Estado de Minas*, *Diário Mercantil*, *O Globo*, *Diário da Manhã* e na agência de notícias francesa Havas. Participou da fundação do Sindicato dos Trabalhadores da Imprensa (1934) e da criação da revista *Alterosa* (1939). Entre suas diversas atividades, destacam-se a presidência da FIEMG em 1956, a reitoria da UFOP em 1976, e a criação do Partido Social Democrático em Ouro Preto. Disponível em: <<http://www.fiemg.org.br/admin/BibliotecaDeArquivos/Image.aspx?ImgId=42969&TabId=5160>>. Acesso em: 10. Jan. 2017.

¹⁸ Helio Vaz de Melo foi sócio-fundador do Banco de Crédito e Comércio de Minas Gerais (1942), juntamente com Otacílio Negrão de Lima, ex-prefeito de Belo Horizonte, e Oscar Negrão de Lima (DIÁRIO DA NOITE. Rio de Janeiro, ano XIV, n. 3545, 15 de agosto de 1942, p. 3). Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 26. Mar. 2018. Vaz de Melo foi mencionado na revista *Alterosa* como jornalista e diretor da sucursal d’*O Globo* em Belo Horizonte (ALTEROSA. Belo Horizonte, ano XXI, n. 315, outubro de 1959, p. 64).

¹⁹ ALTEROSA. Ano I, n. 1, agosto de 1939, p. 137.

²⁰ IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default_evolucao.shtm>. Acesso em 17. Nov. 2016.

²¹ Em busca de informações sobre a revista *Alterosa* foi realizada uma pesquisa na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Foram 36 ocorrências de 1930-1939 e 167 de 1940-1949, entre notas sobre edições, reportagens que mencionavam a publicação, notas de agradecimento pelo recebimento de exemplares e anúncios da revista oferecendo vagas para agentes correspondentes. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>>. Acesso em: 18. Nov. 2016.

²² Alguns exemplos de anúncios publicados pela revista, a procura de agentes correspondentes: LAVOURA E COMERCIO. Uberaba, 1 de dezembro de 1943, p. 1; LAVOURA E COMERCIO. Uberaba, 2 de dezembro de 1943, p.1; O CORREIO DE ITAJUBÁ. Itajubá, 10 de dezembro de 1950, p. 3.

sua agente correspondente. O cargo pode ser exercido sem prejuízo para outras funções já ocupadas por qualquer candidata no magisterio, no comercio ou em repartições. As condições serão expostas por carta às candidatas que se oferecerem em correspondencia dirigida á caixa postal 279, em Belo Horizonte, com informações sobre idade, estado civil, profissão, experiencia comercial e fontes de referencia.²³

Os anúncios dirigidos às senhoras e moças indicava que o cargo não exigia dedicação exclusiva. Possivelmente, tratava-se de representação comercial²⁴ para estabelecer comunicação com estas regiões de interesse da revista. O Triângulo Mineiro, uma das regiões mais desenvolvidas de Minas Gerais naquela época, que tinha como principais cidades Uberaba, Uberlândia e Araguari, tornou-se um importante entreposto comercial do Centro-Oeste brasileiro devido ao desenvolvimento rodoferroviário.²⁵

A distribuição da revista contava com vendas avulsas em Belo Horizonte, interior de Minas Gerais e Rio de Janeiro – DF e assinaturas anuais em Minas Gerais, Rio de Janeiro - DF e países da União Postal Pan-americana.²⁶ Também contava com uma sucursal no Rio de Janeiro sob a direção de Oscar de Oliveira. Não constavam dados sobre tiragem, em seu primeiro exemplar, a tiragem de lançamento só foi

²³ LAVOURA E COMERCIO. Uberaba, 30 de novembro de 1943, p.01.

²⁴ Não foi encontrada nenhuma informação na revista que pudesse indicar qual era a função do agente-correspondente. Conjugando o texto do anúncio que solicitava “experiência comercial” mais os dados encontrados na Hemeroteca Brasileira Digital, pode-se cogitar que o cargo se referia à representação comercial da revista. Foram encontradas 73 ocorrências entre o período de 1940-1949, em diversos jornais, tais como: *Correio Paulistano*, *O Jornal*, *Jornal de Notícias*, *O Dia*, *O Triangulo*, entre outros. A função central do agente-correspondente envolvia distribuir propaganda do veículo de comunicação e prospectar assinaturas, como pode ser visto no *Correio Paulistano* (São Paulo, 3 de novembro de 1940, p. 22) sobre o agente-correspondente que “ já está distribuindo circulares de propaganda do ‘Correio Paulistano’ e recebendo pedidos de assignaturas para 1941”. Mas as atividades variavam de um veículo para outro. O *Jornal de Notícias* (São Paulo, 20 de dezembro de 1947, p. 6) informava o endereço de seu agente-correspondente para assinaturas, informações e correspondências. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>>. Acesso em: 05. Jan. 2017.

²⁵ As principais atividades econômicas urbanas do Triângulo Mineiro eram o comércio atacadista e a crescente indústria; nas áreas rurais, predominavam a pecuária bovina e o cultivo de grãos. Uberaba e Uberlândia disputavam a hegemonia sobre a região. Dessa disputa, a ascensão econômica de Uberlândia projetou-se sobre o estado de Goiás e Mato Grosso, por sua infraestrutura de transportes (GUIMARÃES, 2010). Beneficiada por políticas federais do Governo Vargas, era uma região em pleno desenvolvimento econômico e social, que gradativamente ampliava suas atividades mercantis e sua população.

²⁶ “Em 1864, alguns países da América Latina se reuniram em Lima, no Peru, e firmaram um pacto com o objetivo de facilitar e aperfeiçoar as relações postais entre os países contratantes, no caso: Bolívia, Colômbia, Equador, Guatemala, El Salvador, Peru e Venezuela. A União postal Pan-americana surgiu em 1911, quando Brasil, Argentina, Chile e Uruguai se juntaram aos anteriores e criaram a “Unión de los Correos Sudamericanos”, com sede em Montevideu. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>>. Acesso em 25. Fev. 2015.

revelada na edição seguinte,²⁷ devido ao incidente da demissão de José Carlos Lisboa. O intelectual, segundo a revista, enviara uma carta²⁸ justificando os motivos de sua saída aos órgãos da imprensa da capital, porém, esquecendo-se de alguns detalhes que a ela julgava necessário apresentar “para um perfeito julgamento de nossos leitores”.²⁹ A matéria esclarecia que o gesto partiu de Lisboa e se deu por dois motivos, a publicidade da prefeitura no periódico e o aumento do valor de venda, assuntos que Miranda e Castro reiterava que diziam respeito à direção administrativa da editora e não à direção de redação:

A publicidade que a Prefeitura de Belo Horizonte autorizou a esta revista, constante de uma reportagem sobre os serviços medicos e hospitalares que a municipalidade vem prestando ao publico humilde da Capital, representa assunto cuja divulgação interessa vivamente ao governo da cidade, e foi obtida sem nenhuma interferencia do Sr. Lisbôa, que, aliás, não é o prefeito da cidade, não tendo, assim, nenhum motivo para sentir-se constrangido.³⁰

Após questionar a alegação de constrangimento do intelectual, o texto transcreveu a carta que Miranda e Castro enviou a Lisboa, apresentando as justificativas da revista. O diretor administrativo referiu-se a um compromisso entre ele e Theódulo Pereira para o ingresso de Lisboa na revista, que se baseava em não pleitear nenhuma publicidade da prefeitura por intermédio do intelectual, que naquele momento era chefe de gabinete do prefeito José Osvaldo de Araújo, antecessor de Juscelino Kubitschek (BAPTISTA; BAPTISTA, 2012, p. 42). Quanto à divulgação da publicidade municipal na *Alterosa*, o diretor asseverava que ela não deveria se excluir desse tipo de publicidade, que era encaminhada a todos os demais órgãos da capital. Sobre o aumento do valor de venda, Miranda e Castro alegava que para manter os custos de produção e, portanto, para a qualidade da publicação que havia surgido para elevar a cultura mineira, era necessário o reajuste. De outra forma, não fazia sentido seguir o projeto, pois implicaria em reduzir o número de páginas, a qualidade do papel e a quantidade e qualidade dos clichês. Nessa mesma página, uma nota

²⁷ A apresentação de dados da segunda edição da revista neste item foi importante para a compreensão do processo de produção e distribuição da publicação assim como para a imagem que essa pretendia construir de si.

²⁸ A referida carta não foi encontrada nos jornais *Estado de Minas*, *Minas Gerais* e *Folha de Minas*, únicos exemplares disponíveis para a consulta na Hemeroteca da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa. Foi realizada uma pesquisa entre 20 de agosto de 1939 e 30 de setembro de 1939, período em que se considerou a produção do segundo exemplar da revista.

²⁹ DEIXOU A DIREÇÃO INTELECTUAL DE “ALTEROSA” O SR. JOSE CARLOS LISBOA. *Alterosa*, ano I, n. 2, setembro de 1939, p. 109.

³⁰ *Ibidem*, p. 109.

apresentava a solidariedade de alguns colegas de profissão, “jornalistas militantes da imprensa periódica de Minas”.³¹ Vários diretores de periódicos se manifestaram como, por exemplo, da Revista Mineira de Engenharia e da Revista do Comércio. A demonstração de apoio serviu para amparar o discurso da *Alterosa*. Ao que tudo indica, o episódio foi superado, sem maiores consequências para as partes envolvidas. O cargo de diretor-redator somente foi ocupado em setembro de 1943, quando Mário Matos³² assumiu a função.

Na tentativa de desfazer a publicidade negativa, que poderia colocar em risco o projeto da revista, foi publicada uma matéria afirmando o sucesso da *Alterosa* que apresentava os comentários elogiosos de personalidades, como de literatos, Henriqueta Lisboa e Cyro dos Anjos, e do industrial Americo Gianetti, dentre outros. Essa matéria continha ainda a carta da distribuidora Sant’anna e a nota fiscal da gráfica Queiroz Breyner. Umberto Sant’anna, proprietário da única distribuidora de jornais e revistas da cidade, cumprimentava por carta Miranda e Castro pelo sucesso verificado na distribuição do periódico na capital: “é com praser que afirmamos nunca Belo Horizonte ter possuido uma revista ilustrada de tal aceitação por parte do publico”.³³ Sant’anna reiterava o interesse em aumentar o reparte para 3.000 exemplares na próxima edição e seguia relatando que os 1.900 exemplares que couberam para a distribuição em Belo Horizonte e Nova Lima, para venda avulsa, esgotaram-se no segundo dia de lançamento. A publicação, por seu lado, mostrou esse pedido de modo a reforçar sua imagem positiva, acrescentando que a tiragem inicial de 3.000 exemplares, “julgada a principio muito elevada”, foi insuficiente para atender à demanda: “das cidades do interior e, mesmo de outros pontos do país, chegam-nos a todo o momento inumeros pedidos de reparte, fato este que demonstra com eloquencia a grande aceitação que tivemos”.³⁴ A nota fiscal da gráfica Queiroz Breyner discriminava o valor total dos 3.000 mil exemplares, ao custo de 17:410\$000

³¹ UM SIGNIFICATIVO TELEGRAMA RECEBIDO PELO DIRETOR DE “ALTEROSA”. *Alterosa*, ano I, n. 2, setembro de 1939, p. 109.

³² O jornalista e escritor Mário Matos era formado em Direito e foi deputado federal, em 1927, pelo PRM - Partido Republicano Mineiro. Em 1933, foi nomeado diretor da Imprensa Oficial de Minas Gerais, passando por diversos cargos públicos como, por exemplo, a Secretaria do Interior e de Justiça do estado, em 1939. Sua passagem pela imprensa belo-horizontina destaca-se pela diretoria do jornal *Diário de Minas*, órgão do PRM. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e da Academia Mineira de Letras, dirigiu a Associação Mineira de Imprensa. Disponível em:

<<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/MATOS,%20M%C3%A1rio%20Gon%C3%A7alves%20de.pdf>>. Acesso em: 03. Abr. 2018.

³³ COMO OS MINEIROS RECEBERAM “ALTEROSA”. *Alterosa*, ano I, n. 2, setembro de 1939, p. 88.

³⁴ *Ibidem*, p. 88.

(dezessete contos e quatrocentos e dez mil reis),³⁵ atestando a quantidade de exemplares e os valores pagos por sua confecção. Em uma conta matemática simples, o exemplar custava 5,80 réis, demonstrando que o custo de produção era maior que o valor de venda do exemplar a 2 réis, portanto, quem deveria absorver esses custos eram os anunciantes e assinantes. Ao final do texto, a revista agradeceu os anunciantes e alguns órgãos da imprensa, em nota, o registro espontâneo de seu surgimento: “as referências mais confortadoras, foram tecidas pelos grandes órgãos diários e periodicos da Capital, do interior e mesmo, dos Estados, sobre o nosso aparecimento.”³⁶ Dentre os jornais que foram particularmente citados estava o *Estado de Minas*, que será apresentado no próximo item.

Comparando a tiragem local das revistas ilustradas com as mesmas do Rio de Janeiro e São Paulo, o número, certamente, é baixo. A paulistana *A Cigarra* (1914-1954), uma das mais importantes revistas de variedades dos anos 1920, foi lançada com a tiragem de 8.500 exemplares. Naquele momento, a imprensa paulistana se profissionalizava, orientando-se pelo viés empresarial, movimento iniciado na capital paulista desde a década anterior (PADILHA, 2001, p. 33-37). Apesar de ser uma revista quinzenal e ter menos páginas que a *Alterosa*, a comparação entre a tiragem inicial e o mercado consumidor de cada cidade indica que a tiragem inicial era menor para a averiguação da aceitação do produto pelo público, o seu aumento dependia dessa, mas também da potencialidade de consumo do produto, que era delimitada por vários fatores, como mencionado anteriormente, implicando, nesse caso, no tamanho do mercado consumidor, ou seja, na quantidade de habitantes letrados e dispostos a consumir o produto. São Paulo, na época do lançamento da *A Cigarra*, tinha aproximadamente 400.000 habitantes,³⁷ ao passo que o número de habitantes em Belo Horizonte, no período de lançamento da *Alterosa*, representava metade da população de São Paulo, em torno de 200.000 mil habitantes, como já apresentado na introdução da tese. Mantendo esses dados em perspectiva, juntamente com as respectivas tiragens, os 3.000 exemplares da tiragem inicial da *Alterosa* podem ser vistos como razoáveis para o lançamento de um produto cultural em um mercado de consumo ainda em construção.

³⁵ COMO OS MINEIROS RECEBERAM “ALTEROSA”. *Alterosa*, ano I, n. 2, setembro de 1939, p. 90.

³⁶ *Ibidem*, p. 91.

³⁷ IBGE. Disponível em: <<https://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/populacao.html>>. Acesso em: 03. Abr. 2018.

Grosso modo, considerando as tiragens de periódicos (jornais e revistas) locais nas resenhas de Linhares (1995) e o cenário editorial ainda incipiente, a tiragem inicial da *Alterosa* pode ser vista como alta, observando-se sua qualidade técnica, como o número de páginas que, em média, era de cento e vinte, e a quantidade de clichês. A dificuldade em estabelecer uma comparação entre a *Alterosa* e as revistas ilustradas locais se dá pela falta de dados precisos da tiragem das publicações semelhantes. Como apontado, após o lançamento, a tiragem seria aumentada. O acompanhamento desse dado não foi possível porque a tiragem da revista passou a ser publicada somente em setembro de 1948,³⁸ quando já correspondia a 30.000 exemplares.

As estratégias de divulgação não se limitaram ao lançamento e estenderam-se ao longo da década. Uma delas foi o envio de exemplares³⁹ para diversos jornais, visando apresentar a publicação aos editores desses e ganhar publicidade por meio das notas de agradecimento, como nesta citação: “Recebemos e agradecemos ainda a seguinte publicação: Revista ‘Alterosa’- n. 21, ano III - dezembro de 41, Edição Especial do Natal, magnificamente ilustrada”.⁴⁰ Era uma maneira de divulgar a revista aos leitores contumazes desses periódicos. Dessa forma, a revista foi ganhando repercussão fora do estado de Minas Gerais em notas sociais, reportagens e alusões a suas matérias e/ou diretores e colaboradores,⁴¹ como na antiga publicação ilustrada carioca *O Malho*, em outubro de 1945, sobre o “Banquete ao jornalista Miranda e Castro”, em Belo Horizonte:

³⁸ ALTEROSA. Ano X, n. 101, setembro de 1948, p. 1.

³⁹ Alguns exemplos de agradecimento pelo envio de exemplares: DIÁRIO CARIOCA. Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1947, p. 12; DIÁRIO CARIOCA. Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1947, p. 5; O SOL. Santos Dummond, 25 de setembro de 1949, segunda página.

⁴⁰ CORREIO DE UBERLÂNDIA. Uberlândia, 16 de dezembro de 1941, p. 2.

⁴¹ Exemplos de notas e reportagens em outras revistas e jornais: O TRIÂNGULO. Uberaba, 18 de maio de 1941, p. 2 (sobre a edição de maio com notícias do Triângulo Mineiro); O TRIÂNGULO. Uberaba, 31 de maio de 1941, p. 4 (sobre homenagem ao prefeito de Uberaba em que estava presente um representante da revista); VIDA DOMÉSTICA. Rio de Janeiro, ano XXV, n. 313, abril de 1944, p. 144 (nota social sobre Miranda e Castro, diretor da revista); VIDA DOMÉSTICA. Rio de Janeiro, ano XXVI, n. 344, novembro de 1946, p. 50 (reportagem sobre o concurso instituído pela *Alterosa* em parceria com as emissoras associadas de Minas Gerais para eleger o príncipe e a princesa dos programas infantis de rádio em Belo Horizonte); O CRUZEIRO. Rio de Janeiro, Ano 16 de fevereiro de 1946, p. 25 (reproduz uma nota sobre os livros mais vendidos em Belo Horizonte em janeiro daquele ano), esta revista não tem referências completas disponíveis; O MALHO. Rio de Janeiro, ano XLV, n. 88, maio de 1947, p. 42 (sobre o programa de rádio “Vitrine literária”, parceria da revista com a rádio Inconfidência); A EPOCA. Caxias do Sul, 04 de fevereiro de 1951, p. 5, (sobre concurso de contos da revista); A EPOCA. Caxias do Sul, 24 de julho de 1952, p. 6 (nota sobre a circulação da edição de julho); A EPOCA. Caxias do Sul, 25 de setembro de 1952, p. 6 (sobre a edição de setembro); DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 17 de abril de 1952, p. 01 (pela publicação na *Alterosa* de um artigo do diretor deste jornal).

Constitui notável acontecimento que em regosijo do transcurso do 6º aniversário da revista “Alterosa” que se edita em Belo Horizonte, os amigos e admiradores ofereceram ao seu diretor – gerente, Miranda e Castro, no dia 18 de agosto último, no restaurante da Feira de Amostras. O homenageado foi saudado por Djalma Andrade o consagrado intelectual patricio que ressaltou as qualidades morais e intelectuais do jovem e dinâmico da conhecida revista Mineira. Miranda e Castro respondeu num belo discurso. Falaram ainda os escritores Vicente Guimarães, Alvares Oliveira e saudando o industrial T. J. Oshea presente ao banquete o secretario da Alterosa Jorge Azevedo.⁴²

A nota elogiosa referia-se à *Alterosa* como uma publicação conhecida, evidenciando os discursos de Djalma Andrade e Miranda e Castro na homenagem ao 6º ano de vida da publicação. Não há como afirmar se a nota social foi publicada por interesse da revista carioca ou se foi uma inserção paga pela *Alterosa*.

Esses exemplos exibem indícios que a estratégia elaborada pela revista começou a surtir efeito em torno de 1944. A partir deste ano, a *Alterosa* alcançara já certo reconhecimento fora de Minas Gerais e aumentava sua circulação em municípios mineiros e brasileiros, entre eles, a capital federal, Rio de Janeiro. Tanto a nota na revista *O Malho* quanto a questão sobre a circulação da revista serão discutidas no subitem 1.2.4, “Comunicação com leitores e anunciantes”, ainda neste capítulo.

Sobre os estudos referentes à *Alterosa*, foram encontrados diversos trabalhos que a tomam como fonte, dentre eles, o de Virgílio Oliveira Júnior (2011) e Elisângela Chaves (2010), incluindo alguns que foram material de consulta para esta tese, como o de Cláudia Maia (2007) e Sarah Soutto Mayor (2017); também outros trabalhos que tomam a revista por objeto e fonte, no caso de Carla Rodrigues (2011), André Maia Schetino (2012) e um conjunto de outros tantos autores (REIS, TAVARES, 2013; COBRA, TAVARES, 2014; COSTA, TAVARES, 2015; TAVARES, COSTA, COBRA, ALVES, REIS, 2015; ALVES, TAVARES, 2016; COSTA, TAVARES, 2016 etc.). Esse último conjunto merece alguns comentários. Não vou realizar discussões particularizadas sobre as afirmações que esses autores realizam sobre a revista, mas aponto um traço que considero determinante para as limitações desses trabalhos. Sendo a *Alterosa* objeto e fonte principal deste trabalho, não poderia me furtar ao menos de questionar como ela foi abordada na realização desses estudos.

Reconheço o esforço dos colegas e considero louvável a iniciativa de dar conhecimento a um produto cultural tão rico para a história de Minas Gerais e do país,

⁴² O MALHO. Ano XLIII, n. 69, outubro de 1945, p.31.

com enorme potencial para estudos sobre diversas temáticas, porém os artigos em questão operam basicamente com as fontes digitalizadas alocadas na página do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH), no sítio da Prefeitura de Belo Horizonte.⁴³ O acervo disponibiliza apenas 11 exemplares do período inicial da revista de 1939 a 1945, dos 68 existentes que compõem o acervo completo da Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais, correspondendo, portanto, a aproximadamente 16% dos exemplares existentes da *Alterosa*. No meu entendimento, uma porcentagem estritamente baixa para se compreender o projeto editorial da revista, sua trajetória e suas estratégias discursivas e, particularmente, sua identidade, principalmente por desconhecer os anos iniciais da publicação.

Nesse sentido, percebi a mesma situação registrada por Martins (2008, p. 17), em seu estudo sobre a imprensa paulistana (1890-1922):

[...] o uso recente, frequente e indiscriminado de revistas em busca da reconstrução do passado, resultava em equívocos de interpretação, frutos do desconhecimento das condições de vigência daqueles periódicos, da falta de cotejo com seus parâmetros e da efetiva inserção em seu tempo.

Apesar desse registro datar de 2008, o problema ainda permanece e merece mais atenção. A dinâmica social provoca mudanças de sentidos ao longo do desenvolvimento de uma sociedade, embora existam permanências, não sendo possível tratar os anos 1940, 1950 e 1960 como um conjunto unívoco, ainda mais sem embasamento nos anos iniciais do periódico. Essa abordagem foi verificada na maioria desses trabalhos, e levou a afirmações apressadas que, a meu ver, comprometem a interpretação da revista e, principalmente, reduzem sua complexidade como objeto cultural. Mesmo se tratando de recortes específicos, aponto como uma mostra desses equívocos no tratamento do material a afirmação de que os editoriais da revista teriam iniciado em 1949, no artigo “Representação da Mulher nos editoriais da revista *Alterosa* nos anos de 1960 a 1963” (ALVES; TAVARES, 2016), quando, na verdade, os editoriais estiveram presentes na publicação desde seu início e eram uma poderosa ferramenta de comunicação entre a ela e seu público. Em uma das seções seguintes, o item 1.2.3, será apresentado um deles.

⁴³ PBH. Disponível em: <<https://prefeitura.pbh.gov.br/fundacao-municipal-de-cultura/arquivo-publico/acervo/revistas>>. Acesso em: 12. Abr. 2018.

1.1.2 A repercussão do lançamento em Belo Horizonte: “A grande revista de Minas para todo o Brasil”⁴⁴

O lançamento da *Alterosa* repercutiu em pelo menos três⁴⁵ veículos da imprensa belo-horizontina. Em princípio, o início dos textos era muito semelhante, pois apresentavam os diretores e redatores da publicação.⁴⁶ A diferença entre as notas dizia respeito ao perfil editorial de cada veículo, incluindo a grafia utilizada em cada publicação. Resguardadas as singularidades de cada periódico, os textos sobre a revista foram publicados em páginas que continham notas sociais, notas de falecimento, anúncios publicitários, pequenas matérias, notas sobre acontecimentos locais etc.

A *Alterosa* fez uma chamada para o seu lançamento na primeira página do jornal *Estado de Minas*,⁴⁷ em 20 de agosto de 1939, um domingo. Claramente um anúncio pago. A chamada estava centralizada ao final da primeira página, entre outros anúncios e a matéria principal, sobre a ocupação da Eslováquia e o início do cerco à Polônia, que deu origem à Segunda Guerra Mundial, e dizia: “A grande revista de Minas para todo o Brasil”, mostrando a pretensão da publicação em ser a representante mineira no país. O termo “grande” proclamava a intenção de ocupar um lugar de destaque na imprensa mineira e nacional. A frase “em todas as bancas e com os jornaleiros” afirmava a disponibilidade em todos os lugares. Era provável que a editora tivesse aporte financeiro para os custos de distribuição e o investimento de lançamento, mas, como exibido no próprio expediente da revista, essa lógica de “estar em todos os lugares”, e que remete a uma ideia de grandeza, sugere o uso da retórica persuasiva publicitária, não significando que ela, de fato, estaria em todas as bancas

⁴⁴ ESTADO DE MINAS. 20 de agosto de 1939, p. 1.

⁴⁵ Os únicos exemplares disponíveis para a consulta, limitada a agosto de 1939, foram os dos jornais *Estado de Minas*, *Minas Gerais* e *Folha de Minas*, encontrados na Hemeroteca da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa. Os demais acervos existentes em Belo Horizonte, como os Arquivos Públicos Municipal e Estadual e a biblioteca do Museu Abílio Barreto não possuem exemplares de jornais de agosto de 1939. Ainda foi realizada uma busca na Hemeroteca Brasileira Digital, sem resultados para agosto de 1939.

⁴⁶ Existiam erros na grafia destes nomes em todos os jornais.

⁴⁷ O jornal *Estado de Minas* foi lançado em 7 de março de 1928 sob a direção de Juscelino Barbosa, Pedro Aleixo e Álvaro Mendes Pimentel. Voltado para o público mineiro, sua primeira edição teve uma tiragem inicial de aproximadamente 5.000 exemplares. Em maio de 1929, o diário foi vendido para Assis Chateaubriand, transformando-se em uma Sociedade Anônima, sendo integrado aos Diários Associados. Sua equipe foi renovada com a incorporação de novos membros: Milton Campos, Tancredo Neves, Antônio Carlos Ribeiro de Andrade, Dário de Almeida Magalhães, José Maria Alckmin e Pedro Aleixo (ARANTES; MUSSE, 2012).

e com todos os jornalheiros, mas que utilizava esse artifício de superestimar sua capacidade de abrangência, como discurso de propaganda para a sua divulgação.

Figura 2 – Chamada da revista *Alterosa* no jornal *Estado de Minas*



Fonte: ESTADO DE MINAS. 20 de agosto de 1939, p. 1.

O *Estado de Minas* e o *Minas Gerais* foram os primeiros a noticiar o lançamento da publicação, em 20 de agosto de 1939. Os títulos das notas eram, respectivamente, “ALTEROSA - Posto á venda o primeiro numero desse mensário” e “O aparecimento, hoje, de Alterosa”, indicando que a revista tinha sido lançada no mercado naquela data. O anúncio na primeira página do *Estado de Minas* e as primeiras frases dos textos desses jornais, tais como, “acaba de ser posto em circulação o primeiro numero da revista ‘Alterosa’”⁴⁸ e “será distribuído hoje o primeiro numero de ‘Alterosa’, a nova revista de Belo Horizonte, que vem sendo esperada, com justa ansiedade, desde que foi anunciada”,⁴⁹ confirmam a afirmação de Linhares sobre a data de lançamento da publicação (1995, p. 374), na medida em que não foram encontradas menções anteriores à data referida nos jornais pesquisados. O *Minas Gerais* ainda explicitou a expectativa sobre o lançamento do periódico, afirmando seu prévio conhecimento. Como não foi encontrado nenhum dado anterior a esta data, creio que o conhecimento do projeto da revista estava reservado a alguns círculos da imprensa. A própria dinâmica da produção jornalística requer o conhecimento antecipado de tal acontecimento. Para que o anúncio e as notas sobre a revista fossem veiculados na data de lançamento, os jornais deveriam ter em mãos uma arte do anúncio, no mínimo um *release*⁵⁰ sobre o periódico, uma boneca, ou

⁴⁸ ALTEROSA – POSTO Á VENDA O PRIMEIRO NUMERO DESSE MENSÁRIO. Estado de Minas. Belo Horizonte, 20 de agosto de 1939, p. 12.

⁴⁹ O APARECIMENTO, HOJE, DE ALTEROSA. Minas Gerais. Belo Horizonte, 20 de agosto de 1939, p. 16.

⁵⁰ *Release* é o material informativo enviado previamente a veículos da imprensa antes de um acontecimento, neste caso, o lançamento da *Alterosa*.

mesmo, um exemplar, para a elaboração e a revisão das notas que seriam publicadas por eles.

O *Folha de Minas*⁵¹ anunciou o lançamento em 22 de agosto de 1939, terça-feira, após ter em mãos um exemplar. Com a chamada “está circulando a revista ‘Alterosa’ – o exito alcançado pela nova publicação ilustrada”, divulgou:

Temos em nossa mesa o exemplar do 1º numero de “ALTEROSA”, a nova revista que veio enriquecer o patrimônio cultural do Estado. Sob a direcção intellectual de J. Carlos Lisbôa, o conhecido escriptor e festejado jornalista conterraneo, administrada por Miranda e Castro, antigo batalhador de nossa imprensa.⁵²

Na primeira frase do texto, nota-se o papel atribuído à revista de agregar maior valor à esfera cultural de Minas. A apresentação do corpo diretor foi elogiosa e denotou admiração ao célebre escritor José C. Lisboa e à luta de seu parceiro jornalista Miranda e Castro, que foram colaboradores desse jornal, segundo Linhares (1995). O *Minas Gerais*, ao anunciar a direção e a redação da revista, utilizou a expressão “nossos confrades”, seguida da afirmação que a revista surgiu “armada de seguros elementos para tornar-se uma publicação vitoriosa”.⁵³ Conjugando os elementos sobre a batalha de Miranda e Castro e a afirmação que vincula o corpo diretor ao sucesso da publicação, cogito que a efemeridade das publicações, característica da imprensa mineira, até então não havia sido totalmente superada (LINHARES, 1995; PEREIRA, 2009). Dessa forma, os reflexos da transitoriedade dos periódicos ainda repercutiam e possivelmente geravam a expectativa da *Alterosa* tornar-se uma revista longaeva.

A colaboração literária e as ilustrações foram evidenciadas por todos os jornais, assim como a parte gráfica:

ALTEROSA, em seu numero de aparecimento, apresenta um magnífico texto de 140 (...) paginas, repletas de collaborações firmadas por nomes dos mais conhecidos em nossas letras, ostentando illustrações da lavra dos

⁵¹ Segundo Linhares (1995, p. 319-320), a *Folha de Minas* (1934) foi um jornal moderno de noticiário amplo. Sob direção de Afonso Arinos de Mello Franco, tendo como redatores Luiz de Bessa e Newton Prates, foi um órgão oficioso que refletia o pensamento político dos governos que se sucediam.

⁵² ESTA CIRCULANDO A REVISTA ALTEROSA – O EXITO ALCANÇADO PELA NOVA PUBLICAÇÃO ILLUSTRADA. *Folha e Minas*. Belo Horizonte, 22 de agosto de 1939, p. 04.

⁵³ O APARECIMENTO, HOJE, DE ALTEROSA. *Minas Gerais*. Belo Horizonte, 20 de agosto de 1939, p. 16.

festejados artistas Augusto e Rodolpho e contendo numerosas paginas de maravilhosa arte graphica.⁵⁴

O seu 1º numero está magnífico, não só pelo aspecto artístico, como pela opulência da colaboração. Alem de reportagens fotográficas dos mais recentes acontecimentos de vulto da capital e do Estado, “Alterosa” ilustra suas entrevistas com flagrantes sugestivos, o que dá ainda mais vivacidade ao texto.⁵⁵

O primeiro exemplar foi muito elogiado por seu aspecto formal e seu conteúdo e também pela seleção dos colaboradores literatos, ilustradores e fotógrafos: “sua feição intellectual é primorosa e sua confecção graphica obedece a um criterio artístico impecavel. ‘Doublés’ e trichomias⁵⁶ enfeitam seu texto dando-lhe uma vivacidade de coloridos que encanta o leitor”.⁵⁷ O refinamento técnico parecia ser medido pela quantidade de imagens que a revista continha, essas trariam mais vida para os textos, em um momento em que a fotografia se estabelecia como uma poderosa forma de comunicação, por causa das reportagens fotográficas: “a parte da reportagem photografica a cargo de (...), Bonfiogli, Edmond e Miguel, está excellente”.⁵⁸ Bonfiglioli e Edmund eram proprietários de estúdios fotográficos conhecidos em Belo Horizonte e retratavam a sociedade da época em um momento em que a capital desfrutava de uma cultura fotográfica que deixou de se restringir aos álbuns familiares. As imagens coloridas que “enfeitam” e “encantam” têm o efeito imediato de seduzir e mesmo enfeitiçar, pois adornam e otimizam a aparência dos fatos. Sendo a principal característica das imagens realizar a mimese de um fragmento da realidade física, Flusser (2011) elucida a questão ao afirmar que a imagem técnica é um código que traduz eventos em cenas – é neste processo de tradução que ela incorpora o seu caráter mágico, ao transpor a realidade automaticamente para sua superfície. A imagem do flagrante trazia dinamismo para as páginas da revista, que retratava os personagens da sociedade mineira, fato importante para a cena social daquela época, a possibilidade do “ver e ser visto” como forma de reconhecimento e pertencimento a um determinado estrato social.

⁵⁴ ESTA CIRCULANDO A REVISTA ALTEROSA – O EXITO ALCANÇADO PELA NOVA PUBLICAÇÃO ILLUSTRADA. Folha e Minas. Belo Horizonte, 22 de agosto de 1939, p. 04.

⁵⁵ O APARECIMENTO, HOJE, DE ALTEROSA. Minas Gerais. Belo Horizonte, 20 de agosto de 1939, p. 16.

⁵⁶ *Doublés* e tricromias são processos gráficos de impressão em cores primárias. Clichês de cores diferentes são superpostos para obtenção de novos tons e cores, em duas cores ou em policromia.

⁵⁷ ALTEROSA – POSTO À VENDA O PRIMEIRO NUMERO DESSE MENSÁRIO. Estado de Minas. Belo Horizonte, 20 de agosto de 1939, p. 12.

⁵⁸ ESTA CIRCULANDO A REVISTA ALTEROSA – O EXITO ALCANÇADO PELA NOVA PUBLICAÇÃO ILLUSTRADA. Folha de Minas. Belo Horizonte, 22 de agosto de 1939, p. 04.

Uma ocorrência diferente dos demais jornais foi a menção do *Minas Gerais* sobre a capa da revista: “em seu numero de estréia, a nova revista presta especial homenagem á senhorinha⁵⁹ Lucia Valadares Ribeiro, filha do sr. Governador Benedito Valadares, publicando seu retrato em artística tricromia”.⁶⁰ A escolha em retratar, na capa de lançamento, a filha da mais alta autoridade política do Estado, poderia significar um sinal de deferência⁶¹ ao interventor ou mesmo a demonstração de direcionamento político da publicação em convergência com o Estado Novo, assunto esse que será discutido ao longo da tese. A imprensa nacional era controlada e fiscalizada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, órgão de censura do regime Vargas. Portanto, para atuar no mercado, era necessário o registro do periódico, assim como se submeter à vigilância do Estado. Uma nota foi publicada na revista, em junho de 1940, comunicando a concessão do registro: “para o qual se fizeram exigencias de ordem técnica e moral”,⁶² sem esclarecer exatamente o que compunha esses elementos. Quanto ao jornal, a “homenagem” reforçava a figura pública do interventor. Como órgão do executivo, a nomeação da diretoria da Imprensa Oficial era realizada por ele, como pode ser verificado na edição de maio de 1944,⁶³ cujo subtítulo era “A posse do novo auxiliar do governo mineiro – a repercussão do ato do governador Benedito Valadares”.

A parte textual da publicação foi abordada pela diversificação dos assuntos tratados, as “matérias para todos os paladares”,⁶⁴ indicavam que o perfil editorial da revista buscava atingir um público amplo, com diversos interesses:

Contos, chronicas deliciosas, poesias encantadoras, charadas, reportagens, completo serviço photographico dos acontecimentos sociaes da cidade, cinema, radio, esporte, bellas artes, modas, arte culinária, gurilandia, pilherias [...].⁶⁵

⁵⁹ “Senhorinha” era um termo informal usado para designar uma mulher jovem solteira.

⁶⁰ O APARECIMENTO, HOJE, DE ALTEROSA. Minas Gerais. Belo Horizonte, 20 de agosto de 1939, p. 16.

⁶¹ Outro sinal de deferência era o tratamento da revista dado ao administrador. Ao invés de denominá-lo interventor, como fazia com os demais administradores estaduais do país, ela o tratava como governador. Possivelmente por Valadares ter sido eleito, em 1935, como governador constitucional do estado. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/benedito-valadares-ribeiro>>. Acesso em 03. Abr. 2018.

⁶² CONCEDIDO O REGISTRO DE “ALTEROSA” NO DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA. Alterosa. Ano II, n. 8, junho/julho de 1940, p. 98.

⁶³ NA DIREÇÃO DA IMPRENSA OFICIAL O SR. EMILIO MOURA. Alterosa, ano II, n. 6, maio de 1944, p. 92.

⁶⁴ ALTEROSA – POSTO Á VENDA O PRIMEIRO NUMERO DESSE MENSÁRIO. Estado de Minas. Belo Horizonte, 20 de agosto de 1939, p. 12.

⁶⁵ Ibidem, p. 12.

A materia de cinema, apresentada com muita arte graphica, agrada plenamente. A secção do radio muito desenvolvida e noticiosa, apresenta paginas de grande sucesso. A matéria esportiva, também muito desenvolvida, apresenta uma magnífica reportagem com Guará, o grande “crack” athleticano. Interessante entrevista com Sieglinda, magnífica reportagem com as figuras femininas do nosso atletismo, e outras mais interessantíssimas.⁶⁶

Entre as seções de cinema e rádio, grandes entretenimentos do período, o cinema foi elogiado por sua apresentação gráfica e o rádio por exibir maior conteúdo noticioso. As matérias sobre o rádio provavelmente referiam-se aos programas que faziam sucesso na época. O rádio estava em vias de consolidação como meio de comunicação de massa. Segundo Lia Azevedo (2002), ao longo das décadas de 1930 e 1940 criou-se uma cultura familiar radiofônica no país, que passou a incluir programação infantil e masculina. Além de informar, o veículo também possibilitava a participação do ouvinte no esforço de guerra durante esse período. O veículo foi amplamente utilizado para a propaganda política durante o Estado Novo.

A utilização de uma agência de notícias parecia praxe naquela época para veículos de significativo aporte financeiro. Verificou-se, nas pesquisas em arquivo, que muitos periódicos faziam uso deste serviço para compor seu conteúdo. Em Belo Horizonte, o *Estado de Minas*, pertencente aos Diários Associados e à revista *Bello Horizonte* faziam uso deste tipo de recurso. A *Alterosa* utilizou a *Panamerican Press* para contos, crônicas, seção de cinema e, especialmente, para a seção de moda, voltada exclusivamente para o público feminino:

A secção de modas, serviço exclusivo da Pan-american Press para ALTEROSA, com photographias de modelos vivos, vão constituir um verdadeiro encantamento para o nosso mundo feminino, apresentando maravilhosos modelos de baile, passeio, esporte e noite, além de chapéus, penteados e acessórios, dos ultimos modelos de Hollywood e de Paris.⁶⁷

Esta fase se enquadra no que Lipovetsky (1989, p. 69-74) definiu como “a moda de cem anos”, período de crescente democratização do setor, que durou da metade do século XIX até a década de 1960, e caracterizou-se pela articulação de duas novas indústrias: a alta-costura e a confecção industrial. A primeira, voltada para a criação de luxo e sob medida, opunha-se à produção em massa, feita em série e

⁶⁶ ESTA CIRCULANDO A REVISTA ALTEROSA – O EXITO ALCANÇADO PELA NOVA PUBLICAÇÃO ILLUSTRADA. Folha e Minas. Belo Horizonte, 22 de agosto de 1939, p. 4.

⁶⁷ Ibidem, p. 4.

mais barata, mas inspirada em alguma medida nos modelos das *griffés* da alta-costura. O centro da alta-costura era Paris. Entre os países de forte industrialização, os EUA reproduziam os modelos parisienses a baixo custo, não se limitando somente a esses, mas ampliando sua oferta de artigos do “ordinário ao semiluxo”.

As expectativas em torno do sucesso da publicação se uniam ao propósito de representação da cultura mineira:

A nossa sociedade vai, de certo, prestigiar a iniciativa do lançamento de “Alterosa” cujo corpo de direção se mostra disposto, o que se depreende pelo numero de estréia, a mantê-la sempre ao nível dos fóros de cultura de nossa terra.⁶⁸

ALTEROSA é sem dúvida uma grande revista. Uma revista á altura do renascimento cultural e econômico do nosso Estado. O seu numero de apresentação vale por uma verdadeira consagração, á justa e merecida victoria que aguarda a nova e brilhante publicação ilustrada de Minas.⁶⁹

A afirmação de que a sociedade mineira iria valorizar o lançamento da *Alterosa* pode estar relacionada à ideia discutida anteriormente, sobre a carência de publicações ilustradas de longa duração na capital, a gradativa profissionalização do setor (CASTRO, 1995) e também ao momento em que Minas Gerais estava, em meio ao seu processo de industrialização após o impacto sofrido pela cafeicultura na crise de 1929 (PEREIRA, 2009), o que pode ser percebido na afirmação de que a publicação estava “á altura do renascimento cultural e econômico⁷⁰” do estado.

É notável, nos textos jornalísticos sobre o lançamento da revista *Alterosa*, uma relação direta entre o corpo editorial, a qualidade técnica e a variedade de assuntos, como fórmula para a sua longevidade, o que provavelmente criou uma grande expectativa sobre sua duração. Ela própria, no editorial do primeiro número, diz que “será a melhor revista de Minas Gerais” e que, para isso, “reuniu um corpo de relações capaz de levá-la à vitória”.⁷¹ Esse corpo de relações não se referia somente aos literatos renomados e aos colaboradores gráficos, mas, principalmente, ao corpo diretor, formado por membros da elite intelectual e econômica de Belo Horizonte. A chamada publicada no *Estado de Minas* (analisada anteriormente), o único jornal que

⁶⁸ O APARECIMENTO, HOJE, DE ALTEROSA. Minas Gerais. Belo Horizonte, 20 de agosto de 1939, p. 16.

⁶⁹ ESTA CIRCULANDO A REVISTA ALTEROSA – O EXITO ALCANÇADO PELA NOVA PUBLICAÇÃO ILLUSTRADA. Folha e Minas. Belo Horizonte, 22 de agosto de 1939, p. 04.

⁷⁰ ESTA CIRCULANDO A REVISTA ALTEROSA – O EXITO ALCANÇADO PELA NOVA PUBLICAÇÃO ILLUSTRADA. Folha e Minas. Belo Horizonte, 22 de agosto de 1939, p. 04.

⁷¹ ALTEROSA. Ano I, nº 1, agosto de 1939, p. 33

circulava nacionalmente, fortaleceu a tentativa de divulgar uma imagem de sucesso, conotando que a revista apresentaria Minas Gerais ao Brasil, criando, assim, um fator de representação da sociedade mineira no país.

1.2 O perfil editorial da revista

1.2.1 Capas e edições especiais

As senhoras e senhoritas da sociedade mineira eram retratadas nas capas da *Alterosa* sendo que, na maior parte das vezes, eram senhoritas belo-horizontinas fotografadas por W. Zats, renomado fotógrafo da época. Não há como precisar se eram retratos feitos exclusivamente para a capa ou era uma cessão da imagem para publicação. De qualquer forma, esta não foi uma novidade introduzida pelo periódico, algumas revistas que circularam anteriormente na capital tiveram mulheres em suas capas, fotografadas ou ilustradas, embora sem a mesma assiduidade, como *Vida de Minas* (1915) e *Bello Horizonte* (1933). A lógica da presença feminina nas capas vem do próprio *slogan* da revista “Para a família do Brasil” que, embora tenha surgido tardiamente, em maio de 1945,⁷² apresentava o perfil editorial da publicação cuja centralidade era a família, como será discutido nos próximos capítulos. Dessa forma, a mulher era o elemento fundamental para a construção desta representação e, por isso, figurava nas capas.

Eventualmente, as capas que retratavam as mineiras cediam lugar para senhoritas de outros estados. A primeira forasteira retratada foi Iolanda de Lima Noce, da sociedade carioca, em junho de 1941,⁷³ outras apareceram, como a primeira estrela do rádio nacional, Linda Batista, na edição conjunta de janeiro e fevereiro de 1942,⁷⁴ e a primeira atriz de cinema a sair na capa da *Alterosa* foi Dolores Moran, da Warner, em março de 1944.⁷⁵ A partir de junho de 1945, as atrizes de cinema se tornaram frequentes nas capas da revista.

Algumas edições foram dedicadas a cidades do interior de Minas. Essa indicação vinha inscrita na capa, abaixo do logotipo da publicação, contudo não

⁷² ALTEROSA. Ano VII, n. 61, maio de 1943, p. 1.

⁷³ ALTEROSA. Ano III, n. 16, junho de 1941.

⁷⁴ ALTEROSA. Ano IV, n. 22, janeiro / fevereiro de 1942.

⁷⁵ ALTEROSA. Ano VI, n. 47, março de 1944.

eram edições exclusivamente sobre esses municípios, eram exemplares que continham algumas reportagens e notas sociais sobre o desenvolvimento econômico e social dessas cidades. A primeira edição, em março de 1941,⁷⁶ referia-se ao Triângulo Mineiro. Outras edições foram dedicadas a Uberlândia, em setembro de 1941;⁷⁷ Teófilo Otoni e Carlos Chagas, em outubro de 1942.⁷⁸ Em agosto de 1942,⁷⁹ o número dedicado à III Exposição de animais de Curvelo foi singular, pois apresentou um tema, a exposição, e não a cidade de Curvelo. Foi a edição que apresentou maior número de matérias sobre o assunto ao qual foi dedicada. A pecuária estava presente nos anos iniciais da revista sob diversas formas, como matérias sobre fazendeiros, anúncios de venda de animais e vacinas para bovinos. Por fim, o município de Montes Claros destacou-se por quatro edições, em janeiro, março e abril de 1943,⁸⁰ cuja capa continha a chamada “Sra. Eny Duque de Moraes brevetada pelo Aero Clube de Montes Claros”, e a edição de julho de 1944.⁸¹

As edições comemorativas eram de aniversário da revista, em agosto, e de Natal, em dezembro. Geralmente, as edições de aniversário publicavam um editorial sobre a publicação e sua trajetória. As edições de Natal continham textos religiosos, contos e crônicas natalinas, enquetes sobre a festa cristã, etc., e muitos anunciantes. Existiram duas edições dedicadas à moda, em maio de 1943⁸² e 1944,⁸³ e uma dedicada a moda e beleza, em novembro de 1944.⁸⁴ As edições de moda apresentavam uma quantidade maior de conteúdo sobre o assunto.

1.2.2 Sumário e *slogan*

Um passo importante na comunicação visual da publicação foi o surgimento do sumário em maio de 1943.⁸⁵ Localizado na página um, informava o conteúdo principal da revista proporcionando maior dinamismo na leitura e melhor organização.

⁷⁶ ALTEROSA. Ano III, n. 13, março de 1941.

⁷⁷ ALTEROSA. Ano III, n. 18, setembro de 1941.

⁷⁸ ALTEROSA. Ano IV, n. 30, outubro de 1942.

⁷⁹ ALTEROSA. Ano IV, n. 28, agosto de 1942.

⁸⁰ ALTEROSA. Ano V, n. 33, janeiro de 1943.

⁸¹ ALTEROSA. Ano VI, n. 51, julho de 1944.

⁸² ALTEROSA. Ano V, n. 37, maio de 1943.

⁸³ ALTEROSA. Ano VI, n. 49, maio de 1944.

⁸⁴ ALTEROSA. Ano VI, n. 55, novembro de 1944.

⁸⁵ ALTEROSA. Ano V, n. 37, maio de 1943, p. 1.

Figura 3 – Sumário

<p>Alterosa Publicação mensal da Sociedade Editora ALTEROSA Ltda. Diretor e Gerente: MIRANDA E CASTRO</p> <p>Administração: Rua dos Carliões, 517 — 1.º andar — Fone 2-9632 — Caixa Postal, 279 — Edif. Telour — ALTEROSA — BELO HORIZONTE — Est. de Minas Gerais</p> <p>VENDA AVULSA Hoje Horizontal Cr\$2,00 No resto do país Cr\$2,50 Número estrangeiro Cr\$3,00</p> <p>As edições especiais de Aniversário e Natal circulam respectivamente em Agosto e Dezembro, ao preço único de Cr\$3,00. Os números especiais de moda aparecem em Maio e Novembro, também ao preço de Cr\$3,00 em todo o país.</p> <p>ASSINATURAS NA CAPITAL (sob registro) Semestre (6 números) Cr\$13,00 Ano (12 números) Cr\$25,00 2 anos (24 números) Cr\$45,00</p> <p>ASSINATURAS NO INTERIOR DO ESTADO E NO PAÍS (sob registro) Semestre (6 números) Cr\$15,00 1 ano (12 números) Cr\$29,00 2 anos (24 números) Cr\$55,00</p> <p>SUCURSAL NO RIO Diretor: ULISSES DE CASTRO FILHO Rua da Matriz, 308 — Ap. 15 Fone 26-1881</p> <p>Inspetores: A serviço desta revista percorrem os municípios brasileiros o Cêd. Raimundo Pereira Brasil, a Sra. M. N. Esteva e a Srs. Maria de Conceição Paiva.</p> <p>SECRETARIO — Tróvão Pereira. REDACÇÃO — Djaima Andrade e Clemente Luz.</p> <p>FOTOGRAFIA — Antonio Frelax e Nivaldo Correia. COLABORAÇÃO — Almir Neves, Alvaros de Oliveira, Assaun Amaro, Evairio Rodrigues, Fernando Sabino, Gerardo Dutra de Moraes, Godofredo Rangel, Jorge de Azevedo, Luiz de Sousa, Mário Camassola, Mário Mayo, Nacbal Mont'Alvão, Oscar Mendes, Olga Obrey, Pedro Ribeiro da França, Rafael Taraspecky, Selomio de Vasconcelos, Vanda Murgel de Castro, Vanderlei Vilela, João Joana Filho e Nilo Aparecido Pinto. IMPRESSÃO — Gráfica Quiróz Dresser Ltda. CLICHÉRIE — Fotogravura Minas Gerais Limitada e Gravador Amado. SENHIDOS — Antonio Rocha, Rodolfo e Oivaldo Navarro. REDACÇÃO — Djaima Andrade, Almir Neves, Clemente Luz e Pedro Ribeiro da França.</p> <p>A redação não devolve, em hipótese alguma, fotografias ou originais, ainda que não tenham sido publicados.</p> <p>ALTEROSA * JULHO DE 1943</p>	<p>★ RESENHA DA MATÉRIA DESTE NÚMERO ★</p>	<p>JUL/1943</p> <p>CONTOS OS OLHOS DE JAQUELINE — Tradução 3 DOLBYVA HOTEL, QUARTO TRÊS — Tradução 10 PRESENÇA DA NOITE — Fernando Sabino 14 HOSPEDAGEM PARA DOIS — Tradução 23</p> <p>LITERATURA A ÚLTIMA ESTRELA DO MOULIN-ROUGE — Olga Obrey 17 O BERGO — Coelho Neto 22 VITRINE LITERÁRIA — Clemente Luz 80 MARTINS FONTES — Jorge Azevedo 90</p> <p>HUMORISMO DE MÊS A MÊS — Guilherme Tell 6 OUTRA COMÉDIA DA VIDA — Oivaldo Navarro 20 MA' SOITE — Tradução 58</p> <p>REPORTAGENS BEATRIZ COSTA FALA DO AMOR 32 A VIDA ESTÁ FICANDO MUITO CARA 44 A NOTÁVEL FAZENDA DA ONÇA, EM SETE LAGOAS 69 O MÊS EM REVISTA 94</p> <p>DIVULGAÇÃO O ANJO DO ASSASINIO — Oscar Mendes 8 AGUSTO LLEMENTINO — Mário Camassola 25</p> <p>CINE E RADIO NOTAS E COMENTÁRIOS SOBRE O RADIO 29 OS BONS PROGRAMAS DO RADIO MINEIRO 30 e 31 REPORTAGENS E NOTAS DE RADIO 32 e 35 HOLLYWOOD TOMA PARTE ATIVA NA GUERRA 52 e 53 NOTAS E REPORTAGENS DE CINEMA 54 e 55</p> <p>PARA MULHER SOGRAS E NORAS 4 CONSELHOS DE BELEZA 27 MODA FEMININA 45 e 49 PERTO DOS QUARENTA? 56 e 57 BORDADO 88</p> <p>DIVERSOS SEDAS E PLUMAS — Redação 12 ESPARSOS — Poesia 20 MELHORAMENTOS EM SETE LAGOAS — Reportagem 49 BARBACENA É UMA CIDADE DO PRESENTE — Redação 43 HOMENAGEM AO DR. LUCAS LOPES — Reportagem 58 O NOVO SERVIÇO D'ÁGUA DE CURVELO — Redação 70 NO MUNDO DOS ENIGMAS — Polidoro 96 NOTAS E CURIOSIDADES DE TODO O MUNDO.</p>
---	---	---

Fonte: ALTEROSA. Ano V, n. 39, julho de 1943, p. 1.

A primeira versão do sumário era dividida nas seguintes seções: “contos”, “Literatura”, “Humorismo”, “Reportagens”, “Divulgação”, “Cine e rádio”, “Para a mulher” e “Diversos”. Seguiu nesse formato até dezembro do mesmo ano, 1943, e foi apresentado como “resenha da matéria deste número”, ao lado direito da coluna do expediente da revista que, por sua vez, ficava localizado, até dezembro de 1940, na mesma página dos editoriais, e passou a integrar as informações junto ao sumário, tornando-se mais detalhado, com o nome de colaboradores, ilustradores, fotógrafos e fornecedores de serviços, como impressão e *clicherie* (tipografia).

Em janeiro de 1944,⁸⁶ o primeiro item do sumário passou a ser “capa”, em que constava os nomes das senhoras e senhoritas retratadas, e as matérias foram precedidas pela frase “neste número”. No mês seguinte, o sumário foi ajustado

⁸⁶ ALTEROSA. Ano VI, n. 45, janeiro de 1944, p. 1.

novamente e o item “Para a mulher” foi renomeado para “Moda e Beleza”, permanecendo assim ao menos até dezembro de 1945.

Figura 4 – Sumário

<p>NÊSTE NÚMERO</p> <p>CAPA A capa desta edição apresenta uma fotografia de Mary Ellis, estrela da Mezzo, na tricotaria criada pelo gravador Giovanni Pano de Assis.</p> <p>CONTOS O passado não morre, Marina... Antonio Abrão 2 Fremião Garcia 2 A lenda do Rio das Velhas Lúcia M. de Almeida 6 A melhor vingança Eza Montenegro 10 Castro que Deus mandou Nóbrega de Siqueira 14 O outro lado da vida Antonio Silveira 18 Eduarda à inglesa Pernan S. Valdes 22 Matrimônio por conveniência Albino Corbis 26 A sonâmbula Dorotéa Black 32</p> <p>LITERATURA A ideia em marcha Alberto Olavo 41 Vitruve literária Cristiano Linhares 42 Quem vê curas... Oscar Mendes 54 Batista Cepelos Carlos Maranhão 56 Machado de Assis ainda no cartaz Dionísio Garcia 72 Acalanto para a moça que trabalha Paulo Dantas 88 O personagem persegue o autor G. Teixeira da Costa 116</p> <p>DIVULGAÇÃO Balarina absoluta Olga Obery 44 O trágico amor de Corneille Redação 48 Carne dos Estados Unidos Huberto Rohden 52</p> <p>HUMORISMO De mês a mês Gullherme Tell 46 Passagens locais Pélio Borges 62 Pungos de história Trad. de Joaquim Lamareira 68</p> <p>CINE E RÁDIO A partir da página 106</p> <p>MODA E BELEZA Moda feminina A partir da página 74 Sugestões para a sua beleza Izete Marlon 92 A banana e o leite na beleza Redação 94</p> <p>DIVERSOS Sedas e Plumas 50 Espargos 60 Pátrias das Mães 64 História Poética 67 Grafologia 112 Arte Calligráfica 114 No mundo dos enigmas 130</p>	<p>ANO VII NUMERO 63 JULHO DE 1945</p> <p style="text-align: center;">Alterosa PARA A FAMÍLIA DO BRASIL</p> <p>N.º AVULSO CR\$ 2,50 EM TODO O PAÍS</p>	 <p style="text-align: center;">R E C O R D A</p> <p>Guarda dentro de ti, no fundo da memória, a efêmera impressão das horas de alegria: minutos de prazer, segundos de harmonia, claros dias de amor, instantes de vitória.</p> <p>Mais tarde, ao desenhá-se a lúgubre invernia, nos últimos quartéis da vida transitória, rememora, de cor, os trechos dessa história para a tua velhice, inanimada e fria.</p> <p>Novo e estranho fulgor terá no olhar cansado... Por esse reviver, que galvaniza e ilude, de novo pulsará teu coração parado.</p> <p>E, sôbre o teu ocaço, embranquecido e rude, êsse sol de verão, que guardas do passado, há de rasgar manhãs de eterna juventude.</p> <p style="text-align: center;">EDMUNDO COSTA</p> <p style="text-align: center;">★</p> <p><small>ALTEROSA é uma publicação da Sociedade Editora Alterosa Ltda., com sede à Rua Tupinambás, 61E, sobreloja nº 5, Caixa Postal 279, em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, Brasil. Diretor-redator-chefe: Mário Matos. Diretor-gerente: Miranda e Castro. Secretário da redação: Jorge Azevedo. Assinaturas (sob registro postal): Cr\$ 30,00 para 1 ano e Cr\$ 55,00 para 2 anos. Toda correspondência deve ser enviada à Sociedade Editora Alterosa Limitada, assim como cheques, vales postais e outros valores.</small></p>
--	---	---

Fonte: ALTEROSA. Ano VII, n. 63, julho de 1945, p. 1.

Neste ínterim, mudanças de *layout* também fizeram parte do ajuste e, em maio de 1945,⁸⁷ o sumário assumiu o lugar do expediente (à esquerda), e este foi sintetizado com informações sobre a editora da publicação, endereço, corpo diretor e redator, assinaturas, etc., e passou ao rodapé da página. O expediente detalhado continuou ao final da revista. Foi nesse momento que surgiu o *slogan* “Para a família do Brasil”, no topo da página, seguido abaixo por uma poesia ilustrada.

⁸⁷ ALTEROSA. Ano VII, n. 61, maio de 1945, p. 1.

1.2.3 Editoriais

Os editoriais estavam presentes na revista desde seu lançamento. Além dos textos comemorativos do aniversário da publicação, assuntos de interesse geral eram abordados, como o Carnaval, o mercado de publicidade, o aniversário do presidente Vargas, assim como assuntos que envolviam a participação direta da revista como voz de seus leitores, frente à atuação do poder público e privado na cidade. Foi o caso da falta de um teatro popular na capital. O texto assinado por Miranda e Castro atendia aos apelos dos leitores que chegavam “constantemente” à redação, sobre “um velho assunto”, ainda não equacionado:

Ainda agora, escrevem-nos a Srta. Elza Santos e o Sr. Paulo Silva, ambos interessados em ver a nossa Capital ganhar mais esse importante melhoramento. Estendendo-se em considerações oportunas e justas, este ultimo chega a apontar uma solução, qual seja a fundação de uma sociedade imobiliária para edificar um grande prédio no centro da cidade, destinado a um teatro popular montado com todos os requisitos necessários, sendo os andares superiores ocupados por escritórios, consultórios e outras fontes de renda que muito auxiliariam a manter a sociedade.⁸⁸

Apresentar a solução do Sr. Paulo Silva foi a forma encontrada para “despertar o interesse dos capitalistas”⁸⁹ da cidade para essa iniciativa, ancorada na demanda de seus leitores. Ao sugerir que o problema era simples e que deveria ser definitivamente solucionado, a revista citou e pressionou a “Empresa Cine Teatral”, a qual era “formada por homens cheios de bôa vontade”,⁹⁰ aos quais “sobram recursos” para tal empreendimento. Vários argumentos foram apresentados para reforçar a necessidade do teatro popular para a cidade. A propaganda da imagem da capital moderna para os visitantes, já que “ninguém ignora que a falta de um teatro popular entre nós tem sido notada por quantos nos visitam, como uma estranha lacuna em nosso progresso”.⁹¹ O texto afirmava que o público estava “assegurado” para os espetáculos, devido a uma população de 250 mil habitantes, incluindo forasteiros que convergiam de todo o estado, pois dois espetáculos populares recentemente exibidos na cidade tiveram êxito. Existia certa preocupação com o teor das peças, que deveriam ser “bons espetáculos” para cumprirem sua obrigação. Como Miranda e

⁸⁸ A CAPITAL EXIGE UM TEATRO POPULAR. Alterosa, ano V, n. 49, julho de 1943, p. 37.

⁸⁹ Ibidem, p. 37.

⁹⁰ Ibidem, p. 37.

⁹¹ Ibidem, p. 37.

Castro reiterava, a iniciativa de um teatro popular para a capital destinava-se “a funções diárias, com a apresentação de revistas ligeiras, comédias, chanchadas e outros espetáculos ao alcance de qualquer um”.⁹²

Dois pontos interessantes surgem destes argumentos. O primeiro, aborda o tempo de não trabalho a partir das relações de produção do sistema econômico. Neste caso, Adorno (1995), que o trata como tempo livre, concebe como um tempo “acorrentado ao seu oposto”, por isso não é diferente do tempo de trabalho, ao refletir a não liberdade sob o regime do lucro, tornando-se uma mercadoria. A concentração no trabalho e a distração no tempo de não trabalho exigem regras de conduta a seguir, não há liberdade de escolha do indivíduo, tratando-se de uma liberdade organizada. Dentro dessa ótica, “A diversão, sob a mesma lógica do trabalho”, seria a “fuga da mecanização do trabalho e a revigoração para voltar ao mesmo” (BARROS, 2013, p. 117 *passim*). Naquele tempo, a função do tempo de não trabalho era vista como renovação da capacidade de trabalho. Esse assunto será retomado no capítulo 4. O segundo ponto explicita o alcance desses espetáculos. A preocupação com “bons espetáculos” para todos se relacionava com a dimensão do entretenimento e, neste sentido, com sua função de distração. O “cultivo do espírito” da camada popular se diferenciava por bens culturais nivelados a fim de atingir uma grande quantidade de trabalhadores e possibilitar a descarga emocional e física para o retorno ao trabalho, bem diferente dos bens culturais que seriam usufruídos pela elite no Teatro Municipal construído pela Prefeitura.

Miranda e Castro dizia que a administração de Juscelino Kubitschek embora empenhada na solução dos principais problemas da cidade, tinha iniciado a construção de um teatro no interior do Parque Municipal que, provavelmente, apresentaria “temporadas líricas” ou “conjuntos de fama internacional”, e os ingressos para esses espetáculos certamente não seriam acessíveis “a todas as classes”. Na realidade, a referência ao teatro municipal foi uma justificativa para reforçar a solução pela iniciativa privada, pois, na edição seguinte da revista, foi publicada uma pequena matéria⁹³ sobre a visita do interventor de Minas Gerais às obras do teatro. Este texto descrevia o apoio do governador Benedito Valadares ao projeto de Kubitschek, elogiado por seus “magníficos planos urbanísticos” porque a “arrojada obra” colocaria

⁹² A CAPITAL EXIGE UM TEATRO POPULAR. Alterosa, ano V, n. 49, julho de 1943, p. 37.

⁹³ O GOVERNADOR DO ESTADO VISITA AS OBRAS DO TEATRO MUNICIPAL. Alterosa, ano V, n. 50, agosto de 1943, p. 86.

Belo Horizonte “ombro a ombro”, ou seja, em situação de igualdade, “com as maiores capitais da América”.⁹⁴

Tanto na matéria quanto no editorial, no qual a revista ao final deu a palavra aos diretores da Empresa Cine Teatral, “na certeza de que eles saberão resolver mais um importante problema da nossa jovem e progressista Capital”,⁹⁵ evidenciou-se uma das lacunas do projeto no qual a cidade foi gestada, sua imagem de capital moderna não encontrava correspondência com sua realidade econômica-social. Neste caso, percebe-se claramente o papel de agente social da revista na intermediação de seus interesses e de distintos grupos da sociedade mineira. Nesta relação de forças, temos os leitores, o poder público, o poder privado e a elite econômica e intelectual representada pela publicação. Não foi apresentada a solução dessa questão nos exemplares posteriores.

1.2.4 Comunicação com leitores e anunciantes

A comunicação direta com leitores e anunciantes era realizada por notas, anúncios e matérias. Na edição de setembro de 1940⁹⁶ surgiu o primeiro anúncio apresentando o próximo número da revista. Essas comunicações não tinham formato, conteúdo e localização rigorosamente definidos. Em novembro de 1942, foi publicada uma nota⁹⁷ sobre a edição de Natal daquele ano, divulgando a “portentosa edição especial comemorativa da data máxima da cristandade”.⁹⁸ Ricamente ilustrada, “apresentando diversos “doublés”, tricomias e policromias, com suas seções habituais melhoradas e ampliadas”.⁹⁹ O texto, direcionado aos leitores e assinantes, mas principalmente aos anunciantes, apelava para o maior diferencial formal da publicação que era a profusão de imagens. Segundo o texto, após a insistência dos revendedores da revista, a edição teria sua tiragem ampliada procurando oferecer “aos seus anunciantes um excelente ensejo publicitário”.¹⁰⁰ Justificativa que abriu margem para

⁹⁴ O GOVERNADOR DO ESTADO VISITA AS OBRAS DO TEATRO MUNICIPAL. Alterosa, ano V, n. 50, agosto de 1943, p. 86.

⁹⁵ A CAPITAL EXIGE UM TEATRO POPULAR. Alterosa, ano V, n. 49, julho de 1943, p. 37.

⁹⁶ ALTEROSA. Ano II, n. 9, setembro de 1940.

⁹⁷ A EDIÇÃO DE NATAL DE ALTEROSA. Alterosa, ano IV, n. 31, novembro de 1942, p. 73.

⁹⁸ Ibidem, p. 73.

⁹⁹ Ibidem, p. 73.

¹⁰⁰ Ibidem, p. 73.

a solicitação de rapidez na entrega do material, uma vez que “a alta tiragem dessa edição exige maior diligencia e mais capricho das oficinas gráficas”.¹⁰¹

Em agosto de 1943,¹⁰² foi publicado um anúncio em que a revista promovia a “Alterosa de setembro”, destacando conteúdos: “contos selecionados, crônicas palpitantes, reportagens de sensação, modas para a primavera, rádio e cinema em revista”¹⁰³ e “colaborações especiais de Mario Matos, Djalma Andrade, Oscar Mendes, Mario Casassanta, Jorge Azevedo, Godofredo Rangel, Raul de Azevedo, Francisco Armond, Olga Obry, Narbal Mont’Alvão, Lage Filho e outros nomes consagrados”.¹⁰⁴ O anúncio resumia as seções permanentes, em conjunto com colaboradores de renome, sob frases de efeito, tais como: “um encantamento para os seus olhos” e “um prazer para o seu espírito”.¹⁰⁵ O apelo se concentrou nos seus principais atributos: o corpo literário do periódico e a profusão de imagens publicadas, sendo essa a sua principal característica. Argumento sustentado pela observação de exemplares de sua concorrente direta na capital mineira, a revista *Bello Horizonte*, que não se igualava neste quesito.

Em fevereiro de 1941,¹⁰⁶ surgiu a primeira chamada oferecendo cobertura fotográfica de casamentos. A partir disso, esse tipo de anúncio aparecia vez ou outra na publicação. Um dado interessante foi a crescente especialização do departamento fotográfico que culminou na oferta de serviços fotográficos para eventos diversos. Em novembro de 1942,¹⁰⁷ a revista publicou uma peça sobre esses serviços, na qual oferecia, via orçamento, fotografias “nítidas, rápidas, expressivas” para “festas, casamentos, solenidades, construções, interiores, etc.” a “preços módicos”. A profissionalização do setor fotográfico na capital, na década de 1940, (CAMPOS, 2008) e a gradativa democratização do acesso a esse tipo de serviço contribuíram para esse tipo de oferta aos leitores, que poderia engendrar novas matérias para publicação, além de ser outra fonte de renda para a editora.

Em virtude do período de guerra, ocorreu a queda da importação de alguns produtos. A *Alterosa* sofreu diretamente o impacto da carência de papel importado, insumo utilizado pela editora para abater custos. Este quadro, agravado pelos

¹⁰¹ A EDIÇÃO DE NATAL DE ALTEROSA. *Alterosa*, ano IV, n. 31, novembro de 1942, p. 73.

¹⁰² ALTEROSA. Ano V, n. 40, agosto de 1943, p. 152.

¹⁰³ ALTEROSA. Ano V, n. 40, agosto de 1943, p. 152.

¹⁰⁴ *Ibidem*, p. 152.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 152.

¹⁰⁶ ALTEROSA. Ano III, n. 12, fevereiro de 1941.

¹⁰⁷ ALTEROSA. Ano IV, n. 31, novembro de 1942, p. 74.

contratempos do transporte marítimo, levou a revista a publicar várias notas sobre o atraso de exemplares, a primeira nota saiu em junho de 1940.¹⁰⁸ Esta situação durou até o início de 1942, quando de fato as edições se regularizaram, como foi publicado na nota intitulada “Uma explicação aos nossos leitores e assinantes” na edição de janeiro e fevereiro de 1942:

Os leitores e anunciantes de ALTEROSA já se acostumaram a manusear esta revista no dia 1º de cada mês. É natural, portanto, que o longo atraso de cerca de vinte dias com que esta edição é entregue ao público, causasse sérias preocupações entre eles, motivo por que nos julgamos no dever de informar que essa anomalia se prende ao problema de transportes marítimos, agora seriamente prejudicado com a situação internacional, pois o papel consumido por ALTEROSA é importado diretamente do Canadá. As providências que puzemos em prática, estamos certos, evitarão a reprodução desta anomalia na circulação da revista, e a partir de 1º de Março, ALTEROSA voltará a figurar em todas as bancas da Capital e do interior, sempre no dia inicial de cada mês. A DIREÇÃO.¹⁰⁹

Contudo, anteriormente a essas notas, algumas edições da revista não foram publicadas. São elas: janeiro, abril, agosto e outubro de 1940; janeiro e julho de 1941.¹¹⁰ E as edições em conjunto de janeiro e fevereiro, junho e julho de 1940, e janeiro e fevereiro de 1942, que podem ser consideradas por essa perspectiva, devido a supressão de um desses meses. Os exemplares posteriores a cada uma dessas edições seguem numeração sequencial e não foi encontrada nenhuma menção específica sobre a falta dessas edições. Isso indica que a publicação concentrou suas justificativas em torno de seus problemas de importação de papel, evitando expor essa lacuna. O atraso parece ter sido solucionado, mas a revista ainda continuou com problemas referentes ao custo do papel, o que limitou a quantidade de páginas de algumas edições e precisou ser justificado: “tão cedo porém os estoques dessa revista possam ser reforçados, como se espera, voltará a circular como de costume, isto é, com a média de 100 paginas”.¹¹¹ A única providência apresentada sobre a questão foi o reforço do estoque de papel, não foi encontrada outra medida para a solução do

¹⁰⁸ ALTEROSA. Ano II, n. 8, junho / julho de 1940.

¹⁰⁹ UMA EXPLICAÇÃO AOS NOSSOS LEITORES E ANUNCIANTES. Alterosa, ano IV, n. 22, janeiro / fevereiro de 1942, p. 78.

¹¹⁰ Esses dados foram coletados mediante o manuseio do acervo disponível na Hemeroteca da Biblioteca Luiz de Bessa. Neste processo foi verificada a imprecisão da paginação de exemplares até a edição de dezembro de 1940, provavelmente, devido ao processo de encadernação das edições da revista. Assim, ao longo da tese, as páginas desses exemplares foram referenciadas a partir da contagem daquelas existentes na edição.

¹¹⁰ ALTEROSA. Ano IV, n. 31, novembro de 1942, p. 1.

problema, como a troca de fornecedor ou a compra de papel no mercado nacional. Dificuldades semelhantes são descritas por Martins (2008, p. 214-222) sobre o setor gráfico paulistano durante a Primeira Guerra Mundial.

Diante desta situação que dificultava o transporte e a circulação de mercadorias importadas pelo país, a escassez de papel elevou seu valor no mercado nacional. Ao longo desse tempo, o valor da publicação foi alterado diversas vezes, tanto para mais quanto para menos. A revista foi lançada em agosto de 1939 a 2\$000 réis, já na edição seguinte, em setembro do mesmo ano, o valor aumentou para 3\$000, durando até maio de 1940. De junho de 1940 a junho de 1941 foi vendida a 4\$000. Em agosto de 1941, publicou-se uma nota¹¹² comunicando a redução do valor para 2\$000, explicando que “a importação do papel com linhas d’água torna possível popularizar ainda mais a revista elegante dos mineiros”, devido esse papel ser adequado ao uso da imprensa e por ele, a partir de então, ter sido beneficiado por isenção fiscal. A isenção das taxas aduaneiras facilitou a importação do papel e a editora vislumbrou a possibilidade de expandir seu público, barateando o valor do periódico. O texto deixou claro que “o preço popularíssimo” não implicaria na perda de qualidade gráfica e intelectual da publicação. O último reajuste no período de 1939 a 1945 foi em setembro de 1945,¹¹³ quando a revista esclareceu os motivos do aumento para Cr\$ 3,00:

Dessa forma, e para que não sejamos obrigados a restringir a matéria e piorar a apresentação artística da ALTEROSA, somos forçados a apelar para boa vontade e cooperação de nossos leitores, na certeza que compreenderão as justas razões que nos levaram a adotar os novos preços [...].¹¹⁴

Para justificar o reajuste, o texto alegou que, desde 1939, vários fatores oneraram os custos da revista, em decorrência da situação econômica mundial. O aumento gradativo do valor do papel de linhas d’água, que era “infinitamente” mais barato que o nacional, a alta dos clichês fotográficos e o custo dos trabalhos artísticos, o reajustamento dos vencimentos do setor gráfico, da administração e da redação, em virtude da desvalorização da moeda nacional.

¹¹² ‘ALTEROSA’ INICIA NOVA E PROMISSORA FASE. Alterosa, ano III, n. 17, agosto de 1941, p. 105.

¹¹³ A moeda corrente não era mais réis, e sim, cruzeiros, adotada durante o Estado Novo pelo Decreto-lei 4.791, de 05 de outubro de 1942. Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/economia_real_historico.htm>. Acesso em 20. Jan. 2017.

¹¹⁴ O NOVO PREÇO DE ALTEROSA. Alterosa, ano VII, n. 65, setembro de 1945, p. 96.

A melhor forma de assegurar as vendas era ampliar o seu número de assinantes. De acordo com Rafael Fortes (2009), as assinaturas garantem estabilidade ao assegurar receitas antecipadas e, ao garantir esse público, a revista aumenta o poder de negociação com anunciantes. Uma tentativa neste sentido foi empreendida. Na edição de dezembro de 1940,¹¹⁵ um anúncio informava que, para ganhar gratuitamente uma assinatura anual, era necessário obter 5 assinantes, enviar os nomes e endereços com a quantia arrecadada de 50\$000, em cheque, vale postal ou carta com valor declarado, para a sociedade Editora Alterosa Ltda, caixa postal 279, Belo Horizonte. Em dezembro de 1944,¹¹⁶ a abordagem foi diferente. O texto sugeria a assinatura como “presente de festas” de fim de ano, ao enviar Cr\$30,00 a pessoa receberia pelo correio o recibo de assinatura. O argumento enfatizava que esse “gesto será lembrado, com prazer, durante todo o ano”. Desde o início da publicação, constava em seu expediente, como exibido no primeiro item deste capítulo, assinaturas para Minas Gerais e Rio de Janeiro - DF e para países da União Postal Pan-americana. A ampliação de assinaturas para o país iniciou em julho de 1943,¹¹⁷ e, para o exterior. O expediente de agosto de 1946¹¹⁸ mencionava assinaturas para o continente americano, com o mesmo valor que atendia o país, e para a Europa e demais continentes, mediante um acréscimo de 80% sobre a semestral que custava Cr\$ 20,00, a anual Cr\$ 40,00 e a bienal Cr\$ 70,00. A estratégia de fomento de assinaturas para arrecadação de receita foi realizada, contudo não há como mensurar seus resultados.

Entre as estratégias de autopromoção do periódico estavam as notas que divulgavam em quais locais do Rio de Janeiro e São Paulo a revista poderia ser encontrada, a partir de setembro de 1945.¹¹⁹ Essas, ao indicarem a presença da revista nessas capitais, cumpriam seu papel informativo, ao mesmo tempo que difundiam a ideia de grandeza que a *Alterosa* almejava alcançar. Em dezembro de 1945,¹²⁰ foi anunciada uma sucursal em São Paulo, explicando que o contrato de representação comercial com a Empresa Editora Publicidade Ltda., com sede no Rio

¹¹⁵ GRATIS UMA ASSINATURA ANUAL DE ALTEROSA. *Alterosa*, ano II, n. 15, dezembro de 1940, p. 8.

¹¹⁶ UM PRESENTE QUE SERA LEMBRADO O ANO TODO. *Alterosa*, ano V, n. 46, dezembro de 1944, p.190.

¹¹⁷ ALTEROSA. Ano V, n. 39, julho de 1943, p. 1.

¹¹⁸ ALTEROSA. Ano VIII, n. 76, agosto de 1946, p. 208.

¹¹⁹ ALTEROSA. Ano VII, n. 65, setembro de 1945, p. 118.

¹²⁰ ALTEROSA. Ano VII, n. 68, dezembro de 1945, p. 216.

e filial em São Paulo venceria e não seria renovado, pois a revista ampliaria seu departamento no Rio e abriria uma sucursal em São Paulo. Agradecendo os serviços prestados pela representação, a nota informava que os anunciantes de São Paulo deveriam encaminhar suas ordens de publicação diretamente para a administração da revista em Belo Horizonte, até a inauguração da sucursal.¹²¹ Os anunciantes do Rio poderiam proceder da mesma forma ou continuar a enviar o material para a sucursal do Rio.

Outra maneira de promover a imagem da publicação, além de pequenas matérias e editoriais comemorativos, foi a reportagem publicada em setembro de 1945, sobre o 6º aniversário da *Alterosa*. Nela, a revista reafirmava seus objetivos de tornar-se uma publicação de circulação nacional com a missão de representar a cultura mineira no país:

Festa íntima que reuniu as figuras mais representativas da intelectualidade mineira e expressões de relêvo de nossa sociedade, constituiu para o homenageado nobre estímulo e espontânea exteriorização da simpatia desvanecedora com que o público mineiro, ali representado pelas lídimas expressões de sua cultura e bom gosto, vem recebendo a nossa revista que, fiel às gloriosas tradições da família brasileira, realiza seu programa de divulgação da nossa arte e da nossa cultura através de suas amplas manifestações.¹²²

A festa foi uma homenagem ao diretor e proprietário Miranda e Castro, reunindo um grupo de intelectuais que, segundo o texto, representava o leitor mineiro, uma possível analogia para expressar a ideia de que os mineiros eram cultos. Este seria o estímulo que acentuava a aceitação da revista pelo público, sua identificação com a elite intelectual que, ante os valores conservadores da família brasileira, propagava a cultura de Minas Gerais. Outro trecho da reportagem revelava precisamente a finalidade da revista, que seria “difundir cultura através de uma publicação popular”,¹²³ isto é, utilizar a *Alterosa*, que naquele momento já era conhecida regionalmente, para divulgar a cultura mineira. Conjugando esses objetivos com o contexto de Belo Horizonte do período, cogito uma intenção de formação que visava difundir os valores da cultura mineira de modo a preservá-los diante da

¹²¹ A sucursal de São Paulo, sob a direção de Werther Farinello, consta no expediente da revista a partir de outubro de 1946 (ALTEROSA. Ano VIII, n. 78, p.136).

¹²² A COMEMORAÇÃO DO 6º ANIVERSÁRIO DE ALTEROSA. *Alterosa*, ano VII, n. 65, setembro de 1945, p. 121.

¹²³ *Ibidem*, p. 121.

modernidade, como será discutido ao final da apresentação e análise desta reportagem.

O texto que introduzia os discursos de Djalma Andrade e Miranda e Castro, publicados na íntegra, ressaltava um fator de sucesso da revista, a “imprescindível” colaboração de Djalma Andrade, “velho amigo de lutas jornalísticas”, que em seu discurso comparou rapidamente “a vida efêmera das revistas de vinte anos atrás e a marcha ascensional de ‘ALTEROSA’, que qualificou de ‘revista nacional e representante da cultura e da arte montanhesas’”.¹²⁴ Na fala de Andrade, a questão sobre a efemeridade das publicações locais voltava à cena, demonstrando sua consistência, ao mesmo tempo que valorizava a *Alterosa* como exemplo de superação naquele contexto. Para se afirmar como uma das grandes capitais do Brasil era necessário um veículo de comunicação para atestar e propagar os valores do estado e a *Alterosa* parecia ter sido a solução para a representação da identidade de Minas Gerais no país.

O discurso de Miranda e Castro agradeceu o apoio de todo o corpo diretor e redator, particularmente Djalma Andrade, a quem creditou a “crescente popularidade da revista”; Theódulo Pereira, que tinha deixado a imprensa para “abraçar a carreira da indústria”; Mário Matos, então diretor-redator-chefe da revista, pelo “aperfeiçoamento intelectual da revista nestes últimos dois anos”, e Jorge Azevedo, redator-secretário, que anteriormente era diretor da sucursal no Rio de Janeiro. O intelectual Djalma Andrade apareceu como um personagem fundamental na história da publicação. Seu renome conferiu credibilidade auxiliando na divulgação e, provavelmente, nas vendas da *Alterosa*.

Os agradecimentos de Castro se estenderam aos colaboradores da imprensa, às emissoras de rádio, aos ilustradores e fotógrafos, aos profissionais do departamento de gerência, produção e circulação, aos “amigos diretores” da Gráfica Queiroz Breiner. Neste ponto do discurso, ele anunciou que a gráfica, em breve, iria adquirir “um amplo e moderníssimo equipamento”, indispensável para que a *Alterosa* se lançasse “em bases sólidas, à conquista dos mercados leitores de todo o país”,¹²⁵ uma oportunidade também para outras publicações. Neste trecho, fica evidente a intenção da *Alterosa* em ascender no mercado nacional. A defasagem do parque

¹²⁴ A COMEMORAÇÃO DO 6º ANIVERSÁRIO DE ALTEROSA. *Alterosa*, ano VII, n. 65, setembro de 1945, p. 121.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 134.

gráfico belo-horizontino, possivelmente, foi uma das razões da instabilidade da imprensa local. Era essencial a disponibilidade de equipamentos de impressão de ponta para assistir graficamente as publicações mineiras que se interessassem à disputa de outros mercados, como por exemplo, imprimindo mais rápido, aumentando a qualidade gráfica ou baixando custos. O último agradecimento foi para o mestre gravurista Oswaldo Duran que produzia “os mais perfeitos clichês” de todo o estado. O investimento da revista na qualidade gráfica era uma maneira de diferenciar-se de outros periódicos locais e também obter atributos que a pareasse com as publicações nacionais.

Finalizando sua fala, Miranda e Castro compartilhou com os presentes o sucesso dos seis primeiros anos, relatando o árduo caminho trilhado até aquele momento e prevendo a difícil jornada para que a *Alterosa* alcançasse o lugar que lhe competia “em todo o Brasil, como mensageira da cultura e da civilização dos mineiros!”.¹²⁶ Dizia-se feliz pela generosidade dos amigos e pela fé que o fez trabalhar duro, “para reunir o que temos de melhor na nossa inteligência, na nossa cultura e na nossa arte, a fim de oferecer ao público uma revista genuinamente brasileira”,¹²⁷ cujo ideal satisfizesse “plenamente aos anseios de beleza da família do Brasil!”.¹²⁸ A exaltação dos feitos da revista realçavam a crença em um projeto cujos objetivos (que contou com a participação de todos os referidos no discurso) concentravam-se na afirmação da cultura mineira no restante do país. A ideia de uma revista brasileira legítima relaciona-se mais com a representação de uma originalidade da cultura mineira do que propriamente com a preocupação do conteúdo publicado, que continha uma significativa expressão da cultura norte-americana. As fontes que demonstram como a cultura norte-americana aparecia na revista serão apresentadas e analisadas a partir do capítulo 2. A última frase, além de indicar zelo com o aspecto artístico da publicação, aponta a visualidade como um importante mecanismo de partilhamento de valores socioculturais.

Um dado importante, destacado no texto, foi a presença do “grande industrial norte-americano, Sr. T. J. O’Shea,¹²⁹ vice-presidente da Scott e Bowne

¹²⁶ A COMEMORAÇÃO DO 6º ANIVERSÁRIO DE ALTEROSA. *Alterosa*, ano VII, n. 65, setembro de 1945, p. 134.

¹²⁷ *Ibidem*, p. 134.

¹²⁸ *Ibidem*, p. 134.

¹²⁹ No ano de 1937, segundo a reportagem “Directores da Scott Bowne Inc. em visita a Bello Horizonte”, T. J. O’Shea era gerente das filiais brasileiras das companhias norte-americanas Scott e Bowne Inc. e

Inc.”.¹³⁰ O comparecimento do anunciante à festa demonstrou seu interesse no mercado mineiro, voltado para a divulgação dos produtos Emulsão de Scott e Sal de Fructas Eno. A deferência em comparar à comemoração do aniversário da revista, atribuiu à *Alterosa* certa importância na imprensa belo-horizontina (capacidade de atingir público consumidor). Por outro lado, o destaque realizado pela reportagem, exibiu a lógica de elogiar um anunciante relevante para a publicação.

O texto finalizou apresentando nominalmente a relação de quem compareceu “à festa de confraternização da grande família de ‘Alterosa’”,¹³¹ reforçando os valores e os ideais da revista. Entre os mais de 50 presentes citados, havia somente uma mulher. Juscelino Kubitschek enviou um representante. No agradecimento pelas cartas ou telegramas de felicitações, foram nomeados 24 homens e somente 6 mulheres. O ambiente era majoritariamente masculino, como o próprio expediente da revista mostrou, sendo o material direcionado à mulher substancialmente reproduzido da agência de notícias *Panamerican Press*.

Nesta reportagem não existia nenhuma menção sobre o lugar da realização do evento. A nota¹³² de *O Malho*, citada no primeiro item da tese, dizia que a comemoração tinha sido realizada na Feira de Amostras. A diferença entre as informações da reportagem da *Alterosa* e a nota de *O Malho* levam a crer no envio de um *release* da revista belo-horizontina sobre a homenagem a Miranda e Castro para o periódico carioca. A publicação do texto pode ter sido pela conveniência de *O Malho* apresentar notas sociais de outros estados ou por interesse comercial ou, ainda, a *Alterosa* pode ter comprado o espaço para divulgação.

As estratégias de comunicação utilizadas refletem a trajetória percorrida para se tornar a “grande revista dos mineiros”. A concepção do seu perfil editorial concentrou o conteúdo no desenvolvimento econômico e social de Minas Gerais, correspondendo ao objetivo de propagar e representar a cultura mineira no estado e no Brasil.

J. C. Eno, produtoras da “Emulsão de Scott” e do “Sal de Fructas Eno” (A GAZETA DA PHARMACIA. Rio de Janeiro, outubro de 1937, ano VI, n. 60, p. 7).

¹³⁰ A COMEMORAÇÃO DO 6º ANIVERSÁRIO DE ALTEROSA. *Alterosa*, ano VII, n. 65, setembro de 1945, p. 134.

¹³¹ A COMEMORAÇÃO DO 6º ANIVERSÁRIO DE ALTEROSA. *Alterosa*, ano VII, n. 65, setembro de 1945, p. 136.

¹³² BANQUETE AO JORNALISTA MIRANDA E CASTRO. *O Malho*, ano XLIII, n. 69, outubro de 1945, p. 31.

A construção da identidade mineira¹³³ teve como marco a produção de ensaios históricos e sociológicos de escritores mineiros durante a primeira metade do século XX. Reflexo da descentralização política, promovida pela Constituição de 1891 e pela política de Campos Sales (1898-1902), que levou as antigas províncias a reorganizarem suas histórias como unidades federativas do Brasil. Em Minas Gerais, foram criados o *Arquivo Público Mineiro* (APM, 1895) e o Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG, 1907) para a produção, definição e circulação do que seria o “fundamento histórico” da identidade mineira. A representação elaborada pela intelectualidade conservadora sob a perspectiva essencialista postulava um caráter coletivo dos mineiros, em que se defendia a manutenção das tradições genuínas e a recusa das mudanças que poderiam ameaçar sua integridade, isto é, a cultura mineira teria uma “essência” inalterável ao longo da história (RAMALHO, 2015).

Essa elaboração operou na forma de uma tradição seletiva (WILLIAMS, 2003), valorizando certos elementos de uma versão do passado e negligenciando outros. De acordo com Williams, “até certo ponto, a seleção começa dentro do mesmo período; de todo o conjunto de atividades se selecionam certas coisas, valorizando-as e enfatizando-as” (2003, p. 56).¹³⁴ Essa tentativa de universalizar determinados traços culturais ligados à oligarquia rural ocorreu após a instituição do regime republicano no país e promoveu o que era de interesse dessa classe na consolidação de sua posição no poder.

A visão da elite intelectual procurou naturalizar a ideia do conservadorismo mineiro. As principais formulações sobre a cultura mineira eram centradas na família, religião, progresso e passado histórico. Serão apresentados brevemente alguns elementos para a discussão de que a ideia de modernidade em Minas Gerais estava submetida à preservação de determinados valores de seu passado. Não é meu objetivo realizar discussões conceituais acerca do que se aproxima ou se distancia do que era entendido por modernidade em outras esferas, portanto buscou-se privilegiar

¹³³ Segundo Ramalho (2015, p. 262), a partir dos anos 1980, iniciaram as críticas à ideia de um “caráter mineiro”, que tinha ignorado as vozes das mulheres, negros e índios, a diversidade regional e as desigualdades econômicas. São ao menos três abordagens: o ser mineiro compreendido a partir da “ideologia da classe dominante” (DULCI, 1984; STARLING, 1986); como uma “mitologia” atuante no campo da política e da cultura (ARRUDA, 1990) e como um discurso que deve ser redimensionado para abrigar as diferenças regionais do estado (COSTA, 2009).

¹³⁴ “Hasta cierto punto, la selección comienza dentro del mismo período; de toda la masa de actividades se seleccionan ciertas cosas, se las valora y se hace hincapié en ellas” (WILLIAMS, 2003, p. 59, tradução minha).

as discussões e análises da fonte primária evidenciando os sentidos e as peculiaridades do ideário de modernidade construído e apresentado pela revista.

Walderez Ramalho (2015, p. 252) relata que o discurso de inauguração do IHGMG feito por Diogo de Vasconcelos (1843-1927), historiador marianense, definia a função da história no fortalecimento do sentimento de identidade mineiro, compreendido como uno e homogêneo. O futuro representado pelo progresso estaria alinhado ao dever da história, de aperfeiçoamento da mentalidade coletiva forjada em sua origem. Os elementos civilizatórios introduzidos na cultura mineira foram trazidos pelos paulistas e portugueses que implantaram a lei, o Estado e a religião católica e ainda “os hábitos mais ‘elevados’ que permitiram o florescimento da ‘família mineira’” (RAMALHO, 2015, p.252). Em seus estudos sobre a modernidade e tradição no Brasil, Renato Ortiz (2001) esclarece que os ideais de modernidade no país estavam originalmente baseados nos valores de progresso e civilização aliados a uma vontade de representação da elite hegemônica no esforço de “esculpir um retrato do Brasil condizente com o imaginário civilizado” (ORTIZ, 2001, p. 32), dependente do modelo europeu.

Essa foi a ideia materializada pela intelectualidade conservadora mineira ao arregimentar elementos para a configuração da identidade regional. No discurso da *Alterosa*, foi mostrado que os intelectuais presentes na comemoração eram os representantes do público mineiro, eram as “expressões de sua cultura”. Ampliando a interpretação, pode-se dizer que o “público mineiro” era quem não pertencia à elite pensadora; esta, por sua vez, foi quem selecionou os valores culturais que deveriam ser perpetuados. O intelectual e político serrano Nelson Coelho de Sena (1873-1952), na cerimônia de inauguração da Academia Mineira de Letras (AML), em 13 de maio de 1909, defendia que o legado literário regional deveria ser o referencial de moralidade para Minas. Dessa forma, o “passado glorioso” precisava de continuidade para que o progresso material fosse acompanhado pelo progresso intelectual e moral (RAMALHO, 2015, p. 253).

Ramalho aponta que Francisco José de Oliveira Vianna (1883-1951), no texto *Minas do lume e do pão*, de 1920, afirmava, sobre a “tradicional família mineira”, que o principal traço distintivo do “espírito de Minas” era o apego ao lar e a obediência aos ditames da família e que esse traço derivado da centralidade da família teria conformado características mineiras como hospitalidade, desconfiança, reserva com o estrangeiro, forte restrição dos círculos de sociabilidade e, conseqüentemente, o

retraimento da dimensão pública da vida em Minas Gerais (RAMALHO, 2015, p. 253). Esse aspecto é, ainda segundo esse autor, reiterado diversas vezes no texto de Vianna, em trechos em que ele reflete, por exemplo, que “os mineiros não frequentam os jardins e praças das cidades, as multidões são surpreendentemente silenciosas, como se estivessem na nave de uma igreja” (VIANNA *apud* RAMALHO, 2015, p. 254). Esse retraimento seria valorizado por Oliveira Vianna, que o via como forma de preservar a identidade regional frente à desintegração ocasionada pelo cosmopolitismo de outras regiões brasileiras (RAMALHO, 2015, p. 254).

O retraimento mineiro e os hábitos provincianos condizem com as observações de Drummond, apresentadas na introdução, e com a descrição de um texto da seção “Sedas e Plumas” do item “Seções permanentes” deste capítulo, localizado mais à frente, sobre a efervescência da capital a partir da década de 1940. Se, em 1920, Oliveira Vianna relatou que os mineiros no espaço público se comportavam como se estivessem na igreja; Drummond, na década de 1930, lamentava a perda de alguns ritos tradicionais e era mordaz em sua crítica à modernidade, embora considerasse Belo Horizonte tediosa devido aos hábitos conservadores mineiros e ao seu lento processo de modernização. Nos anos de 1940, segundo o texto apresentado na revista, a capital se divertia “alucinadamente” por obra do progresso, “com seus fulgores e suas sombras”. Oliveira Vianna via o comportamento conservador como um ideal a ser seguido frente aos impulsos da modernidade, enquanto Drummond e o texto da revista a celebravam com reserva.

Ramalho revela que o historiador itabirano João Camillo de Oliveira Torres, em *O Homem e a Montanha* (1944),¹³⁵ pesquisou o efeito psicossocial da presença da montanha na formação do mineiro, e concluiu que o relevo montanhoso contribuiu para o isolamento da região quanto às transformações ocorridas em outros lugares do país, o que teria resultado numa “cultura de conserva”, em que o passado continua vivo no presente (RAMALHO, 2015, p. 255). A ideia da cultura “em conserva”, tendo a montanha como um fator de referência, segundo Ramalho, também foi compartilhada pelo intelectual carioca Alceu Amoroso Lima (1893-1983), no livro *Voz de Minas: ensaio de sociologia regional brasileira* (1945). Para Lima, a voz de Minas era uníssona, caracterizada pela prevalência do passado e das tradições regionais e

¹³⁵ TORRES, João Camilo de Oliveira. **O homem e a montanha**: introdução ao estudo das influências da situação geográfica para a formação do espírito mineiro. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011. (Série Alfarrábios) [1944].

nacionais sobre a modernização. Por isso, num cenário de grandes conturbações nacionais e internacionais, Minas estava autorizada a desempenhar sua “missão” (RAMALHO, 2015, p. 256-257). Oliveira Vianna comungaria desse mesmo princípio, em que o comportamento tradicional, “forte entre os montanhese”, deveria ser ensinado a todos os brasileiros para a salvaguarda da identidade nacional (RAMALHO, 2015, p. 254).

O desejo de modernização nos países periféricos, manifestado na esfera cultural, estaria ligado à construção da identidade nacional (ORTIZ, 2001, p. 34). De acordo com Ramalho (2015, p. 258-261), uma das características recorrentes no discurso essencialista era a missão de Minas na preservação das tradições, o elo com o passado para a construção da identidade brasileira. Tradições que deveriam ser mantidas para auxiliar o país em sua caminhada para o futuro, impedindo a “descaraterização” que a modernidade poderia causar. Como símbolo da tradição, Minas evocaria a permanência e a conservação da nacionalidade.

Os elementos identitários, presentes especificamente no discurso de comemoração do aniversário da revista, foram a família e a divulgação da cultura mineira no Brasil. A publicação tinha em mente a valorização e o reforço da identidade mineira, tanto em Minas Gerais como no país, como a fala de Djalma Andrade que, em seu pronunciamento, qualificou o periódico de “revista nacional e representante da cultura e da arte montanhese”.¹³⁶ Esse objetivo estava acompanhado do pressuposto de que a revista, como representante da cultura mineira, seria do interesse do público dos demais estados brasileiros. Miranda e Castro parecia certo da aceitação da revista após o “moderníssimo equipamento” adquirido pela Gráfica Queiroz Breiner solucionar questões gráficas, para que ela se lançasse “em bases sólidas, à conquista dos mercados leitores de todo o país”.¹³⁷

Penso que, nesse sentido, a ideia de uma publicação popular estava vinculada à necessidade de ampliação de mercado, conduzida pelo desejo de formação da cultura mineira, visando a difusão de seus valores de modo a afirmar sua identidade e preservá-la. Foi demonstrado, em Nelson Coelho de Sena, que o referencial de moralidade para Minas era seu legado literário que deveria acompanhar o progresso material. Assim, a publicação parece ter assumido a responsabilidade de

¹³⁶ A COMEMORAÇÃO DO 6º ANIVERSÁRIO DE ALTEROSA. Alterosa, ano VII, n. 65, setembro de 1945, p. 121.

¹³⁷ Ibidem, p. 134.

dar continuidade ao passado histórico dos mineiros. Dessa forma, o termo popular não estava ligado ao seu conteúdo, mas a sua função, como Miranda e Castro declarou sobre o lugar que competia a revista: “em todo o Brasil, como mensageira da cultura e da civilização dos mineiros!”¹³⁸

Essa responsabilidade não estava evidenciada como uma pretensão “missionária”, elemento identitário postulado por Oliveira Vianna e Amoroso Lima, talvez por essa missão ter se tornado uma crença que não mais necessitasse reiterar, pois Miranda e Castro, ao final de seu discurso, lembrou a todos de seu árduo trabalho “para reunir o que temos de melhor na nossa inteligência, na nossa cultura e na nossa arte, a fim de oferecer ao público uma revista genuinamente brasileira”.¹³⁹ A relação entre a intelectualidade e os valores tradicionais foi um dos fundamentos da construção da identidade mineira, por isso a crença na pureza da revista, porque ela representava com seu corpo literato e seu discurso, em grande parte conservador, a origem do caráter mineiro. Caráter que envolvia traços europeus, especificamente os portugueses, como evidenciado pelo historiador Diogo de Vasconcelos e Ortiz (2001), que apontam a relação de dependência brasileira do modelo cultural europeu. A partir disso, o genuíno teria o sentido da preservação da tradição como forma de construção da identidade brasileira (RAMALHO, 2015). Dessa forma, Miranda e Castro acreditava que o ideal da revista satisfaria “plenamente aos anseios de beleza da família do Brasil!”.¹⁴⁰ Assim, através do seu principal valor – a família – a revista, personificada pelo texto como sendo uma família, seria a representante mineira que levaria às outras famílias do Brasil os valores da tradição que deveriam ser perpetuados para a conservação da identidade nacional.

Essa construção identitária, presente na publicação, que procurava dizer aos mineiros quem eles eram (RAMALHO, 2015), comumente, relegava a segundo plano as contribuições de mulheres, negros e índios na história do estado. O índio era praticamente inexistente na publicação. A representatividade do negro era mínima e se dava, sobretudo, no ambiente cultural, a exemplo de Lima Barreto¹⁴¹ e Grande

¹³⁸ A COMEMORAÇÃO DO 6º ANIVERSÁRIO DE ALTROSA. Alterosa, ano VII, n. 65, setembro de 1945, p. 134.

¹³⁹ Ibidem, p.134.

¹⁴⁰ Ibidem, p. 134.

¹⁴¹ LUZ, Clemente. A atualidade de Lima Barreto. Alterosa, ano V, n. 39, julho de 1943, p. 86.

Otelo,¹⁴² na tradição das festas religiosas¹⁴³ e em algumas matérias sobre suas condições sociais no país,¹⁴⁴ dificilmente era retratado como a elite econômica e política. A mulher, como será mostrado no capítulo seguinte, era valorizada sob o discurso da ordem conjugal que procurava preservar o estado das coisas, dominado pela elite conservadora, caracterizada por José Murilo de Carvalho (2005) como a voz da terra.

Carvalho revela que “não há uma voz de Minas, como queria Alceu Amoroso Lima. Em Minas, há muitas vozes, algumas dissonantes” (2005, p. 55). Sinteticamente, ao longo da história de Minas Gerais, três vozes marcaram a sociedade mineira: a voz do ouro, a voz da terra e a voz do ferro. A primeira representa a Minas mineradora, urbana, caótica e rebelde, de intensa mobilidade social; a segunda, dominada pela economia agrícola e pecuária, é a voz conservadora, ordeira, familiar, “do lume e do pão”, de Oliveira Viana, e a última, anunciada desde a Inconfidência, esboçada no século XIX com a Escola de Minas de Ouro Preto, é a preocupada com a industrialização e a tecnologia, com o progresso econômico (CARVALHO, 2005, p. 55-56). A tradicional família mineira surgiu a partir da predominância econômica e política da Minas rural (estável e imóvel) sobre a Minas mineradora (instável e móvel) (Idem, 2005, p. 57-61). Mentalidade que em muitos aspectos sobrevive até os dias de hoje, mas que foi, pontualmente, ao passar do tempo, desestabilizada por forças modernizadoras, principalmente a partir do final da década de 1930, quando Belo Horizonte tornou-se centro da política industrializante do estado, pelas mãos dos ex-alunos da Escola de Minas de Ouro Preto,¹⁴⁵ a ponte entre a voz do ouro e a futura Minas do ferro (CARVALHO, 2005, p. 65-66).

A família e o progresso estavam representados nas páginas da *Alterosa*, a Minas da terra e a Minas do ferro, conciliando, em certa medida, o projeto de modernização da capital mineira. Fazia-se necessário, então, propagar as

¹⁴² GRANDE OTELO. *Alterosa*, ano V, n. 44, dezembro de 1943, p. 110.

¹⁴³ FILHO, João Dornas. Auto de Natal e reis no centro de Minas, *Alterosa*, ano III, n. 25, dezembro de 1941, p. 68. FILHO, João Dornas. A origem do reinado em Minas Gerais. *Alterosa*, ano V, n. 40, agosto de 1943, p. 28.

¹⁴⁴ MENEZES, Osvaldo B. Estudo sobre o negro. *Alterosa*, ano III, n. 16, junho de 1941, p. 20. Fala sobre a exploração da força de trabalho negra para o progresso da nação. A ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA NO BRASIL. *Alterosa*, ano V, n. 37, maio de 1943, p. 14.

¹⁴⁵ A Escola de Minas de Ouro Preto foi criada, em 1876, pelo imperador D. Pedro II. Dirigida por franceses que trouxeram para o país a mentalidade e os métodos da pesquisa científica. Era uma instituição modernizadora que enfatizava o ensino técnico e a pesquisa orientados para as necessidades do desenvolvimento econômico. Essa escola introduziu no país a mentalidade desenvolvimentista (CARVALHO, 2005, p. 66-67).

transformações que aconteciam na cidade e que estavam alterando seu ritmo de vida.

1.2.5 Características gerais

O foco principal da revista era a cidade de Belo Horizonte, mas as cidades do interior de Minas estavam presentes nas reportagens assim como, esporadicamente, outros estados do país, como Rio de Janeiro, São Paulo e Goiás. Este último foi destaque em edições¹⁴⁶ e matérias por ter proximidade com o Triângulo Mineiro, devido ao desenvolvimento econômico que a região vivia em função do incentivo da política de Vargas para a ocupação do Centro-Oeste brasileiro. Em março de 1940, a revista publicou uma matéria sobre Goiás, dentro do contexto do regime Vargas, cujo título era “A marcha para o oeste significa: rumo a Goiás, o estado que vence no terreno cultural e econômico, dentro dos postulados do Estado Novo!”¹⁴⁷, apresentando o interventor Pedro Ludovico Teixeira, dados sobre o estado e a capital, obras de saneamento e urbanismo.

Outra questão, que pode ter relação com a presença goiana na revista, foi o desdobramento da crise de 1929 sobre a economia mineira. Pereira (2009, p. 103-104) descreveu o descontentamento de setores ligados à industrialização, expresso neste período em órgãos da imprensa, com a ordem vigente que privilegiava a agroexportação. Sob o impacto direto da crise, Minas Gerais, que era centrada na cafeicultura, sofreu instabilidades até adequar-se ao novo modelo político-econômico, focado no desenvolvimento da indústria. A redução das exportações de café implicou na queda de arrecadação e no aumento da dívida pública, conseqüentemente registrou-se um significativo processo de imigração de mineiros para outros estados, como São Paulo, devido à expansão de seu parque industrial, e principalmente Goiás, pela abertura de novas fronteiras agrícolas. Nesse caso, seria uma ação para ampliar o mercado e, ao mesmo tempo, o estabelecimento de correspondência entre os mineiros presentes nos dois estados.

As reportagens, em sua maioria, eram sobre o progresso de Minas Gerais e apresentavam os avanços da administração dos municípios do estado. Belo Horizonte era destacada em meio à inauguração de obras, de casas de cinema, da

¹⁴⁶ O estado de Goiás foi contemplado com duas edições, em novembro de 1941 (Alterosa, ano III, n. 20) e em junho de 1942 (Alterosa, ano IV, n. 26), nesta última, a capa retratava a “Exma. Sra. Gersina Borges Teixeira, primeira dama de Goiás”.

¹⁴⁷ A MARCHA PARA O OESTE. Alterosa, ano II, n. 6, março 1940, p. 38.

ampliação da escolarização, de congressos científicos que aconteciam na cidade, de atos solenes, como formaturas e visitas de políticos. Foram publicadas várias matérias sobre Benedito Valadares e Getúlio Vargas, desde inaugurações de obras públicas à exaltação da administração do presidente da República, como na edição de maio de 1944:

MINAS GERAIS, mais uma vez, hospeda o Presidente Getulio Vargas. O supremo condutor da nacionalidade, demonstrando novamente a sua honrosa estima pelos mineiros, aqui veio para descansar e sentir o envolvimento carinhoso da amizade e do apreço que lhe devotam os filhos da montanha.¹⁴⁸

Este trecho da reportagem sintetizava sua ideia central que afirmava a deferência recíproca entre o presidente e os mineiros. O nome do estado em caixa alta sugeria quão importante era essa relação, pois Vargas tinha chegado em Minas Gerais no dia de seu aniversário, 10 de abril, para descansar dias antes da inauguração das obras da estância de Araxá, região do Triângulo Mineiro, em 23 de abril.

Uma série de reportagens foi publicada nessa ordem: “Novamente entre os mineiros, o presidente Getúlio Vargas passa seu aniversário”,¹⁴⁹ “Uma visão do grandioso conjunto das obras da estância de Araxá”,¹⁵⁰ “Inauguradas pelo presidente Getúlio Vargas as grandiosas obras da estância de Araxá”,¹⁵¹ “Mais um gigantesco empreendimento da Estrada de Ferro Central do Brasil”.¹⁵² As três primeiras descreviam, respectivamente, a chegada do presidente que foi recepcionado pelo governador (interventor) Benedito Valadares e autoridades de Minas Gerais; o complexo de Araxá, empreendimento estadual para o fomento do turismo e a modernização das estações de cura e repouso da cidade, e a solenidade de inauguração da estância. A quarta reportagem, mais extensa e detalhada, era sobre a ampliação da malha ferroviária do país, neste caso, partindo do Ramal de São

¹⁴⁸ NOVAMENTE ENTRE OS MINEIROS, O PRESIDENTE GETULIO VARGAS PASSA SEU ANIVERSÁRIO. *Alterosa*, ano VI, n. 49, maio de 1944, p. 102.

¹⁴⁹ NOVAMENTE ENTRE OS MINEIROS, O PRESIDENTE GETULIO VARGAS PASSA SEU ANIVERSÁRIO. *Alterosa*, ano VI, n. 49, maio de 1944, p. 102.

¹⁵⁰ UMA VISÃO DO GLORIOSO CONJUNTO DAS OBRAS DA ESTÂNCIA DE ARAXÁ. *Alterosa*, ano VI, n. 49, maio de 1944, p. 104.

¹⁵¹ INAUGURADAS PELO PRESIDENTE GETULIO VARGAS AS GRANDIOSAS OBRAS DA ESTÂNCIA DE ARAXÁ. *Alterosa*, ano VI, n. 49, maio de 1944, p. 106.

¹⁵² MAIS UM GIGANTESCO EMPREENDIMENTO DA ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL. *Alterosa*, ano VI, n. 49, maio de 1944, p. 110.

Paulo, em direção ao Rio de Janeiro, sob a supervisão direta de Vargas. Essas últimas serão analisadas no capítulo 3.

As reportagens versavam sobre política e economia, assuntos direcionados ao homem, protagonista da esfera pública na sociedade. Porém, o conflito mundial propiciou à mulher um espaço entre essas reportagens, desde o apoio feminino ao “esforço de guerra”¹⁵³ à ocupação de cargos, anteriormente destinados exclusivamente aos homens.¹⁵⁴ A partir de setembro de 1942, quando, gradativamente, as notícias sobre a Segunda Guerra se tornaram assíduas, uma série de reportagens sobre as mulheres na guerra foram publicadas, com destaque nas edições de março e abril de 1943.¹⁵⁵ Neste ínterim, a mulher foi transformando seu papel social, ainda que a passos lentos, uma vez que, no segundo semestre de 1943, os assuntos nacionais retomam o lugar principal na revista, como mencionado nos parágrafos anteriores, possivelmente pela esperança de derrota das forças do Eixo pelos Aliados. Segundo Antônio Pedro Tota (2000, p. 92), no ano de 1943, as mudanças no conflito eram notáveis, devido à derrota da Alemanha em Stalingrado e Kursk e a reconquista do norte da África. Cenário em que a Itália estava fora de combate, embora tivessem focos de resistência nazista na região até 1945.

Assim, parece que a revista acompanhou o que pode ser chamado de “espírito do tempo”, sob a ascendência do modelo cultural norte-americano no país, e acabou registrando a atuação da mulher de classe média fora da esfera doméstica. Contudo, o discurso conservador diante do papel feminino na sociedade mineira era hegemônico na publicação, o que requer detalhamento, por isso, estas questões serão aprofundadas no próximo capítulo.

Em 1942, também surgiram os primeiros artigos de destaque sobre a administração do prefeito Juscelino Kubitschek e o Complexo Arquitetônico da Pampulha. A partir de dezembro daquele ano, “O *Grill*”¹⁵⁶, como também era conhecido o cassino presente no complexo, figurava entre os espaços sociais mais presentes na revista, junto ao Minas Tênis Clube. As propagandas do cassino se

¹⁵³ A CONTRIBUIÇÃO DA MULHER MINEIRA AO ESFORÇO DE GUERRA. *Alterosa*, ano V, n. 35, março de 1943, p. 42.

¹⁵⁴ NOVOS HORIZONTES PARA A MULHER. *Alterosa*, ano V, n. 41, setembro de 1943, p. 18.

¹⁵⁵ *Alterosa*, ano V, n. 35, março de 1943; *Alterosa*, ano V, n. 36, abril de 1943.

¹⁵⁶ *Grill-room* é um termo em inglês que designa um restaurante ou uma sala de restaurante especializado em grelhados. No caso do cassino da Pampulha, o espaço conjugava restaurante, salão de dança e palco para shows. Disponível em: <http://www.museuvirtualbrasil.com.br/museu_pampulha/modules/news3/article.php?storyid=15>. Acesso em 20. Dez. 2016.

tornaram frequentes, principalmente na segunda capa da revista, divulgando “grandes acontecimentos sociais” que incluíam Carnaval, *Réveillon* e atrações internacionais.

Figura 5 – Anúncio do Cassino da Pampulha



Fonte: ALTEROSA. Ano VI, n. 45, janeiro de 1944, segunda capa.

O anúncio publicitário, Figura 5, referia-se ao Cassino como um espaço usual para a comemoração de aniversários da elite belo-horizontina. No ambiente distinto e elegante, podia-se dançar ao som de excelentes orquestras ou assistir a shows internacionais, “saboreando com prazer o perfeito serviço ‘a la carte’”.¹⁵⁷ Segundo o texto, todos encontrariam no “aristocrático” espaço, um lugar ideal para comemorações festivas. Nem todos, pois a frequência do lugar estava destinada a um grupo seletivo. Na década de 1940, o complexo da Pampulha foi um marco na experiência de modernidade da cidade. O conjunto arquitetônico tornou a capital mineira conhecida mundialmente, segundo Marcelo Cedro (2006). A partir de então,

¹⁵⁷ ALTEROSA. Ano VI, n. 45, janeiro de 1944, segunda capa.

Belo Horizonte incorporou um ar cosmopolita, conforme revela Denise Bahia (2011), reconhecendo-se como parte integrante da tão sonhada modernidade. A autora (2011, p. 125) situa o Cassino como um dos mais emblemáticos projetos de modernização empreendido politicamente. Esta discussão será aprofundada no quarto capítulo.

A revista continha uma quantidade significativa de publicidade, o que demonstrava o interesse de diversos setores em anunciar em suas páginas. Entre os grandes anunciantes destacavam-se: Banco do Brasil, Loteria do Estado de Minas Gerais, Banco de Minas Gerais, Cia. De Força e Luz de Minas Gerais, Belgo Mineira, etc. Praticamente toda a parte literária e jornalística da publicação era entremeada por oferta de serviços bancários, seguros, loteria e poupança, além de anúncios de carros, eletrodomésticos, cigarros, bebidas alcoólicas, emissoras de rádio, etc., e, principalmente, de medicamentos e anúncios do comércio local. Naquele período, Belo Horizonte dispunha de lojas de departamento, e a Casa Guanabara, em agosto de 1939, oferecia venda à crédito:

Cidade nova, de pouca industria, com um padrão de vida medio que não vae alem de 500\$000 mensais, Belo Horizonte, desde muito, ressentia de uma organização como esta, feita por um estabelecimento de conceito, como vem de fazer a CASA GUANABARA.¹⁵⁸

A pequena matéria sugeria que o serviço era essencial em uma cidade nova que ainda não contava com uma industrialização¹⁵⁹ expressiva e que, portanto, não tinha um padrão de vida alto. Procurando atender à “classe média”, o “estabelecimento moderno” contava com “um sortimento dos mais completos, numa variedade enorme de artigos e tudo a preços populares”.¹⁶⁰ A flexibilização de pagamento visava aumentar a capacidade de consumo da classe média. Esse texto parecia se aproximar mais da realidade social de Belo Horizonte da época,

¹⁵⁸ O DEPARTAMENTO DE CREDITO DA CASA GUANABARA. Alterosa, ano I, n. 1, agosto de 1939, p.136.

¹⁵⁹ O parque industrial foi criado em 20 de março de 1941 pelo decreto estadual nº 770 na localidade de Ferrugem, a 9 km do perímetro urbano de Belo Horizonte, nas cercanias dos municípios de Betim e Contagem, em virtude do fornecimento de energia da Cia Força e Luz de Minas Gerais não ser suficiente para sua implementação na capital. Assim, Benedito Valadares alterou as divisas dos municípios de Belo Horizonte e Contagem para instalar naquele local a Cidade Industrial Juventino Dias. Para viabilizar a implantação de grandes indústrias, o governo estadual construiu no início dos anos 1940, a Usina de Gafanhoto, no Rio Pará, para o fornecimento de energia elétrica, o que garantiu a inauguração oficial da Cidade Industrial em 1946 (PEREIRA, 2009, p. 109).

¹⁶⁰ O DEPARTAMENTO DE CREDITO DA CASA GUANABARA. Alterosa, ano I, n. 1, agosto de 1939, p.136.

diferentemente da caracterização socioeconômica feita pela revista que era mais otimista e entusiasta.

A oferta de produtos e serviços era crescente na publicação. Os produtos de beleza, incluindo cremes de barbear masculinos, foram alavancados em julho de 1942,¹⁶¹ após as dicas de beleza e saúde aumentarem expressivamente. Em grande medida, esses produtos eram norte-americanos. A ampliação do comércio entre Brasil e EUA derivada da Política de Boa Vizinhança, instituída pelo governo Roosevelt, visava não somente a adesão dos países latino-americanos ao esforço de guerra contra o Eixo, mas também a expansão de mercado para seus produtos e, para isso, era necessária a venda do modo de vida norte-americano (TOTA, 2000). Colunas como “Conselhos de beleza de Mme. Verna de New York”, de fevereiro de 1941,¹⁶² “O ideal de beleza”, de Josephine Lowman, de setembro de 1941,¹⁶³ e “A ciência da beleza – conselhos de Helena Rubinstein,”¹⁶⁴ de setembro de 1942, foram seções que não perduraram. Existiu o aumento regular de notas sobre saúde e beleza a partir de agosto de 1941,¹⁶⁵ em que as sugestões aos poucos deram lugar às prescrições, adquirindo um tom imperativo. Anteriormente, eram publicados conselhos e dicas generalistas que não citavam especificamente a mulher. Eram conselhos práticos, como preceitos de higiene e saúde, que envolviam a questão da alimentação e dicas gerais de limpeza e, essencialmente, regras de etiqueta e comportamento social. Em novembro de 1943,¹⁶⁶ surgiu a coluna “Sugestões para sua beleza”, de Ivete Marlon, que foi a mais perene desse período. Em fevereiro de 1944,¹⁶⁷ apareceu a “Página das mães” e, em 1945, as colunas “Para donas de casa”¹⁶⁸ e “Bom tom”,¹⁶⁹ esta última indicava os comportamentos sociais adequados para ambos os sexos nas mais diversas situações sociais.

As notas sociais abrangiam aniversários, enlaces matrimoniais, batizados, primeira comunhão, formaturas, festas, bailes e solenidades. Sob as seções “O mês em revista” e a “Sociedade Mineira” reuniam-se esses diversos acontecimentos, porém, ao longo da revista, também eram publicadas várias notas ou somente retratos

¹⁶¹ ALTEROSA. Ano IV, n. 27, julho de 1942.

¹⁶² ALTEROSA. Ano III, n. 17, fevereiro de 1941, p. 78.

¹⁶³ ALTEROSA. Ano III, n. 19, setembro de 1941, p. 104.

¹⁶⁴ ALTEROSA. Ano IV, n. 29, setembro de 1942, p. 96.

¹⁶⁵ ALTEROSA. Ano III, n. 17, agosto de 1941.

¹⁶⁶ ALTEROSA. Ano V, n. 43, novembro de 1943, p. 20.

¹⁶⁷ ALTEROSA. Ano VI, n. 46, fevereiro de 1944, p. 102.

¹⁶⁸ ALTEROSA. Ano VII, n. 61, maio de 1945, p. 80.

¹⁶⁹ ALTEROSA. Ano VII, n. 61, maio de 1945, p. 73.

de homens, mulheres e crianças, descrevendo o nome do retratado, filiação, cidade, etc. Houve uma seção, denominada “Gurilândia”, dirigida às crianças que não perdurou.

O esporte e as artes foram assuntos abordados em entrevistas, pequenas matérias e reportagens, embora sua aparição nesses formatos fosse eventual. Existiram tentativas de transformar estes temas em seções permanentes. De pouca duração, “Contando a história dos campeões”, de julho de 1942,¹⁷⁰ relatava a história de jogadores amadores de futebol e era acompanhada pela divulgação de eventos esportivos, uma espécie de subseção denominada “O esporte em revista”. Em uma abordagem memorialista, Abílio Barreto escrevia sobre a memória da cidade e sobre os esportes que formaram nela uma mentalidade esportiva, em “Recordar é viver...”, de agosto de 1945.¹⁷¹ Indiretamente, as práticas de exercícios físicos vinculadas ao ideal de corpo saudável e de beleza apareciam em pequenas notas prescritivas ao longo das edições; assim, por exemplo, na seção de moda, os trajes esportivos eram apresentados para determinadas ocasiões, não necessariamente para a prática de esportes, como será discutido posteriormente.

Notas e pequenas matérias não eram somente prescritivas, variavam entre dicas e curiosidades sobre conhecimentos gerais, frases e pensamentos de escritores ou filósofos renomados, além da apresentação de acontecimentos históricos e dados geográficos. Todas eram “encaixadas” ao longo das páginas da revista, entre as propagandas, matérias, artigos, retratos sociais e prescrições de comportamento e saúde. Cabe observar que a revista era impressa por tipografia, dessa forma, o que chegava após um determinado prazo, como por exemplo, notícias de última hora ou o que faltava para completar o número de páginas padrão da publicação, era disposto de modo a preencher espaços vazios. Assim, parte da diagramação era realizada em função dos espaços ainda livres e não do conteúdo em si, com exceção para o material que era selecionado previamente para a composição, como contos, reportagens, crônicas, anunciantes regulares e seções permanentes, que tinham uma diagramação regular. Nessa dinâmica, ainda poderia ocorrer a substituição de algo que se considerasse menos relevante para o momento e pudesse ser publicado na edição seguinte.

¹⁷⁰ ALTEROSA. Ano IV, n. 27, julho de 1942, p. 86.

¹⁷¹ ALTEROSA. Ano VII, n. 64, agosto de 1945, p. 66.

1.2.6 Seções permanentes

Os contos publicados na revista se dividiam entre romances nacionais e estrangeiros, ilustrados de forma a sugerir o conteúdo do texto. Inicialmente, estavam localizados na página 1, deslocando-se para a página 2 ou 3 após a introdução do sumário em 1943. Assim como os demais textos, como, por exemplo, crônicas, matérias, reportagens e outros, os contos geralmente eram publicados em partes. Uma parte no início e sua continuação no meio ou final do exemplar. A maioria dos contistas eram homens. Nas crônicas dirigidas à mulher, duas escritoras se destacaram: Kathleen Norris, apresentada na revista como “a famosa escritora americana, *copyright* da Panamerica Press”, seus escritos versavam sobre o comportamento feminino, e Olga Obry¹⁷² que apresentava personagens femininos ao longo da história. Os textos de Norris serão analisados no próximo capítulo.

Os leitores podiam colaborar com a parte literária através do concurso permanente de contos e poesias, embora as chamadas não estivessem presentes em todas as edições. A premiação, além da publicação do conto na revista, incluía o valor de 50\$000 réis de bonificação, que correspondia a aproximadamente 30% do salário mínimo¹⁷³ mensal em Minas Gerais, de 170\$000 réis.¹⁷⁴

Em novembro de 1943,¹⁷⁵ foi publicada a primeira chamada estabelecendo regras que, até então, não haviam. O valor da premiação era de Cr\$100,00, sendo que o original enviado deveria ser datilografado somente em uma face do papel, em espaço n. 2, no formato carta, em no máximo 6 laudas e mínimo de 4. O motivo deveria

¹⁷² “Olga Obry apresenta na sua personalidade artística, três manifestações: Jornalista, escritora e ilustradora. Como jornalista, iniciou sua carreira no “Paris Soir”, escrevendo e ilustrando também nos mais prestigiosos diários parisienses. Como escritora, colaborou com publicações européias e americanas, traduzindo os próprios trabalhos, para os respectivos magazines que os solicitavam. Deixou em 1941, nas vésperas da ocupação nazista. Olga Obry é casada e nasceu no sul da Rússia, de onde saiu ainda criança para residir na França. No Rio, onde atualmente mora, leciona Arte Dramática Infantil na Sociedade Pestalozzi do Brasil. Já publicou entre nós, prefaciado por Pedro Calmon, da Academia Brasileira, um estudo intitulado “Catarina do Brasil – a Índia que descobriu a Europa”. Está preparando um livro sobre a história do teatro” (ALTEROSA, ano VIII, n. 76, agosto de 1946, p. 106).

¹⁷³ “[...] em 1º de maio de 1940, o Decreto-Lei nº 2.162 instituiu o Salário Mínimo em todo o País, cuja vigência se deu em julho do mesmo ano, com valores distintos para cada região e sub-região, discriminados em tabelas específicas totalizando 14 salários mínimos diferentes, sendo o maior no valor de 240\$000 (duzentos e quarenta mil réis) e o menor 90\$000 (noventa mil réis), havendo uma relação entre eles de 2,67, significando que o maior Salário Mínimo era 2,67 vezes maior que o menor salário. Disponível em: <http://www.gazetadeitauna.com.br/historioc_salario.htm>. Acesso em: 05. Dez. 2016.

¹⁷⁴ Tribunal Regional do Trabalho da Terceira Regional de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.trt3.jus.br/informe/calculos/minimo.htm>>. Acesso em: 05. Dez. 2016.

¹⁷⁵ ALTEROSA. Ano V, n. 43, novembro de 1943, p. 7.

ser nacional e cabia ao autor observar “os princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira”.¹⁷⁶ Possivelmente a revista instituiu estas regras para evitar textos que não estivessem em acordo com sua linha editorial, principalmente os que de alguma forma feriam a moralidade vigente na época, lembrando que um dos valores exaltados naquele contexto de conflito mundial era o nacionalismo.

Na edição de setembro de 1945,¹⁷⁷ as regras foram novamente alteradas. O formato mudou para ofício, máximo de 8 laudas, mas o mínimo continuou o mesmo. A partir dessa data, o motivo e também o ambiente deveriam ser nacionais. A principal mudança foi a observância do autor ao argumento, que deveria ser “isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos, fixando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e os dramas de fundo moral sadio e honesto”.¹⁷⁸ As novas regras reafirmavam a valorização dos costumes da instituição familiar.

A parte literária da revista possuía outras seções. “Livros novos”, por exemplo, era dedicada à divulgação do lançamento de obras, nela, um título era destacado e comentado e os demais eram indicados para leitura por meio de pequenas resenhas. Autores como Fiódor Dostoiévski, Gilberto Freyre, George Sand e Lima Barreto tiveram a resenha de seus livros publicada nessa seção. Em abril de 1943,¹⁷⁹ o nome passou a ser “Vitrine Literária”, sob a autoria de Nilo A. Pinto. A poesia nacional sempre esteve presente, principalmente na seção “Esparsos”, de novembro de 1940 a dezembro de 1945.

As seções “Figuras mineiras” e “Os grandes vultos de Minas” foram assíduas na publicação, ao menos até dezembro de 1945, e referiam-se a personalidades masculinas que atuaram no estado. Na edição dedicada a Goiás, em novembro de 1941,¹⁸⁰ a primeira seção foi alterada para “Figuras goianas”. Políticos, pensadores, religiosos e empresários eram apresentados por uma pequena biografia. A poetisa Apollonia Pinto foi a única referência feminina que figurou nessas seções, nas edições de junho¹⁸¹ e agosto de 1941¹⁸² e de abril de 1942.¹⁸³

¹⁷⁶ ALTEROSA. Ano VI, n. 49, maio de 1944, p. 35.

¹⁷⁷ ALTEROSA. Ano VII, n. 65, setembro de 1945.

¹⁷⁸ ALTEROSA. Ano VII, n. 65, setembro de 1945, p. 16.

¹⁷⁹ ALTEROSA. Ano V, n. 36, abril de 1943.

¹⁸⁰ ALTEROSA. Ano III, n. 20, novembro de 1941.

¹⁸¹ ALTEROSA. Ano III, n. 16, junho de 1941.

¹⁸² ALTEROSA. Ano III, n. 18, agosto de 1941.

¹⁸³ ALTEROSA. Ano IV, n. 24, abril de 1942.

Ao longo dos primeiros anos, a revista não alterou significativamente seu projeto editorial, algumas seções foram renomeadas, outras desapareceram, mas seu conteúdo não foi substancialmente modificado. Sobre o cotidiano da cidade, dentre as seções frequentes, destacaram-se “Águas passadas – notas de meu diário” e “Sedas e Plumas”. A primeira, creditada a Djalma Andrade, relatava acontecimentos presenciados pelo autor e a segunda, de autoria da redação da revista, era uma crônica social, na qual os personagens não eram identificados. Em dezembro de 1940¹⁸⁴ surgiu a coluna de “De mês a mês” que, nas primeiras edições, apresentava os eventos políticos e sociais que ocorreram ao longo do mês na capital mineira. Aos poucos, novas adaptações foram feitas, como incluir notícias nacionais e relatar os acontecimentos por versos.

Um pequeno trecho¹⁸⁵ da seção “Sedas e Plumas” tratava da efervescência social da capital. O texto relatava que, na década de 1920, a cidade possuía somente um salão de festas, o Clube Belo Horizonte, onde se realizava o único baile de gala na noite de Natal. Durante o resto do ano, as roupas ficavam guardadas e protegidas por naftalina, não eram usadas para mais nada, em nenhuma outra ocasião. As festas de fim de ano eram domésticas e o Carnaval, reservado a um quarteirão na Rua da Bahia, era “provinciano e disciplinado”, com hora marcada para o início e o fim. Em torno dos anos 1940, esse cenário se modificou, a cidade se divertia “alucinadamente”. Aconteciam vários bailes de Natal e formaturas, além das festas em dezembro, período em que os salões da capital se abriam e os clubes carnavalescos anunciavam a programação do Carnaval. Assim, Belo Horizonte passou a integrar “definitivamente” o rol de capitais de “vida intensa e trepidante”. Como dito na introdução, a população da capital somente se tornou numerosa, a ponto de ocupar os espaços vazios da cidade, em torno de 1940. A alteração na dinâmica social da cidade parece ter sido um reflexo direto do aumento de habitantes. O que chama mais atenção neste texto é a sua frase final, que relacionava diversão com progresso, ao dizer que a cidade, a partir de então, se divertia com vigor: “é o progresso com todos os seus fulgores e as suas sombras”.¹⁸⁶ Ao afirmar ser o progresso a causa desta mudança no cenário social da capital, apontava a ambiguidade do processo de modernidade, isto é, o que fica às claras e seduz pelo

¹⁸⁴ ALTEROSA. Ano II, n. 11, dezembro de 1940.

¹⁸⁵ ALTEROSA. Ano IV, n. 22, janeiro / fevereiro de 1942, p. 23.

¹⁸⁶ Ibidem, p. 23.

brilho e o que é obscuro e não pode ser visto, pois está oculto, numa alusão, talvez, a um lado negativo do progresso, que ameaçava a tradição, deixando entrever esse embate tão propriamente mineiro entre tradição e modernidade.

O humor aparecia na revista sob a forma de pilhérias ou páginas ilustradas, como nas seções “Outra comédia da vida”, de Oswaldo Navarro, de dezembro de 1942,¹⁸⁷ e “Paisagens locais – mentiras de nossos dias”, de setembro de 1944,¹⁸⁸ ou, ainda, em pequenas notas humorísticas. O quadrinho (Figura 6) “Pensamentos de Lolita”¹⁸⁹ durou de fevereiro de 1941 a maio de 1942, *by Belt Syndicate* (1939). Lolita era uma personagem que representava o ideal de feminilidade da época, uma moça esbelta, que cuidava de sua saúde e beleza. No quadrinho, Lolita vestida com um *baby doll*, evidenciando suas longas pernas, de saltos altos, com uma fita nos cabelos soltos e escova de dentes na mão, ao olhar para a colega, pensa: “para as mulheres que querem estar na moda, a história que mais as impressionam são as contadas pela balança”.

Figura 6 – Pensamentos de Lolita



Fonte: ALTEROSA. Ano III, n. 21, dezembro de 1941, p. 29.

¹⁸⁷ ALTEROSA. Ano IV, n. 32, dezembro de 1942, p. 11.

¹⁸⁸ ALTEROSA. Ano VI, n. 53, setembro de 1944, p. 86.

¹⁸⁹ Curiosamente, o termo “Lolita” surgiu na revista anteriormente ao romance de costumes de Vladimir Nabokov, de mesmo nome, lançado em 1955, em Paris.

Sua colega, ao contrário de Lolita, vestia uma camisola que se estendia abaixo dos joelhos, também aparentava calçar saltos altos e tinha seu cabelo preso em um penteado e demonstra preocupação com seu peso ao subir na balança. Recorrendo ao humor, o quadrinho realizou uma comparação entre dois modelos femininos antagônicos, uma mulher magra que cuidava de sua saúde era mais desejável à outra que, para o modelo estético considerado apropriado ao padrão de belo na época, estava acima do peso. A moda foi apontada como uma instância que impunha regras, sendo os próprios trajes e apetrechos demonstração disso, ao reconhecerem o corpo como lugar de construção e reprodução de valores e de ideais de comportamento.

Essa apropriação era notável nas notícias das seções de cinema e moda, terceirizadas da agência *Panamerican Press*, que apresentava as novidades de Paris e da América. Os temas se relacionavam diretamente. Via de regra, as próprias atrizes de cinema eram os modelos de vestimenta, penteados e acessórios para diversas ocasiões. Modos de viver, de vestir e de comportamento transformavam o corpo em objeto de consumo. “Modelo do mês” foi a única subseção, dentro da parte de moda, que ocupou página inteira, comumente em cores (policromia), e esteve presente na revista desde seu início. Nela, uma atriz de cinema sempre se apresentava em trajes especiais, como novidades da moda, vestidos de gala ou de noiva. Essas fotografias de corpo inteiro da modelo exibiam o traje e um estilo de vida desejado por muitas mulheres. Neste ambiente, os filmes, inicialmente destacados na publicação, logo passaram a ter resenhas e notas, dando lugar à intimidade e ao estilo de vida dos astros e estrelas do cinema norte-americano.

As senhoritas da sociedade mineira, até dezembro de 1940, eram retratadas em páginas no “Noticiário elegante”, quando foi renomeada para “Elegância mineira”, sem muita frequência, durando até janeiro de 1943. Esta seção sugeria a ligação entre o cinema e a moda, retratando algumas belo-horizontinas consideradas elegantes. De maio de 1943 até outubro de 1944, as fotografias que eram profusas na parte de moda diminuíram gradualmente. Uma parte delas foi substituída por croquis de moda incorporados à seção e, a partir de então, as edições passaram a variar quanto ao uso da fotografia e de croquis. Existiu a tentativa de uma coluna de moda dirigida aos homens, que se resumiu a cinco matérias, e que serão comentadas no capítulo 3. A conexão entre cinema, moda, publicidade e mídia impressa será vista no decorrer dos próximos capítulos.

O rádio, similarmente ao cinema, foi profusamente retratado e os cantores figuravam com o mesmo *glamour* das estrelas de *Hollywood*. Os profissionais eram evidenciados nas reportagens sobre a programação, nas contratações realizadas de uma rádio para outra e em sua intimidade. Os programas infantis como o “Gurilandia” da Rádio Guarani - P.R.I.7, e a “Hora infantil”, da Rádio Inconfidência - P.R.I.3, foram destaque em muitos exemplares. As rádios mineiras centralizavam as notícias, embora a revista publicasse notas e matérias sobre outras rádios do país. Segundo Tota (2000, p. 130), o intercâmbio cultural entre Brasil e EUA era anterior a 1940, porém, a partir daquela década, a política de aproximação dirigida pelo plano governamental e pela iniciativa privada, representada pelos grandes estúdios cinematográficos, foi reforçada para compensar a perda do acesso ao mercado europeu devido à expansão nazista no continente.

Numa cidade em processo de enraizamento da população, a imprensa torna-se a forma de comunicação pela qual os diversos atores, entre nativos, imigrantes e funcionários públicos transferidos de Ouro Preto, apresentam-se ao contexto social. O meio impresso viabiliza tanto a produção de identidade como a produção de visibilidade no espaço urbano, não é apenas fonte de ideias e mensagens, mas instrumento capaz de criar laços sociais, agregando interesses, disseminando visões de mundo, possibilitando reconhecimento, construindo diferenças e configurando identidades (CASTRO, 1995, p. 24-25). O ritmo de vida promovido pela sociabilidade urbana e apresentado nas revistas ilustradas foram essenciais para a configuração da visualidade e da sensibilidade moderna. A imprensa cumpriu esse papel nas três primeiras décadas da capital mineira, mas no início dos anos 1940, o rádio e o cinema norte-americano (SOUZA, 2002) passaram a integrar fortemente esse processo, inclusive por meio da presença nos próprios meios impressos, como na revista *Alterosa*.

2 A EDUCAÇÃO DA MULHER PARA A FEMINILIDADE

Este capítulo trata da representação do papel social da mulher e foi elaborado a partir da análise de matérias e notas, tendo por base as crônicas da norte-americana Kathleen Norris publicadas na revista *Alterosa*, procurando evidenciar as formas de subjetivação da mulher que perpassam essas publicações. O capítulo foi dividido em cinco seções que apontam para a tentativa de reforço do lugar da mulher no interior da esfera privada, em uma conjuntura na qual o papel social feminino ganhou novos sentidos, durante a Segunda Guerra Mundial. A primeira seção aborda o ambiente doméstico, discutindo o papel de mãe e dona de casa; a segunda expõe o cultivo da aparência e do espírito, discutindo as noções de beleza e de inteligência como mecanismos de controle da mulher, e a terceira mostra o ingresso da mulher no mercado de trabalho em meio aos discursos que temiam isso como ameaça à família e desejavam o seu retorno ao lar. As duas últimas seções tratam da construção de um ideal de feminilidade amparado na beleza e na saúde, no qual o esporte figurava como elemento de sociabilidade feminina, mas também como dispositivo de controle do seu corpo. A repercussão desse modelo é analisada nas esferas da propaganda, da moda e do cinema norte-americanos, sob a perspectiva de regulação e revigoração do corpo feminino no interior de um projeto de nação que objetivava o aperfeiçoamento do povo brasileiro.

2.1. A mulher à sombra do homem no lar

“O matrimônio é um laço que devia durar toda a vida.”¹⁹⁰

A frase que abre essa seção referia-se à duração que o matrimônio, como valor social, deveria ter. Retirada de uma das crônicas da escritora norte-americana Kathleen Norris,¹⁹¹ colaboradora da *Alterosa*, a máxima ilustrava a centralidade do

¹⁹⁰ NORRIS, Kathleen. Conclusão extraordinária sobre a causa mais frequente das desavenças matrimoniais, *Alterosa*, ano II, n. 9, setembro de 1940, p. 14.

¹⁹¹ Kathleen Norris (1880-1966) foi uma escritora norte-americana popular no século XX. Casada com o escritor Charles G. Norris, colaborou em várias revistas norte-americanas como *The Saturday Evening Post*, *Everybody's Magazine*, *Senhoras Home Journal*, *O Atlântico*, *Woman's Home Companion* e *Good Housekeeping*. Publicou vários romances, entre eles, o *best seller* “Certain People of Importance” (1922). Escreveu para colunas de jornais, teve um *talk show* de rádio, suas novelas foram seriadas para o rádio e 16 de seus romances viraram roteiros de cinema. Sua ficção era

matrimônio para os ideais de representação feminina presentes na revista. Era dos laços matrimoniais que afluíam os papéis definidos para a mulher: a esposa, a dona de casa e a mãe.

Em grande parte de seus textos, Norris aconselhava as mulheres sobre o seu comportamento diante das dificuldades matrimoniais, através da menção de cartas de suas leitoras dos EUA. Ela foi a primeira cronista da *Alterosa* dirigida especificamente para o público feminino, embora sua colaboração tenha se limitado aos exemplares de 1940.

O Brasil que, até então, tinha o modelo europeu como referencial de civilização, vivenciou um processo de americanização durante a Era Vargas, especificamente a partir de 1937, que pretendia obter o alinhamento do país ao esforço de guerra dos EUA (TOTA, 2000). Delineou-se, então, um cenário propagandístico que favorecia esse alinhamento e que era composto, principalmente, pelos meios de comunicação de massa, como rádio e cinema, que irradiavam a cultura norte-americana como referência de moderno. A imprensa e a propaganda impressa também foram instrumentos utilizados para, segundo Antônio Pedro Tota, a “divulgação dos princípios do americanismo” (2000, p. 54). Embora o autor mostre exemplos específicos do investimento norte-americano na produção das revistas *Em Guarda* (1941) e *Seleções* (1942), pode-se observar que a atmosfera criada pelo estreitamento das relações entre Brasil e EUA repercutiu de maneira geral na imprensa brasileira, que passou a publicar conteúdo norte-americano de modo a acompanhar a atualidade dos acontecimentos.

Na *Alterosa*, de 1940 a 1943, o material destinado às leitoras era composto por pequenas matérias, algumas colunas de beleza e culinária e notas prescritivas de saúde, comportamento e cuidados estéticos. Ao final de 1942 e durante 1943, várias reportagens sobre a mulher e sua participação no conflito mundial afluíam o debate sobre o papel público feminino. Durante o tempo em que o discurso da revista apresentava as “conquistas da mulher”, o reforço de seu papel central como gestora da família esteve presente. Minha opção em apresentar e discutir os textos de Norris, como fonte de análise da construção do papel social da mulher realizada pela revista, foi definida pelo conjunto de ideias expressas no discurso da cronista que constituiu e representou o material direcionado ao público feminino ao longo do período

“feminista” com valores conservadores (Tradução minha). Disponível em: <<http://www.online-literature.com/kathleen-norris/>>. Acesso em: 10. Dez. 2016.

investigado. A forma “didática” de exposição, que incluía exemplos “reais” de leitoras norte-americanas, criava um elo entre a leitora da *Alterosa* e a célebre escritora. A presença e a opinião de uma mulher, aparentemente bem-sucedida, ligada aos círculos hollywoodianos, garantia a credibilidade do discurso apresentado, que, por sua vez, assumia a função de formação ao mostrar, propagar e reforçar modos de comportamento. Sua participação, de março a dezembro de 1940, resultou em 13 crônicas, sendo que as edições de maio e setembro tiveram mais de um texto da autora publicado. Os textos de Norris estiveram presentes em jornais e revistas brasileiros,¹⁹² neles aparecia o título da obra seguido pelo nome da autora e, às vezes, o nome de uma agência de notícias. Não havia nenhuma indicação do tradutor de seus textos, e sua obra era representada por várias agências de notícias, como a *Panamerican Press*, a *Editors Press Service* e a *The Belt Syndicat Inc*. Considerando que a crônica “Não basta a beleza para assegurar o amor e a felicidade” foi publicada no *Correio Paulistano* em março de 1940 e na *Alterosa* em novembro do mesmo ano, com outro título: “A beleza unicamente não nos assegura o amor e a felicidade”, mas com o mesmo teor, cogita-se que os textos da autora publicados no Brasil faziam parte de um pacote de materiais diversos recebidos por um jornal ou revista pela assinatura dos serviços de uma agência de notícias.

Embora a abordagem da autora retratasse a realidade norte-americana, esta não parecia incompatível com a brasileira, tendo em vista que o discurso universal do ocidente sobre a representação do feminino é fundado no determinismo

¹⁹² Em uma pesquisa realizada na Hemeroteca Digital Brasileira, para o período de 1910 a 1949, foram encontradas 258 ocorrências sobre Kathleen Norris. De notas sobre roteiros para filmes cinematográficos a contos, romances seriados e crônicas, são muitas as publicações em jornais e revistas do país. As principais colaborações foram: “Dedos queimados”, (romance seriado), na *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, ano XLVIII, n. 25, iniciado em 18 de junho de 1949, p. 13 (29 ocorrências); “A borboleta” (novela), na revista *A Cena Muda*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 197, iniciado em janeiro de 1925, p. 8 (18 ocorrências); “Não basta a beleza para assegurar o amor e a felicidade” (crônica), no *Correio Paulistano*, São Paulo, ano LXXXVI, n. 25.765, em 03 de março de 1940, p. 8 (este mesmo texto foi publicado com algumas alterações na revista *Alterosa*, em novembro de 1940, p. 2), tendo o jornal anunciado a colaboração da escritora norte-americana em sua edição de 25 de agosto de 1940 (ano LXXXVI, n. 25. 912, p. 9). Sua colaboração resultou na publicação de crônicas nos meses de março, agosto e dezembro de 1940 e de março a setembro de 1941, aos domingos, totalizando 21 ocorrências. De março a agosto de 1940, seus textos também foram publicados no *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, (15 ocorrências). A linha crescente de ocorrências (1910-1919, 4 ocorrências; 1920-1929, 47 ocorrências; 1930-1939, 78 ocorrências e 1940-1949, 129 ocorrências) demonstra que o período com o maior número de publicações de Norris foi a década de 1940, predominantemente no Rio de Janeiro – DF, pois existiam outros periódicos cariocas nos quais ela foi publicada, como: *Gazeta de Notícias*, *Fon Fon*, *Correio da Manhã*, *Jornal das Moças*, *O Cruzeiro*. A partir do Distrito Federal, irradiou para outros lugares do país, como: *Correio do Paraná*, *Diário de Pernambuco*, *Gran-Fina*, *Bello Horizonte*, *Alterosa*, etc. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>>. Acesso em: 11. Dez. 2016. A atuação de Norris na imprensa brasileira é um tema que planejo investigar em pesquisa futura.

biológico, cujas raízes remontam à filosofia grega. Representações adotadas pelas grandes religiões monoteístas do Ocidente foram reforçadas ao longo do tempo pela política e pela medicina (PERROT, 2003, p. 20-21). Essas representações perpassavam a noção de papel social que, conforme Maria Cristina Costa, pode ser entendido como um “conjunto de normas, direitos, deveres e expectativas que envolvem uma pessoa no desempenho de uma função junto a um grupo ou dentro de uma instituição” (2005, p. 403). Como parte de uma estrutura, o papel social regula as interações sociais de modo a assegurar razoavelmente a organização de uma sociedade (COSTA, 2005). Assim, o “sexo frágil” submetido à autoridade masculina era o elemento essencial para a construção e a manutenção da família, o que estabelecia a ordem “natural” da sociedade. Da tutela do pai para a tutela do marido, a mulher, sob o julgo social, tinha a função de garantir o sucesso do seu matrimônio.

De acordo com Cláudia Maia (2001), a família conjugal, legalmente constituída pelo casamento burguês, estabeleceu-se durante a constituição da República, regime político positivista que percebeu a família “como lugar estratégico para instaurar a ordem e disseminar o progresso” (MAIA, 2001, p. 5). A ordem conjugal definia rigidamente os papéis da mulher e do homem por meio da construção cultural distintiva dos sexos, de modo a ocultar suas relações assimétricas, sendo o gênero “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, [...] é um primeiro modo de dar significação às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). Nessa visão, Joan Scott compreende o poder por meio do conceito de Foucault, “como constelações dispersas de relações desiguais, discursivamente constituídas em ‘campos de força’ sociais” (SCOTT, 1995, p. 86). Portanto, o gênero como primeira manifestação das relações de poder, que se apresentam por meio do discurso, torna-se essencial para a compreensão do modo pelo qual essas relações se expressavam na construção dos papéis sociais de sua época.

O principal papel da mulher era assegurar que a união entre o casal transcorresse os anos sem as “doenças matrimoniais”¹⁹³ que levavam os enlaces à ruína. Segundo afirmava Norris, “baseada em milhares de relatos que recebo de todos

¹⁹³ NORRIS, Kathleen. Conclusão extraordinária sobre a causa mais frequente das desavenças matrimoniais, *Alterosa*, ano II, n. 9, setembro de 1940, p. 14.

os países do mundo e em observações pessoais”,¹⁹⁴ a falta de dinheiro acabava com a paz na relação do casal. Em suas diversas nuances, o fator econômico era preponderante para a felicidade conjugal, direta ou indiretamente, e engendrava tensões as quais cabia a mulher resolver, como a administração da casa:

Como esposas deveríamos ter talento suficiente para perceber que o casamento está doente se o dono da casa vive nervoso e preocupado, está aborrecido por novas despesas e contas que não se pagam, os filhos gastam á vontade e o marido fica alarmado quando a mulher lhe diz que não há dinheiro em casa e que precisam mudar-se.¹⁹⁵

O papel administrativo da mulher envolvia muitos aspectos, além da articulação entre a dinâmica da casa e o orçamento doméstico. Neste gerenciamento, deveria desenvolver habilidades de percepção sobre os membros da família, principalmente o marido, pois, se esse não estava bem, era sinal de que o casamento estava doente. A saúde do casamento estava diretamente ligada à tranquilidade do marido. Quando a administração financeira não se adequava aos ganhos do marido, afirmava Norris, este “nota que sua esposa não lhe tem consideração e não olha para êle com a devida simpatia, deixa de esforçar-se e procura consolar-se, bebendo, jogando e interessando por outra mulher”.¹⁹⁶ O controle do orçamento era visto como contrapartida à manutenção financeira da família que era realizada pelo homem. Era justificável que, ao não cumprir seu papel, a mulher abria a possibilidade do homem não cumprir o seu.

É claro que existiam casos de homens esbanjadores, como Norris relata, mas, ainda assim, o equilíbrio do orçamento familiar ficava a cargo da mulher, que deveria estabelecer as despesas em acordo com o faturamento do marido. Quando se atinge esta estabilidade, “a confiança mútua aumenta, há respeito e simplicidade de ambos os lados”¹⁹⁷ e, “nessa situação de fartura, a mulher sente-se ligada a seu marido por um vínculo importante, o da consciência de que lhe deve uma situação graças a seu trabalho árduo e deve corresponder com parcimônia em seus gastos”.¹⁹⁸

¹⁹⁴ NORRIS, Kathleen. Conclusão extraordinária sobre a causa mais frequente das desavenças matrimoniais, *Alterosa*, ano II, n. 9, setembro de 1940, p. 15.

¹⁹⁵ *Ibidem*, p. 15.

¹⁹⁶ NORRIS, Kathleen. Conclusão extraordinária sobre a causa mais frequente das desavenças matrimoniais, *Alterosa*, ano II, n. 9, setembro de 1940, p. 143

¹⁹⁷ NORRIS, Kathleen. Conclusão extraordinária sobre a causa mais frequente das desavenças matrimoniais, *Alterosa*, ano II, n.9, setembro de 1940, p. 15.

¹⁹⁸ *Ibidem*, p. 15.

A administração financeira do lar evitava desentendimentos e era vista como um elo de confiança na medida em que cada um exercia claramente o seu papel, enquanto o homem trabalhava fora de casa para prover materialmente o lar, a mulher gerenciava a manutenção da família com parcimônia, isto é, com gastos comedidos. A perspectiva da autora sugeria a valorização do trabalho “cansativo” do homem, enquanto o ofício doméstico era naturalizado. O trabalho masculino, geralmente, era entendido dessa maneira. Era o homem quem tinha o desgaste físico e emocional por atuar na esfera pública. A mulher, consciente de que quem lhe proporcionava uma situação financeira confortável era o marido, devia corresponder a esta tutela, incluindo o desenvolvimento de outras habilidades como a percepção de si e dos membros da família. Ela deveria ter ciência da sua responsabilidade pela felicidade e pela durabilidade do seu casamento. Em Belo Horizonte, o curso de economia do lar instituído pela concessionária norte-americana Cia. de Força e Luz de Minas Gerais capacitava “senhoras e senhorinhas” da sociedade mineira para a administração financeira de seus lares (esse assunto será discutido no item 2.3).

Os desquites e as separações não eram facilmente aceitos porque atingiam diretamente os valores da família, nos quais a mulher era o pilar central de toda a estrutura: “deixar que as dificuldades matrimoniais aumentem até que não tenham mais cura do que a separação ou o divórcio, equivale a dizer que o melhor remédio para um doente da garganta é cortá-la”.¹⁹⁹ A mulher era a sustentação do lar e o fracasso do casamento era atribuído a ela, que deveria exercer suas funções corretamente, zelando pela manutenção da relação a qualquer custo:

Os desquites teem escassos elementos de felicidade. E o fracasso em um segundo matrimonio para uma mulher indisciplinada e sem controle, é muito pior do que as desavenças do primeiro. É preferível tentar fazer um completo êxito do primeiro matrimonio qualquer que seja o sacrifício para a mulher.²⁰⁰

Sendo o casamento o “mais delicado dos mecanismos sociais”,²⁰¹ era necessário o aprendizado de regras que regiam não só a instituição matrimonial, mas principalmente o comportamento feminino, o que novamente era permeado pela ideia

¹⁹⁹ NORRIS, Kathleen. Conclusão extraordinária sobre a causa mais frequente das desavenças matrimoniais, *Alterosa*, ano II, n. 9, setembro de 1940, p. 14.

²⁰⁰ NORRIS, Kathleen. Ha mulheres que não encontrariam felicidade em nenhum casamento, *Alterosa*, ano II, n. 9, setembro de 1940, p. 145.

²⁰¹ NORRIS, Kathleen. Ha mulheres que não encontrariam felicidade em nenhum casamento, *Alterosa*, ano II, n. 9, setembro de 1940, p. 136.

de controle. Uma mulher que tivesse se casado duas ou três vezes não tinha aprendido “o modo de tratar-se a si própria, a seu marido e a sua casa”.²⁰² O lar deveria ser harmonioso e, para tal, nas relações conjugais, era imprescindível o autocontrole feminino. As mulheres que não se enquadravam neste papel não tinham aprendido:

[...] a viver razoavelmente como esposas, mas também nunca puderam entender-se com seus pais, irmãos, tios, professores e vizinhos. Elas se casaram muito jovens para saírem de suas casas, e por ocasião desse ato, transferem suas impaciências e críticas do lar e do colégio ao matrimônio.²⁰³

A citação afirma que o temperamento de certas mulheres era a razão de seu “fracasso social” e, ainda, que o casamento era a forma mais comum de saída do lar parental, sugerindo que a mulher não tinha outra alternativa, senão a tutela da família ou do marido. Existia um forte determinismo sobre o lugar da mulher. Seja na família, na escola ou no casamento, as possibilidades de sucesso e fracasso da vida da mulher estavam relacionadas aos homens à sua volta. Caso seu temperamento impaciente e crítico não se adequasse a essas instituições normativas, estava fadada ao fracasso. Para ser bem-sucedida em uma união, ela deveria saber como controlar suas emoções, já que a responsabilidade por este sucesso recaía sobre seu comportamento. Neste cenário, a mulher não era vista como um ser independente, sua submissão a colocava em uma condição social inferior ao homem.

A felicidade conjugal, segundo Norris, era um valor ao alcance da mulher, porém, ele estava submetido ao controle de seu temperamento. Não era “um acidente nem uma descoberta, mas uma questão de causa e efeito”,²⁰⁴ isto é, para ser feliz no casamento eram necessários alguns requisitos. O caminho pelo qual se alcançava a felicidade conjugal era “marcado com ‘carater’, ‘contrôle’, ‘paciência’, e ‘bom humor’”.²⁰⁵ Uma mulher “indisciplinada” não havia “aprendido” a regra essencial de autocontrole e, dentro desta perspectiva, uma mulher saberia se seria boa esposa a partir de sua relação com as figuras masculinas de seu núcleo familiar: “A moça que vae contrair enlace pode saber perfeitamente que classe de esposa será, se analisar

²⁰² NORRIS, Kathleen. Ha mulheres que não encontrariam felicidade em nenhum casamento, *Alterosa*, ano II, n. 9, setembro de 1940, p. 136.

²⁰³ *Ibidem*, p. 136.

²⁰⁴ *Ibidem*, p. 136.

²⁰⁵ *Ibidem*, p. 136.

a maneira que tratou seus pais e irmãos”.²⁰⁶ Todos esses elementos envolviam um conjunto de condutas a ser internalizadas. O discurso da revista voltado para o público feminino concentrava-se na valorização do casamento, apesar de reconhecer que “eram numerosos os casamentos infelizes”.²⁰⁷ Essas concepções acerca do comportamento feminino são recorrentes na publicação e era com indicações prescritivas como essas que se buscava a construção da mulher ideal, a que representaria a família mineira.

Uma enquete realizada em maio de 1940, intitulada “Qual o seu tipo ideal de marido?”,²⁰⁸ apresentava a “mulher mineira de temperamento leal e doce”,²⁰⁹ uma construção a partir da opinião das “lindas e inteligentes leitoras da nossa revista”.²¹⁰ A construção apresentava o temperamento leal e doce da mineira, um comportamento feminino desejável para o cumprimento das funções do matrimônio, reforçando-o na qualificação positiva das leitoras da revista como sendo lindas e inteligentes. Entenda-se que a inteligência naquele contexto correspondia à adesão ao casamento.

Para a revista, as respostas da enquete atestaram o comportamento moral desejado para representar o ideal feminino, estritamente ligado aos valores da família e da felicidade conjugal e, nesse sentido, a lealdade e a doçura eram prerrogativas que tornavam o lar mineiro sólido e feliz. Esta estrutura simbolizaria a grandeza de Minas Gerais:

As respostas, acima, mostram, também, as altas qualidades morais da mulher mineira. Querem todas rapazes com predicados de virtude, talento e energia. Justamente por isso são sólidos, tranquilos e felizes os lares da nossa grande Minas.²¹¹

Quem seguia as normas era considerada uma mulher inteligente, pois, pelo saber adquirido, encontraria alternativas sutis de subversão. A regra essencial era perceber “que o marido ‘ideal’ não existe. Deve-se fazê-lo. Esse ideal consegue-se depois que uma mulher inteligente reforma seu marido com conselhos, insinuações e

²⁰⁶ NORRIS, Kathleen. Ha mulheres que não encontrariam felicidade em nenhum casamento, *Alterosa*, ano II, n. 9, setembro de 1940, p. 145.

²⁰⁷ QUAL SEU TIPO IDEAL DE MARIDO? *Alterosa*, ano II, n. 7, maio de 1940, p. 38.

²⁰⁸ Não há descrição na revista de que modo foi realizada a enquete. Se a pergunta foi feita abordando as leitoras nas ruas ou solicitando o envio por carta das opiniões sobre o tema.

²⁰⁹ QUAL SEU TIPO IDEAL DE MARIDO? *Alterosa*, ano II, n. 7, maio de 1940, p. 38.

²¹⁰ *Ibidem*, p. 38.

²¹¹ *Ibidem*, p. 148.

mimos”.²¹² Sob uma disciplina social, baseada no controle do corpo e de seus atos, que lhe impunha uma relação de docilidade-utilidade (FOUCAULT, 1993), a mulher desenvolveu uma estratégia de ação frente a este poder. Havia um acordo tácito no uso de determinados artifícios para induzir o comportamento masculino, e a inteligente mulher mineira detinha, ou deveria deter, esta habilidade:

E as mineiras não são exigentes. Os predicados que pedem são, de fato, essenciais. Depois do casamento, elas com certeza, lapidarão o diamante bruto, transformando-o em gema preciosa. É a mulher quem faz o marido, dizem os homens experientes. Dêm às mineiras um homem cheio de arestas, que elas com graça, inteligência, ternura e habilidade, farão dele uma joia.²¹³

De acordo com o trecho acima, o marido ideal não existia, precisava ser construído pela mulher. A mineira não era “exigente” porque sabia como realizar esta transformação de “diamante bruto” em “gema preciosa” com graça e ternura, isto é, respeitando a autoridade masculina. Ela ocupava um lugar estratégico de submissão com o objetivo de se casar. Além disso, este era um saber que deveria ser transmitido de mãe para filha e que se constituía como uma forma de poder: “já é hora de as mães compreenderem que é necessário educar, instruir, preparar suas filhas, para que, amanhã, saibam valorizar o poder que a vida lhes deu.”²¹⁴ Esse saber, ao que tudo indica, também era transmitido geracionalmente para o homem, no sentido de deixar-se, até certa medida, ser “cuidado” pela mulher. Assim, esse poder se configurava como relacional, derivado de uma construção que entendia essa estratégia como um atributo feminino, que levava ao êxito do homem, e, por conseguinte, da mulher:

Os homens pensam que são os senhores. Supõem que são eles os que mandam, os que governam, os que dispõem... mas estão enganados. Quem manda, dispõe e governa é a mulher. Por detrás de cada homem triunfante, há sempre uma mulher inteligente.²¹⁵

O texto anterior apresentou como o homem poderia ser lapidado, isto é, aperfeiçoado, havia uma relação de transformação do homem no marido que a mulher desejava. No discurso acima, essa ideia ganhou uma versão aguerrida e a ação feminina se tornou uma forma de controle do homem, uma vez que ele parece um

²¹² NORRIS, Kathleen. Conclusão extraordinária sobre a causa mais frequente das desavenças matrimoniais, *Alterosa*, ano II, n.9, setembro de 1940, p. 14.

²¹³ QUAL SEU TIPO IDEAL DE MARIDO?. *Alterosa*, ano II, n. 7, maio de 1940, p. 39.

²¹⁴ PAZ, Irene. Elas mandam. *Alterosa*, ano III, n. 17, agosto de 1941, p. 27.

²¹⁵ *Ibidem*, p. 27.

fantoches que precisavam ser conduzidos pela mulher para ter êxito na vida. Segundo Irene Paz, quando um homem de bons predicados falhava, sua esposa era a causa imediata do seu fracasso, pois ela não havia ajudado o marido a escolher o melhor caminho. Assim, o homem não era responsabilizado pelo seu próprio “fracasso”, pois, se ele ocorria, era culpa da mulher.

A mulher era responsável pelo sucesso de seu marido e a obtenção deste sucesso significava que ela também seria bem-sucedida, ainda que seu papel consistisse “em ser filha obediente, esposa submissa e boa mãe. O seu destino é infinitamente mais importante. A mulher deve ser guia, controle e inspiradora constante do homem”.²¹⁶ Esta perspectiva revelava que a subserviência seria uma manobra para exercer o que a autora dizia ser o real papel feminino, conduzir o homem ao êxito, este era seu destino, visto que “ninguém poderá negar que a mulher está dotada de maior sutileza, de mais clarividência e de uma perspicácia maior que o homem”.²¹⁷ A fala apresenta um determinismo biológico incontestável. Neste caso, favorável à mulher. Ela sabia o caminho a trilhar em direção ao objetivo, afinal, sua sina era cuidar do homem, em razão de que “todas as etapas da vida do homem estão influídas por uma ação direta feminina. Na infância, a mãe, depois a noiva, mais tarde a esposa. Delas depende o caminho que o homem terá de seguir”,²¹⁸ ou seja, ele não tinha escolha. A mulher sempre esteve lá para ajudá-lo e conduzi-lo adequadamente na vida.

Essas construções de representações femininas retratavam a relação de subjetivação feminina em relação ao homem, pois a obediência e a submissão eram o reconhecimento do homem como autoridade. Apesar do forte apelo na condução da vida do homem, em momento algum, houve a intenção de reivindicar um lugar de igualdade. Um não vivia sem o outro. A interdependência entre homens e mulheres se traduzia em tutelas distintas. A mulher passava a vida sob a tutela moral, legal e financeira do homem, enquanto ele, para obter êxito social, precisava ser conduzido por ela (discussão que será retomada no capítulo 3). Este pensamento determinava uma forte ação feminina na vida do homem, embora a mulher sempre figurasse à sombra dele:

²¹⁶ PAZ, Irene. *Elas mandam*, Alterosa, ano III, n. 17, agosto de 1941, p. 132.

²¹⁷ *Ibidem*, p. 132.

²¹⁸ *Ibidem*, p. 27.

Deixemos aos homens o governar, mas sejamos o contrôlo do seu governo. Deixemos aos homens mandar, mas sejamos as inspiradoras de suas ordens. Aceitemo-los como senhores, mas ditemos, ainda que não o percebam, as suas ordens, para que sejam sempre justas, prudentes e equitativas.²¹⁹

2.2 A aparência e o cultivo do espírito

Os cuidados com o marido e o lar também requeriam da mulher a observância de si mesma. A publicidade e a propaganda da indústria da beleza afirmavam que a aparência era primordial para a atração do homem, “não resta a menor duvida que a aparência é uma grande coisa nestes tempos de institutos de beleza e de paginas de anuncios de cosmeticos nas revistas”.²²⁰ De acordo com Berger (1999), a representação do papel social feminino ideal figura desde a pintura renascentista ocidental e, na era moderna, foi propagada pelas fotografias dos anúncios publicitários, indicando à mulher o que pode ou não fazer. O comportamento feminino está vinculado ao modo pelo qual a mulher aparece para as outras pessoas. Isso significa que o cuidar-se para si tem um sentido maior, o de cuidar-se para o outro, ser “objeto de uma vista”. Diferentemente do homem que atua, a mulher aparece, e esse modo de aparecer deve ser apreciado.

Norris dizia que deixar-se levar pela “religião” da aparência era o maior erro que uma mulher casada poderia cometer, “tudo isso pode ser simplesmente divertido mas, não traz felicidade”.²²¹ Era preciso ter em mente a simplicidade e a cautela com os “excessos de vaidade”, isto é, conter o desejo de ser admirada pelos outros. Berger (1999) afirma que o comportamento feminino deve ser apreciado, pois disso depende a guarda do homem. A voz e o gosto, gestos e opiniões se manifestam e contribuem para definir a presença da mulher. Em vista disto, ela vive em vigília, sempre acompanhada pela imagem de si mesma. Norris reiterava, porém, que o excesso de vaidade poderia ser visto como distração e exibicionismo, o que poderia contrariar o marido, “porque se há alguma coisa que esmoreça o amor e afaste o marido, é a ideia de sua mulher não só está completamente absorvida por si propria como também se pinta para atrair outros homens”.²²²

²¹⁹ PAZ, Irene. *Elas mandam*, Alterosa, ano III, n. 17, agosto de 1941, p. 132.

²²⁰ NORRIS, Kathleen. *A beleza unicamente não nos assegura o Amor e a Felicidade*, Alterosa, ano II, n. 10, novembro de 1940, p. 2.

²²¹ *Ibidem*, p. 2.

²²² *Ibidem*, p. 2.

A beleza, um valor clássico atribuído ao sexo feminino, era vista como o seu maior atrativo, segundo Del Priori, “a mulher sempre quis ser ou fazer-se bela” (2000, p. 29). No período colonial brasileiro, a Igreja não permitiu esse investimento, embora a cultura, ao longo do tempo, tenha incentivado na transformação e na exibição do corpo feminino pelo uso de produtos de beleza e pelos imperativos da moda. Lembrando que não podia exagerar na ênfase de seus atributos, pois isso era característico de cortesãs ou prostitutas (DEL PRIORI, 2000, p. 29-60). Nesse caso, a infidelidade feminina foi sugerida, mas não comentada.²²³ A ideia da mulher se pintar para atrair outros homens sugeria preocupação com a infidelidade feminina. A vaidade deveria ser comedida, os cuidados estéticos eram desejáveis desde que direcionados para a família e a sociedade.

Norris apontava que o maior problema de uma mulher vaidosa seria desequilibrar o seu lar, já que as tarefas domésticas passariam para segundo plano: “Não ha mulher que possa empregar cinco horas diarias em embelezar-se e ainda ter tempo para rir, caminhar, cosinhar, cuidar dos filhos, dirigir sua casa, fazer camas e tratar das flores e plantas.”²²⁴ Essa concepção reforçava o papel feminino de gerenciamento da família, cuidando do marido, dos filhos e da casa. Não era proibido o cuidado de si, mas ele não deveria ser prioritário, tampouco essencial: “um pouco de desalinho caseiro, combinado com uma coisa altamente espiritual, originalidade, inteligência e conversa interessante são ainda os dons que tornam uma mulher simpatica e atraente.”²²⁵ Assim, segundo a autora, ao invés de dedicar horas se embelezando, ela deveria dedicar “uma hora por dia” à literatura e artes, idiomas e obrigações sociais, para ter um “lugar de respeito”. Ao apresentar outras maneiras de conservar o interesse do marido, Norris indicava que atributos como a inteligência e a cultura seriam de grande valor para a mulher quando esta envelhecesse, pois “só assim se faz uma inversão que rende frutos magníficos quando chega a epoca em que se torna dificil reter a beleza fisica”.²²⁶ Essa era a forma de continuar atraente aos olhos do marido, dado que a beleza, sob esse ponto de vista, era sinônimo de juventude. Também sob essa visão comum, no climatério, período de perda da

²²³ A sexualidade não era comentada diretamente, em grande parte dos textos da revista, exceto em questões relacionadas à ordem reprodutiva.

²²⁴ NORRIS, Kathleen. A beleza unicamente não nos assegura o Amor e a Felicidade, *Alterosa*, ano II, n. 10, novembro de 1940, p. 2.

²²⁵ *Ibidem*, p. 2.

²²⁶ *Ibidem*, p. 3.

capacidade reprodutiva feminina, a mulher é vista como velha, perdendo, conseqüentemente, o atributo da sedução (PERROT, 2003). São os silêncios que envolvem o feminino que pesam “primeiramente sobre o corpo, assimilado à função anônima e impessoal da reprodução” (PERROT, 2003, p. 13). O cultivo da inteligência, nesse caso, envolvia a aquisição de conhecimentos culturais mundanos, diferente da ideia de inteligência discutida anteriormente. Aquela visava a aquisição de um saber cultural baseado na transmissão geracional para o direcionamento do homem e esta visava conhecimentos gerais, era ilustrativa, embora ambas tivessem a finalidade de tornar a mulher atraente ao olhar do outro.

O comedimento ou o controle de si se expressava na figura da dama, que tinha “instinctos e desejo de alcançar a perfeita feminidade”.²²⁷ Norris afirmava que nem a mulher abastada nem a modesta, mesmo sendo boa esposa e mãe de família, se tornariam damas por causa desses atributos, embora quem tivesse recursos materiais disponíveis levasse alguma vantagem. De acordo com isso, a dama teria, então, um impulso natural que, mesclado à sua vontade, permitiria que se tornasse uma mulher impecável, sugerindo a preexistência de uma essência em certas mulheres.

A dama era um símbolo distintivo feminino que combinava instrução, polidez, personalidade e autocontrole: “a palavra ‘dama’, ainda que não possamos precisar deveres, é uma dama, e significa certa proporção de educação e maneiras com uma forte dose de caráter e controle de si própria”.²²⁸ Em princípio, não se definia uma dama nem suas obrigações, posto que sua maneira de agir era vista como instintiva e era uma distinção almejada, como pode ser percebido na pergunta de uma leitora de Norris que havia ascendido socialmente: “Como posso elevar-me a categoria dessas mulheres que sabem por instinto o que devem dizer e fazer e apresentarem-se sempre correctamente vestidas?”.²²⁹ Por outro lado, a questão indicava que a dama era uma construção social distintiva de classe, e não era exatamente o instinto que fazia a diferença, e sim, o aprendizado de regras de conduta em conjunto com a aquisição de bens simbólicos e materiais.

²²⁷ NORRIS, Kathleen. Qual a diferença entre uma mulher e uma senhora? *Alterosa*, ano II, n. 6, março de 1940, p. 22.

²²⁸ *Ibidem*, p. 22.

²²⁹ *Ibidem*, p. 22.

Para tornar-se uma dama, segundo os critérios de Norris, era necessário a adoção de certos comportamentos e atitudes. Ter um bom vocabulário e saber como expressar suas ideias, pensando sobre o que e como dizer, num tom adequado, sem falar demais. Era desejável, ao menos, pronunciar adequadamente as palavras usuais de origem francesa incorporadas à nossa língua,²³⁰ uma vez que, naquele momento, o modelo francês era o paradigma cultural remanescente no Brasil.²³¹ Os vestidos deveriam ser adquiridos nas casas de moda por sugestão dos modistas.²³² Também era importante se informar sobre os principais acontecimentos na política e nas artes, e isso já seria o suficiente, pois o nível das informações de todas as outras damas era superficial. O que sugeria que a mulher não deveria ficar alheia ao que acontecia na sociedade, mas não detinha a mesma expressão opinativa dos homens. Ser discreta, amável, bondosa e tolerante com todos, enfim, era o que resumia em ter “caráter” e ser “distinta”.²³³ Todos esses eram elementos que valorizavam a docilidade feminina que estava fundada na ideia de controle de si. Nesse sentido, a dama era uma aparência, uma mulher acompanhada pela imagem de si.

Tanto a imagem de si como a imagem das outras sempre acompanham uma mulher. A beleza como faculdade naturalizada do feminino impunha uma grande competitividade no jogo social, segundo Norris, o ciúme era “um mal que é mais comum do que imagina”.²³⁴ A autora relatava que vários eram os motivos de inveja social. É claro que o padrão de beleza e os ideais de vida valorizados e divulgados nas revistas ilustradas não correspondiam, de fato, com a realidade social de muitas mulheres. Porém, esses modelos avivavam esse sentimento de competição, que não era bem-visto socialmente, porque estava vinculado, novamente, ao controle das emoções. Uma das leitoras de Norris que sofria com essa situação definiu o ciúme

²³⁰ O aconselhamento era dirigido à jovem norte-americana que enviou a carta a Norris. Porém, igualmente como relatado pela cronista, no Brasil também incorporamos palavras de origem francesa à língua portuguesa.

²³¹ “Após um longo percurso de consolidação que se iniciou no Século XVI, a língua francesa se constituiu no Séc. XVIII como a língua das elites europeias. Foi nos salões em que as elites financeiras e intelectuais francesas se encontravam que a língua francesa passou a ser referência para todo o continente europeu” (GIRAUD, 2012, p. 78). Gradualmente, a França tornou-se o modelo cultural ocidental, que vai perdendo sua força, mediante a ascensão do modelo norte-americano, a partir da Segunda Guerra Mundial, conforme discutido no item 2.1.

²³² NORRIS, Kathleen. Qual a diferença entre uma mulher e uma senhora? *Alterosa*, ano II, n.6, março de 1940, p. 22.

²³³ NORRIS, Kathleen. Qual a diferença entre uma mulher e uma senhora? *Alterosa*, ano II, n.6, março de 1940, p. 95.

²³⁴ NORRIS, Kathleen. Não esqueçam que os ciúmes são curáveis, *Alterosa*, ano II, n. 11, dezembro de 1940, p. 150.

como o “pensamento do que outras mulheres têm ou fazem”.²³⁵ Norris afirmava que a maior consequência dos ciúmes para as mulheres casadas era o desequilíbrio do lar, pois “uma mulher ciumenta é uma mãe distraída e nervosa, uma péssima dona de casa que anda mal vestida e despenteada. Sua conversação é repleta de apreensões e medos, e sonhos malevolos perturbam seu repouso”.²³⁶ A sentença mostrava que a ciumenta tinha seu foco desviado das tarefas com sua família e com sua própria aparência. Vivía a vida de outra pessoa e, dessa forma, não era possível alcançar a felicidade conjugal. Para isso, deveria voltar sua mente para seu lar. Nada podia desviar a atenção da mulher de seu principal papel, o cuidado com a família.

Acompanhando o pensamento de Michelle Perrot (2003, p. 13-22), compreende-se que é por meio da educação que se forma bons hábitos e se produzem boas esposas, mães e donas de casa. De acordo com essa autora, trata-se de uma construção sociocultural da feminilidade, anteriormente analisada por Simone de Beauvoir (*O segundo sexo*, 1949). Fundada na diferença entre os sexos, ela engendra elementos como a contenção, a discricção, a doçura, a passividade, a submissão, o pudor e o silêncio. Perrot distingue educação de instrução, a primeira seria a formação de hábitos, a outra, acesso ao saber. É essa concepção de educação que, a meu ver, auxilia a discussão sobre as relações de gênero. Nesse sentido, pode-se dizer que a educação se dá via controle corporal, a partir do momento em que, tanto os discursos científicos como políticos atuam diretamente sobre o corpo.

A mulher, durante muito tempo, teve seu direito à instrução cerceado, por ser vista, exclusivamente, por sua função reprodutiva. O cenário de conflito mundial acenava as mudanças socioculturais que ampliaram gradualmente a atuação feminina na esfera pública. Corroborando essa observação, em novembro de 1943,²³⁷ ano em que a mulher ganhou destaque em várias edições da revista, a *Alterosa* publicou uma reportagem sobre o crescimento da inserção feminina no ensino superior. O início do texto dizia que esta situação estava ocorrendo em todos os países, e a mulher brasileira que “até há pouco tempo, não passava de escrava das convenções sociais”,²³⁸ e estava sujeita aos afazeres domésticos, fazia parte desse processo: “a

²³⁵ NORRIS, Kathleen. Não esqueçam que os ciúmes são curáveis, *Alterosa*, ano II, n. 11, dezembro de 1940, p. 150.

²³⁶ NORRIS, Kathleen. Não esqueçam que os ciúmes são curáveis, *Alterosa*, ano II, n. 11, dezembro de 1940, p. 9.

²³⁷ A MULHER MINEIRA INVADE A UNIVERSIDADE. *Alterosa*, ano V, n. 43, novembro de 1943, p. 90.

²³⁸ *Ibidem*, p. 90.

educação feminina não permitia que a mulher desenvolvesse e apurasse a inteligência. A mulher culta era uma exceção”.²³⁹ Essa ideia de educação feminina está ligada ao que já foi apresentado anteriormente, indicando que o acesso à instrução era restrito e considerado como um desvio do papel social feminino.

De acordo com dados do IBGE,²⁴⁰ de 1919 a 1944, os diplomas de ensino superior registrados no país totalizavam 5.909 unidades. Desses, 5.073 foram conferidos a homens e apenas 836 a mulheres. Neste cenário, elas correspondiam a aproximadamente 16% do total de diplomados. A maioria desses diplomas foi registrada a partir de 1940. De 1919 a 1939, o registro limitou-se a 605 diplomas, sendo os demais, 5.304 diplomas, registrados no período de 1940 a 1944, correspondendo ao aumento de unidades de instituição de ensino no país, de 217, em 1937, para 326 em 1944. Em Minas Gerais, de 1919 a 1944, foram registrados 538 diplomas. Na capital mineira, em 1940, existiam 10 instituições de ensino superior, número que mais do que dobrou em 1943, com 23 unidades. O aumento do número de instituições de ensino superior apontava para a potencialidade de crescimento da capital, que estava em processo de modernização e necessitava formar profissionais para o mercado.

A matéria publicada pela revista assinala ainda o caminho feminino com o acesso ao ensino superior: “hoje, as mulheres já competem com os homens em quase todos os ramos do trabalho”.²⁴¹ Além de estabelecer uma relação direta entre instrução feminina e mercado de trabalho, a afirmação sugeria que o trabalho feminino já tinha conquistado determinado espaço social, sendo a instrução superior, em vias de conquista, um passo nesse sentido. O texto chama atenção para as “vantagens” femininas no desempenho de alguns trabalhos, em razão de características sexuais distintivas, tais como “paciência, cuidado, meticulosidade e habilidade”.²⁴² Elementos que engendraram a ideia de cuidado com o outro foram transpostos para o espaço público e justificados por meio do progresso material no exercício de alguns trabalhos: “é assim que as vemos, com real proveito para o progresso, nas fábricas, nos escritórios, no comércio, na administração pública, nos jornais e nas universidades”,²⁴³

²³⁹ A MULHER MINEIRA INVADE A UNIVERSIDADE. *Alterosa*, ano V, n. 43, novembro de 1943, p. 90.

²⁴⁰ Disponível em: <<http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/educacao.html>>. Acesso em 10. Abr. 2017.

²⁴¹ A MULHER MINEIRA INVADE A UNIVERSIDADE. *Alterosa*, ano V, n. 43, novembro de 1943, p. 90.

²⁴² *Ibidem*, p. 90.

²⁴³ *Ibidem*, p. 90.

reforçando, assim, a dicotomia entre os sexos e não valorizando a mudança social sob uma perspectiva isonômica.

A matéria relatou nominalmente as alunas que estavam cursando a Universidade de Minas Gerais e a Faculdade de Filosofia,²⁴⁴ uma instituição privada na qual, segundo a revista, as mulheres predominavam. Os números apresentados pela publicação indicavam que o curso com maior frequência da Universidade de Minas Gerais era o de Odontologia e Farmácia, com mais de 130 inscritas entre as diplomadas e as graduandas; seguido por 54, no curso de Direito, e o curso de menor inscrição era o de Engenharia, com 17 alunas. Já a Faculdade de Filosofia, com 61 inscritas, oferecia diversos cursos como Letras, Geografia, História, Pedagogia e Matemática, e as inscrições não foram discriminadas por curso.

Antes da mostra dos cursos e da relação nominal das alunas, o texto enfatizou o desejo de “fixar este aspecto interessante e sintomático da vida mineira”,²⁴⁵ apresentando o papel da mineira, naquele ambiente, visto como “considerável e brilhante”, ou seja, no ensejo de acompanhar o que ocorria na sociedade, a revista não podia ignorar o aumento de entrada das mulheres no ensino superior. Para afirmar essa imagem positiva, a matéria apresentava uma estimativa: “se em menos de 25 anos, passaram pelo banco acadêmico perto de 400 mulheres, incluindo 132 que estudam presentemente, é evidente a superioridade numérica da invasão feminina no estudo superior, nestes últimos 3 anos”.²⁴⁶ Essas informações não condizem com os dados apresentados anteriormente, porque dizem respeito a inscrições, não estritamente a registros de diplomas, que certificavam a conclusão de curso e o registro profissional.

O discurso da *Alterosa* sobre os avanços femininos é ambíguo. Acredito que seja uma característica das próprias transformações sociais que levam um determinado tempo para que sejam efetivamente absorvidas pela sociedade, quando são. Ao longo da publicação, é notável o discurso hegemônico caracteristicamente

²⁴⁴ A Faculdade de Filosofia de Minas Gerais (FAFI-MG) foi fundada em 21 de abril de 1939. Iniciativa de um grupo de intelectuais, em grande parte vinculados ao Colégio Marconi de Belo Horizonte, tinha o objetivo de formar professores na capital mineira, pois os cursos até então existentes estavam voltados para a formação engenheiros, médicos, dentistas, farmacêuticos e advogados. Em 1948, foi integrada a Universidade de Minas Gerais, instituição pública estadual que, em 1949, foi federalizada, tornando-se posteriormente a UFMG. A primeira turma diplomada em 1943, teve entre suas alunas a poetisa Laís Corrêa de Araújo (1928-2006), cujo obra inicia a introdução da tese. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/site/pt-BR/institucional/historico>>. Acesso em: 13. Abr. 2017.

²⁴⁵ A MULHER MINEIRA INVADE A UNIVERSIDADE. *Alterosa*, ano V, n. 43, novembro de 1943, p. 91.

²⁴⁶ *Ibidem*, p.91.

conservador, o que não excluía textos progressistas, que estiveram presentes minoritariamente, e, ainda assim, com alguns elementos conservadores. Nesse sentido, é significativo o uso de termos como “invasão” e “sintomático” para se referir à inserção das mulheres nesses espaços, podendo-se interpretar que o ingresso feminino nas universidades era um movimento crescente, potencialmente visto como a tomada de um lugar até então negado à mulher, e, por isso, merecedor de atenção, por ter se tornado um “sintoma”. Este avanço feminino, apesar de ter sido celebrado em nome do “progresso”, por sua vez, poderia colocar em risco o maior valor defendido pela revista, a família.

2.3 O trabalho assalariado e o problema doméstico

Norris apresentava o trabalho feminino como o tema controverso dos anos 1940. Nas mais diversas situações, era preferível que a mulher ocupasse o seu lugar na esfera doméstica. O próprio título da crônica que será analisada aqui, “O problema doméstico quando a mulher trabalha fora de casa”,²⁴⁷ já caracterizava o trabalho feminino fora de casa como um “problema doméstico”. Segundo Maria Izilda Matos, “qualquer outra atividade feminina que não fosse a de mãe e esposa, realizada no aconchego do lar, passou a ser entendida como subordinada, acessória e desviante” (2003, p. 112). Com o entendimento de que a mulher era a única responsável pela estruturação do lar, sua ausência, mínima que fosse, arriscaria a organização familiar. A cronista sugeria que, em casos de necessidades financeiras ou de acidentes nos quais o marido estava impedido de trabalhar, era aceitável que a mulher trabalhasse fora de casa. Apesar do debate sobre o assunto apontar uma abertura para que a mulher tivesse escolha de trabalhar ou não, esta opção estava circunscrita por valores morais:

As mulheres são sêres humanos, e sejam casadas, solteiras, viúvas ou divorciadas, devem ter a mesma liberdade de escolher seu meio de vida como os homens. Uma mulher inteligente fará uma escolha apropriada, uma tola cometerá erros, e uma egoísta fará o que lhe parecer mais agradável no momento de resolver; sem pensar em mais ninguém do que nela.²⁴⁸

²⁴⁷ NORRIS, Kathleen. O PROBLEMA DOMESTICO QUANDO A MULHER TRABALHA FORA DE CASA. *Alterosa*, ano II, n. 6, março de 1940, p. 13.

²⁴⁸ *Ibidem*, p. 13.

Nitidamente, essa escolha não era autônoma, pois, segundo o trecho citado, somente a mulher inteligente faria a escolha correta. No universo dos valores que regiam as representações femininas, a esposa deveria conjugar o trabalho com o lar, por isso, a escolha apropriada (“inteligente”) seria um trabalho que não interferisse no seu dever de cuidar da família e da casa. A tola cometeria erros por não conseguir seguir esses preceitos e a egoísta não levaria nada em consideração, a não ser o seu próprio desejo. Esta última, provavelmente, seria classificada como indisciplinada, isto é, sem autocontrole. A diferenciação entre as mulheres denotava que elas eram classificadas de acordo com o seu tipo de comportamento, ficando aparente que suas essências eram imutáveis. Uma mulher inteligente não cometeria tolices, enquanto a tola nunca chegaria a ter inteligência e a egoísta, apesar de não ser tola, não poderia ser inteligente por pensar somente nela. Logo, uma esposa poderia trabalhar, mas não negligenciar seu casamento, “uma mulher por ser casada não deve renunciar ao seu trabalho fora de casa, desde o momento que faça também o seu serviço doméstico”.²⁴⁹ Porém, existiam casos nos quais o homem deveria “ajudar” a mulher, mas não assumir o cuidado com a casa. Quando ela era o amparo financeiro, “os trabalhos domésticos devem ser divididos entre os esposos... não há maior tolice do que essa de pensar que os trabalhos domésticos não devem ser feitos pelos homens”.²⁵⁰ Nesta situação, quando os papéis sobre a provisão da casa estavam invertidos, era aceitável que o homem ajudasse nos afazeres domésticos, ainda que essa ideia sofresse algum tipo de resistência. O ideal era que a mulher cuidasse da casa, pois esse seria seu principal ofício.

Em Belo Horizonte, o Curso de Economia no Lar,²⁵¹ promovido pela Cia. Força e Luz de Minas Gerais,²⁵² sinalizava nessa direção, da profissionalização feminina como "do lar", tal qual matéria publicada sobre o assunto. A diplomação de “senhoras e senhorinhas” era “mais uma das tradicionais festas a que a sociedade belo-horizontina se acostumou a assistir com prazer”.²⁵³ Diplomar as mulheres era

²⁴⁹ NORRIS, Kathleen. O PROBLEMA DOMESTICO QUANDO A MULHER TRABALHA FORA DE CASA. Alterosa, ano II, n. 6, março de 1940, p. 13.

²⁵⁰ Ibidem, p. 13.

²⁵¹ DIPLOMADA MAIS UMA TURMA DO “CURSO DE ECONOMIA NO LAR”. Alterosa, ano IV, n. 30, outubro de 1942, p. 67.

²⁵² “No final da década de 1920, a exemplo do que ocorreu em outros estados da federação, o grupo norte-americano American and Foreign Power Company (Amforp) ingressou no setor de energia elétrica mineiro, obtendo a concessão dos serviços de eletricidade de Belo Horizonte e Santa Bárbara, por intermédio da Companhia Força e Luz de Minas Gerais (CFLMG)” (CACHAPUZ, 2006, p. 17).

²⁵³ DIPLOMADA MAIS UMA TURMA DO “CURSO DE ECONOMIA NO LAR”. Alterosa, ano IV, n. 30, outubro de 1942, p. 67.

lhes conferir legitimidade para o exercício desse ofício e o reconhecimento de que ele era essencialmente feminino. O certificado era uma forma de valorizar o curso, tal qual um documento de qualificação para o gerenciamento do lar e da família, destinado “a enriquecer as prendas, os conhecimentos domésticos das donas de casa de nossos lares”,²⁵⁴ afirmando o lugar da mulher na esfera doméstica. Segundo dados do IBGE,²⁵⁵ em Minas Gerais, em 1940, existiam 40 instituições de ensino doméstico, sendo 7 deles em Belo Horizonte. O número de instituições diminuiu a partir de 1942, com a inserção do curso no ensino formal (OLIVEIRA, 2006). Não foi possível averiguar qual a data de surgimento do curso,²⁵⁶ mas o texto da revista demonstrava que ele era ministrado já há algum tempo,²⁵⁷ pois se tornara um evento tradicional na cidade.

Em grande medida, o trabalho feminino fora do âmbito familiar era aceito quando estava vinculado à necessidade de obter recursos materiais para sustento próprio. A matéria “As ‘vendeuses’ animando e dando vida ao Comercio da capital”²⁵⁸ apresentava o trabalho temporário de mulheres que precisavam se sustentar ou complementar a renda familiar. O título, juntamente ao papel social sugerido pela revista, de que elas desempenhavam um “papel saliente na cidade”, mostrava que o trabalho não era o ponto central do texto, na medida em que foi enfatizada a graça proporcionada pela presença das vendedoras nas casas comerciais da capital. O texto apresentava o trabalho das ‘vendeuses’ como uma diversão, em uma cidade nova, de poucos divertimentos, e que por isso, não ocasionava “gastos dispendiosos, para que os que não contam na bolsa sinão o necessário para o útil e indispensável”.²⁵⁹ O trabalho entendido como diversão se aproximava da ideia de desvalorização do trabalho feminino, nesse caso, ele seria um estágio intermediário da saída do lar familiar para o matrimônio. Entre os *footings*, cinema e bailes em suas respectivas

²⁵⁴ DIPLOMADA MAIS UMA TURMA DO “CURSO DE ECONOMIA NO LAR”. Alterosa, ano IV, n. 30, outubro de 1942, p. 67.

²⁵⁵ Disponível em: <<http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/educacao.html>>. Acesso em 10. Abr. 2017.

²⁵⁶ Oliveira (2006, p. 78-80) relata que existiam cursos de economia doméstica no país desde 1909. A Lei Orgânica do Ensino Secundário de 1942 incluiu o ensino de Economia Doméstica em todas as séries dos cursos ginásial, clássico e científico. Essa discussão pode ser vista em detalhes no artigo da autora citada.

²⁵⁷ Em matéria anterior, o título já sugeria a existência do curso. NOVA TURMA DE ECONOMIA DO LAR, DA CIA FORÇA E LUZ. Alterosa, ano V, n. 40, agosto de 1943, p. 47.

²⁵⁸ AS “VENDEUSES” ANIMANDO E DANDO VIDA AO COMERCIO DA CAPITAL. Alterosa, ano III, n. 20, novembro de 1941, p. 38.

²⁵⁹ AS “VENDEUSES” ANIMANDO E DANDO VIDA AO COMERCIO DA CAPITAL. Alterosa, ano III, n. 20, novembro de 1941, p. 39.

associações, “As ‘vendeuses’ vão vivendo sem outros embaraços ou tropeços, até que um dia, se tornam, quando menos esperam, em felizes e virtuosas donas de casa, para os misterios de uma vida diferente”.²⁶⁰ Ainda que a felicidade conjugal se expressasse como o ideal feminino, parecia importante salientar a condição social dessas moças que viviam “dentro do círculo relativo dos seus limites. Se dentro dele não cabem o fausto e o luxo, ali, encontram, muitas vezes o consolo do sonho que construíram”.²⁶¹ A ênfase dada ao lugar social que ocupavam justificava a necessidade de trabalharem.

No caso da camada social menos abastada e sem nenhum grau de instrução, o trabalho doméstico era meio de sobrevivência. Em dezembro de 1942, as Irmãs de Maria Imaculada fundaram um instituto para formação de empregadas domésticas na capital. As meninas desamparadas de 8 a 15 anos recebiam das religiosas “educação integral sob o ponto de vista social, como também pelo aspecto profissional”.²⁶² De acordo com o texto “Dádiva do céu para os lares mineiros”, publicado na *Alterosa*, existiam sete casas deste gênero no Brasil que contavam com a ajuda financeira da sociedade; duas em São Paulo, uma em Santos, três no Rio de Janeiro, e essa em Belo Horizonte. Assim era descrito o trabalho desenvolvido pelas irmãs:

Entre outras preocupações de ordem religiosa e moral a benemérita congregação visa educar gratuitamente meninas e moças pobres para os serviços domésticos ao lado de um rudimentar ensino das letras essenciais e das coisas que se aprendem na escola primária quando criança.²⁶³

A referida educação, dita “integral e gratuita”, limitava-se à profissionalização para o desempenho dos afazeres domésticos, incluindo o básico da alfabetização para estabelecer o mínimo de comunicação entre as moças e seus empregadores e ajudar no desempenho da função. Era uma relação de interesses que “amparava” as jovens pobres, sob o pretexto de uma preocupação religiosa e moral, na qual a congregação religiosa, apoiada financeiramente pela sociedade,

²⁶⁰ AS “VENDEUSES” ANIMANDO E DANDO VIDA AO COMERCIO DA CAPITAL. *Alterosa*, ano III, n. 20, novembro de 1941, p. 39.

²⁶¹ *Ibidem*, p. 103.

²⁶² TAVARES, Marcelo C. DADIVA DO CEU PARA OS LARES MINEIROS. *Alterosa*, ano IV, n. 32, dezembro de 1942, p. 25.

²⁶³ *Ibidem*, p. 106.

supria uma carência dos lares mineiros abastados, remediando, conforme o texto, um “grave problema doméstico”.

A matéria relatava ainda que muitas famílias locais procuravam resolver a questão trazendo meninas do interior para o trabalho doméstico, porém, quando elas chegavam e faziam amizade com as “velhas domésticas”, adquiriam “péssimos hábitos”. Começavam com “malcreações à patroa”, depois eram as fugas para o cinema, o namoro com tipo suspeito, até chegar as noites dançantes, “no ‘Clube das Melindrosas’, lá no Barro Preto”,²⁶⁴ região boêmia da capital naquele período. O instituto, então, surgiu para realizar “uma verdadeira educação moral” das moças, para que se comportassem da forma desejada e necessária para cumprir a função doméstica nos lares mineiros. Independente da classe social, o comportamento feminino exigido era o mesmo, comedimento e docilidade, alcançados por meio do disciplinamento. Para ingressar no instituto era indispensável uma boa conduta, atestado de saúde e certidão de batismo. As moças que não se adequassem ao papel que deveriam desempenhar na sociedade poderiam regressar para a congregação. O acolhimento na instituição era “gratuito”, mas, para que a obra das irmãs vingasse e solucionasse o “problema doméstico” da capital, o texto apelava para o apoio financeiro das senhoras mineiras que viviam “para o lar, para a felicidade da família”.²⁶⁵

Apesar das nuances que provavelmente existiam, o discurso encontrado na revista sobre o trabalho feminino apresentou três vias: a mulher sem recursos materiais, a mulher que detinha recursos limitados e a mulher abastada. A primeira, necessitava do trabalho para sobrevivência; a segunda, trabalhava até encontrar o amparo financeiro na tutela do marido, e a terceira, não necessitava do trabalho para se sustentar, pois vivia financeiramente sob a guarda do homem e, como explicitado aqui, podia contar com o auxílio de uma funcionária nos afazeres do lar. As duas últimas, ainda que sob a pressão do julgo social centrado nos valores da família, que limitavam o papel feminino ao cuidado do lar, tinham possibilidade de escolher o seu trabalho. A gradativa mudança na perspectiva da atuação da mulher na esfera pública foi iniciada pela extensão do cuidado a outras famílias através da caridade, das

²⁶⁴ TAVARES, Marcelo C. DADIVA DO CEU PARA OS LARES MINEIROS. *Alterosa*, ano IV, n. 32, dezembro de 1942, p.106.

²⁶⁵ *Ibidem*, p. 106.

profissões de enfermeira e professora e também, posteriormente, ao exercício de outros papéis destinados ao homem.

O desenvolvimento da noção de caridade na esfera do poder público, segundo a matéria “O cérebro que pensa e o coração que sente”,²⁶⁶ decorreu de uma mudança nos costumes das esposas dos administradores públicos brasileiros. O texto dizia que, antes de 1930, as damas ilustres figuravam nos cerimoniais dos palácios governamentais, alheias à administração e aos problemas do país, voltavam-se para o lar e a educação dos filhos. Sugeriu, ainda, que essa “moda” vinha dos EUA, onde a Senhora Roosevelt, “dama de predicados excepcionais”, era o braço forte do presidente, pois falava à imprensa, orientando e esclarecendo “com a inteligência e a doçura que as mulheres sabem emprestar às suas decisões”.²⁶⁷ O trecho indicava que a inteligência feminina estava ligada à emoção, como pode ser percebido no próprio título da matéria. No sentido de que, não se apresentava como uma inteligência racional, estritamente, estava conjugada com a capacidade da mulher em cuidar do outro.

O texto prossegue exaltando os feitos das senhoras Getúlio Vargas, Ademar de Barros e Benedito Valadares em favor dos humildes e desamparados, destacando as obras de D. Eleonora de Barros, procurando “fixar o Brasil moderno, [...] salientando a obra da mulher brasileira na reconstrução nacional”.²⁶⁸ Naquele período, o país vivia o impacto da crise de 1929 que afetou a economia brasileira, dependente da exportação de café. As mulheres que não precisavam assegurar seu sustento nem de sua família e que, via de regra, tinham “auxiliares domésticas”, podiam estender seus cuidados aos necessitados, o que passou a ser muito bem-visto pela sociedade, devido ao contexto econômico e social do país. Cenário iniciado pelas esposas dos administradores públicos que se tornaram “modelos das virtudes humanas”. Essas damas, como o texto as definia, fundaram asilos, orfanatos e casas de caridade. Relembrando que a dama, segundo Norris, além de representar o ideal da perfeita feminilidade, era um símbolo de distinção entre as mulheres.

A caridade, vista como um ofício feminino, fortaleceu-se no esforço de guerra brasileiro e a mineira, com recursos materiais, não faltou ao desempenho de

²⁶⁶ O CEREBRO QUE PENSA E O CORAÇÃO QUE SENTE. Alterosa, ano II, n. 11, dezembro de 1940, p. 57.

²⁶⁷ Ibidem, p. 57.

²⁶⁸ Ibidem, p. 57.

seu papel. O ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em agosto de 1942, foi acompanhado por alguns atos governamentais, dentre eles, a criação da LBA - Legião Brasileira de Assistência (SIMILI, 2006).²⁶⁹ Dirigida pela primeira dama, Darci Vargas, a instituição assistencial tinha o propósito de amparar as famílias dos soldados convocados para o esforço de guerra do país.

Esse foi o tema de uma das matérias²⁷⁰ publicadas pela *Alterosa* em 1943, sobre a participação feminina na guerra. O texto iniciou exaltando personalidades femininas que de alguma forma atuaram na defesa do país, entre elas, Bárbara Heliodora, Ana Neri e Clara Camarão. Seus feitos serviram para ilustrar valores nacionalistas, embora a amplitude de seus atos não correspondesse, de fato, à obra de assistência social estipulada pelo governo federal, pois essas mulheres ultrapassaram os limites do papel social feminino.

Dentre as atividades de amparo promovidas pelas instituições assistenciais, estavam os cursos de alimentação e de corte e costura, além de um lactário para os filhos dos soldados. A matéria não esclareceu exatamente como eram realizadas essas atividades, seu foco concentrou-se em apresentar o desenvolvimento da “consciência cívica da mulher mineira”, juntamente a uma “onda enérgica de patriotismo” que envolveu toda a sociedade, até crianças:

As moças da aristocracia e do povo se confundiram num só sentimento e se alistaram na Legião Brasileira de Assistência ou na Cruz Vermelha. Mães, esposas, noivas, filhas, irmãs, todas respondem ao chamamento cívico do Brasil.²⁷¹

Essa atmosfera de civismo era reforçada pelo uso de uniformes que identificavam quem trabalhava na Legião Brasileira de Assistência ou na Cruz Vermelha. O uniforme, como código visual, ganhou a finalidade de propagar os valores patrióticos e a disciplina que orientava a contribuição feminina no conflito, servindo de símbolo para a mulher cívica²⁷² que detinha a função maternal:

²⁶⁹ Para maiores informações, conferir o trabalho de Simili sobre as representações da LBA no jornal *Correio da Manhã*. Existem diferenças na publicação do assunto entre a *Alterosa* e o *Correio da Manhã*, como, por exemplo, as propagandas de chamamento das mulheres para o trabalho voluntário, o que ocorreu na *Alterosa*, em grande medida, através de reportagens.

²⁷⁰ A CONTRIBUIÇÃO DA MULHER MINEIRA AO ESFORÇO DE GUERRA DO BRASIL. *Alterosa*, ano V, n. 35, março de 1943, p. 42.

²⁷¹ *Ibidem*, p. 73.

²⁷² Em editorial, Vasco de Castro Lima ressaltou a importância das legionárias. AS LEGIONÁRIAS DO BRASIL. *Alterosa*, ano IV, n. 31, novembro de 1942, p. 23.

As samaritanas de Liberdade deixaram de lado as suas vaidades e compreenderam as razões porque é necessária a máxima renúncia. As mães se disse que guardassem suas lágrimas porque os seus filhos estão abençoados pela Pátria. As noivas estão vendo seus amados partindo para o quartel e se eles não voltarem ficarão para sempre como noivas de heróis.²⁷³

O chamamento mostrava que o trabalho voluntário, tão necessário naquele momento, requeria sacrifícios pelo amor à Pátria. A renúncia e o ato de cuidar do outro eram parte do papel da mulher, por isso esse trabalho era destinado a ela. A Pátria, como um ente divino, abençoaria e glorificaria a todos que cumprissem seus papéis em sua defesa. Dessa forma, o quadro de voluntariado feminino contribuiu tanto para a assistência social quanto para a propaganda política brasileira durante o esforço de guerra.

Argumentos semelhantes foram publicados em outra matéria²⁷⁴ sobre a Campanha Nacional de Aviação, em que a mineira era representada apoiando o país como uma “enfermeira do ar”, ou na “defesa passiva antiaérea”. Exaltação de heroínas do passado brasileiro e o uso de distintivos da Fraternidade do Fole ou da Força Aérea Brasileira reforçavam os valores patrióticos e o papel da mulher no cuidado com o outro. Destacou-se a apresentação de algumas “senhoritas” da sociedade mineira que eram brevetadas, no intuito de arregimentar voluntárias para a causa, demonstrando a “bravura” dessas moças que fizeram o curso de pilotagem. A bravura como característica masculina foi atribuída à mulher de modo a elevá-la a uma condição de participação no conflito. Embora elas não fossem atuar diretamente na guerra, foi nutrido esse sentimento de patriotismo para direcioná-las para o papel desejado, e assim criou-se a figura da “enfermeira do ar”. O texto exibiu uma fala feminina como representante das mulheres, sem creditar a autoria:

Não podemos lutar como os homens, tomar parte ativa nos combates do espaço [...]. Acham que a missão é pesada demais para nós, acham que é demasiado sacrifício para as mulheres policiar os ares [...]. Pois sejamos, então, as enfermeiras do ar [...].²⁷⁵

²⁷³ A CONTRIBUIÇÃO DA MULHER MINEIRA AO ESFORÇO DE GUERRA DO BRASIL. Alterosa, ano V, n. 35, março de 1943, p. 73.

²⁷⁴ PINTO, Nilo A. A MULHER MINEIRA APOIA A CAMPANHA NACIONAL DE AVIAÇÃO. Alterosa, ano V, n. 36, abril de 1943, p. 66.

²⁷⁵ PINTO, Nilo A. A MULHER MINEIRA APOIA A CAMPANHA NACIONAL DE AVIAÇÃO. Alterosa, ano V, n. 36, abril de 1943, p. 103.

Claramente o que se esperava da mulher era o cuidado com o outro, por isso, sua natureza “frágil” e “passiva”, apesar de sua bravura, foi usada como argumento para coibir sua atuação direta no conflito. Segundo Simili (2006), o projeto de formação de defesa passiva visava preparar as mulheres para cuidar dos bens materiais e simbólicos do país. Nesse sentido, os cuidados com a família foram estendidos para o espaço público, para a nação.

Naquele momento, o debate sobre o ingresso crescente da mulher mineira ao ensino superior e ao mercado de trabalho fez com que a revista publicasse outras matérias sobre a atuação da mulher no espaço público. Um dos fatores dessa mudança foi a troca cultural com os EUA. Não que a norte-americana fosse emancipada, ao contrário, o papel social esperado dela era semelhante ao da brasileira, mas sua atuação durante o esforço de guerra foi ativa, e isso pode ter sinalizado a diferença. Enquanto as norte-americanas atuaram diretamente para suprir a carência em diversos setores econômicos, devido ao envolvimento direto do seu país no conflito, o que envolveu a qualificação e instrução dessas mulheres, as brasileiras de classe alta e média atuaram na caridade, no comércio e em repartições públicas. Mesmo diante dessa diferença, houve alguma mudança na visão sobre a atuação feminina na esfera pública no Brasil.

Em uma das reportagens²⁷⁶ sobre a guerra, em face a algumas vitórias dos Aliados, cogitava-se como seria o mundo após o término do conflito. O texto afirmava que a reconstrução dos países envolveria a presença de todos, sem distinção de classe, raça, idade ou gênero:

Esse será também o momento das mulheres. Estarão livres de uma grande série de preconceitos e se colocarão junto de seus companheiros, lutando lado a lado, falando a mesma linguagem produtiva e segura e ocuparão os mesmos lugares, porque representarão a mesma força humana que o homem.²⁷⁷

O anúncio de que esse era o momento das mulheres mostrou que, de alguma forma, a visão sobre a mulher foi alterada durante o conflito. Indiretamente, o trecho revelava que, até então, existia desigualdade entre os gêneros, ao dizer que a igualdade chegaria. A lacuna econômica aberta pela guerra deu oportunidade à atuação da mulher na sociedade, de modo que ela pôde demonstrar sua capacidade

²⁷⁶ NOVOS HORIZONTES PARA A MULHER. Alterosa, ano V, n. 41, setembro de 1943, p. 18.

²⁷⁷ Ibidem, p. 18.

de exercer trabalhos fora da esfera doméstica. Provavelmente essa foi a razão da previsão de sua equiparação na força produtiva e humana, ainda que evidenciando a permanência de distintivos sexuais, visto que, em outro momento, o mesmo texto referiu-se à mulher como “sexo fraco”.

A reportagem exibiu como modelo as norte-americanas, como técnicas de espectografia na Chrysler Corporation, instrutoras de voo da United Air Lines e engenheiras da Cia. Monsanto Chemical, afirmando que o caminho para aproveitar essa chance era estudar, “a palavra de ordem que foi ditada não por chefes, mas pelo momento, pela evolução do mundo”.²⁷⁸ Para ocupar essas novas funções, as mulheres precisavam de qualificação, o que em Belo Horizonte era uma crescente realidade, como mencionado anteriormente. Nos EUA, afirmava a matéria, “muitas Universidades estão diplomando moças em engenharia, pela primeira vez em toda a história escolar daquela grande Nação”.²⁷⁹ Essa exaltação não foi vista na matéria sobre o ensino superior feminino, já apresentada aqui no item 2.2, e que foi publicada em novembro de 1943, edição seguinte a que contém essa reportagem. O curso de Engenharia foi mencionado na matéria sobre o ingresso da mulher no ensino superior como o “de menor número de moças, 10 alunas”,²⁸⁰ e a justificativa para tal situação foi a de que o curso era “o que menos propicia à mulher, uma carreira segura, visto que é mais pesado, menos compatível com a constituição feminina”.²⁸¹ Nota-se, considerando o conjunto das matérias apresentadas, que o apontamento da fragilidade feminina era um elemento recorrente no discurso da revista, ainda em 1943, como uma forma de prolongar a hegemonia masculina, por outro viés do determinismo biológico.

Ainda assim, a atuação feminina na esfera pública se tornou crescente. E isso pode ser observado também na mudança de mentalidade de algumas leitoras da *Alterosa*. A publicação realizou uma reportagem sobre o que a mulher pensava da guerra. O “palpitante tema” foi abordado em três tópicos: o que a mulher pensa da guerra, qual a participação da mulher no conflito e qual a posição da mulher na reconstrução do mundo. A análise a seguir se concentra nesse último tópico.

²⁷⁸ NOVOS HORIZONTES PARA A MULHER. *Alterosa*, ano V, n. 41, setembro de 1943, p. 19.

²⁷⁹ *Ibidem*, p. 19.

²⁸⁰ A MULHER MINEIRA INVADE A UNIVERSIDADE. *Alterosa*, ano V, n. 43, novembro de 1943, p. 129.

²⁸¹ *Ibidem*, p. 129.

Das quatro leitoras ouvidas, a opinião de três delas convergiu para a afirmação da participação feminina na esfera pública. Segundo publicou a revista, Shuerda Marinho de Carvalho acreditava que a mulher teria “a sua posição assegurada”,²⁸² posto que, durante o conflito, ocupou um lugar ao lado do homem. Ofir Maria de Vasconcelos previa que a mulher teria “forçosamente maior liberdade de ação em todos os setores da atividade humana”.²⁸³ Nair Diniz, que teve sua fala destacada em caixa alta, “afirmava que a mulher ocupará lugar nos parlamentos e na administração”,²⁸⁴ e via a ação feminina como indispensável na reorganização democrática dos países, pois sua bondade e seu amor evitariam a tirania.

As duas primeiras visões reiteravam a permanência da posição feminina ao lugar ocupado durante o conflito em um desejo de equidade sem confronto com o homem, assim como Nair Diniz, mas esta condicionava a ocupação da mulher na administração pública às suas características apaziguadoras. Esse processo de transformação de valores não podia ser ignorado por uma revista que queria ser vista como moderna. Embora, provavelmente, como forma de refletir o discurso conservador da revista, a opinião da leitora Lúcia Veado foi publicada na conclusão da reportagem:

Penso que, na reconstrução do mundo, a mulher deverá voltar a sua dedicação à reconstrução dos lares destruídos, sem pensar em se colocar em igualdade de direitos com o homem. Deverá voltar ao lar, dedicar-se aos filhos e pensar num futuro risonho onde a família ocupe, como nos países civilizados, o seu lugar de destaque, como célula principal da humanidade.²⁸⁵

Aqui, surgiu a centralidade da família na reconstrução do mundo, em que a mulher como mãe, esposa e dona-de-casa detinham o papel de erigir o futuro. O recado era que o modelo civilizatório ideal devia retornar à sua normalidade, em que a mulher ocupasse sua função como eixo central do núcleo familiar, sem questionar sua posição na sociedade e, muito menos, seus direitos de igualdade com o homem, isto é, seus direitos como cidadã.

A luta feminina por direitos civis e políticos no país foi árdua e lenta. Segundo Marilene Sow (2010), as mulheres tiveram sua primeira conquista em 1879, pelo acesso à educação superior, proibida até então. O direito ao voto foi promulgado

²⁸² A MULHER EM FACE DA GUERRA. Alterosa, ano V, n. 41, setembro de 1943, p. 94.

²⁸³ Ibidem, p. 94.

²⁸⁴ Ibidem, p. 94.

²⁸⁵ Ibidem, p. 94.

em 1932,²⁸⁶ pelo Decreto n. 21.076, assinado por Getúlio Vargas. O ato normativo, posteriormente incorporado à Constituição de 1934, assegurava o sufrágio universal e secreto a todos os brasileiros maiores de 21 anos, alfabetizados e sem distinção de sexo. A elaboração da Constituição de 1934 contou com a participação de duas mulheres, Bertha Luz, criadora da Liga para Emancipação Intelectual da Mulher (1919), como representante da entidade que, em 1922, passou a se chamar Federação pelo Progresso Feminino, e, pela médica Carlota Pereira de Queiroz, única mulher eleita como deputada por São Paulo. Sow (2010, p. 80) destaca que coube à pioneira a missão de defender os interesses femininos, desmistificando a imagem domesticada da mulher e legislando de acordo com seus direitos e deveres constitucionais de cidadãos. Neste contexto, é fundamental considerar o Código Civil de 1916 que, segundo Maluf e Mott (2004, p.373-381), estabeleceu os deveres e as obrigações dos cônjuges, a fim de assegurar a ordem familiar. Ao marido cabia prover a família, sua identidade era pública, pois era o representante legal da sociedade conjugal, da qual administrava todos os bens, inclusive os de sua esposa, de acordo com o regime matrimonial adotado. À mulher, restava a identidade privada de mãe e esposa. Apesar de guardar alguma distância da legislação de 1890, considerando a manutenção da família de responsabilidade dos cônjuges, o Código de 1916, perpetuou a subordinação feminina ao homem, ao submeter seu direito ao trabalho à autorização do marido ou, em alguns casos, ao juízo legal.

As conquistas femininas não estavam consolidadas. O direito ao voto, adquirido havia pouco, demonstrava que a batalha seria longa. O contexto era conturbado e, como se verificou, existiam mulheres que reproduziam as representações femininas em torno do matrimônio com naturalidade, pois tinham incorporado o papel destinado a elas, por escolha ou coerção social. Apesar da mulher ter assegurado espaço social no trabalho, esse era um campo dominado pelos homens.

²⁸⁶ Anteriormente à promulgação do voto feminino, a escritora e advogada mineira Miëtta Santiago, em 1928, impetrou um mandado de segurança contra a proibição do voto feminino, e não apenas pôde votar, como se candidatou à deputada federal. Tornou-se colaboradora da *Alterosa* em agosto de 1945, escrevendo ocasionalmente até o final desse mesmo ano. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/secretarias/secretaria-da-mulher/coordenadoria-dos-direitos-da-mulher/arquivos-e-documentos/biografia-mietta-santiago>>. Acesso em: 20. Abr. 2018.

Em maio de 1944, a publicação realizou um “palpitante inquérito sobre o trabalho feminino”,²⁸⁷ procurando conhecer a opinião dos empregadores da capital, definindo um representante para cada setor econômico. Iniciando o texto a respeito das mudanças ocorridas durante “o século de Eva”, a revista mencionou as guerras, a ciência, a revolução de valores e as reivindicações femininas, visando contextualizar o cenário que proporcionou a inserção da mulher no mercado de trabalho. Realizando um paralelo entre o exercício de cargos “lado a lado” com o homem, das inglesas, norte-americanas e russas na guerra, com as “nossas mulheres” que, desde muito reivindicaram seus direitos, e que “hoje estão ativas em seus cargos, trabalhando pela elevação de nosso nível cultural, econômico, intelectual, artístico e social.”²⁸⁸ Esse quadro demonstrou que a aceitação da mulher de classe média e alta no mercado de trabalho não vinha somente da conjuntura de conflito mundial, mas também da eleição de modelos culturais como referência de progresso e civilização, pois o primeiro elemento elencado para tal foi o cultural. Para que o país figurasse como uma nação civilizada, ele deveria acompanhar os novos tempos.

Prosseguindo sob esse raciocínio, a publicação destacou o vigor do mercado de trabalho belo-horizontino que absorvia o trabalho feminino como forma de posicionar a capital mineira entre as “grandes cidades” do país: “O trabalho feminino em Belo Horizonte, como todos sabem, é mais intenso talvez do que em outras grandes cidades brasileiras. Aqui, encontramos as filhas de Eva, em todos os setores de trabalho”.²⁸⁹ Os dados do IBGE²⁹⁰ apontam que, em 1941, o município que detinha o maior número de mulheres trabalhando no setor industrial era São Paulo, com 89.822 postos de trabalho ocupados por mulheres, enquanto Belo Horizonte empregava 2.895 mulheres, ficando atrás de Rio de Janeiro, com 36.127 mulheres empregadas, Recife 7.959, Porto Alegre 5.497 e Salvador 3.808. Da mesma forma, em São Paulo havia 6.883 mulheres em pontos de trabalho no comércio e em Belo Horizonte apenas 445, ficando atrás somente do Rio de Janeiro com 4.228 e Porto Alegre com 638 mulheres. A população estimada dessas capitais em 1944 era a seguinte: Rio de Janeiro 1.941.653 habitantes, São Paulo 1.437.019, Recife 384.422,

²⁸⁷ MONTANHEZ, Raul. AS MULHERES VENCEM NA LUTA PELA VIDA. Alterosa, ano VI, n. 49, maio de 1944, p. 78.

²⁸⁸ Ibidem, p. 80.

²⁸⁹ Ibidem, p. 80.

²⁹⁰ Disponível em: <<http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/trabalho.html>> e <<https://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/populacao.html>>. Acesso em 10. Mai. 2017.

Salvador 320.694, Porto Alegre 300.450 e Belo Horizonte 230.668 habitantes. Conjugando os dados da atividade feminina na indústria e comércio com a população total desses municípios, temos a porcentagem de mulheres empregadas em São Paulo de 6,72%, Belo Horizonte 2,89%, Rio de Janeiro 2,07% e Porto Alegre 0,23%. Recife e Salvador, que não tinham informações de pessoal ativo no comércio, apresentavam 2,07% e 1,18%, respectivamente. Dessa forma, a ideia de valorizar o trabalho feminino correspondia à representação de Belo Horizonte como uma capital civilizada, em pleno progresso.

Apresento a opinião de três empregadores para a análise sobre o trabalho feminino, publicadas na matéria "As mulheres vencem na luta pela vida", na edição da revista de maio de 1944, considerando que elas refletem os diversos valores que circulavam socialmente sobre a questão nos anos 1940. O Sr. Carlos Vaz de Carvalho, proprietário da Guanabara, foi apresentado como "um líder do comércio". Anunciante frequente da revista, teceu elogios ao trabalho feminino pela eficiência e lealdade da mulher, embora considerasse "que a mulher antiga procedia melhor, dedicando-se ao lar, à escola e à enfermagem. O lugar da mulher é no lar, cuidando de seus filhos, de seus irmãozinhos".²⁹¹ Vaz de Carvalho também reconhecia a capacidade de trabalho da mulher, mas não via o trabalho fora do lar como função feminina. O papel feminino era definido pelo cuidado com o outro. E esse outro, geralmente, era o homem. Cuidado que envolvia não somente a educação familiar: "sem o carinho da mãe e da professora, faltar-lhe-á o sentimento de bondade, de amor universal, que só a mulher lhe saberá ensinar".²⁹²

A partir de 1879, o acesso a instituições de ensino superior no país possibilitou à mulher, nas décadas de 1920 e 1930, o ingresso em carreiras variadas, principalmente, o magistério. A análise realizada por Cláudia Maia (2007) da seção "Caixa de Segredos" da *Alterosa* revelou que a carreira de professora era vista como apropriada à mulher, embora a jornada dupla, de qualquer maneira, significasse uma ameaça à família. No caso, as professoras e as enfermeiras exerciam uma profissão que cumpria a mesma função de cuidado com o outro e, por isso, não conflitavam diretamente com o papel social definido para a mulher e não colocavam em risco a estrutura familiar como outras profissões. Cabia à mulher a transmissão geracional de

²⁹¹ MONTANHEZ, Raul. AS MULHERES VENCEM NA LUTA PELA VIDA. *Alterosa*, ano VI, n. 49, maio de 1944, p.81.

²⁹² *Ibidem*, p. 81.

valores morais, seja no lar, seja na escola. Porém, o desejo de que elas retornassem ao seu papel social, fica bastante evidente em afirmações como essa publicadas na revista: “cada mulher está tomando o lugar de um homem que, uma vez empregado, poderia constituir um novo lar, uma nova família, mais uma molécula de felicidade e de grandeza para o Brasil”.²⁹³ A preocupação com a disputa do mercado de trabalho era vista como um empecilho à formação de novas estruturas familiares baseadas no modelo conjugal. E, nesse sentido, a rigidez entre os papéis de cuidadora (mulher) e provedor (homem) da família punha em risco, inclusive, os valores da nação, por ser tida como um modelo social estável. Dessa forma, outros modelos de organização familiar foram silenciados.

O Sr. Eloi Balesteros, proprietário da fábrica de calçados Rio Chic, acreditava que o trabalho feminino seria conhecido depois da guerra, e reforçou seu argumento dizendo que “começou a ser conhecido depois da conflagração de 1914”.²⁹⁴ Em sua visão, após a Segunda Guerra, a mulher receberia uma educação que lhe permitiria “ocupar cargos em todos os setores, com pequena diferença do homem”.²⁹⁵ Opinião que se distinguiu das demais, por reconhecer que a mulher poderia e deveria integrar o mercado de trabalho. Uma percepção que afirmava tanto o direito da mulher à educação, quanto o direito à escolha de seu ofício.

A terceira opinião, proferida pelo diretor da publicação, o Sr. Miranda e Castro, relatou que com 12 anos de trabalho verificou a eficiência do trabalho feminino, tanto que, em diversos setores da *Alterosa*, predominava o elemento feminino, cerca de 95% na produção, como agentes de publicidade, inspetoras de agências e agentes correspondentes, e 80% na administração. “Apenas no serviço de redação predomina o elemento masculino. Ainda assim, contamos com apreciável número de colaboradoras, cujos trabalhos vêm agradando plenamente ao nosso público leitor”.²⁹⁶ Os números substanciais sobre a participação da mulher na produção e administração da publicação se contrapõem ao “apreciável número” de colaboradoras não contabilizado, indicando que o trabalho essencialmente intelectual ainda era restrito aos homens.

²⁹³ MONTANHEZ, Raul. AS MULHERES VENCEM NA LUTA PELA VIDA. *Alterosa*, ano VI, n. 49, maio de 1944, p.81.

²⁹⁴ *Ibidem*, p.81.

²⁹⁵ *Ibidem*, p. 81.

²⁹⁶ *Ibidem*, p. 83.

Diante das mudanças comportamentais femininas ao longo das três primeiras décadas do século XX, os setores conservadores da sociedade conjugaram esforços para disciplinar iniciativas consideradas como ameaçadoras “à ordem familiar, tida como o mais importante ‘suporte do Estado’ e única instituição social capaz de represar as intimidadoras vagas da ‘modernidade’” (MALUF; MOTT, 2004, p. 372). Assim, as estratégias discursivas da *Alterosa*, de instituição do casamento conjugal como modelo estrutural da família mineira, corresponderam à valorização da mulher no ambiente doméstico.

2.4 “Em guarda! Para proteção da beleza!”²⁹⁷

Os valores que coordenavam os critérios de beleza visavam a regulação do corpo feminino, tendo em vista o fortalecimento da raça, em que a noção de saúde estabelecia regras de conduta. De acordo com Keila Carvalho (2011), em Minas Gerais, nas décadas de 1930 e 1940, foi delegado ao saber médico “o poder e o dever de sanear o corpo social por meio da educação higiênica e da eugenia” (CARVALHO, 2011, p. 4). Segundo a autora, o projeto pedagógico, considerado como indispensável ao progresso da nação, estava na base do nacionalismo varguista.²⁹⁸ Nas décadas anteriores, em São Paulo, Maria Izilda Matos (2003) destaca a imposição da profilaxia antimicrobiana nos lares e que o cuidado com a saúde e o bem-estar familiar era da mulher: “a educação feminina tornava-se um ponto-chave para a medicina, pois através dela pretendia-se o aperfeiçoamento físico e moral da mulher, da mãe e das futuras gerações do país” (MATOS, 2003, p. 110).

Naquele ambiente, a saúde passou a reger o ideal de beleza, instituindo hábitos higiênicos e corrigindo o corpo que, a partir de então, deveria ser vigoroso, esbelto, jovem e esportivo. Esses princípios, em conjunto, perpassavam em diferentes graus a publicidade feminina na *Alterosa* que estava atrelada, juntamente com a moda, ao *star system* da indústria cinematográfica norte-americana. Dada a proximidade de sentidos entre esses princípios mencionados, a seção subdivide-se em dois vieses: o primeiro subitem trata da regulação do corpo feminino, incluindo na

²⁹⁷ BATOM MICHEL. *Alterosa*, ano V, n. 39, julho de 1943, p. 33.

²⁹⁸ Embora o texto aborde principalmente a educação infantil, ele ajuda a contextualizar a importância do higienismo naquela época no país.

discussão o chamamento de guerra e os valores modernos, e o segundo, aborda a correção do corpo sob a concepção de uma estética da perfeição.

2.4.1 “Sadia - formosa - satisfeita” ²⁹⁹

A regulação do corpo feminino tinha como propósito assegurar a ordem conjugal e era pautada por dois elementos que se correlacionavam: a beleza e a saúde. O regulador ginecológico Veragridol³⁰⁰ prometia à mulher as condições físicas necessárias para o cumprimento de seu papel social: “sem saúde a mulher nunca será sadia, formosa, nem feliz”. A beleza e a felicidade feminina dependiam de sua saúde, porém esses elementos não tinham valores nem finalidades em si, estavam vinculados à felicidade conjugal e à “alta missão que Deus confiou à mulher”,³⁰¹ ou seja, a felicidade da mulher dependia de sua capacidade de cumprir o seu destino na sociedade, gerar filhos. Reafirmada pela inserção da religiosidade, a condição biológica feminina precisava ser regulada para que ela atingisse sua missão.

²⁹⁹ VERAGRIDOL. Alterosa, ano I, n. 1, agosto de 1939, p. 21.

³⁰⁰ A primeira referência ao regulador Veragridol foi encontrada no jornal O Dia, Curitiba, n. 1740, 30 de dezembro de 1927, p. 6., junto a outros remédios da Silva Gomes & Cia, Rio de Janeiro. O laboratório Osório de Moraes também fabricava o Auris-Sedina e as pílulas De-Lussen. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>>. Acesso em: 10. Jun. 2017.

³⁰¹ VERAGRIDOL. Alterosa, ano I, n. 1, agosto de 1939, p. 21.

Figura 7 - Anúncio do regulador ginecológico Veragridol



(FOTO PARAMOUNT)

SADIA - FORMOSA - SATISFEITA

Um dos requisitos essenciais à felicidade da mulher é a saúde. Sem saúde a mulher nunca será sadia, formosa, nem feliz. Assegure a sua saúde, a sua beleza e a sua felicidade, fazendo uso de um produto de confiança, consagrado pela experiência de muitos anos, como um dos maiores amigos da mulher. Ele lhe proporcionará a saúde de que necessita para dar fiel cumprimento à alta missão que Deus confiou à mulher.

VERAGRIDOL
REGULADOR VERDADEIRO

Laboratório Osório de Morais - Rua Mariaçú 98 - Fone 2-3378 - B. H.

Fonte: Alterosa, ano I, n. 1, agosto de 1939, p. 21.

A Figura 7, em preto e branco, retratava uma mulher branca, sorrindo, com semblante sereno. O sorriso, como índice de felicidade, em conjunto com o artifício da iluminação da face da estrela de cinema, tinha enorme apelo no imaginário social, logo, na construção da feminilidade. A estrela “fabricada” pelo cinema é “nela mesma, figura de moda enquanto ‘ser-para-a-sedução’” (LIPOVETSKY, 1989, p. 214). O uso da imagem de uma estrela do cinema norte-americano no anúncio de um produto nacional indicava como a estética cinematográfica foi incorporada e reproduzida na revista, por meio de imagens-modelo, como forma de educar a visualidade, e, por consequência, educar o corpo feminino.

Outro regulador, Gesteira, deixava claro o propósito desse tipo de medicamento, ordenar o corpo da mulher:

Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade. Para isso, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um

resfriamento, ou alguma imprudência. Moléstias graves podem começar assim.³⁰²

O anúncio afirmava que praticamente qualquer situação poderia levar à enfermidade dos órgãos femininos e o remédio atuaria de forma a prevenir o desencadeamento de doenças mais graves. Dores, irritações, palidez, menstruação excessiva ou escassa, útero “congestionado”, o remédio servia para todos os casos. Maria Izilda Matos esclarece que “o discurso médico destacava a conexão entre o útero e o sistema nervoso central, bem como as relações entre o ciclo reprodutivo e os estados emocionais femininos” (2003, p.114). Dessa forma, os reguladores serviriam tanto para a manutenção do bom funcionamento do organismo da mulher como para controlar o seu estado emocional e os anúncios eram bastante impressionantes nesse sentido: “muitas mulheres sofrem de moléstias que fazem da vida um verdadeiro inferno. Uma calamidade! Em certas doenças, até o Gênio da Mulher pode ficar alterado”...³⁰³. Esses “medicamentos” atuavam para organizar a natureza feminina em prol da otimização para a reprodução.

Para o controle dos humores femininos, também os laboratórios Granado ofereciam seu produto, a Água de Melissa,³⁰⁴ medicamento exclusivo para palpitações nervosas, emoções violentas, insônias e síncope da mulher. A regulação do corpo e do humor feminino estava amparada na ideia de que o útero e o cérebro não poderiam desenvolver-se simultaneamente, e a mulher deveria canalizar suas energias para as faculdades reprodutoras, limitando seu acesso às atividades intelectuais (MATOS, 2013, p. 115). Essa mentalidade circunscrevia o lugar da mulher na esfera doméstica, ao determinar seu papel social como biológico, assegurando a hegemonia intelectual ao homem.

Outros medicamentos tinham como alvo o bom funcionamento do corpo feminino, como o regulador intestinal “Suco de Amoras”,³⁰⁵ e o tônico nutritivo para as mães e amas de leite “Maltogeno”³⁰⁶ (Granado). O consumo do produto significava adquirir as qualidades por ele ofertadas. O caráter persuasivo dos anúncios, cujo objetivo é convencer seu público-alvo, nesse caso, a mulher, efetiva-se no plano material pela aquisição do produto e no plano simbólico pela assimilação de uma ideia.

³⁰² REGULADOR GESTEIRA. Alterosa, ano IV, n. 22, janeiro / fevereiro de 1942, p. 21.

³⁰³ Ibidem, p. 21.

³⁰⁴ AGUA DE MELISSA. Alterosa, ano III, n. 21, dezembro de 1941, p. 73.

³⁰⁵ SUCO DE AMORAS. Alterosa, ano V, n. 40, agosto de 1943, p. 106.

³⁰⁶ MALTOGENO. Alterosa, ano V, n. 39, julho de 1943, p. 50.

Já a aparência física, essencial no jogo de sedução, era potencializada pelos artifícios da maquiagem, pois a beleza era “um capital simbólico a ser barganhado no casamento ou no galanteio” (PERROT, 2003, p.14). Essa era a promessa do batom Michel, de Nova Iorque: “Permita que Michel lhe dê aos lábios ardente encanto”.³⁰⁷ O produto que protegia os lábios do ressecamento contribuía para a “beleza permanente”. O jogo de palavras do *slogan* do anúncio manifestava ideologicamente a cooptação para o esforço de guerra: “Em guarda!”³⁰⁸ Para proteção da beleza! Para proteção do nosso hemisfério!”.³⁰⁹ A mulher deveria estar de prontidão para vigiar e guardar sua beleza, assim como, defender a beleza dos princípios do “nosso” hemisfério. Tota (2000, p. 57) aponta que “no plano simbólico, vendia-se o sistema”, isto é, a publicidade dos produtos norte-americanos, indiferente de explicitar seu apoio ao esforço de guerra, vendiam o liberalismo e tudo o que o circunscrevia.

Durante o estreitamento das relações entre o Brasil e os EUA, as estrelas hollywoodianas atuavam como protagonistas do “american way of life”, personificando os produtos de beleza que vendiam. Esses, por sua vez, adotaram a tipificação da estética corporal feminina. O conjunto de pó, *rouge*, batom e *pancake* denominado “Harmonia de Cores”, elaborado pela Max Factor-Hollywood, era “o make-up favorito das estrelas da tela e será também o seu porque nele se acha uma Harmonia de Cores para cada tipo, seja ele louro, ruivo, castanho ou moreno”.³¹⁰ O anúncio da “original criação” oferecia um cupom para ser preenchido pela leitora, de acordo com sua cor de olho, de pestana, de cabelo e de pele, e mais, o tipo de pele, para que a empresa indicasse quais produtos seriam apropriados para o seu tipo físico de mulher. O cupom deveria ser encaminhado com os dados de correspondência da leitora à Max Factor Make-up Studios, caixa postal 2775, Rio de Janeiro. A leitora receberia em seu endereço a análise e receberia, sem compromisso, o folheto ilustrado “A Nova Arte do Make-up de Sociedade”.

Outra conformação, com o mesmo sentido, foi realizada pela Colgate que anunciava seu batom com a seguinte pergunta: “Há uma linguagem muda nos seus

³⁰⁷ BATOM MICHEL. Alterosa, ano V, n. 39, julho de 1943, p. 33.

³⁰⁸ “Em guarda”, além de ser uma expressão dirigida a alguém com a finalidade de chamamento para a defesa, vigia e proteção, era o nome de um periódico norte-americano que circulou no país nesta época, elaborado no seio da política de boa vizinhança, como instrumento de propaganda ideológica (TOTA, 2000).

³⁰⁹ BATOM MICHEL. Alterosa, ano V, n. 39, julho de 1943, p. 33.

³¹⁰ MAX FACTOR-HOLLYWOOD. Alterosa, ano VI, n. 49, maio de 1944, p. 77.

lábios... que dizem eles? ”.³¹¹ Essa linguagem segmentava as mulheres em função de uma personalidade, isto é, cada batom correspondia a atitudes e atributos femininos como, por exemplo, “Lábios alegres ...um tipo que a todos os homens encanta!”³¹² ou “Aristocráticos ...lábios de mulher superior que se impõe ao coração dos homens”.³¹³ Ainda tinham os sensuais, os sinceros e os frívolos, independente do juízo sobre qual era o comportamento desejável para a mulher, o importante era que o batom “ajudava” a mulher a definir uma personalidade, e também, como apareceria ao olhar do homem. Para seduzir o homem, ela poderia escolher qual característica lhe seria mais favorável: “Descubra uma nova personalidade nos seus lábios... ”.³¹⁴ O anúncio finalizava com a rima do *slogan*, “O coração bate com batom colgate”,³¹⁵ sugerindo que seu uso propiciaria o romance. Lembrando que mesmo diante de tantos produtos de beleza disponíveis, a *toilette* feminina deveria ser simples e discreta.

A regulação do corpo feminino se estendia também aos cuidados íntimos, dirigidos à contenção de proliferação de microorganismos em conjunto com sua desodorização. “Para a higiene das senhoras”, o produto Ginorol (Granado),³¹⁶ “delicadamente perfumado”, tinha ação antisséptica, bactericida e desodorizante, diferenciando-se da Metrolina,³¹⁷ que não “desodorizava” as partes íntimas, mas era adstringente, isto é, fechava os poros da mucosa genital, ação semelhante no controle dos odores do corpo.

A purificação do hálito, em anúncio da Colgate, indicava que o odor da boca era condição para o casamento. O creme dental foi anunciado com uma composição formal inovadora na publicação, misto de quadrinhos e fotonovela. O primeiro quadro exibiu um casamento que acontecia em plano secundário, e Alice, a madrinha, em primeiro plano pensava: “– Madrinha Sempre... Noiva Nunca!”.³¹⁸ No segundo quadro, ela lia chorando uma carta anônima que dizia, “Ele não se casa porque você tem mau hálito... ”,³¹⁹ no seguinte, um balão “estridente” parecia gritar: “Você pode não saber que tem mau hálito”.³²⁰ O quarto e quinto quadros mostravam Alice no dentista

³¹¹ COLGATE. Alterosa, ano VII, n. 65, setembro de 1945, p. 109.

³¹² Ibidem, p. 109.

³¹³ Ibidem, p. 109.

³¹⁴ Ibidem, p. 109.

³¹⁵ Ibidem, p. 109.

³¹⁶ GINOROL. Alterosa, ano I, n. 5, dezembro de 1939, p. 28

³¹⁷ METROLINA. Alterosa, ano V, n. 37, maio de 1943, p. 83.

³¹⁸ COLGATE. Alterosa, ano VII, n. 65, setembro de 1945, p. 63.

³¹⁹ Ibidem, p. 63.

³²⁰ Ibidem, p. 63.

enquanto ele explicava detalhadamente o funcionamento do produto. Este texto destacava as palavras: limpa, embeleza, conserva e perfumado. O último quadro finalizava a estória com a frase, “Depois – graças a Colgate”,³²¹ a imagem de Alice vestida de noiva, acompanhada pelo marido, e o *slogan* “Um sorriso Colgate faz milagres”.³²²

Figura 8 - Anúncio do creme dental Colgate



Fonte: Alterosa, ano VII, n. 65, setembro de 1945, p. 63.

O anúncio representava o saber médico como forma de conferir credibilidade ao produto, ao mesmo tempo que reforçava um hábito higiênico. O mote de venda destacava que a limpeza embelezava e protegia os dentes e a gengiva, mantendo-os perfumados, sugerindo que a mulher sem hábitos higiênicos saudáveis poderia ser menos desejável e acabar “solteirona”.³²³ Dois elementos chamam atenção na construção da peça publicitária, a carta anônima e a espuma. A carta indicava que a falta de hábitos higiênicos poderia ser um fator de constrangimento público e a espuma foi instituída como o símbolo da limpeza, era ela que continha “o novo ingrediente” capaz de higienizar a boca. Por fim, o sorriso Colgate (limpeza) fazia

³²¹ COLGATE. Alterosa, ano VII, n. 65, setembro de 1945, p. 63.

³²² Ibidem, p. 63.

³²³ De acordo com Maia (2007), o discurso sobre a mulher celibatária e sua transformação na imagem de solteirona foi uma forma de coerção social para invalidar a mulher que transgredia as prescrições culturais, como o casamento e a maternidade, colocando em risco a família.

milagres (casamento), ou seja, uma mulher limpa tinha maior probabilidade de se casar. A relação entre a higiene e o casamento era contornada por princípios eugênicos, imprescindíveis para o projeto de civilização da nação.

Já o uso de outro produto, o sabonete Lever (Gessy), garantia a “alvura perfeita” da pele feminina. Quem creditava o anúncio era a “linda” estrela norte-americana Dorothy Lamour (Paramount). A espuma (novamente como índice de limpeza) era o veículo que transmitia a beleza das estrelas para as outras mulheres: “no momento em que a deliciosa espuma de Lever acariciar sua pele, você entrará na posse do segredo de beleza das estrelas!”.³²⁴ O valor positivo dado à alvura, associava a limpeza à cor branca, transmitindo a ideia de purificação e pureza. O texto ainda destacava, na constituição do produto, elementos “puros” e a propriedade “tonificante” e “rejuvenescedora” da pele. Nesse sentido, infere-se que os preceitos higiênicos voltados à mulher tinham um significado maior. Além do asseio ser essencial para a gestação de uma prole sadia, a limpeza estava associada a um conceito de embranquecimento (e suposto fortalecimento) da raça, sendo sinônimo de pureza e beleza. No *slogan* da Gessy, esses valores eram evidentes, “50 anos a serviço da eugenia e da beleza!”.³²⁵

O amplo aparato ofertado pela indústria de bens de consumo estadunidense introduzia conceitos como praticidade e conforto, reduzindo o tempo de trabalho doméstico da mulher, através dos eletrodomésticos, e ampliando sua liberdade de movimento, por meio de absorventes higiênicos, fora outras facilidades. No caso desses exemplos específicos, destaca-se que a higiene estava vinculada ao sentido de modernidade.

A General Electric, que também era participante do esforço de guerra, apresentava uma de suas novidades técnicas recorrendo à seguinte frase: “na vida moderna, **higiene** e **saúde** são conceitos que se não separam”.³²⁶ Comparando a assepsia que o produto oferecia à uma sala cirúrgica, o anúncio mostrava a máquina de lavar roupas como uma solução para a saúde de toda a família. O hábito higiênico conferia saúde ao corpo e era compreendido como uma prática moderna.

Seja moderna! Essa era a palavra de ordem. O absorvente higiênico era o signo da modernidade feminina por contribuir para a atuação da mulher na esfera

³²⁴ SABONETE LEVER. Alterosa, ano VII, n. 65, setembro de 1945, p. 119.

³²⁵ GESSY. Alterosa, ano VII, n. 67, novembro de 1945, p. 59.

³²⁶ GENERAL ELETRIC. Alterosa, ano VII, n. 66, outubro de 1945, p. 53.

pública. As características anatômicas e de absorvência do produto, diferentemente das toalhas higiênicas daquela época, garantiam maior conforto físico durante o período menstrual, “Seja moderna – use Modess! Modess é mais higiênico, mais cômodo, mais seguro, mais discreto”.³²⁷ A praticidade do absorvente proporcionava um deslocamento corporal mais confiante, flexível e casual da mulher. Bem-estar e segurança asseguravam mais liberdade de movimento para um corpo que emergia para o trabalho fora de casa, para o tempo de não trabalho e para o esporte.

Figura 9 – Anúncio do creme dental Kolynos

KOLYNOS REALÇA TODA A SIMPATIA DE UM SORRISO!...

PORQUE DA BRILHO e LIMPA os DENTES!

Um sorriso simpático é fator de vitória... e Kolynos comprova esta afirmação. Kolynos é um creme dental que garante a beleza de seu sorriso e a perfeita higiene da boca. O brilho, a saúde, a fortaleza de seus dentes podem ser mantidos com o auxílio de um creme dental completo, como é Kolynos. A homogeneidade da sua composição oferece a quem o usar o mesmo sabor agradável e os mesmos efeitos benéficos até o fim do tubo.

Basta um centímetro de Kolynos na escova seca para limpar bem os dentes, protegendo-os contra as bactérias resultantes da fermentação dos alimentos. Kolynos custa muito menos e dura muito mais.

REALCE a simpatia de seu sorriso usando o CREME DENTAL ANTISSEPTICO!

Limpa mais...
agrada mais...
rende mais...

© Copo em São Paulo Nacional, do 2º Instituto de 11.114 - 1945 - Associação Brasileira

Fonte: Alterosa, ano VII, n. 67, novembro de 1945, terceira capa.

A Figura 9, anúncio do creme dental Kolynos, incorporava a higiene ao esporte, uma das maiores expressões da modernidade e um dos fatores que ampliaram a atuação da mulher na sociedade. A frase, “Um sorriso simpático é fator de vitória... e Kolynos comprova esta afirmação”,³²⁸ assegurava que o sucesso poderia ser obtido por meio de hábitos salutaros (higiene e esporte), na medida em que um corpo limpo e sadio resultava em beleza. A ilustração do anúncio não mostrava uma mulher preocupada com o casamento, como visto na publicidade da

³²⁷ MODESS. Alterosa, ano VII, n. 65, setembro de 1945, p. 84.

³²⁸ KOLYNOS. Alterosa, ano VII, n. 67, novembro de 1945, terceira capa.

Colgate, ao contrário, a mulher representada era uma tenista. Apesar da abordagem diferenciada que assinalava maior participação feminina na esfera pública, esta não excluía seu destino sob a ordem conjugal, pois a jovem retratada se apresentava e se submetia ao olhar de outros. A esportista exibia um “belo” sorriso para os fotógrafos que a abordavam, remetendo ao mesmo jogo de cena das estrelas de cinema norte-americano, interpeladas pela imprensa por sua popularidade. A vitória, nesse caso, estaria ligada a uma vida saudável, o que a tornaria atraente como as atrizes de *Hollywood*.

2.4.2 “A juventude tem idade?”³²⁹

A concepção de higiene não se aplicava somente à regulação do organismo ou à introdução e reforço de hábitos visando o asseio do corpo, mas igualmente à correção estética, na qual a esbelteza e a juventude impunham um rigoroso padrão corporal. A estética da perfeição prometia que a beleza, além de poder ser adquirida, também poderia ser corrigida.

O anúncio do sabonete Araxá vinculava o asseio e a desodorização do corpo ao bem-estar feminino. Bem-estar que dependia das propriedades curativas do sal e da lama de Araxá, essas eram responsáveis pela correção das imperfeições da pele, e prometiam beleza, saúde e juventude em um mesmo produto:

Um banho com sabonete Araxá proporciona indizível bem estar e mantém o corpo permanentemente perfumado! Os sabonetes Araxá, fabricados com o sal e a lama do Araxá, universalmente conhecido por suas virtudes terapêuticas e no tratamento da pele extinguirá todos os defeitos que prejudicam sua cútis, dando-lhe saúde, mocidade e beleza!³³⁰

A publicidade da Cera Mercolizada, também apoiada em um discurso científico de renovação celular, afirmava que o primeiro cuidado com a cútis deveria ser mantê-la jovem. O produto acelerava “a renovação das células gastas, eliminando todas as imperfeições”.³³¹ A estética corretiva propunha que a aparência saudável era jovem.

A juventude feminina findava aos quarenta anos de idade: “a quadra dos quarenta anos representa qualquer coisa na vida de uma mulher. É a estação

³²⁹ A JUVENTUDE TEM IDADE? *Alterosa*, ano VII, n. 65, setembro de 1945, p. 94.

³³⁰ SABONETE ARAXA. *Alterosa*, ano I, n. 1, agosto de 1939, p. 72.

³³¹ CERA MERCOLIZADA. *Alterosa*, ano IV, n. 31, novembro de 1942, p. 38.

agradavelmente equivocada, em que a mulher não é velha e também suficientemente madura para não parecer jovem”.³³² A idade tão “inexata” coincidia com o início da perda da função biológica procriativa e ela não mais necessitaria de artifícios provocantes para a sedução: “para uma pessoa de quarenta anos não fica bem uma maquiagem muito viva”.³³³ No entanto, existiam outros componentes que faziam parte da juventude que não incidiam diretamente na aparência física: “o milagre da elegância, da graça, da distinção, da dignidade e da beleza feminina eterniza a juventude [...], o ‘it’ não é somente um dom da natureza [...], deve ser cultivado com arte sutil e usado com elegante discrição, sem nenhum alarde”.³³⁴ A conduta e a forma de “aparecer” eram tão importantes como a aparência física. Relembrando Berger (1999), a mulher é um panorama, uma vista, sempre vigiando a sua própria imagem, por isso, após os quarenta anos, ela deveria desenvolver outros atributos. A discrição, a elegância e o controle de si eram a chave para a mulher se manter atraente.

A elegância dos modos vinha acompanhada pela esbelteza, pois a gordura “opunha-se aos novos tempos que exigiam corpos ágeis e rápidos” (DEL PRIORI, 2000, p. 75). Leanogin era um medicamento alemão de tratamento da obesidade. A chamada do anúncio desse produto asseverava que “os homens preferem as magras”.³³⁵ A ilustração continha a cena do início de uma partida de tênis, dois homens magros acenavam e caminhavam em direção a duas mulheres magras que correspondiam ao aceno por detrás de uma rede de tênis e, logo atrás desses homens, estavam duas mulheres de corpo avantajado. A chamada e a ilustração, por si, já eram indicativos do condicionamento do corpo esguio para a atração do sexo masculino, mas o texto elaborado tinha argumentos também incisivos: “alguns povos bárbaros apreciam como tipos de beleza feminina, as mulheres gordas e de formas avantajadas. Entre os civilizados, porém, o conceito de beleza é diametralmente oposto”.³³⁶ O trecho assinalava a obesidade como um costume bárbaro, não compatível com uma sociedade civilizada, e o esporte (tênis) usado para ilustrar a ideia de modernidade, reforçava a aura de costumes civilizados, instituindo a esbelteza como o modelo a ser seguido. O padrão de beleza, que atraía “o homem de

³³² PERTO DOS QUARENTA?... Alterosa, ano V, n. 39, julho de 1943, p. 57.

³³³ SEGREDOS DA MAQUILAGE. Alterosa, ano VI, n. 49, maio de 1944, p. 57.

³³⁴ A JUVENTUDE TEM IDADE? Alterosa, ano VII, n. 65, setembro de 1945, p. 94.

³³⁵ LEANOGIN. Alterosa, ano III, n. 15, maio de 1941, p. 39.

³³⁶ LEANOGIN. Alterosa, ano III, n. 15, maio de 1941, p. 39.

apurado gosto estético”,³³⁷ era fruto dos avanços científicos, na medida em que requeria, como o anúncio sugeria, proporção e harmonia “na normal distribuição dos diferentes tecidos do organismo”.³³⁸ O corpo são, leve e diligente era o adequado para o ritmo moderno, seu desequilíbrio, ou melhor, a incompatibilidade desse corpo poderia ser corrigida, “se uma deficiência glandular ou metabólica provocar um aumento patológico dos tecidos gordurosos”.³³⁹ o medicamento “poderia, então, “corrigir permanentemente essa anormalidade”.³⁴⁰ Nesse caso, a obesidade passou a ser sinônimo de feiura.

Posteriormente, o mesmo produto adotou uma nova estratégia, concentrando o apelo exclusivamente na mulher e em sua aparência jovem. A chamada – “Seu corpo denuncia a sua idade?”³⁴¹ – estabelecia uma relação de correspondência entre a idade e a aparência corporal da mulher, o emprego de “denuncia” em destaque sugeria que algo estava errado com aquele corpo. O texto apresentava o problema, “se o seu físico aparenta uma corpulência excessiva que o torna deselegante e lhe diminui a mocidade, urge fazê-lo voltar à proporção normal [...]”.³⁴² A solução para parecer jovem e ser elegante era a correção estética das formas desproporcionais via emagrecimento. Aqui, a obesidade foi associada ao sentido de velhice, sendo, ambas, reforçadas negativamente.

Os anúncios dos reguladores ginecológicos, da mesma forma, reformularam a comunicação com as mulheres, acrescentando a correção estética do corpo à regulação do organismo feminino. Sob o título “Luta pela beleza”, o Regulador Xavier afirmava que garantir a saúde íntima era “afastar perturbações, que são geralmente a causa primeira dos defeitos de pele, da obesidade e de mil outros inimigos da boa aparência, da beleza!”.³⁴³ Reforçando a principal função do medicamento, o produto adotou o discurso da norma estética vigente, que consistia em reparar as imperfeições da pele e do corpo.

Outro produto destinado ao público feminino, o Pansexol F,³⁴⁴ afirmava combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, a falta de vigor e de

³³⁷ LEANOGIN. Alterosa, ano III, n. 15, maio de 1941, p. 39.

³³⁸ Ibidem, p. 39.

³³⁹ Ibidem, p. 39.

³⁴⁰ Ibidem, p. 39.

³⁴¹ LEANOGIN. Alterosa, ano V, n. 39, julho de 1943, p. 41.

³⁴² Ibidem, p. 41.

³⁴³ REGULADOR XAVIER. Alterosa, ano VII, n. 65, setembro de 1945, p. 90.

³⁴⁴ OS DISTURBIOS SEXUAIS NA MULHER E O SEU TRATAMENTO MODERNO. Alterosa, ano VII, n. 67, novembro de 1945, p. 95.

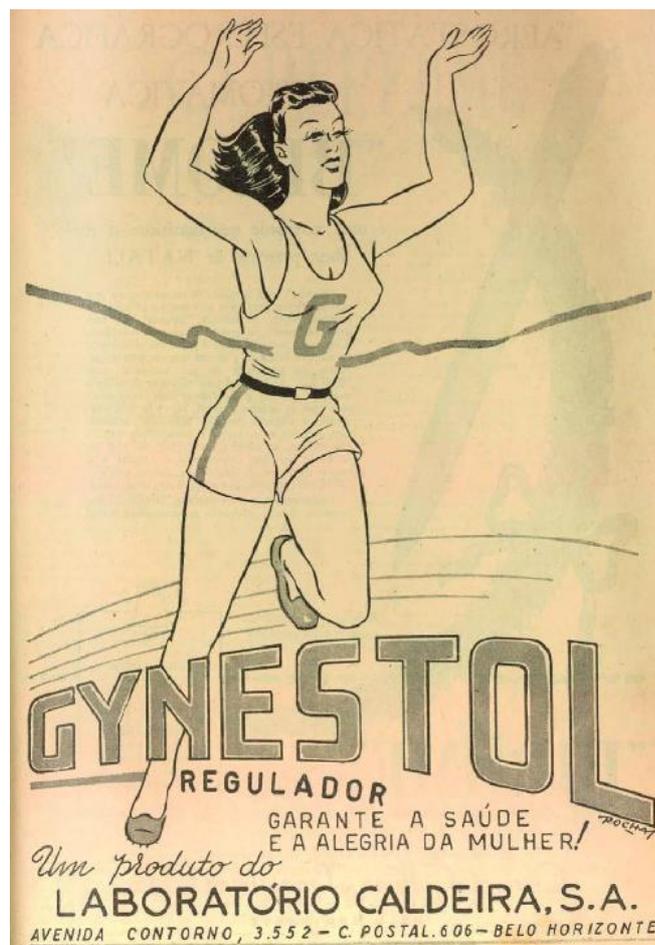
vitalidade como também regulava todos os tipos de regras, além de obter “resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis, e todas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa)”.³⁴⁵ O medicamento trazia novidades, pois seus resultados não tratavam somente da obesidade, mas da excessiva magreza, indicando que existiam casos de transtornos alimentares, como a anorexia e a bulimia nervosa. O tratamento da flacidez parece sintomático, quando se cogita o emagrecimento rápido via medicamentos. Isso apontava, juntamente com a magreza exagerada, o poder de coerção social do ideal de beleza vigente que incluía os cuidados com o envelhecimento feminino. Assim, a saúde compunha o discurso normativo que circunscrevia a felicidade da mulher.

Acompanhando o desenvolvimento dos costumes, a representação daquele momento era o anúncio do regulador ginecológico Gynestol.³⁴⁶ A ilustração da peça publicitária exibia uma jovem magra correndo. A cena retratava o momento em que ela ultrapassava a linha de chegada, “rasgando” a fita que sinalizava o fim da corrida. A letra G, inicial do nome do produto, parecia fazer parte desta fita, já que ambas compartilhavam a mesma cor. O movimento de ruptura da fita era o momento de vitória, uma analogia entre o uso do medicamento e os benefícios conquistados através dele.

³⁴⁵ OS DISTURBIOS SEXUAIS NA MULHER E O SEU TRATAMENTO MODERNO. Alterosa, ano VII, n. 67, novembro de 1945, p. 95.

³⁴⁶ Em pesquisa realizada na Hemeroteca Digital Brasileira, a primeira referência encontrada sobre o regulador ginecológico foi no Diário da Manhã, Vitória, ano XVII, n. 293, 17 de agosto de 1923, p. 7. Outras ocorrências foram encontradas nos jornais *Lar Catholico* (MG), *A Noite* (RJ), entre outros. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>>. Acesso em: 10. Jun. 2017.

Figura 10 – Anúncio do regulador ginecológico Gynestol



Fonte: Alterosa, ano VII, n. 68, dezembro de 1945, p. 165.

“Gynestol garante a saúde e a alegria da mulher!”³⁴⁷ Como um regulador do organismo feminino, seus resultados previam que os incômodos mensais fossem sanados, trazendo-lhe, durante as regras mensais, tranquilidade e energia para realizar qualquer atividade, inclusive o esporte. Essa era a mulher moderna: magra, de corpo leve e ágil, elegante e ativa, mesmo durante o período menstrual.

O esporte, como percebido ao longo desse item, esteve presente por meio de referência e imagens. No Brasil, o corpo feminino caminhou definitivamente em sua direção no início da República, sempre acompanhado pelo perigo do desvio da mulher de sua função social. Superando sua preliminar condenação, em torno de 1918, tornou-se indicativo de revolução de costumes (DEL PRIORI, 2000, p. 63-66). Por essa razão, é o assunto da próxima seção.

³⁴⁷ GYNESTOL. Alterosa, ano VII, n. 68, dezembro de 1945, p. 165.

2.5 “O esporte como fator de beleza”³⁴⁸

A incorporação de hábitos saudáveis significava civilizar o Brasil. O corpo, vetor das condicionantes modernas, exigia adestramento para corresponder, expressar e disseminar os valores requeridos pelo modo de vida moderno. O cenário de emergência e enraizamento do esporte em Belo Horizonte ocorreu nas duas primeiras décadas do século XX. De acordo com Marilita Rodrigues, a conformação de um campo esportivo na cidade se realizou tanto pela ação do poder público e privado nos espaços escolares como pela iniciativa de associações da sociedade civil, acompanhadas pela visibilidade dada pela imprensa ao tema: “sua aceitação como divertimento organizado e ‘civilizado’ foi significativa para o seu desenvolvimento e consolidação na cultura urbana da cidade” (RODRIGUES, 2006, p. 204). Esse processo de transformação dos costumes ganhou novo fôlego na década de 1940 através da forte atuação do Estado e por meio dos ditames da indústria cultural norte-americana (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Cabe esclarecer que se opera com a noção de indústria cultural a partir de seu traço determinante, a padronização de bens (ORTIZ, 2001), procurando estabelecer a construção e reprodução de um modelo de feminilidade,³⁴⁹ repercutido fortemente pela revista, em um crescente processo de hegemonia cultural realizado pelo Office of the Coordinator of Inter-American Affairs³⁵⁰ com a participação da indústria cinematográfica e grandes empresários norte-americanos (TOTA, 2000).

O estado de Minas Gerais fomentou a prática da cultura física³⁵¹ através de um conjunto de medidas, dentre elas, o Minas Tênis Clube foi a mais emblemática. Segundo Rodrigues *et al* (2014, p. 35-36), o clube, criado em 1935 e inaugurado em 1937, foi construído pela Prefeitura da capital, e arrendado por um grupo da elite

³⁴⁸ O ESPORTE COMO FATOR DE BELEZA. *Alterosa*, ano IV, n. 29, setembro de 1942, p. 46.

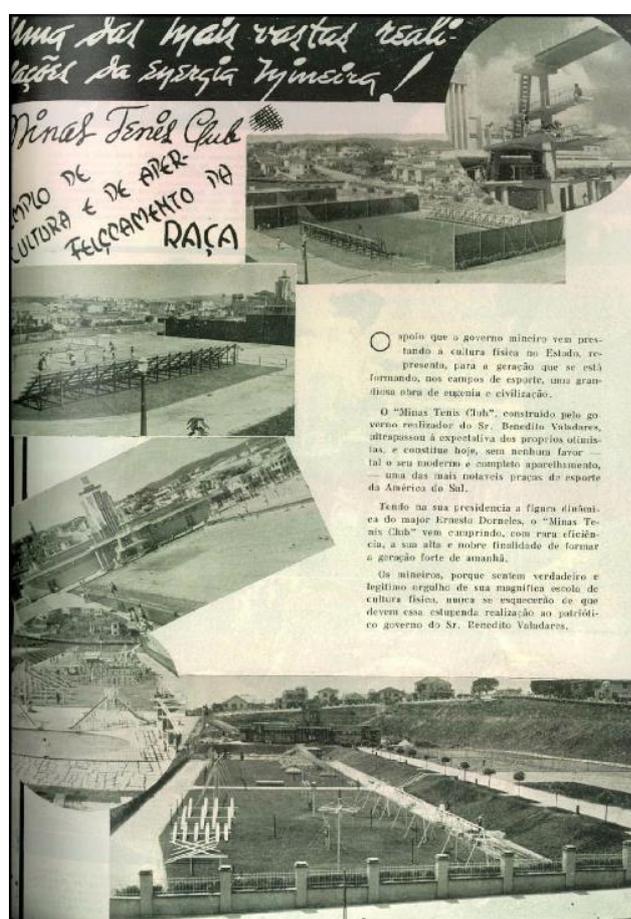
³⁴⁹ A abordagem não pretende discutir o conteúdo estético dos bens culturais e sim o caráter hegemônico da produção e difusão desses. É importante reiterar que, de acordo com Ortiz (2001), entre os anos 1940 e 1950, iniciou-se gradualmente a constituição de uma indústria cultural nacional e a formação de uma sociedade de consumo, que se consolidarão em torno dos anos 1960.

³⁵⁰ O Office of the Coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA) foi criado em 1940 e era composto por três divisões: Divisão Comercial e Financeira, Divisão de Comunicações e Divisão de Relações Culturais. Dirigido por Nelson Rockefeller, foi o órgão responsável por controlar, por vias ditas pacíficas, o antiamericanismo na América Latina. Seu objetivo era intensificar as relações comerciais para ampliar o mercado norte-americano assim como os princípios econômicos liberais. A política que norteava o programa deu relevância às atividades culturais e à comunicação para a divulgação dos princípios do americanismo (TOTA, 2000, p. 41-54).

³⁵¹ Rodrigues *et al* (2014, p. 38) relata que a expressão “cultura física” era utilizada naquela época para designar diferentes práticas corporais, como ginástica, jogos e esportes em geral.

política e econômica da cidade. No Decreto-Lei n. 150, de 1938, o Minas Tênis foi transformado na Praça de Esportes Minas Gerais, uma instituição de utilidade pública em que o estado realizou sua política de difusão da cultura física em Minas Gerais, assumindo a responsabilidade de formação de monitores para o ensino e treinamento de exercícios físicos e esportes em geral, com a colaboração da Polícia Militar. A presença militar implicava em uma rígida disciplina, em que a ordem, a obediência e o civismo seriam assegurados (RODRIGUES *et al*, 2014, p. 39).

Figura 11 – Matéria sobre o “Minas Tennis Club”



Fonte: Alterosa, ano I, n. 1, agosto de 1939, p. 51.

Celebrado como “uma das mais vastas realizações da energia mineira!”,³⁵² a notícia apresentava as quadras de vôlei e tênis, equipamentos para exercícios físicos e a piscina, com destaque para o trampolim, sugerindo o vigor com o qual o estado exercia as ações voltadas para o aprimoramento físico. “Exemplo de cultura e

³⁵² UMA DAS MAIS VASTAS REALIZAÇÕES DA ENERGIA MINEIRA! Alterosa, ano I, n. 1, agosto de 1939, p. 51.

aperfeiçoamento da raça”,³⁵³ suas atividades, apoiadas pelo governo mineiro eram “uma grande obra de eugenia e civilização”,³⁵⁴ em “sua alta e nobre finalidade de formar a geração forte de amanhã”.³⁵⁵ A matéria anunciava o clube como signo da modernização de Minas Gerais em que as práticas esportivas, sob o sentido civilizatório, seriam a profilaxia para o futuro da nação. Segundo Goellner (2008, p. 8), a educação física e o esporte eram os pilares do projeto varguista de engrandecimento da Pátria que visava o fortalecimento da população, a depuração racial e a construção de um sentimento de identidade nacional. Assim, o Minas Tênis Clube, “realização patriótica de Benedito Valadares”,³⁵⁶ foi parte integrante do projeto político de Vargas, no qual a disciplina moral e o adestramento físico da juventude eram fatores de preparação do corpo para o trabalho e o civismo (RODRIGUES *et al*, 2014, p. 37).

A criação da Loteria do Estado de Minas Gerais, em 1939, pelo Decreto-Lei n. 175, destinava parte dos recursos para o esporte (RODRIGUES *et al*, 2014, p. 40):

Prestigias a grande obra de educação e cultura que o Governo de Minas vem realizando com absoluta firmeza, adquirindo os bilhetes da Loteria Mineira. Ampareis, assim, o futuro da nossa terra, porque esse futuro depende dos homens de amanhã, isto é, da mocidade que está aprimorando o espírito e o corpo nas nossas escolas e nos nossos campos de esporte.³⁵⁷

O anúncio, além de comunicar as ações do estado na difusão da cultura física, chamava o leitor da revista a contribuir para o projeto estadual, envolvendo-o de forma indireta na política pública sob o mote, carregado de civismo, da construção do futuro de Minas Gerais. Este futuro, subordinado a uma educação de aperfeiçoamento do corpo e da moral dos jovens, no âmbito escolar e cultural, dependia do apoio de todos. Silvana Goellner (2008, p. 4) relata que, desde o início do século XX, muitos discursos e práticas ligadas à atividade física circulavam no país, alegando que o fortalecimento da população era pré-requisito para o aprimoramento da raça, o que avançou posteriormente para a Era Vargas. Os esforços empreendidos criaram condições de educar, fortalecer e aprimorar o corpo da mulher branca como instrumento de regeneração física e racial da população. Dessa forma, o esporte

³⁵³ UMA DAS MAIS VASTAS REALIZAÇÕES DA ENERGIA MINEIRA! *Alterosa*, ano I, n. 1, agosto de 1939, p. 51.

³⁵⁴ *Ibidem*, p. 51.

³⁵⁵ *Ibidem*, p. 51.

³⁵⁶ *Ibidem*, p. 51.

³⁵⁷ LOTERIA MINEIRA. *Alterosa*, ano I, n. 1, agosto de 1939, p. 22.

feminino foi institucionalizado como preparação para a maternidade sadia ao mesmo tempo que possibilitou o ingresso da mulher de classe média e alta na esfera pública e, conseqüentemente, uma maior exposição de seu corpo.

Figura 12 – Anúncio da Loteria Mineira



Fonte: Alterosa, ano I, n. 1, agosto de 1939, p. 22.

A ilustração da figura 12 mostrava uma jovem em posição de arremessar um peso, técnica característica dessa modalidade de atletismo. O cabelo estava arranjado em um penteado, o rosto parecia maquiado e o traje esportivo exibia suas pernas. O anúncio apresentava um modelo idealizado, e não uma atleta, pois a imagem da mulher no esporte, conforme Goellner (2008, p. 14), congregava dois princípios essenciais e inerentes: a força e a beleza.

O gosto pela atividade física se desenvolveu como uma prática moderna de cultivo do corpo, proporcionando uma forma de diversão na capital. No cenário que conjugava saúde, corpo e diversão, a *Alterosa* motivou sua leitora na prática da cultura física por dois vieses: um voltado para a prática esportiva, com matérias sobre

mulheres esportistas, e outro norteado por atividades físicas por meio das colunas de beleza, alinhadas ao aval das estrelas de cinema hollywoodianas. Portanto, cabe diferenciar esses dois tratamentos, ainda que os sentidos de esporte e de atividade física se confundam na revista, que adotou a noção de cultura física. A própria grafia do termo, ora muda de esporte para *sport*. O esporte moderno, grosso modo, se configurou através de algumas características, como a organização de entidades representativas, possuir um calendário próprio de eventos, envolver um corpo técnico especializado e gerar um mercado ao seu redor (MELO, 2010, p. 90). Em frente desse entendimento, logo diferencia-se a prática esportiva da atividade física que, na publicação, estava direcionada ao incentivo de cultivo do corpo, como será demonstrado aqui.

A natação era um dos esportes considerados adequados para a mulher. Em função de seu baixo impacto, fortalecia o corpo e não prejudicava a maternidade. A primeira matéria sobre esporte feminino na revista foi sobre Sieglinda Lenk, a campeã de natação do Minas Tênis Clube. A matéria iniciava com uma brincadeira, “Bom dia, Sieglinda! Você amanhece dentro d’água, hein?”.³⁵⁸ A insinuação referia-se ao estilo de vida adotado pela nadadora, que servia de exemplo para o modelo higiênico e saudável requerido para a mulher. As características usadas para descrever a “notável nageuse” reforçavam as qualidades que a esportista deveria ter e não poderia perder no projeto de fortalecimento racial:

Sieglinda Lenk é assim: – nos lábios, tem um sorriso de acolhedora simpatia para todo mundo; no coração, uma oceânica reserva de bondade; no corpo, a ágil flexibilidade de um arco tapuia e a rapidez de um peixe voador; no espírito, uma energia de aço e uma lucidez de águia, e, em toda a sua pessoa, a doce e irresistível sedução de todas as iaras dos rios imensos e selvagens do verde Brasil.³⁵⁹

A simpatia e a bondade faziam parte da docilidade feminina, na função de cuidar do outro, no casamento e na maternidade. A agilidade corporal e a força eram os elementos adquiridos pelo cultivo do corpo, assim como a energia e a lucidez. Corpo e mente são para o propósito da procriação aperfeiçoada. Por fim, não menos importante, a capacidade de sedução, que dizia respeito à manutenção da feminilidade. O arco tapuia, as iaras e os rios imensos e selvagens do verde Brasil

³⁵⁸ SIEGLINDA LENK E ASSIM... Alterosa, ano I, n. 1, agosto de 1939, p. 50.

³⁵⁹ Ibidem, p. 120.

criavam uma atmosfera nacionalista em que as características desejadas para a mulher se misturavam ao projeto de nação.

A natação surgiu em Belo Horizonte em uma prova realizada em 1909 nos lagos do Parque Municipal (RODRIGUES, 2006, p. 195). A prática esportiva foi se expandindo, gradualmente, pelos colégios e clubes da cidade, tendo sua maior expressão no Minas Tênis Clube. Ao que tudo indica, o treinamento era executado dentro da disciplina militar, pois a formação dos professores de natação na capital e no interior do estado, em grande medida, foi realizada por oficiais da Polícia Militar (RODRIGUES *et al*, 2014, p. 39), propiciando a formação de atletas de rendimento. Era o caso de Sieglinda Lenk que, tendo retornado do campeonato sul-americano de natação,³⁶⁰ foi conclamada, juntamente com outros atletas, pela revista: “há mocidade, vigor e festa nas nossas piscinas. Os atletas montanheseiros vão buscar louros em outros estados”.³⁶¹ A efervescência daquele momento era mostrada pelas fotografias de corpos jovens, belos e saudáveis ao sol nas agremiações do Minas Tênis Clube, Atlético e América.

Embora a mulher integrasse a mudança de hábitos na capital, existia uma forte preocupação com a perda de sua feminilidade, a mineira: “também participou desse movimento, sem que fossem diminuídos os seus predicados de graça, de austeridade, de virtudes. À sua robustez moral, aliaram-se as qualidades de resistência física, de elegância e plástica”.³⁶² O fato da revista reservar um trecho do texto para esclarecer que a mineira não havia perdido seus atributos, indicava que existia alguma resistência sobre a prática esportiva feminina em parte da sociedade. O esporte, que lhe conferiu certa emancipação na esfera pública, retinha condicionantes relativos à sua função social. O exercício corporal deveria fortalecer o corpo feminino sem alterar sua imagem de mulher maternal, bela e feminina, “sem lhe destituir a harmonia das formas, a beleza e a graciosidade” (GOELLNER, 2008, p. 14). A robustez moral mencionada no texto, referia-se ao revigoramento da capacidade reprodutiva, fortificando o corpo feminino para a procriação e a maternidade sadias, cuja finalidade era o depuramento da raça, como afirma Goellner (2008).

³⁶⁰ SIEGLINDA LENK E ASSIM... Alterosa, ano I, n. 1, agosto de 1939, p. 120.

³⁶¹ O CALOR CONVIDA AS PISCINAS. Alterosa, ano I, n. 5, dezembro de 1939, p. 68.

³⁶² *Ibidem*, p. 68.

O acesso feminino ao esporte se dava tanto pelas agremiações esportivas quanto pelas instituições de ensino. O Clube do América, segundo a notícia “Feminismo em marcha”,³⁶³ tinha um departamento feminino que realizava competições internas: “As senhorinhas, que o compõem, todas da melhor sociedade mineira, exercitam no estádio rubro todos os esportes, e, recentemente foi realizado um festival interno de atletismo”.³⁶⁴ A nota, referente a um clube de elite da capital, foi publicada na edição de lançamento da revista validando a prática esportiva feminina ao sugerir que esse caminho conquistado pela mulher não tinha mais retorno, principalmente porque parte das senhorinhas da elite mineira sustentavam essa ideia.

Na Escola Normal (1906), instituição formadora de professoras na capital e dedicada à educação dos corpos femininos, foram desenvolvidas diferentes práticas esportivas. Marilita Rodrigues (2006, p. 227-229) menciona que a instituição foi responsável pelo desenvolvimento e pela expansão da prática esportiva feminina na cidade. O *basket-ball*, o *voley-ball* e o *hockey*, inicialmente dirigidos para a educação da mulher, ultrapassaram os muros da escola para integrar a cultura urbana da cidade. O basquete e o vôlei ganharam destaque no final da década de 1920 e início de 1930 (RODRIGUES, 2006, p. 295). Conforme a autora, essas práticas que figuravam como jogos esportivos nas comemorações da instituição e nas preliminares dos jogos de *football* realizados no Prado Mineiro, sob a direção da Prof^a. Lucia Joviano,³⁶⁵ despertaram o interesse da sociedade mineira (2006, p. 227-232). Na observância desse sentido, parece que o vôlei feminino, no início da década de 1940, começou a alterar seu *status* dentro do campo esportivo. Um indicativo dessa mudança foi o torneio triangular realizado em homenagem ao embaixador britânico em visita à capital, que contou com a participação das equipes do Minas Tênis Clube, D. Pedro II (Juiz de Fora) e do Varginha F. C.: “este torneio”, publicou a revista *Alterosa*, “deve servir de estímulo aos dirigentes do elegante esporte em Minas, que precisam continuar a promover jogos-intermunicipais”.³⁶⁶

O desenvolvimento do esporte na capital foi um dos fatores responsáveis por materializar traços da cena moderna:

³⁶³ O FEMINISMO MARCHA. *Alterosa*, ano I, n. 1, agosto de 1939, p. 52.

³⁶⁴ *Ibidem*, p. 52.

³⁶⁵ Sobre a trajetória de Lucia Joviano, consultar Fernandez (2013).

³⁶⁶ O ‘TORNEIO TRIANGULAR’ DE VOLEIBOL. *Alterosa*, ano IV, n. 28, agosto de 1942, p. 135.

Belo Horizonte, cidade moderna, em todos os magníficos aspéto de sua vida, tinha, que forçosamente, ser desportiva,³⁶⁷ preparando o vigor e a força física de sua juventude, com esse mesmo entusiasmo que cuida de seu desenvolvimento e progresso espiritual. Daí as lindas e majestosas piscinas, que adornam as suas lindas praças de esportes, onde desfilam, nas manhãs quentes de sol, a graça e a poesia das montanhesas, e onde os corpos atléticos dos jovens se douram da luz forte dos dias estivais. Constitue espetáculo sadio a perfeição harmoniosa dos corpos moços, palpitantes de saúde e vitalidade, dominando o lençol azul das águas límpidas das piscinas, e movimentando-se, elásticos e musculosos, felinos e ardentes, em esplendidas exibições esportivas, como se pode notar agora que se inicia a estação estival...³⁶⁸

O trecho referia-se à cidade que nasceu com a missão de ser moderna e que, por isso, tinha por obrigação aprimorar fisicamente e espiritualmente sua juventude através do esporte – signo da modernidade –, usado como elemento ideológico e pedagógico. A cena, constituída pela exposição de corpos sadios e esbeltos que compartilhavam os espaços de alguns clubes da capital, o Minas, o América, o Atlético e o Palestra, ao ar livre e sob o sol, retratava o progresso cultural que a sociedade mineira tinha alcançado. Os corpos das montanhesas que desfilavam eram sempre graciosos, reafirmando a feminilidade da mineira, enquanto os corpos dos jovens eram atléticos, elásticos, musculosos e ágeis em seus movimentos, qualidades atribuídas à masculinidade. Algumas práticas comuns à cultura física, tais como o suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, os gestos espetacularizados e a rivalidade consentida, dentre outros, não eram compatíveis com a imagem de feminilidade e, mais que isso, pareciam desestabilizar um espaço criado e mantido sob domínio masculino, determinado biologicamente, e que deveria comprovar a superioridade deles em relação a elas (GOELLNER, 2009, p. 279).

A distinção na adjetivação dos corpos se estendia às práticas esportivas definidas para a mulher. Existem referências sobre a organização do futebol feminino no país desde a década de 1930. O movimento que incluía Belo Horizonte ganhou força nos anos de 1940, mas foi prontamente cerceado por setores da sociedade civil e pelo governo Vargas,³⁶⁹ tido como “desvio de conduta”. Nenhuma menção sobre a

³⁶⁷ Melo (2010, p. 73) relata que encontrou no Grande Dicionário da Língua Portuguesa, lançado após o acordo ortográfico luso-brasileiro de 1945, o verbete “desporto”, cujo sentido era “prática sistemática de exercícios físicos”. Dessa forma, o sentido que o texto deu ao usar a palavra tinha o mesmo sentido de esporte para a revista.

³⁶⁸ A MULHER MINEIRA NOS ESPORTES. Alterosa, ano IV, n. 22, janeiro / fevereiro de 1942, p. 34.

³⁶⁹ O Decreto-lei n. 3.199, de 1941, oficializou a interdição às mulheres de várias modalidades esportivas, como o futebol, rúgbi, polo, polo aquático, corridas de fundo e lutas, consideradas violentas à natureza de seu sexo (GOELLNER, 2009, p. 279). De acordo com Maurício Drumond (2009, p. 235-236), a intervenção do Estado no esporte culminou com a criação do Conselho Nacional de Desportos

modalidade foi encontrada na *Alterosa*. Provavelmente por tratar-se de uma prática considerada violenta para a mulher, o que poderia prejudicar sua função biológica de procriação (FRANZINI, 2005; GOELLNER, 2005; MOURA, 2003). De acordo com Silvana Goellner (2009, p. 185), as premissas sobre a perda da feminilidade operam como mecanismos de exclusão e inclusão em diferentes modalidades esportivas, demarcando os espaços de sociabilidade da mulher ao afirmar a fragilidade corporal feminina em relação aos corpos masculinos.

Como a mulher não podia perder sua feminilidade, e tampouco sofrer algum abalo em sua estrutura reprodutiva, as modalidades indicadas para a sua prática esportiva eram a natação, o vôlei, o atletismo, o basquete, o pingue-pongue e o tênis, segundo Eriberto Moura (2003). Dentre elas, a natação, o vôlei, o atletismo e o tênis³⁷⁰ já apareceram em imagens e citações da revista neste capítulo, tendo destaque as três primeiras:

[...] o elemento feminino vem intensificando de modo notável as suas atividades de cultura física, que vão desde o vôlei passando pelo atletismo e a natação, até os mais modernos generos de ginástica, sob a orientação esclarecida dos mais competentes técnicos³⁷¹.

A ginástica foi apresentada de forma diferente na publicação. Era mencionada como forma de adquirir saúde, beleza e um corpo esguio em matérias de autoria da própria redação da revista com a participação de estrelas de cinema e rádio e nas colunas de beleza. Integrando o conceito de cultura física, dentro do universo das práticas corporais, ao lado do esporte e dos jogos, foi materializada na revista, como uma forma de atividade física, requerida dentro do modelo propagado como ideal de beleza, engendrado pelo Estado e pela indústria cultural norte-americana (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Silvana Goellner esclarece que “a intenção de fortalecer o corpo feminino mediante a prática de atividades físicas objetivando prepará-lo para a condução de uma maternidade sadia” (2008, p. 12) ocorreu em diversos países, como Argentina, Alemanha, Estados Unidos, Reino Unido, França, Itália, Espanha e Portugal. Dessa forma, em meio ao processo de americanização do país, a sintonia entre Brasil e EUA na formação da mulher sadia irradiou-se

e a regulamentação do esporte nacional. O conselho passou a orientar, fiscalizar e incentivar a prática esportiva em todo o país.

³⁷⁰ O ciclismo apareceu como atividade física em matérias na seção de moda, não como um esporte feminino.

³⁷¹ A MULHER MINEIRA NOS ESPORTES. *Alterosa*, ano IV, n. 22, janeiro / fevereiro de 1942, p. 34.

primordialmente pela indústria hollywoodiana. De acordo com Del Priori (2000, p. 75), a estética cinematográfica, como sinônimo de mentalidade moderna, foi um dos fatores cruciais na construção do modelo de beleza pautado na magreza e na juventude. Imbricada nesse processo, a moda, sob o impacto do esporte, transformou a aparência feminina. Lipovetsky afirma (1989, p. 76-78), grosso modo, que a partir de década de 1920, o *sportwear* passou a ser usado para passeios ao ar livre na cidade e não somente para a prática esportiva. Aos poucos, esses trajes foram desnudando os corpos, principalmente, o feminino. O corpo natural se mostrava sem as trucagens excessivas do vestuário, o que implicou nas mudanças das linhas dos trajes, criando um novo ideal estético de feminilidade, a mulher esguia, esbelta e moderna, aquela que praticava esportes. Em conjunto, a alta costura e a arte moderna tiveram papéis fundamentais nos novos valores dirigidos à depuração de formas e à recusa do decorativo.

A imagem da beleza e da elegância da mulher moderna era reproduzida pela moda, por meio da introdução de novidades sazonais, que indicavam sua forma de uso no conjunto dos sentidos que orientavam a mentalidade da época. “Os lindos modelos esportivos de palpitante atualidade em Hollywood”³⁷² eram usados pelas estrelas de cinema “nos dias calidos de verão, nas piscinas, nas quadras de tênis e passeios campestres, etc.”³⁷³ Diferentemente das outras imagens apresentadas anteriormente, a seção de moda do periódico era geralmente composta por diversas fotografias que mostravam as estrelas de corpo inteiro, de maneira a exibir os modelos de vestimenta. A Figura 13 apresenta três modelos diferentes, em cenas que tentam reproduzir o ar livre, mas era perceptível o uso de recursos cenográficos. As jovens não usavam trajes específicos para os esportes mencionados e suas poses não remetiam à prática esportiva, indicando que o interesse da matéria era propagar a imagem de corpos belos e saudáveis, conquistados através da prática de exercícios físicos. Uma nova aparência corporal, um novo modo de vestir, um novo estilo de vida. Nota-se, inclusive, que uma das estrelas estava de “saltos altos”, um elemento de fetiche da moda, signo de sedução e elegância. A ilustração do sol sorrindo e irradiando seu calor sobre os corpos, sinalizando saúde e vitalidade, convidava à prática esportiva no verão, sugerindo à leitora a adoção dos costumes norte-americanos: “estamos certos de que a leitora dirá conosco: vale a pena andar assim

³⁷² O CALOR CONVIDA AO ESPORTE. *Alterosa*, ano I, n. 5, dezembro de 1939, p. 102.

³⁷³ *Ibidem*, p. 102.

também em Belo Horizonte, pois o nosso verão não fica nada atrás do calor da Califórnia...”.³⁷⁴

Figura 13 – Detalhe da matéria “O calor convida ao esporte”



Fonte: Alterosa, ano I, n. 5, dezembro de 1939, p. 102.

A afirmação da paridade entre a cidade de Belo Horizonte e o estado da Califórnia (EUA) indicava a confluência de interesses na adoção do modelo cultural norte-americano para a tentativa de composição da mulher mineira. Juntamente com a ideologia do Estado Novo e uma indústria cultural nacional incipiente, tendo o rádio como principal instrumento propagandístico, as imagens da cultura industrializada norte-americana foram de grande serventia ao país para a difusão do exemplo de mulher desejada para o ideal de nação, sendo a imagem mais impactante que a transmissão radiofônica.

As estrelas norte-americanas eram o modelo hegemônico de representação da feminilidade na revista. Sua beleza e seu modo de vida causavam

³⁷⁴ O CALOR CONVIDA AO ESPORTE. Alterosa, ano I, n. 5, dezembro de 1939, p. 102.

a admiração de mulheres que almejavam a mesma admiração, por isso criavam a identificação necessária à difusão do padrão estético e certos modos de conduta³⁷⁵ requeridos para o projeto de nação. As moças que desejavam “fazer carreira no cinema, no teatro, no rádio, ou como modelos vivos profissionais”,³⁷⁶ deveriam cuidar da saúde, seguindo uma disciplinada rotina. Segundo a matéria “Candidatas a glória”, publicada em novembro de 1945, para corresponder ao ideal de beleza ou mesmo representá-lo ao lado de seus ídolos era necessário: conhecimentos de higiene; sono de 8 horas; alimentação substancial sem gorduras; equilíbrio das atividades de lazer, como “abandonar festas que se prolongam até altas horas da noite”³⁷⁷, e também de estudo: “evitar estudos demasiados em prejuízo do cuidado físico”;³⁷⁸ cultivar a habilidade de ser agradável e cortês e mais a prática física, pois “virtualmente, tôdas as ‘estrelas’ de cinema dedicam-se a um ou mais esportes”.³⁷⁹ Chama atenção a regulação do lazer e do estudo que, embora atreladas aos princípios higienistas, diziam respeito à restrição dessas atividades em nome do descanso físico. A atribuição do valor negativo sinalizava a tentativa de controle do corpo da mulher em sua sociabilidade, no caso do lazer, e em sua socialização, no caso do estudo. O descanso recuperava as energias para atividades fundamentais que não eram nem a diversão, nem o estudo. Notadamente, não houve nenhuma menção restritiva ao esporte, justamente a atividade que poderia causar cansaço e algum comprometimento físico, sinalizando que o interesse da matéria era afirmar a prática física para o alcance do ideal de beleza. A última frase da citação induz à leitora a crer que o conseguiria por meio do esporte. Essas eram as prescrições para as “candidatas à glória”.

Uma sessão de fotos nas dependências do Minas Tênis Clube definia como era essa mulher. A revista incorporou à notícia a imagem de uma estrela de cinema, para demarcar qual era o tipo de mulher que se pretendia constituir no estado, demonstrando qual era o padrão a ser seguido.

³⁷⁵ Ao mesmo tempo em que o discurso da revista tinha a estrela de cinema como elemento persuasivo, retinha condicionantes para a valorização da ordem conjugal, publicando matérias que mostravam que as atrizes, embora trabalhassem fora de casa, não deixavam de exercer seu papel social como esposas, mães e donas de casa. Exemplos: AS ESTRELAS SAO OTIMAS DONAS DE CASA. Alterosa, ano V, n. 40, agosto de 1943, p. 64; A FELICIDADE NO CASAMENTO. Alterosa, ano VII, n. 68, dezembro de 1945, p. 199.

³⁷⁶ CANDIDATAS A GLORIA. Alterosa, ano VII, n. 67, novembro de 1945, p. 86.

³⁷⁷ Ibidem, p. 86.

³⁷⁸ Ibidem, p. 86.

³⁷⁹ Ibidem, p. 94.

Figura 14 – Frances Nell, estrela da R.K.O Radio³⁸⁰



Fonte: Alterosa, ano III, n. 13, abril de 1941, p. 46.

Parte da legenda dizia: “na fotografia acima, dá-nos bem uma ideia da especie de mulher que se está formando em Minas Gerais. Bela, sadia e forte”.³⁸¹ A Figura 14 mostra uma mulher bela, branca e esbelta, sorrindo ao sol. Esses eram os ingredientes para a preparação de uma espécie. A estrela estava deitada sob o sol, vestida de maiô, seu corpo se apoiava no braço direito, e seu olho direito estava fechado. A imagem sugeria um flagrante. Aparentemente, ao ser abordada, a jovem inclinou seu corpo e olhou para cima, na tentativa de ver quem a interpelava. Desse

³⁸⁰ A Radio-Keith-Orpheum originou-se em 1928 da fusão da Radio Corporation of America, da cadeia de teatro Keith-Albee-Orpheum e da produtora americana Pathé. Durante a década de 1930, produziu as séries musicais de Fred Astaire e Ginger Rogers, os primeiros filmes de Katharine Hepburn, King Kong (1933), O Informante, de John Ford (1935) e Cidadão Kane, de Orson Welles (1941), hoje considerado uma obra-prima em técnicas de cinema. Jacques Tourneur e Alfred Hitchcock dirigiram vários *thrillers* psicológicos conhecidos para o estúdio nos anos 1940 (Tradução minha). Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/RKO-Radio-Pictures-Inc>>. Acesso em 17. Abr. 2018.

³⁸¹ MINAS TENIS CLUB. Alterosa, ano III, n. 13, abril de 1941, p. 46.

movimento derivou seu apoio corporal e o cerramento de um dos olhos. Porém, ela não tampou os olhos com as mãos porque seu rosto era o objetivo da realização da imagem. A ideia era afirmar que havia outras mulheres com esse padrão de beleza circulando nas agremiações esportivas de Belo Horizonte e isso parecia ser o suficiente para atestar o “sucesso” do projeto de aperfeiçoamento da raça e incentivar a adesão das jovens mineiras.

O padrão estético ora imposto não era plenamente aceito. Patrícia Lindsay,³⁸² colunista de beleza, respondendo a um grupo de jovens leitoras que criticavam a beleza da figura feminina alta e delgada, afirmava que a moça da nova geração parecia mais alta que as anteriores. A fotografia que acompanhava a matéria mostrava uma mulher branca esguia e esbelta, com a seguinte legenda: a verdadeira beleza é alta e delgada. A defesa desse modelo estético usava o argumento de veracidade, negando a outras estéticas a possibilidade de uma beleza real, tratando-as como enganosas. O texto da coluna, “na tendencia feminina para a escassez de carnes, não ha somente o propósito de parecer bem na moda, mas também o de melhorar a saúde”,³⁸³ afirmava que o objetivo da esbelteza não era somente corresponder a um modelo pautado na moda, ou seja, parecer magra. Era necessário tornar o corpo sadio. O dinamismo dos novos tempos exigia corpos ágeis e a gordura era a grande vilã da eficiência, associada ao envelhecimento e feiura do corpo. Dessa forma, sua “redução deverá ser conseguida por um processo lento e científico”,³⁸⁴[...] com exercícios convenientes e menús próprios”.³⁸⁵

Abonada pela ciência, a prática física e a dieta alimentar se tornaram condutas obrigatórias para uma vida saudável, cuja maior expressão era a esbelteza. As jovens que criticavam esse padrão estético, segundo a colunista, diziam que as moças que se adequavam ao modelo eram parecidas com seus irmãos. Como referido anteriormente, o modelo de beleza daquela época estava atrelado à prática esportiva feminina, tendo como principal preocupação a perda da feminilidade, e a consequente “masculinização” da mulher, o que poderia impactar as funções femininas no interior da ordem conjugal. Certamente, o modelo de beleza instituído não representava todas

³⁸² Patrícia Lindsay, colunista de beleza norte-americana, relatava seus conselhos a suas leitoras dos EUA. Em vista disso, cabem os mesmos argumentos que explicitarei ao abordar as crônicas de Kathleen Norris, no início do capítulo.

³⁸³ LINDSAY, Patrícia. A MOÇA DELGADA NADA TEM A VER COM A MOÇA MAGRA. *Alterosa*, ano III, n. 13, abril de 1941, p. 10.

³⁸⁴ *Ibidem*, p. 10.

³⁸⁵ *Ibidem*, p. 10.

as mulheres, era uma construção narrativa que tratava o corpo opulento como sinônimo de feiura, colocando em desvantagem nos jogos de sedução os corpos considerados desarmônicos. A crítica não procurava desmitificar a instituição da beleza e sim aquele padrão, inalcançável para grande parte das mulheres. Por sua vez, a desqualificação da esbelteza perpassava os sentidos de um corpo delineado por meio da atividade física, atrelando o modelo de beleza à masculinidade. A crítica expunha o comportamento misógino de mulheres e estava em sintonia com os papéis tradicionais de gênero, nos quais cabia à mulher a feminilidade, negando-lhe qualquer tipo de força, elemento naturalizado no universo masculino, na medida em que a concepção da perda da feminilidade, segundo Goellner (2009), também continha insinuações sobre homossexualismo.

Os exercícios físicos propostos, ao longo das páginas da revista, pareciam ter a finalidade de apresentar à leitora uma forma de aprimorar sua beleza e manter sua saúde sem a necessidade de realizar uma prática esportiva metódica ou competitiva. Eles figuravam como um estágio introdutório ou intermediário na inculcação dos hábitos saudáveis que regiam o modelo de beleza. Os exercícios ginásticos eram indicados para a manutenção da saúde e a correção estética, como por exemplo, o afinamento da silhueta que, conforme a matéria, compreendia “a harmonia das proporções, a esbeltez, o equilíbrio do peso e a conservação deste em um nível que esteja sempre de acordo com a estatura”.³⁸⁶ Diferentemente de outros que visavam somente a esbeltez da silhueta, estes tinham por objetivo a graciosidade e o alongamento da silhueta, ou seja, a forma harmônica que manteria a elegância e, por conseguinte, a feminilidade. Outro exemplo era a ginástica respiratória que auxiliava no desenvolvimento harmonioso da caixa torácica, segundo o texto, indicada para outros benefícios, para além da crescente queixa feminina sobre a “pobreza” de seus bustos. Seus benefícios, de acordo com “as mais abalizadas opiniões medicas”,³⁸⁷ envolviam o embelezamento do tórax, a estimulação da circulação sanguínea ativando o metabolismo, a estimulação de órgãos abdominais, fígado, estômago e intestinos e equilibrava o sistema nervoso. O texto esclarecia que, ao longo do tempo, a prática se tornaria um hábito e logo a mulher naturalmente respiraria

³⁸⁶ AFINAMENTO DA SILHUETA PELA CULTURA FISICA. *Alterosa*, ano III, n. 18, setembro de 1941, p. 19.

³⁸⁷ COMO E PORQUE SE DEVE PRATICAR A GINASTICA RESPIRATORIA! *Alterosa*, ano VII, n. 66, outubro de 1945, p. 86.

pelo abdômen. A boa respiração significava “mais saúde, mais beleza, mais juventude, que são o sonho de todas as mulheres...”.³⁸⁸

A saúde como vetor da beleza era o principal argumento explorado para persuadir a mulher a praticar exercícios físicos: “a beleza de hoje é a glorificação da saúde”, afirmava a matéria intitulada “O esporte como fator de beleza”.³⁸⁹ Embora isso suscitasse temores sobre a possibilidade de sua masculinização, o texto esclarecia que a feminilidade constituía a essência da alma feminina, por isso não havia risco de sua perda em função do fortalecimento do corpo: “A ‘feminilidade’ encantadora, essa fascinação mais atraente da mulher, seja vista como um dote emanado do coração. Não esta na pujança de uns musculos robustecidos, nem no sanguineo tom de uma face rosada”.³⁹⁰

A defesa da prática física para a mulher estava pautada na instrumentalização de seu corpo para o aprimoramento do povo brasileiro: “façamos do Esporte, com a magnificencia de suas virtudes inegáveis, parte integrante da educação feminina das filhas do Séclo, para maior gloria da mulher, para maior esplendor da raça”.³⁹¹ O corpo feminino, revitalizado e forte, era sinal de saúde e beleza para a mulher e as futuras gerações. Não somente o cultivo do corpo, mas também do espírito, pois, segundo o texto, ela não poderia esquecer de seus deveres espirituais, a instrução e o amor às artes. O corpo são e a mente sã da mulher seriam os transformadores do povo brasileiro. É importante mencionar que essa matéria afirmava que a demanda pelo ingresso feminino no esporte partira exclusivamente das mulheres que “agora sentiram a necessidade ingente de se tornarem robustas e fortes, cheias daquele mesmo espirito grego [...]”.³⁹² Não nego o interesse da mulher em participar do esporte, nem sua iniciativa para tal, mas a motivação não estava necessariamente ligada à obtenção de um corpo forte. Desde os primeiros anos do século XX, o esporte se configurou como um importante espaço de exercício de sociabilidade para a mulher e que tornou visível sua presença não somente como espectadora ou copartícipe de uma aparição, mas como protagonista (GOELLNER, 2009, p. 277). Praticar o esporte significava diversão, conhecer novas pessoas e fazer amizades, circular pela cidade, ver e ser vista, conquistar tempos e espaços na esfera

³⁸⁸ Ibidem, p. 130.

³⁸⁹ O ESPORTE COMO FATOR DE BELEZA. Alterosa, ano IV, n. 29, setembro de 1942, p. 46.

³⁹⁰ Ibidem, p. 46.

³⁹¹ Ibidem, p. 46.

³⁹² Ibidem, p. 46.

pública, entre outros. Segundo Goellner (2009, p. 277), não foi somente a favor do discurso da maternidade sadia e do aprimoramento da raça que o esporte foi sugerido para a mulher. Símbolo dos novos tempos, ele apontava o confinamento feminino na esfera privada como falta de cultura e de civilidade. Portando, o esporte conferiu maior participação na vida social da cidade, sendo diversas as motivações que levaram a mulher a praticá-lo.

A instituição do padrão estético da mulher bela e sadia foi resultado da confluência de vários interesses, advindos do desenvolvimento da técnica e da ciência, que possibilitaram maior conhecimento sobre o corpo e, conseqüentemente, maior controle sobre ele. Cabe lembrar que o subitem 1.3.2.1, sobre a alteração no sumário do item “Para a mulher” para “Moda e Beleza”, tratados como sinônimos, indicava que a revista via esses assuntos como estritamente relacionados ao universo feminino ou, ainda, que somente eles seriam de interesse da mulher. Dessa maneira, ela foi instigada a corresponder aos propósitos do cultivo do corpo:

Sentimos, através das linhas modernas destas criaturas estonteantes, que a mulher, na época de evolução geral que atravessamos, procura aliar, no mesmo ritmo acelerado, a perfeição do espírito ao equilíbrio helênico da forma. Procura realizar a beleza integral, no dinamismo da concepção da vida moderna, criando a mentalidade do rejuvenescimento espiritual na prática salutar dos esportes ao ar livre.³⁹³

O esporte, sistematicamente atrelado à modernidade, carregava consigo o sentido de progresso, de dinamismo e de eficiência. Seu caráter formativo preparava o corpo feminino para lidar com o ritmo da vida urbana. O título da matéria, “Silhuetas tentadoras”, remetia ao poder de sedução do padrão de beleza estabelecido tanto para a adesão das mulheres ao modelo proposto, que envolvia o consumo de bens simbólicos e materiais, como para os homens, que desejavam ter uma bela mulher ao seu lado. O discurso sobre a “beleza integral” – corpo e mente –, prometia a juventude por meio da prática esportiva em que a imagem dos corpos “belos, elegantes e ágeis”³⁹⁴ das estrelas de cinema, trajando o moderno vestuário, eram ícones de perfeição que atestavam o caminho a ser seguido.

³⁹³ SILHUETAS TENTADORAS. Alterosa, ano VII, n. 65, setembro de 1945, p. 76.

³⁹⁴ Ibidem, p. 77.

Figura 15 - Detalhe da matéria “Silhuetas Encantadoras”



Fonte: Alterosa, ano VII, n. 65, setembro de 1945, p. 76.

A Figura 15 exhibe três modelos, sendo dois *maillots* e um *short*. As linhas modernas das fascinantes entidades incorporavam as exigências do modelo hegemônico. Como afirma Menezes (2012, p. 23), o corpo feminino sustenta valores socioculturais que legitimavam projetos de poder político e econômico que, naquela época, correspondiam ao Estado Novo e à expansão do americanismo no país. Semelhante à matéria apresentada anteriormente na Figura 13, o cenário emulava o ar livre, os trajes não eram próprios de práticas esportivas, muito menos as poses. Novamente o uso de “saltos altos” reforçava a ideia de sedução, na qual o corpo belo e sadio da mulher era “objeto de vista”, utilizado pela publicidade e pela propaganda política como adereço a ser consumido, juntamente a outros bens simbólicos e materiais, por seus atributos físicos.

3 A EDUCAÇÃO DO HOMEM PARA A MASCULINIDADE

Neste capítulo, a representação do papel social do homem na revista *Alterosa* é abordada por meio da análise de reportagens político-econômicas que tratavam do desenvolvimento de Minas Gerais e do país e também das matérias sociais e notas prescritivas sobre o comportamento masculino, buscando evidenciar qual era o modelo de masculinidade difundido pela publicação.

O capítulo compreende cinco seções. A primeira aborda a imagem do homem através do cenário político-econômico e social, em que figuravam políticos e empresários, apresentando as características que conduziam à construção do modelo masculino: inteligência, dinamismo e visão complexa. A segunda discute o papel do marido e do pai, em torno do que definia a masculinidade – o trabalho – e, por meio de indícios de certa flexibilização do comportamento hostil do homem, em que o autocontrole permeava o refinamento dos modos. É importante reter que essa configuração se baseava na reestruturação do patriarcado e não existia nenhuma pretensão em alterar as distinções de gênero. A terceira seção apresenta a noção de elegância, que estava vinculada ao cultivo da aparência e dos modos, como mecanismo de controle do homem que visava inculcar uma sensibilidade tida por moderna. A quarta seção mostra, na publicidade, um ideal de masculinidade regido pela saúde e pela elegância, no qual o chamamento para a guerra se confundia com o chamamento para o trabalho, em prol do progresso material da Pátria. Nesse caso, o equilíbrio entre a força física e a força mental eram elementos desejados para a conformação desse homem. O cultivo do corpo masculino estava calcado na regulação de seu organismo, de seus impulsos sexuais e de sua aparência, que condiziam com o projeto eugênico da nação. Finalizando, a quinta seção apresenta o esporte como rito de virilidade e como modelo para a formação do homem vencedor, debatendo a estratégia discursiva da publicação que valorizava os princípios morais do amadorismo futebolístico sob a lógica da eficiência, visando vincular o *ethos* esportivo, signo de modernidade, ao seu projeto identitário de representação de Minas Gerais no país.

3.1 O trabalho em prol da nação

“Como, entretanto, manifestar nosso desejo de bem servir ao município, senão servindo bem ao prefeito que, com inteligência, dinamismo e visão dos problemas públicos, vem administrando a cidade?”³⁹⁵

O trecho citado acima integrava uma das matérias direcionadas ao público masculino na revista *Alterosa*. Grande parte desse conteúdo era composto por reportagens políticas e econômicas, referentes ao mundo do trabalho, dimensão central da representação masculina (NOLASCO, 1993). A matéria em questão tratava da comemoração do terceiro ano de administração da prefeitura de Belo Horizonte e essa parte foi retirada do pronunciamento do Dr. Oswaldo Neves Massote, diretor do departamento de despesa e material da prefeitura, em nome dos funcionários municipais. Segundo esse texto, Massote realizou uma homenagem sincera ao prefeito Juscelino Kubitscheck, como demonstração da grande estima pelo exemplo do administrador. Na citação, estão reunidos os atributos exigidos do homem para o cumprimento de seu papel: a inteligência, o dinamismo e a visão dos problemas públicos. O homem que os detinha era o maior exemplo no interior da hierarquia masculina presente na revista, em tempos de propaganda política do regime de Vargas, a fim de difundir as obras de seu governo, assim como valorizar o trabalho. Sob esse viés, esse homem é definido por sua capacidade de trabalho, representado primordialmente pela elite política e econômica, ele se destacava através de suas realizações na sociedade. Porém, não eram somente políticos e empresários que se destacavam, a elite intelectual também detinha visibilidade, embora em menor escala, na revista, assim como profissionais liberais e esportistas. Alguns desses homens serão apresentados neste capítulo.

Ao contrário de prescrições diretas de comportamento, como as que, em grande parte, eram dirigidas ao público feminino, o modelo ideal de masculinidade era difundido por reportagens e matérias que exibiam homens de sucesso, que alcançaram *status* social a partir de seu trabalho. Neste contexto, a obra, fruto do trabalho, era parte integrante da imagem do homem, por estar diretamente vinculada à capacidade realizadora, isto é, capacidade produtiva. De acordo com Ângela Gomes (1999), foi a partir dos anos 1930 e 1940 que se buscou organizar o mercado de trabalho no país, particularmente no Estado Novo, quando se buscou “uma estratégia

³⁹⁵ TRÊS ANOS DE MAGNIFICO GOVERNO. *Alterosa*, ano V, n. 37, maio de 1943, p. 116.

política-ideológica de combate à ‘pobreza’, que estaria centrada justamente na promoção do valor do trabalho” (GOMES, 1999, p. 55). Grosso modo, durante séculos, a pobreza no mundo foi vista como inevitável e até útil, uma vez que servia de estímulo para o pobre trabalhar, mas o desenvolvimento das relações capitalistas modificou essa ideia e a pobreza passou a incomodar, chegando a ser considerada perigosa. Especificamente no Brasil, a pobreza passou a ser identificada como um problema nacional, que incluía a ignorância e a doença. O esforço da política de Vargas em difundir a nova mentalidade, caracterizada pela formulação liberal clássica, que, segundo a autora, sempre estivera ausente no país, associava o ato de trabalhar com riqueza e cidadania (GOMES, 1999, p. 53-55). A meta era “transformar o homem em cidadão/trabalhador, responsável por sua riqueza individual e também pela riqueza do conjunto da nação” (Idem, 1999, p. 55). Esse era o exemplo de masculinidade para todos os homens, tendo em vista a ideologia do trabalho de Vargas, que via como trabalhadores “todos aqueles que produziam, que colaboravam com o valor social de seu trabalho” (Idem, 1999, p. 59). Essa “concepção totalista do trabalho” será comentada adiante. Neste momento, vou apresentar os atributos que circunscreviam a atuação do modelo masculino na revista.

Em diversas instâncias, a visão ampla sobre problemas administrativos agregava-se à ideia de eficiência. Uma matéria³⁹⁶ sobre a falência da Empresa de Navegação Fluvial do Rio Grande, na região do Triângulo Mineiro, em que o transporte regional foi suprido pela intervenção estatal da Cia. de Navegação Mineira do Rio São Francisco, exibiu essa relação. Segundo o texto, a companhia estatal era um exemplo de organização e eficiência, sob a direção de José Antonio Saraiva, nomeado por Benedito Valadares, para o plano de reconstrução econômica de Minas Gerais. Dentre os atributos do administrador, além de sua destreza técnica, estava uma das principais características que configurava o homem na revista, “um perfeito conhecimento dos complexos problemas”.³⁹⁷ O modelo masculino propagado era dotado de capacidade realizadora, cuja visão complexa encontrava soluções em qualquer situação, logo era eficiente. O homem que não correspondia à lógica da eficiência, isto é, não apresentava competência no sistema produtivo, fracassava em seu papel. Isso fica claro por não existir nenhuma menção ao proprietário ou ao diretor da companhia que falira, o texto relatou somente o fato, sem nomear sequer os responsáveis pela

³⁹⁶ REANIMANDO A ECONOMIA DO NORTE DE MINAS. Alterosa, ano I, n. 1, agosto de 1939, p. 56.

³⁹⁷ Ibidem, p. 56.

empresa, apresentando preocupação com o desemprego da classe trabalhadora e a interrupção do transporte de mercadorias e pessoas na Região.

A própria escolha de Valadares em nomear Saraiva para o cargo pode ser vista pela lógica da eficiência. O interventor demonstrou ciência tanto para solucionar a questão quanto para a realização de seu projeto de governo, como o texto exaltava; “um profundo reflexo do novo e alentado surto de revitalização que o governo do Sr. Benedito Valadares procura, com decisão e patriotismo”.³⁹⁸ A firmeza do interventor provinha de sua ampla visão acerca dos problemas de Minas Gerais, o que também denotava inteligência.

O engrandecimento do país dependia da atuação desses homens em diversas áreas. O premiado pecuarista João Rodrigues da Cunha Borges, proprietário da fazenda Esmeralda, em Araguari, era um “homem dinâmico e observador prático do problema da melhoria da pecuária no país”.³⁹⁹ O dinamismo agregado à percepção dos problemas transformava este conhecimento em ação. Essa concepção, além de determinar o homem como o gênero ativo, naturalizava sua capacidade intelectual. Segundo a matéria, o “criador inteligente” continuou o trabalho de seus avós europeus na melhoria do rebanho mineiro, desde que nasceu e “começou a raciocinar como homem”.⁴⁰⁰ A determinação ao trabalho fica evidente na afirmação sobre o nascimento do pecuarista e seu destino e os atributos de inteligência, dinamismo e visão dos problemas pareciam inatos, na medida em que, o texto sugeria que sua atuação era a “continuação do trabalho” de seus avós, como uma herança transmitida. Essa noção indicava que essas qualidades eram compartilhadas entre os homens, seja através da família, seja através do exercício de um papel exemplar.

Na homenagem aos diretores da Companhia de Pará de Minas que, segundo o texto, trabalharam pelo desenvolvimento industrial da cidade, essa relação estava presente pelo exemplo. O Pe. José Pereira Neto e o Cel. Feliciano de Abreu “quando vivos, deram ao Estado o melhor de seus esforços e o brilho de suas inteligências, aplicadas exclusivamente ao serviço de seu engrandecimento”.⁴⁰¹ O texto prosseguia relatando a continuidade da obra “patriótica” dos antecessores pelos sucessores, o Cel. Torquato de Almeida e o Sr. Francisco Torquato de Almeida Junior,

³⁹⁸ REANIMANDO A ECONOMIA DO NORTE DE MINAS. Alterosa, ano I, n. 1, agosto de 1939, p. 57.

³⁹⁹ UM FAZENDEIRO NATO. Alterosa, ano III, n. 21, dezembro de 1941, p. 93.

⁴⁰⁰ Ibidem, p. 93.

⁴⁰¹ PARÁ DE MINAS INDUSTRIAL. Alterosa, ano IV, n. 22, janeiro / fevereiro de 1942, p. 66.

pai e filho, respectivamente. O conjunto dos diretores foi apresentado por meio do distintivo masculino - a inteligência, e pela principal função de seu papel social – o trabalho em prol da nação (que incluía a provisão da família, célula base da estrutura social republicana, que será discutida no segundo item deste capítulo). A transmissão desse legado póstumo afirmava a inteligência como atributo partilhado entre os homens.⁴⁰²

Sobre a relação entre os Torquato existia uma especificidade para além do compartilhamento da intelectualidade. Após a apresentação da administração do Cel. Torquato de Almeida, a matéria retratou seu filho, o Sr. Francisco Torquato de Almeida Junior, como a continuidade de sua gerência por ser “membro dessa ilustre família mineira que todos conhecemos pelo devotamento ao trabalho e excelsas virtudes de caráter e coração”⁴⁰³ Sendo as qualidades transmitidas de pai para filho, a citação assinalava a família como berço da educação, portanto, responsável pela conformação dos valores de devoção ao trabalho e caráter que diziam respeito ao comportamento desejado para o homem e que faziam parte do seu papel social pautado na ética da honra, cujo exemplo era o pai. Já o coração, isto é, as emoções vinculadas à bondade vinham do exemplo feminino, como apresentado no capítulo anterior. A família conjugal era a fonte da transmissão de valores morais, por isso era tida como referência social, tornando-se fator de distinção que, agregado ao poder econômico, fazia parte do capital simbólico. Dessa forma, a origem familiar compunha o imaginário em torno do ideal de homem apresentado na revista.

A procedência europeia também era valorizada. O que pode ser entendido como uma dependência desse modelo cultural como ideal de progresso (ORTIZ, 2001), ainda que a cultura norte-americana estivesse em ascensão no país. Sob este aspecto, a matéria sobre o industrial Frederico J. Lundgren, dono das Casas Pernambucanas, ressaltava sua ascendência sueca e dinamarquesa, destacando sua capacidade realizadora na criação do maior parque industrial de tecelagem da América Latina, na cidade de Paulistas (PE). “Frederico – o dinâmico”, segundo o texto, denominado assim pelo jornalista Silvio Lopes, transformou a “localidade insignificante” em “um dos mais prósperos municípios do Norte brasileiro”.⁴⁰⁴ Essa era

⁴⁰² A presença de clérigos e militares nas instâncias administrativas do Estado era notável, mas o aprofundamento nesse assunto foge ao mote estabelecido pela tese.

⁴⁰³ PARÁ DE MINAS INDUSTRIAL. Alterosa, ano IV, n. 22, janeiro / fevereiro de 1942, p. 68.

⁴⁰⁴ UM INDUSTRIAL DE RAÇA. Alterosa, ano IV, n. 27, junho de 1942, p. 80.

a confirmação de que o trabalho eficiente era capaz de transformar a realidade. No caso, essa transformação envolvia o emprego de 9.000 operários que eram qualificados por uma escola técnico-profissional, na vila operária que o empresário construiu, que tinha 5.000 casas, assistência médica gratuita, com enfermaria e farmácia, e onde eram fomentadas atividades esportivas.

A matéria que enaltecia a extensão da obra de Lundgren revelava algumas questões relativas ao mundo do trabalho, que não eram claramente expostas, em função do interesse da publicação em representar as classes abastadas. A “concepção totalista do trabalho”, segundo Ângela Gomes (1999, p. 59), derivada da conceituação de Severino Sombra, ideólogo estado-novista, não diferenciava o trabalho manual do trabalho intelectual, percebendo o trabalho em toda a sua hierarquia, por considerar o trabalhador – o “homem do povo” – não como uma máquina produtiva, mas como uma pessoa, “célula vital do organismo pátrio”. Essa mentalidade que “humanizava” o trabalho buscava arrefecer os conflitos de classe. Contudo, a distinção entre os tipos de trabalho era propagada pela própria revista:

Na marcha triunfal que o Brasil atravessa, sob o signo do Estado Novo, o Sr. Frederico J. Lundgren tem sido um dos vanguardeiros na execução das sábias medidas de amparo ao trabalhador, criadas pelo presidente Getúlio Vargas, o maior estadista contemporâneo das Américas.⁴⁰⁵

Este trecho elogiava as medidas de amparo ao trabalhador no Estado Novo, mostrando a preocupação do governo com a questão social, exaltando a figura de Vargas e do industrial pela iniciativa, ao mesmo tempo que revelava que essas medidas não eram adotadas por todos os empresários. Lembrando que a CLT só foi promulgada em 1º de maio de 1943, data posterior a esta matéria. Outra revelação diz respeito ao tratamento dado a Lundgren, ele não era visto como trabalhador, esse era o operário de sua empresa. Essa diferença indicava que sua ação estava ligada à atividade intelectual, ao contrário do operário que, em grande medida, trabalhava manualmente. A classe trabalhadora ou operária (termos usados pela revista), que de fato era a grande força de trabalho no país, tinha representatividade insignificante na publicação. Sua presença, geralmente, estava subentendida nas fotografias de inauguração de obras públicas e em reportagens sobre assistência social, sempre sob a tutela de outros homens, especialmente da elite política e econômica.

⁴⁰⁵ Ibidem, p. 80.

Sobre os benefícios que a empresa oferecia aos seus trabalhadores, como não foram apresentadas as condições de trabalho na vila, pode se inferir que, ainda que existisse uma legislação trabalhista – que instituiu o salário mínimo, a jornada de trabalho, o repouso semanal, férias anuais remuneradas, indenizações por dispensa sem justa causa –, o trabalhador figurava como um fator produtivo. Embora esse aparato que visava o bem-estar do “povo” estivesse pautado no discurso da “concepção totalista do trabalho”, “o trabalho não era simplesmente um meio de ‘ganhar a vida’, mas sobretudo um meio de ‘servir à pátria’” (GOMES, 1999, p. 59). Dessa forma, os benefícios de assistência médica e as atividades esportivas operavam como formas de regulação do corpo operário. No primeiro caso, como profilaxia e manutenção de um corpo sadio para a produção e, no segundo, como entretenimento e revigoramento do corpo para o trabalho, além do controle sobre o seu tempo de não trabalho. E ainda, como analisado anteriormente, tanto o saber médico como o discurso sobre o esporte estavam investidos de caráter disciplinador e moralizante. Susan Besse (1999, p. 96-97) relata que havia um esforço para a imposição da moralidade burguesa à classe operária, de modo a integrar os operários à família e ao lar, afastá-los das ruas e dos vícios.⁴⁰⁶

Assim, pelo apagamento da formação, do trabalho e da história dos homens da classe popular na revista, o homem da elite foi propagado como o modelo a ser seguido por todos:

Eis aí, em rápidas linhas, a obra extraordinária de um industrial de raça, que pode ser apresentado ao Brasil como um modelo digno de ser seguido por todos os brasileiros que amam a sua terra e desejam o seu constante engrandecimento material e moral.⁴⁰⁷

A citação acima procurava legitimar um padrão de masculinidade, tido como ideal para o desenvolvimento do país. O tom ufanista endossava essa visão por meio da atribuição de dignidade à obra do industrial, reforçando pelo uso da expressão “de raça” (em função de sua ascendência, e também, de sua natureza firme e dinâmica) as virtudes do trabalho para o progresso do país.

⁴⁰⁶ Embora Susan Besse tenha concentrado seu estudo no Rio de Janeiro (DF) e em São Paulo, em face da conjuntura nacional, seu trabalho também ajuda a elucidar algumas questões presentes na tese no que diz respeito à Belo Horizonte.

⁴⁰⁷ UM INDUSTRIAL DE RAÇA. Alterosa, ano IV, n. 27, junho de 1942, p. 110.

A obra consumava o trabalho desse homem. Fator de reconhecimento social, ela lhe conferia poder simbólico e lhe garantia capital político. No cenário propriamente político construído na *Alterosa*, esse entendimento era visível. Enquanto o presidente Getúlio Vargas e o interventor Benedito Valadares foram figuras frequentes em inúmeras reportagens sobre o desenvolvimento de Minas Gerais, durante o período pesquisado, Juscelino Kubitschek somente ganhou relevância a partir de 1942 em função da realização de obras públicas em Belo Horizonte, foi ganhando poder simbólico, garantindo capital político entre seus pares. O “prefeito furacão”, como era conhecido, enfrentou “a ira da velha Minas, encarnada sobretudo no arcebispo D. Cabral” (CARVALHO, 2005, p. 71). Como representante da voz de ferro, Kubitschek realizou a ponte entre a voz da terra, predominante até o final do Estado Novo, e a voz de ferro (CARVALHO, 2005, p. 68-74).

Em matéria sobre a comemoração de 45 anos da cidade, a revista trazia um extenso detalhamento das mudanças na infraestrutura de Belo Horizonte. O texto relatava que diante das dificuldades advindas do conflito mundial e do orçamento limitado da prefeitura, as perspectivas pouco otimistas sobre a administração municipal se justificavam, “mas o prefeito Juscelino Kubitschek vinha para o poder dotado de uma vontade ferrea de trabalhar, lutar e realizar”.⁴⁰⁸ Kubitschek passou a figurar na revista após demonstrar sua capacidade de realização através das obras municipais, conquistando capital simbólico e político. Saneamento básico, asfaltamento e calçamento, abertura de ruas e avenidas, interligação de bairros pela construção de viadutos, a edificação do Teatro Municipal, do Cemitério da Saudade e do Complexo Arquitetônico da Pampulha, foram algumas das obras citadas. Essa última, segundo a *Alterosa*, era a obra da “consagração perene” do administrador. Em seguida o texto dizia: “A Pampulha, que já realizou o milagre de uma Copacabana dentro de Belo Horizonte, será dentro em breve o bairro mais chic da Capital [...]”.⁴⁰⁹ Essa obra foi apresentada como um emblema da administração do prefeito, por materializar o desejo de representação da elite mineira em Minas Gerais e no país, que tinha o Distrito Federal como principal referência de modernidade no país, como será abordado no próximo capítulo. Segundo a revista, Kubitschek transformou a realidade da cidade:

⁴⁰⁸ BELO HORIZONTE COMPLETA 45 ANOS DE EXISTENCIA. *Alterosa*, ano IV, n. 32, dezembro de 1942, p. 70

⁴⁰⁹ *Ibidem*, p. 71.

Fez de Belo Horizonte uma capital moderna, cheia de vida, dinamica. Canalizou para aquí, a atenção de visitantes ilustres, mostrando a eles que em pleno coração de Minas se ergue a mais bela das novas capitais brasileiras.⁴¹⁰

Ao que parece, o reconhecimento da obra do prefeito na revista se deu após a verificação de que o projeto da Pampulha seria efetivamente executado, pois as obras de infraestrutura, pavimentação, saneamento, etc., mencionadas na matéria antecedente, foram realizadas durante os anos anteriores e não foram sequer mencionadas durante o período de sua realização. Assim, a Pampulha demarcou a presença do administrador na publicação. A partir daquele momento, solenidades e festas nas quais o prefeito participava, e inauguração e acompanhamento de obras públicas passaram a ser publicadas frequentemente, dentre elas, a inauguração do Restaurante da Cidade,⁴¹¹ que era um restaurante dirigido às camadas populares. Nesse entendimento, a obra comprovava a capacidade de realização do homem e, quanto mais expressiva, maior o ganho de capital simbólico e mais evidência na publicação.

A estância de Araxá foi inaugurada⁴¹² em 23 de abril de 1944, com a presença do presidente Getúlio Vargas e do interventor Benedito Valadares, entre outras autoridades. Segundo o texto, a cerimônia iniciou com a entrada do presidente e demais no salão, eles foram aclamados pelo povo sob a execução de hinos patrióticos. O ritual incluiu a benção da obra, como mostra a figura 16.

Figura 16 – A benção da obra

⁴¹⁰ TRÊS ANOS DE MAGNIFICO GOVERNO. Alterosa, ano V, n. 37, maio de 1943, p. 117.

⁴¹¹ INAGURANDO O “RESTAURANTE DA CIDADE”. Alterosa, ano V, n. 37, maio de 1943, p. 62.

⁴¹² INAUGURADAS PELO PRESIDENTE VARGAS AS GRANDIOSAS OBRAS DA ESTÂNCIA DE ARAXÁ. Alterosa, ano VI, n. 49, maio de 1944, p. 106.



Fonte: Alterosa, ano VI, n. 49, maio de 1944, p. 106.

A fotografia utilizada como documento para atestar o acontecimento apresentava no centro à direita o presidente Vargas, acompanhado por Benedito Valadares, mais à direita. As demais autoridades formavam uma espécie de semicírculo, no qual o bispo de Araxá, que aparecia à esquerda, realizava a benção da obra. Os olhares de Vargas e Valadares se dirigiam ao centro da imagem, assim como o olhar do bispo, indicando que existia algum objeto que possivelmente representava a obra e que estava sendo abençoado, talvez uma pequena maquete ou uma placa comemorativa que não foi exibida na fotografia. A legenda da fotografia mencionou somente os nomes do presidente, do interventor e do bispo, demonstrando quem de fato detinha capital político; o prefeito de Araxá, por exemplo, foi incluído às “demais autoridades”. O plano médio utilizado no enquadramento da fotografia permitia construir a ideia de coesão, importante na representação dos cenários de poder (MAUAD, 2007).⁴¹³ A imagem, composta estritamente por homens trajados de terno, sinalizava também submissão ao poder divino, encarnado na figura do bispo que, no ato de abençoar a obra, sacralizava a obra. Assim, tanto as fotografias de eventos cívicos como as de acompanhamento de obras públicas são exemplos típicos de tal *mise-en-scène* (MAUAD, 2007, p. 126). Teatralização do poder da classe

⁴¹³ Embora o trabalho de Mauad (2007) trate do período da prefeitura de Pereira Passos no Rio de Janeiro, seus apontamentos ajudam a pensar a representação do poder através das fotografias publicadas nas revistas ilustradas.

hegemônica. Um tipo de ritual utilizado para demonstrar a capacidade de realização desses homens, o que lhes permitiam ganhos de capital simbólico ao entregar para “usufruto da população” o seu feito, a sua obra. Era o momento de afirmação de seu poder e do reforço dos laços corporativistas.

A disposição das fotografias era bem didática, dirigindo a leitura sobre a solenidade por meio de imagens. A primeira fotografia (Figura 16), da benção da obra, anunciava a reportagem. A segunda, na mesma página, em menor tamanho, era um plano mais aproximado que mostrava Vargas entregando ao que parece um cheque para Valadares, como pode ser visto abaixo, na Figura 17.

Figura 17 – Cumprimento entre Vargas e Valadares



Fonte: Alterosa, ano VI, n. 49, maio de 1944, p. 106.

Eles sorriem e apertam as mãos. Esse cumprimento na cultura ocidental é um gesto que simboliza cordialidade e concordância. Nesse caso, significava mais, a

parceria entre os dois políticos.⁴¹⁴ O ato legitimava a obra da estância de Araxá referendando o poder do presidente na condução do país. Getúlio Vargas era tido como o grande empreendedor da nação e foi frequentemente retratado na publicação. As obras públicas de grande vulto tinham seu acompanhamento direto e geralmente contavam com o financiamento da União, como foi o caso da estância de Araxá. A legenda da Figura 17 mencionava o cumprimento entre os políticos legando a Valadares a “arrojada iniciativa de dotar Minas Gerais, de uma das mais belas, mais modernas e mais bem aparelhadas estações de cura e repouso do mundo”.⁴¹⁵ Esse comportamento configurava uma “transferência de capital político”, de modo a assegurar o apoio recíproco.

A fotografia que encerrava a mensagem era justamente do discurso de Valadares. Em grande plano, ela mostrava a multidão que presenciava a solenidade. Esta foi a única imagem em que apareceram mulheres, mas muito poucas, em comparação aos homens. Próximos às pessoas estavam Valadares e Vargas. Apesar da foto mostrar Valadares discursando, o seu destaque era a multidão, servindo para testemunhar a presença do “povo”.

No pronunciamento, Valadares referiu-se ao trabalho em conjunto com o governo federal, que participava dessas obras não somente por meio de recursos materiais, mas também com instruções, sugerindo que a inteligência por trás dessas obras era a do presidente:

Como em tudo que a administração estadual realiza em Minas nela se sente a presença e a ação do govêrno de V. Excia., não só sugerindo, estimulando e orientando, como auxiliando materialmente, através dos concursos dos estabelecimentos de crédito da União. Empreendimentos dessa magnitude não podem ser levados a termo, se não são animados do pensamento de que se trabalha pelo bem da humanidade.⁴¹⁶

Neste trecho do discurso, Valadares anunciava e afirmava a estruturação do Estado nacionalista de Vargas. As sugestões, estímulos e orientações demonstravam a tutela dos estados ao governo central. A última frase reforçava a

⁴¹⁴ Heloísa Starling relata que Benedito Valadares foi nomeado interventor por Getúlio Vargas, em 1933, que buscava solucionar a grave tensão existente entre os grupos de poder em Minas aberta pela morte do presidente do estado, Olegário Maciel. Valadares assumiu nessa circunstância uma posição política singular, inexpressiva o suficiente e desobrigada com o jogo político das forças locais, para permitir um processo de centralização político-administrativo capaz de esvaziar o poder de diversas facções que constituíam a oligarquia mineira (2002, p. 40).

⁴¹⁵ INAUGURADAS PELO PRESIDENTE VARGAS AS GRANDIOSAS OBRAS DA ESTÂNCIA DE ARAXÁ. *Alterosa*, ano VI, n. 49, maio de 1944, p. 106.

⁴¹⁶ *Ibidem*, p. 107.

ideia da vocação desses homens para trabalhar em prol de outrem, legitimando Vargas e suas ações como sinalizadores do progresso da nação.

Esse indicativo pode ser percebido também na matéria sobre as obras da Estrada de Ferro Central do Brasil:

O presidente Getúlio Vargas, a cujo patriótico governo devemos a satisfação de ver realizado mais um velho imperativo do progresso nacional [...]. Sob a supervisão direta de S. Excia., vem se desdobrando em todo o território nacional, em um ritmo acelerado de construção, o vasto plano de reaparelhamento dos meios de transporte ferroviários, com o que se dará à economia do país um vigoroso e eficiente impulso, pela grandeza da Pátria.⁴¹⁷

Este trecho evidencia que os grandes empreendimentos realizados no Brasil, naquela época, tinham a supervisão do presidente. Para o desenvolvimento do país, era necessário o investimento na ampliação da malha ferroviária para transporte de pessoas e para abastecimento e escoamento da produção nacional. Naquele momento, Vargas era a expressão máxima do exemplo a ser seguido.

Em meio ao contexto de controle da imprensa e o uso intenso de propaganda política para a difusão do regime varguista, a fotografia figurou como um importante instrumento de visibilidade, no sentido de evidenciar as obras realizadas pelo poder público, buscando convencer a nação de um projeto político a ser seguido, procurando a legitimação desse perante as forças antagônicas. Nesta representação de poder existia a imbricação entre a esfera pública e a privada. Conforme Ana Maria Mauad (2007, p. 121), na primeira metade do século XX, o Estado produziu imagens privadas que se tornaram públicas como representação simbólica do poder e imagens públicas que se tornaram privadas, apropriadas pela classe que exercia o poder político de fato, como signos de aceitação e distinção social.

⁴¹⁷ MAIS UM GIGANTESCO EMPREENDIMENTO DA ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL. Alterosa, ano VI, n. 49, maio de 1944, p. 113.

Figura 18 – Enlace João de Lima Padua - Lucia Valadares



Fonte: Alterosa, ano V, n. 38, junho de 1943, p. 63.

O casamento entre o Dr. João de Lima Pádua e Lucia Valadares demonstrava essa circunstância, retratada na Figura 18. A representação de um evento íntimo com a presença do presidente da república como padrinho do casal, quando propagado na publicação, reforçava, além dos laços corporativistas da classe dirigente no poder, também seus símbolos distintivos.⁴¹⁸ Mauad (2007, p. 127) afirma que a representação pública do universo privado dos políticos atestava sua idoneidade moral. O investimento no capital simbólico ocorria por meio do consumo de signos que os identificavam como membros da classe que os sustentavam.

⁴¹⁸ O enlace de Helena Valadares, filha de Benedito Valadares, e o escritor Fernando Tavares Sabino também foi noticiado. Os padrinhos do casamento civil da noiva foram Juscelino Kubitschek e Sara Kubitschek. Apesar de uma nota menor e menos detalhista, foi mencionada a realização da cerimônia no Palácio da Liberdade com a celebração de D. Cabral, que foi o destacado na fotografia da matéria juntamente aos noivos (Alterosa, ano VI, n. 51, julho de 1944, p. 86).

Segundo a matéria,⁴¹⁹ a cerimônia de enlace foi realizada no Palácio da Liberdade por D. Cabral, arcebispo da capital. O enquadramento da fotografia indicava a importância do evento. Ao invés do casal ser retratado como motivo central da imagem, o que seria esperado, Vargas ocupava parte da cena em detrimento da figura do noivo, revelando que a presença do presidente, derivada das relações políticas e sociais da noiva, filha do interventor do estado, tinha maior relevância no evento. Outra face da representação pública dos eventos íntimos, de acordo com Mauad (2007, p. 127) era uma espécie de composição de um “catálogo” pelo qual se podia adquirir modelos de comportamento, ao mesmo tempo que legitimavam a hegemonia dessa classe.

O homem da elite política e econômica era o ideal de masculinidade valorizado na revista, naquele momento de forte propaganda política, servindo de modelo para outros homens. Sua capacidade realizadora e sua moral serviam de exemplos para os demais homens, como afirmam os autores Robert Connel e James Messerschmidt sobre o caráter normativo da masculinidade hegemônica que se sustenta mais no plano discursivo do que no estatístico (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245). Na medida em que ela incorpora a forma mais honrada de ser homem, exige o posicionamento de todos os outros homens diante dela e legitima ideologicamente a subordinação das mulheres. A inteligência, a visão sobre quaisquer problemas e o dinamismo, carregados pelo sentido de atividade, caracterizavam as atribuições do papel social masculino. Por atuar no âmbito da produção, o sexo ativo deveria trabalhar em prol da nação, tanto para seu desenvolvimento econômico quanto para seu desenvolvimento moral, por meio da formação e da provisão financeira da família. Segundo Sócrates Nolasco (1993, p. 50-56), o trabalho e o desempenho sexual são bases da identidade masculina, sendo o primeiro a marca inicial da masculinidade por viabilizar a saída do núcleo familiar parental. É dessa forma, que o homem é aceito e reconhecido socialmente como homem.

⁴¹⁹ ENLACE JOÃO DE LIMA PADUA – LUCIA VALADARES. Alterosa, ano V, n. 38, junho de 1943, p. 63.

3.2 O comportamento hostil do homem no lar

O homem reafirmava seu papel ativo e produtivo no ambiente doméstico como chefe de família que detinha autoridade sobre a esposa e os filhos. A constituição da família confirmava sua masculinidade através do sustento financeiro que vinha de seu trabalho, e pela “prova de virilidade”, dada pelo casamento. De acordo com Elizabeth Badinter (1993, p. 3-4), o imperativo “seja homem” desmistifica a naturalização da virilidade, dessa forma, ela é construída por meio de deveres e provas que tornam o homem, um homem de fato. Aqueles que não se adequavam a esse modelo, tal qual ocorria com as mulheres, sofriam a reprovação social.

Na enquete realizada pela revista sobre o marido ideal, comentada e discutida, em parte, no capítulo anterior, cinco das sete opiniões sobre as qualidades masculinas estavam vinculadas ao trabalho e ao caráter do homem: “O marido ideal, deve ser trabalhador, ter uma formação moral perfeita, e uma compreensão exata dos seus deveres”,⁴²⁰ essa frase sintetizava o papel social do homem. Algumas nuances entre as opiniões mostravam que a ciência de seus deveres envolvia tanto a valorização de sua atividade quanto expressões de virilidade, sinais de dominância sobre a mulher.

A formação moral ou caráter variava de sentido conforme duas noções. A primeira tinha o sentido de força moral, como mencionado acima de forma sintética, e na fala, “o físico pouco importa, contanto que seja um homem de caráter. Não gosto dos louros, nem dos filhos de ‘papais ricos’. Prefiro um rapaz esforçado, que se tenha feito por si mesmo”,⁴²¹ que indicava que o marido ideal deveria ser um homem ativo, autônomo e responsável por sua vida, capaz de estabelecer um lar. A segunda noção previa um comportamento terno com a esposa, “possuir um caráter íntegro, uma compreensão nítida de seus deveres, carinho, lealdade, justiça e confiança”.⁴²² Ser carinhoso, leal, justo e confiar na esposa eram atributos desejados pelas mulheres, mas, ao que parece, eram, em certa medida, ausentes nas relações entre os casais, como será discutido ao longo deste item. Existia também a correlação entre os dois sentidos, acrescida pela virilidade:

⁴²⁰ QUAL SEU TIPO IDEAL DE MARIDO?. Alterosa, ano II, n. 7, maio de 1940, p. 39.

⁴²¹ QUAL O SEU TIPO IDEAL DE MARIDO?. Alterosa, ano II, n. 7, maio de 1940, p. 148.

⁴²² QUAL O SEU TIPO IDEAL DE MARIDO?. Alterosa, ano II, n. 7, maio de 1940, p. 148.

Para meu esposo, desejaria um homem de caráter nobre, inteligente, educado e forte, no físico e no moral. Uma criatura que me compreendesse, sendo indulgente e amando-me mais que tudo no mundo. Que fosse meu “guia” e meu “senhor”. Em resumo, para meu esposo desejaria, na realidade, um Homem, mais um Homem de fato, com H maiusculo.⁴²³

O homem descrito pela leitora deveria ser conhecedor de suas responsabilidades, unindo força física e moral, exercendo sobre a esposa seu papel de autoridade com tolerância. Segundo a entrevistada, que aparentemente pretendia se submeter à posse do marido, esse conjunto de características definiriam um “homem de fato”. Um homem com “H” seria semelhante ao imperativo “seja homem” (BADINTER, 1993).

Uma última opinião mencionava o universo do trabalho, evidenciando a ideia de dinamismo e coragem como atributos masculinos, separando-o totalmente da esfera feminina. O marido deveria ser um “homem arrojado e de atividades diversas, que mantenha seus negócios de maneira que a mulher não entenda. Entusiasmado pela mulher, trazendo-a como escrava, mas sentada num trono”.⁴²⁴ A expectativa de indulgência do marido era a mesma vista na opinião anterior. Embora seja difícil imaginar uma escrava ocupando um trono, o que a fala revelava era a reprodução da hierarquia masculina através da dominância (força moral) e da virilidade (força física).

Lembrando que a mesma enquete, analisada no item 2.1 do capítulo anterior, afirmava a inexistência do marido ideal, e que, como diamante bruto, o homem deveria ser lapidado pela esposa, pois era ela quem o fazia.⁴²⁵ Como foi mencionado, nessa relação de poder, o homem detinha a tutela da mulher amparado pela estrutura legislativa do Estado. Enquanto ela, através de artifícios transmitidos pelo saber geracional feminino, estrategicamente submetia-se a esse poder, conduzindo o homem sob a responsabilidade de promover seu êxito social, consequentemente, também o da mulher e de sua família.

Porém, a interdependência entre os papéis sociais não garantia à mulher essa alternância de poder, pois o comportamento hostil de homens no ambiente doméstico desestabilizava essa relação, como pode ser percebido em uma pequena matéria de aconselhamento feminino: “O homem propende, por natureza, a arrebatamentos de domínio e de violência, e da habilidade da mulher depende que

⁴²³ QUAL O SEU TIPO IDEAL DE MARIDO?. *Alterosa*, ano II, n. 7, maio de 1940, p. 39.

⁴²⁴ *Ibidem*, p. 148.

⁴²⁵ *Ibidem*, p. 39.

êses maus momentos não tenham conseqüências desastrosas”.⁴²⁶ A hostilidade masculina naturalizada “obrigava” à mulher a procurar um homem “naturalmente delicado, benevolente, controlado e dono de esmerada educação”,⁴²⁷ que, segundo o texto, seria indispensável para a esposa compreender o que viria após a lua de mel, sugerindo o distanciamento emocional do parceiro. A frase afirmava que nem todos os homens eram violentos, contradizendo a naturalização da agressividade masculina. Por outro lado, existia uma outra forma de violência que era o distanciamento emocional, que parecia uma característica generalizada do homem: “E, agora, um ponto um tanto perigoso: a crise que comumente se produz, passados alguns meses do casamento”. A matéria relatava que o distanciamento aumentava progressivamente e a solução para evitar uma crise era “tolerância, doçura, compreensão, e umas lagrimzinhas... de vez em quando”.⁴²⁸ Esse artifício, segundo o texto, tocava o homem e reavivava “a consideração dele como no amor dos tempos iniciais”.⁴²⁹ Esse distanciamento poderia estar ligado à moral sexual ambígua masculina, que reservava à esposa um lugar de santificação, pela reprodução afetiva de seu modelo familiar, no qual a esposa ocupa o lugar da mãe (NOLASCO, 1993, p. 69). E a imposição de docilidade e tolerância na construção do papel social da mulher se prestava à sustentação desse modelo de dominância viril, lembrando a existência de mulheres que não se adequavam a ele, e tinham seu comportamento reprovado, como evidenciado nas crônicas de Norris.

Esse cenário desenhava o conflito que existia no ambiente doméstico, em que o comportamento de dominância e virilidade masculinos, a despeito de serem nocivos, até certa medida, eram aceitos socialmente. A recorrência de falas sobre a expectativa de tolerância do homem no lar apontava para a existência da violência doméstica. Segundo Marina Maluf e Lúcia Mott (2004), os processos de divórcio de famílias ricas em São Paulo, ao final dos anos de 1920, revelavam a frequente coerção física das mulheres: “o marido, tal como um pai, se sentia no dever de punir com violência sua esposa quando desobedecido” (MALUF; MOTT, 2004, p. 377). As autoras esclarecem que a violência era vista como selvageria e brutalidade entre as classes média e alta, o que não ocorria com a classe popular que, apesar de

⁴²⁶ O MARIDO IDEAL. Alterosa, ano VII, n. 66, outubro de 1945, p. 96.

⁴²⁷ Ibidem, p. 96.

⁴²⁸ Ibidem, p. 96.

⁴²⁹ Ibidem, p. 96.

incorporar os valores da elite, cometia o mesmo tipo de coerção contra a mulher (MALUF; MOTT, 2004, p. 377). A força como elemento naturalizado masculino determinava ao homem provas de virilidade (BADINTER, 1993), o que podia incorrer em comportamentos violentos. Existia um estímulo para a competitividade entre homens, seja por trabalho ou por romances, através disso ele demonstrava sua atividade e sua dominância, inclusive sobre outros homens. Essas conquistas reforçavam o reconhecimento social, demonstrando o êxito no exercício do papel desejado para ele, em oposição à fragilidade e passividade femininas. Da estreita relação entre trabalho, afeto e sexualidade na identificação masculina, revestida pela ideologia patriarcal, nascem as características da competição, da conquista e da dominação, entre os jogos de poder exercidos pelo homem (NOLASCO, 1993, p. 60-67).

Havia tempo que as mulheres denunciavam a tirania dos homens no casamento. As expectativas acerca de um casamento mais igualitário ganharam o debate público após a Primeira Guerra Mundial. Enquanto elas tendiam a acusar os homens de brutalidade, infidelidade e abandono, os homens culpavam um enorme número de “males” modernos, dentre eles, o feminismo, o trabalho feminino assalariado, o individualismo crescente e o divórcio. O casamento, então, foi reconhecido como uma instituição conflituosa que ameaçava a estabilidade da família. Os protestos veementes das mulheres de classe média e alta dos anos 1920, e seu comportamento “escandaloso”, acabou por reforçar o sentimento de que a “mulher moderna” era o elemento provocador desse conflito (BESSE, 1999, p. 41-62). Sentimento que se prolongou até os anos 1940, ainda que enfraquecido em relação às décadas anteriores. Em menor proporção e contraponto, de certa forma, a imagem da mulher moderna que a revista buscava construir, como a que foi vista nos anúncios do capítulo anterior, na opinião de alguns homens, não era qualificada para o casamento, em razão de certas características desse perfil feminino, como será evidenciado a seguir.

Em uma enquete dirigida aos homens sobre qual era o tipo de esposa que eles preferiam, “A mulher antiga? A moderna? Ou aquele tipo intermediário, e que por sua vez, dispensa também definição?”.⁴³⁰ Sintetizando, o texto de introdução relatava que as reivindicações femininas, ao longo do tempo, mudaram a posição social da

⁴³⁰ PINTO, Nilo A. Qual a esposa que eles preferem? *Alterosa*, ano VI, n. 45, fevereiro de 1944, p. 38.

mulher que “passou da regência das atividades domésticas para a luta desencadeada nos diferentes setores da vida”,⁴³¹ o que a libertou “em parte, da sua condição de dependente do homem”,⁴³² pois “a moça casadoira está subordinada á preferência dos homens”,⁴³³ já que o “modernismo” da mulher não excluía o casamento. O texto foi conduzido de modo a dar a entender que a mulher moderna não era a preferida pelos homens para o casamento, “o tipo ‘século XX’ parece um pouco desprestigiado”,⁴³⁴ embora isso não fosse corroborado pela enquete, já que, das cinco opiniões apresentadas, somente duas delas criticavam a “mulher moderna”.

O médico Dr. Terezino Caldeira Brant, um dos que responderam à enquete, preferia a mulher à moda antiga: “sem dúvida alguma, prefiro a mulher antiga, a mulher que a tradição ainda mantém em nossos dias, principalmente em nossa Minas conservadora – conservadora sem ser retrógrada...”.⁴³⁵ Percebe-se nessa fala a preocupação em defender a escolha sem que essa parecesse anacrônica, por isso recorreu à tradição. Corroborando essa perspectiva, logo em seguida, ele dizia que “na verdade, a mulher moderna tem as suas seduções, a que nós homens dificilmente resistimos. Mas, são, apenas, ótimas companheiras para os divertimentos”.⁴³⁶ Essa visão conservava os valores patriarcais e machistas que santificavam a esposa e viam a mulher moderna apenas como objeto de prazer. “Estas, de contato casual, serão as personagens das estórias por eles contadas, troféus exibidos aos demais e que têm por função polir a imagem de virilidade” (NOLASCO, 1993, p. 69).

Também o jornalista Dr. Marcelo Tavares preferia a antiga:

- Entre a moderna e a antiga, ou melhor, entre a mulher tipo Hollywood e a Bárbara Heliodora, que renuncia aos prazeres do mundo para o sacerdócio do lar, qualquer moço compreensível ficará com aquela que deseja viver para o lar, para a família. Isso não significa menosprêzo pelos inalienáveis direitos da mulher moderna, conquistados através de lutas.⁴³⁷

Esse discurso assemelhava-se ao do médico, no sentido de apresentar a mulher antiga como aquela destinada ao lar. Além disso, o reconhecimento pela conquista de direitos sugeria a mesma preocupação em não parecer retrógrado em

⁴³¹ PINTO, Nilo A. Qual a esposa que eles preferem? Alterosa, ano VI, n. 45, fevereiro de 1944, p. 38.

⁴³² Ibidem, p. 38.

⁴³³ Ibidem, p. 38.

⁴³⁴ Ibidem, p. 38.

⁴³⁵ Ibidem, p. 38.

⁴³⁶ Ibidem, p. 38.

⁴³⁷ PINTO, Nilo A. Qual a esposa que eles preferem? Alterosa, ano VI, n. 45, fevereiro de 1944, p. 38.

sua preferência pela “Bárbara Heliodora”, na medida em que eles se referiam à mulher moderna vinculada ao cinema e não a todas as mulheres. No trecho a seguir, novamente atrelando a mulher moderna ao cinema, ele criticava sua conduta no lar:

A mulher moderna provoca ciúmes e tragédias. Educada no exemplo fútil de artificialismo cinematográfico, ela abandona (nem sempre, felizmente) os misteres de seu lar, esquece a dignidade do casamento, entrega seus filhos aos cuidados precários das domésticas revoltadas.⁴³⁸

A citação revelava que o comportamento da mulher moderna era percebido como desafiador da ordem conjugal por não ser subserviente à dominância masculina e aos imperativos domésticos. Essa conduta desencadeava ciúmes, pela falta de controle sobre essa mulher, o que potencialmente causaria desgraças. Dada a agressividade da fala, esses atos violentos poderiam ser, por exemplo, crimes passionais.

O discurso se contradizia ao reconhecer que nem todas as mulheres modernas abandonavam as ocupações no lar, embora criticasse a transferência do cuidado dos filhos a outra, uma doméstica, que tinha capacidades insuficientes para tal ofício. Como apresentado no item 2.3 do capítulo 2, o comportamento das domésticas era considerado um problema já que, *grosso modo*, elas tinham “péssimos hábitos” e eram “malcriadas” com as patroas, talvez seja esse o sentido do adjetivo “revoltadas” empregado na resposta do jornalista.

Na introdução do texto da enquete e na opinião do jornalista, o cinema foi apontado como o fator que desencadeou a transformação da mulher. Apesar da concordância, existia uma diferença entre a abordagem de cada um:

Mas, os excessos, com a tolerancia levada ao extremos, foram com tempo, elaborando uma mulher diferente da que conheceram nossos avós e muitos de nossos pais. Originou-se, então, a chamada ‘mulher moderna’, cujo tipo dispensa definição, tão conhecida nossa se fez principalmente nesses tempos em que o cinema nos oferece um reflexo da vida dos diferentes povos, de seus costumes, de sua cultura, de sua civilização.⁴³⁹

O texto que iniciava a enquete sugeria que a mulher moderna surgiu, sobretudo, do contato com outras culturas por meio do cinema, não mencionando especificamente o cinema de *Hollywood*, indicando a preocupação de não entrar em

⁴³⁸ PINTO, Nilo A. Qual a esposa que eles preferem? *Alterosa*, ano VI, n. 45, fevereiro de 1944, p. 39.

⁴³⁹ *Ibidem*, p. 38.

conflito com sua própria linha editorial, já que a construção da mulher moderna na revista tinha, na estrela de cinema norte-americano, sua maior expressão. Nesse sentido, o tom que o autor da enquete imprimiu ao cinema apontava o seu potencial de revolucionar os costumes, de forma genérica, sem mencionar como a transformação ocorreu. Por sua vez, o jornalista considerava o “artificialismo cinematográfico” como o responsável pelo surgimento de uma mulher fútil, não indicada para o casamento, reconhecendo que preferia a mulher antiga por se sentir seguro: “escolherei esta, porque teria mais confiança”.⁴⁴⁰

Os longos debates acerca da “crise” da família e a redefinição dos papéis de gênero levou à reestruturação do patriarcado (BESSE, 1999). Conforme Connel e Messerschmidt (2013, p. 272), as relações de gênero como arenas de tensão sustentam certo padrão de masculinidade hegemônica para estabilizar o poder patriarcal, podendo reconstruí-lo devido a novas condições.

Especificamente no país, essa reestruturação decorreu de mudanças sociais e econômicas ocorridas desde a Proclamação da República, ganhando força após a Primeira Guerra Mundial. Dentre elas, a ascensão da elite urbana, a queda da oligarquia rural e o surgimento de organizações feministas (BESSE, 1999). Um fator citado pela autora e que deve ser evidenciado, especificamente por seu impacto direto na economia de Minas Gerais, foi a crise da bolsa de 1929, que culminou com a queda do valor do café e que implicou no enfraquecimento político e econômico da elite rural mineira.

A crescente movimentação social em um cenário econômico turbulento, intensificada pelos conflitos de classe, propiciou a tomada do poder por Getúlio Vargas em 1930. Conforme Susan Besse (1999, p. 4-7),⁴⁴¹ a estratégia elaborada para a preservação da família durante o governo Vargas deu-se por meio da persuasão moral, de modo que o casamento moderno, erguido sob “bases científicas” (entenda-se higienismo e eugenia) e construído na reciprocidade e compreensão mútuas, gerasse relações felizes e estáveis, apesar de manter as desigualdades entre os gêneros.⁴⁴²

⁴⁴⁰ PINTO, Nilo A. Qual a esposa que eles preferem? *Alterosa*, ano VI, n. 45, fevereiro de 1944, p. 39.

⁴⁴¹ Para entender a complexidade do cenário e as diversos fatores que implicaram nessa mudança social, ler a análise de Besse (1999).

⁴⁴² Conforme Besse (1999, p. 88-89), o Estado procurou controlar legalmente o emprego feminino, considerado excessivo, o divórcio, o abandono do lar, o adultério e os crimes passionais. Problemas que atingiam diretamente a instituição familiar. Nesse contexto, o Código Civil de 1916 foi fortalecido com a aprovação de leis que restringiam a participação da mulher na força de trabalho e a proibição do

O “casamento de companheirismo” (BESSE, 1999) prescrevia um novo comportamento para o homem na esfera privada, o que foi apresentado na revista de forma bem contida. O “Decálogo de um pai”,⁴⁴³ apesar do título, reunia preceitos sobre o âmbito doméstico. Escolhi dois deles para análise, sobre o trato com a esposa e sobre o trato com os filhos. A relação entre marido e esposa deveria se pautar pela confiança, e assim aconselhava ao homem: “será para sua espôsa um inextinguível apôio moral; compreenderá nela o consôlo para os seus momentos de gravidade e ouvirá também os seus conselhos”.⁴⁴⁴ A interdependência dos papéis sugeria que o marido tivesse um caráter íntegro, ou seja, ciência de seus deveres e comportamento terno com a esposa, enquanto a esposa seria seu amparo emocional e o conduziria ao êxito social. Como mencionado no início desse item, uma das entrevistadas da enquete sobre o marido ideal citou a confiança como qualidade desejada em um marido. O mesmo elo de confiança estabelecido com a esposa deveria se estender aos filhos, esse era o exemplo de masculinidade que deveria ser transmitido: “fará com que seus filhos vejam nele, quando meninos, uma fôrça que os ampara; quando adolescentes, um companheiro que os guia e ensina; e, quando homens, um amigo que os aconselha”.⁴⁴⁵ Nota-se que o homem iniciava o relacionamento direto com o filho a partir da adolescência, quando o menino estava prestes a tornar-se homem, e o pai seria o responsável por guiar e ensinar as condutas masculinas. O decálogo não visava a alteração dos papéis sociais, mas procurava flexibilizar a autoridade masculina no ambiente doméstico, indicando uma aproximação maior do homem com a esposa e os filhos, procurando dirimir o distanciamento emocional entre eles. Ao homem não era permitida a manifestação de emoções ternas, “Tudo o que esbarra na fronteira do feminino deve ser evitado pelo homem sob pena de perda de virilidade, e rebaixamento à condição feminina” (BADINTER, 1993, p. 70). Portanto, sinais de “fraqueza” eram vistos como ausência de virilidade. O homem deveria ser forte, mas

divórcio foi mantida. Visando garantir a “solidariedade doméstica” masculina, o Decreto 17943-A, de 12 de outubro de 1927, e o Código Penal de 1940 (artigos 244-47) impuseram sanções penais contra o abandono material e moral da família. Sobre os crimes passionais, em 1940, foi obtida uma revisão do Código Penal para que a emoção ou a paixão deixassem de excluir a responsabilidade criminal.

⁴⁴³ O DECÁLOGO DE UM PAI. *Alterosa*, ano VI, n. 49, maio de 1944, p. 64. O decálogo foi repetido ao menos duas vezes ao longo das edições pesquisadas, em março e novembro de 1944, com algumas alterações na escrita, mas guardando os mesmos sentidos. *Alterosa*, ano VI, n. 47, março de 1944, p. 119; *Alterosa*, ano VI, n. 55, novembro de 1944, p. 33. A autoria do texto foi encontrada na edição de novembro de 1946, p. 59, sob o nome de La Bruyere, moralista francês do século XVII.

⁴⁴⁴ O DECÁLOGO DE UM PAI. *Alterosa*, ano VI, n. 49, maio de 1944, p. 64.

⁴⁴⁵ *Ibidem*, p. 64.

a força desejada para a manutenção da ordem conjugal era a moral, não a física, usada contra a esposa e os filhos.

O novo comportamento propunha suavizar os efeitos nocivos da hostilidade masculina no trato com a esposa. Nesse caso, a harmonia do lar dependia do autocontrole masculino. Para isso, se usou como exemplo a figura do *gentleman*, um homem equilibrado e elegante: “Não perde o ‘equilíbrio’ depois de três coquetéis e um ‘wiskey’ duplo? Cuidado: um perfeito ‘gentleman’, se não consegue manter a linha, deve abster-se de bebidas”.⁴⁴⁶ Manter a linha, sinal de civilização, significava ter o controle dos impulsos e das emoções em situações desconfortáveis. Essa matéria, “É você um bom marido?”, de novembro de 1944, exibia algumas dessas circunstâncias, apresento duas. A primeira, dizia respeito à hostilidade gratuita, em que as frustrações no trabalho levavam à descarga emocional agressiva, e mesmo violenta, sobre a esposa: “é capaz de sorrir ao chegar ao lar apesar de ter se contrariado terrivelmente no escritório? Não descarrega sobre sua pobre esposa a cólera que trás da rua?”.⁴⁴⁷ A segunda, exibia o peso da carga social imposta ao homem contida no ideal de virilidade: “É um ‘good-sportman’? – Quero dizer: suporta admiravelmente que sua esposa o vença numa partida de tennis ou num jogo de cartas?”.⁴⁴⁸ Recorrendo a outro comportamento considerado civilizado, o do bom esportista, que sabia competir e reconhecer que nem sempre ganharia o jogo, a pergunta tocava em um dos elementos da construção masculina, a competitividade. A construção social do homem, proveniente da ideologia patriarcal, define a masculinidade em oposição à feminilidade. Sustentada por sentimentos de superioridade, a masculinidade é condicionada ao sucesso, ao poder e à admiração que provoca. Em vista disso, o homem deve exibir audácia, agressividade, ser mais forte que os outros, portanto, competir (BADINTER, 1993, p. 96-134). “Suportar admiravelmente” era um convite ao autocontrole. E continuava, “é uma boa manifestação de caráter complacente, suportar uma derrota dessa natureza...”.⁴⁴⁹ Admitir que em algum momento uma mulher poderia ter um desempenho social melhor que o dele, “uma derrota dessa natureza”, ainda mais em um ambiente de disputa, implicava em reconhecer e aceitar os limites de sua “superioridade”.

⁴⁴⁶ É VOCÊ UM BOM MARIDO? Alterosa, ano VI, n. 55, novembro de 1944, p. 127.

⁴⁴⁷ Ibidem, p. 127.

⁴⁴⁸ Ibidem, p. 127.

⁴⁴⁹ É VOCÊ UM BOM MARIDO? Alterosa, ano VI, n. 55, novembro de 1944, p. 127.

Outra matéria da revista, “Conselhos de um marido treinado”,⁴⁵⁰ sobre o filme “Os amores de Suzana”,⁴⁵¹ retratava com humor essas transformações. O texto relatava os conselhos do astro George Brent, um dos quatro candidatos a marido de Joan Fontaine que, no filme, segundo a revista, divorciou-se após poucos meses do casamento. O enredo do filme tratava do encontro de Richard (George Brent), com três ex-namorados de sua noiva Susana (Joan Fontaine), em uma festa. Um produtor da *Broadway*, um madeireiro e um romancista que apresentaram imagens distintas de Suzana, inclusive diferentes da imagem que Richard tinha de sua noiva, deixando-o confuso quanto ao casamento por ter dúvida de quem ela era verdadeiramente. Diante disso, os conselhos tratavam dos “erros” que o marido cometeu no casamento e que levaram ao divórcio, demonstrando que a readequação do papel masculino estava ocorrendo. As dez recomendações seguiam principalmente duas linhas, preocupações com a imagem de masculinidade e o trato com a esposa.

Para preservar sua imagem, o marido deveria evitar “contar à sua espôsa, minuciosamente seus embaraços comerciais”,⁴⁵² mesmo precisando de “confôrto e simpatia” no lar, isso poderia afetar a felicidade doméstica. Ao contrário dos conselhos anteriores de que o marido deveria encontrar na esposa o apoio emocional e ouvir seus conselhos, como indicado no “Decálogo do pai”, parecia que se apoiar emocionalmente na esposa contrariava a imagem de sucesso do marido. Nesse sentido, ele não deveria revelar seus erros, pois a esposa conhecia suas vulnerabilidades: “Nada diga à sua espôsa se alguma vez você ‘bancar o otário’. Provavelmente ela o adivinha sem que seja preciso você falar; e se se mantiver num discreto silêncio, é porque não deseja agravar sua ‘tragédia’”.⁴⁵³ A confiança mútua pregada pelo “casamento de companheirismo” parecia comprometer a imagem de masculinidade do marido. Por outro lado, relatar “seus ‘heroísmos’ e ‘golpes de inteligência’”,⁴⁵⁴ segundo o texto, também não era eficiente. Na hipótese dele ser “o tal”, mesmo que o fosse, sua esposa acabaria por sabê-lo. Sendo a masculinidade condicionada ao sucesso e à admiração que provoca (BADINTER, 1993), o marido se

⁴⁵⁰ CONSELHOS DE UM MARIDO TREINADO. *Alterosa*, ano VII, n. 68, dezembro de 1945, p. 156.

⁴⁵¹ O filme da Paramount estreou em 1945. Fonte: <<https://www.imdb.com/title/tt0037498/>>. Acesso em: 25. Nov. 2017.

⁴⁵² CONSELHOS DE UM MARIDO TREINADO. *Alterosa*, ano VII, n. 68, dezembro de 1945, p. 156.

⁴⁵³ *Ibidem*, p. 156.

⁴⁵⁴ CONSELHOS DE UM MARIDO TREINADO. *Alterosa*, ano VII, n. 68, dezembro de 1945, p. 156.

via numa situação contraditória, não deveria revelar suas derrotas nem suas vitórias, de modo que ele não sabia mais como afirmar sua identidade.

Outro elemento da conformação desse homem era o trato com a esposa, que deveria se dar pela mudança das atitudes do marido quanto a saber ouvir sua esposa: “faça o possível, e mesmo o impossível, para não dizer nada à sua espôsa na hora em que também ela tiver alguma coisa para lhe dizer”.⁴⁵⁵ O que foi reforçado no conselho posterior:

Não demonstre impaciência ou contrariedade quando sua espôsa contar pela terceira vez um mesmo caso insignificante. Nas palestras conjugais, a repetição é inevitável, e você, provavelmente, já incorreu em inúmeras infrações desse gênero.⁴⁵⁶

O trecho mostrava as dificuldades da escuta do marido em relação à recorrência de certos relatos da esposa, sugerindo que o marido deveria ser complacente porque também cometia esse tipo de repetição. Essa era a demonstração de que o marido não sabia ouvir a esposa, então, deveria ser ensinado. Atitudes cordiais, no trato com a esposa, não eram somente um sinal de autocontrole do marido, mas de entendimento da dinâmica da relação conjugal, manifestada no afeto e na compreensão entre os parceiros.

Desse panorama se deduz que o filme representava as mudanças sociais que ocorriam, indiciando um abalo na identidade masculina, mas, principalmente, os desajustes provocados pelo novo modelo de casamento a ser inculcado na sociedade. O personagem adotou o comportamento da fórmula do casamento moderno, e ainda assim o casamento foi desfeito. Não sabia quem era sua esposa, não sabia como reconhecer suas fragilidades ou afirmar sua virilidade, enfim, não sabia como definir sua masculinidade nem lidar com a mulher moderna.

As transformações sociais que naquele momento ocorriam na sociedade brasileira desestabilizaram as referências masculinas até então vigentes, baseadas numa estrutura econômica e política rígida concentrada nas mãos de uma oligarquia rural, cuja ideologia patriarcal definia a masculinidade sob a ordem de uma dominância hostil. Sendo o gênero sempre relacional, os padrões de masculinidade são definidos em oposição a um modelo (real ou imaginário) de feminilidade

⁴⁵⁵ I CONSELHOS DE UM MARIDO TREINADO. Alterosa, ano VII, n. 68, dezembro de 1945, p. 156.

⁴⁵⁶ Ibidem, p. 156.

(CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 265). Assim, era necessário apontar para o homem, ainda que de forma sutil, as diretrizes condizentes com o projeto moderno.

Ainda que consideradas as diferenças entre a sociedade brasileira e a norte-americana, o modelo cultural dos EUA era uma referência importante para o ideal de modernidade do Brasil, inclusive por meio do cinema, reproduzido também na imprensa, como o caso da *Alterosa*. Em menor grau de intensidade, no que se refere às prescrições para o comportamento masculino em comparação ao feminino, os astros de Hollywood serviram de modelo moderno para o público masculino da revista, como já mencionado, e também na apresentação do item a seguir.

3.3 A aparência e o refinamento dos modos

A aparência masculina deveria ser cultivada tanto para a conquista da mulher como para a respeitabilidade no mundo do trabalho. Os termos elegância e distinção diziam respeito a um modo de vestir e de comportamento baseados na discricção. No interior da evolução dos costumes, o bom gosto e o conhecimento de moda representavam a modernidade. O terno, traje principal masculino, não permitia grandes ousadias, e foi a diversificação dos tecidos e cores introduzida pela moda por meio do mundo do esporte que ocasionou certas mudanças:

O homem, tornando-se cada vez mais esportivo, prefere as roupas ligeiras, para seu maior conforto. E isto o faz procurar as casimiras finas e leves, os padrões flutuantes, com que se possa harmonizar o corte impecável do terno, bem assentado, com a linha da silhueta bem desenhada.⁴⁵⁷

Ainda que os tecidos fossem mais confortáveis, a exigência de perfeição do traje traduzia o que Berger (2003) caracterizou como representação do “poder sedentário”. Observando os trabalhadores alemães na obra do fotógrafo alemão August Sander, pós Primeira Guerra Mundial, o autor afirma que “a contradição física é óbvia” entre o uso do traje pelas classes abastadas e pelas classes populares, pois era evidente a diferença entre os tecidos, entre o corte e o assentamento do traje nos corpos da elite, mas, principalmente, nos corpos do trabalhador braçal. O traje profissional idealizado pela classe dominante europeia no último terço do século XIX representava “o poder do administrador e da mesa de reuniões”. Embora tenha sido

⁴⁵⁷ PINTO. Moda masculina. *Alterosa*, ano II, n. 6, março de 1940, p. 78.

produzido em massa depois da Primeira Guerra Mundial, a vestimenta idealizava “ o sedentário, o discreto, o que não exigia esforço” (BERGER, 2003, p. 41 *passim*). Dessa forma, o terno era o traje oficial do homem, símbolo de distinção entre os homens porque apresentava de imediato sua origem social. Entretanto, em todos os eventos públicos nos quais as camadas populares estivessem presentes, esses homens trajavam ternos. O que revelava novamente o modelo de masculinidade hegemônica representada na publicação.

Embora a coluna de moda masculina não tenha sido assídua⁴⁵⁸ na revista, sua abordagem é relevante para demonstrar o cenário no qual se pretendia conduzir um novo comportamento masculino pautado pela ideia de modernidade. Para isso, os astros de cinema eram os modelos de elegância e comportamento: “Dos ‘astros’, cujo *donaire* pessoal mais dá, no momento, que falar ao mundo feminino – ou masculino! – é, todavia, Walter Pidgeon, o ‘super elegante Walter’, como lhe chama na terra do cinema.”⁴⁵⁹ A elegância não estava vinculada somente à aparência, mas, sobretudo, a um modo de conduta. O *donaire* do astro, isto é, sua graça em se portar e sua gentileza, era o caminho para a distinção porque encantava (conquistava) as mulheres e, portanto, deveria ser seguido pelos homens.

O terno, logicamente, compunha a cena:

O traje de Walter – o super elegante – é um modelo de *toilette* elegante e simples, para entreter os amigos no ‘home’, em volta de uma taça de café ou e aperitivos preparados entre cristais tão coruscantes como vidros de perfume raro.⁴⁶⁰

O reforço desse modelo conjugava o traje com determinados modos, sugerindo um comportamento refinado para compor um estilo de vida, no qual a elegância vinha da discrição. O homem não deveria chamar atenção para si, suas posses (ternos e objetos) representavam quem ele era. O uso de estrangeirismos como *toilette* e *home* sinalizava o tipo de refinamento desejado, já que o paradigma de civilidade no Brasil sempre foi o exterior.

Sendo a discrição um elemento essencial da elegância, era necessário esclarecer o que ela significava:

⁴⁵⁸ A coluna de moda de autoria de Pinto, “o alfaiate da moda” foi publicada nas edições de março, maio, junho / julho e dezembro de 1940. Posteriormente, na edição de abril de 1945, J. R. Andrade foi o autor de uma matéria que envolvia a elegância masculina. Todas serão abordadas neste item.

⁴⁵⁹ PINTO. Moda masculina. Alterosa, ano II, n. 6, maio de 1940, p. 121.

⁴⁶⁰ *Ibidem*, p. 121.

Confundir o que é rico com o que é elegante é sobre erro, absurdo, pois a riqueza em muitos casos é inimiga da beleza e do espírito, enquanto que a elegância se constitui precisamente da perfeita harmonia destes dois elementos.⁴⁶¹

A riqueza por si não expressava elegância. Essa era constituída pelo equilíbrio entre a aparência e o modo de conduta, baseados no comedimento. Não bastava trajar um terno bem alinhado, o indispensável era expressar o que o traje simbolizava: “rico sem afetação, aristocrático sem pedantismo, Fred Astaire é conhecido como o astro hiper-civilizado e “raffiné” até onde o pode ser, que conhece e segue com esmêro e rigor todas subtilezas do traje masculino”.⁴⁶² O terno, apesar de sua popularização, continuava sendo um traje aristocrático, simbolizando a distinção entre classes sociais. Assim, o cultivo da aparência era tido como primeiro indicativo do grau de civilidade de uma sociedade. É importante lembrar, neste contexto, o processo da moda de cem anos (LIPOVETSKY, 1989), caracterizada pela articulação de duas indústrias novas: a alta-costura e a confecção industrial, em que a última, conduzida pelos norte-americanos, produzia tanto artigos ordinários como artigos de semiluxo, que eram próprios para uma classe média que buscava reconhecimento social.

No jogo das aparências, saber se vestir e se portar significava conhecer as regras de conduta para diversas situações sociais, o que demonstrava ciência da evolução social: “não se concebe mais o alheamento do homem moderno às regras da elegância, condição essencial para se impôr numa sociedade civilizada e em dia com as inovações da Moda”.⁴⁶³ O texto não apresentava um astro de Hollywood como modelo, dirigia-se diretamente ao público masculino da revista, indicando o comportamento desejado para o homem frente aos novos tempos. Discorrendo sobre o que era a felicidade, o autor afirmava, sob seu ponto de vista, que ser feliz significava “compreender as vicissitudes da vida e conformar-se com elas, não passivamente mas ativamente”,⁴⁶⁴ cobrando uma postura ativa para o homem acompanhar o tempo social em que vivia. Reforçando esse argumento, o apelo voltou-se para a defesa da elegância como um dever social: “ser elegante é uma exigência do mundo moderno,

⁴⁶¹ PINTO. Moda masculina. Alterosa, ano II, n. 8, junho / julho de 1940, p. 94.

⁴⁶² Ibidem, p. 94.

⁴⁶³ PINTO. Elegância masculina. Alterosa, ano II, n. 11, dezembro de 1940, p. 137.

⁴⁶⁴ ANDRADE, J. R. Elegância masculina. Alterosa, ano VII, n. 60, abril de 1945, p. 121.

um dever que se impõe ao homem que vive em sociedade”.⁴⁶⁵ O homem deveria se submeter às regras que compunham sua sociedade e a exigência que se impunha naquele momento era o refinamento da aparência e dos modos. A estratégia de convencimento era a obtenção do prestígio social: “todos nós nos sentimos muito felizes ao observarmos uma silhueta, que revela apurado gosto e elevado senso de estética. Percebemos que sobre ela recaem os olhares, os louvores e a admiração”.⁴⁶⁶ A sentença afirmava o dever masculino de refinar o seu gosto, o que se traduz pela tentativa de forjar uma sensibilidade tida como moderna que, sob o sentido da conquista (valor inerente ao universo masculino), era adquirida por mérito. Assim, a sociedade o reconheceria como representante de seu tempo. A chamada para um comportamento ativo tinha por finalidade a adequação do homem à nova dinâmica social, incrementada pela preocupação com a aparência e a saúde do corpo, difundidas fortemente pelos anúncios publicitários da revista.

3.4 “Fraco você é um empecilho! Forte você será indispensável!”⁴⁶⁷

O corpo masculino precisava ser normatizado dentro dos novos padrões de comportamento e sociabilidades requeridos para o projeto de nação varguista. A força como elemento central de definição da masculinidade estava ligada à capacidade produtiva e sexual, mas revestidas por um caráter moral que implicava no autocontrole das emoções e dos impulsos sexuais. O aperfeiçoamento físico e moral do homem visava um corpo forte e sadio em prol do progresso material do país.

O discurso higienista⁴⁶⁸ presente nas representações da publicidade difundia um corpo “jovem, saudável, forte, robusto, atlético, ativo e viril, no qual o homem viabilizaria seu papel de trabalhador e provedor” (MATOS, 2011, p. 136). O conjunto de elementos que compunha essa construção será analisado nos dois subitens a seguir, em que o sentido de vigor e juventude permearam as discussões.

⁴⁶⁵ ANDRADE, J. R. Elegância masculina. *Alterosa*, ano VII, n. 60, abril de 1945, p. 121.

⁴⁶⁶ *Ibidem*, p. 121.

⁴⁶⁷ VINHO RECONSTITUINTE SILVA ARAUJO. *Alterosa*, ano VI, n. 45, janeiro de 1944, p. 7.

⁴⁶⁸ Maria Izilda Matos (2011) relata duas frentes de combate das políticas públicas de controle sanitário-higienista sobre o corpo masculino, o alcoolismo e as doenças venéreas. No primeiro caso, nenhum dado foi encontrado na *Alterosa* no período estudado, quanto ao segundo, será apresentado e discutido adiante. A razão para a inexistência do assunto no periódico pode ser esclarecida pelo direcionamento das campanhas preventivas primordialmente voltadas às classes populares, pois, segundo a autora, essas eram tidas como “as ‘mais atingidas pelo mal’, já que os hábitos, o meio e a educação poderiam evitar o aparecimento e a difusão do alcoolismo” (MATOS, 2011, p. 131).

O primeiro subitem trata da regulação e higienização do corpo masculino, tendo por base o revigoramento corporal para o trabalho e a atividade sexual, incluindo o chamamento para a guerra. O segundo versa sobre o cultivo da aparência, tendo em vista a conquista e o reconhecimento social, que era revestido por valores modernos, entre eles o esporte que, presente ao longo da apresentação dos dois itens, expressava o dinamismo, a força e a conquista.

3.4.1 “Na vida só vencem os fortes!”⁴⁶⁹

A máxima que sintetizava a publicidade dirigida ao homem era “Na vida só vencem os fortes! ”.⁴⁷⁰ O Hormocalcio, medicamento dos laboratórios Granada, que prometia revigorar os fracos, reafirmava a força como elemento essencial da masculinidade. Era por meio da força física, da disposição e da energia que o homem cumpriria seu papel de trabalhador, por conseguinte, provedor do lar. Vencer na vida significava ter sucesso profissional e prestígio social, somente obtidos através da capacidade de competir na esfera pública com outros homens e conquistar uma posição de destaque.

⁴⁶⁹ HORMOCALCIO GRANADO. Alterosa, ano I, n. 4, dezembro de 1939, p. 91.

⁴⁷⁰ Ibidem, p. 91.

Figura 19 – Anúncio do depurativo Inhameol



Fonte: Alterosa, ano II, n., dezembro de 1940, p.111.

Realizando uma analogia entre o corpo masculino e o motor de uma lancha, o Inhameol pronunciava, “Vence o motor novo e regulado! Vencem os homens sadios que são sempre novos”.⁴⁷¹ A ilustração que compunha o anúncio mostrava uma disputa entre lanchas e a frase citada que acompanhava o desenho destacava o verbo “vencer”, sugerindo competição. Atrair os sentidos do esporte à conquista era um meio de estimular o uso do medicamento, pois, além de revesti-lo de um valor moderno, conferia ao usuário o *ethos* do campeão. Os termos “vence” e “vencem” estavam em negrito, sendo que o primeiro, em corpo maior que o restante da frase, era seguido por uma exclamação também em negrito.

A ideia central tratava o corpo como uma máquina que precisava de constante regulação para funcionar. Um corpo sempre novo seria sadio. O cultivo da saúde conservaria a juventude corporal através da depuração do sangue, como uma

⁴⁷¹ INHAMEOL. Alterosa, ano II, n. 11, dezembro de 1940, p.111.

troca de óleo do motor de uma máquina, sendo a potência correspondente à virilidade. O sangue livre de impurezas era o responsável pelo bom funcionamento e pelo revigoramento do corpo: “para conservar o seu organismo sempre novo, com músculos fortes...”.⁴⁷² O corpo sadio era fundamental para a competição com os demais na esfera pública, não necessariamente um físico musculoso, pois o corpo dotado de energia mecânica para a realização do labor era o corpo do homem da classe popular. Dessa forma, insinuava-se para o homem de classe média e alta, um corpo musculoso através do esporte ou um corpo atlético, assim como a atividade e a competitividade requeridas para a atuação na esfera pública.

O anúncio do Dynamogenol retratava esse cenário ao propor que o medicamento fortificava e revigorava o organismo, restaurando “as energias do cérebro, dos músculos e do sangue”.⁴⁷³ A ilustração apresentava um homem de físico forte, com músculos definidos, correndo, o corpo levemente caído para a frente sugeria o deslocamento próprio da prática esportiva. Esse movimento corporal estava indicado por riscos em volta do corpo e por sua sombra no chão. Completando a cena, a palavra “energia” estava posta acima do corpo. O próprio nome do medicamento indicava a ideia de dinamismo e de produtividade prescritas para o corpo masculino. O *slogan*, “É o tonico de todos”,⁴⁷⁴ sustentava a atividade como elemento da masculinidade. Esse era o modelo hegemônico que deveria ser difundido.

O trabalho como fator de reconhecimento social constrangia o homem à competitividade profissional, o que poderia levá-lo ao esgotamento nervoso, da mesma forma que as preocupações sobre a provisão do lar e o relacionamento privado com a família, “daí, a cabeça pesada, a falta de memória, a dificuldade de pensar, o desânimo, o mau humor, a vida transformada num doloroso fardo...”.⁴⁷⁵ Todas as cobranças sociais sobre o papel masculino legitimavam o homem no mundo do trabalho, ao mesmo tempo que desvalorizavam aqueles que não se adequavam ao modelo. O produto Neurobiol, ao prescrever a norma social: “Reponha o fósforo gasto, ilumine o cérebro, reconquiste o gosto de trabalhar e de viver!”,⁴⁷⁶ apontava que a fadiga cerebral prejudicial à produtividade resultava de um abatimento emocional.

⁴⁷² INHAMEOL. Alterosa, ano II, n. 11, dezembro de 1940, p.111.

⁴⁷³ DYNAMOGENOL. Alterosa, ano IV, n. 29, setembro de 1942, p. 60.

⁴⁷⁴ Ibidem, p. 60.

⁴⁷⁵ NEUROBIOL. Alterosa, ano VI, n. 56, dezembro de 1944, p. 75.

⁴⁷⁶ Ibidem, p.75.

A regulação do humor masculino se dava através do sistema digestivo. O uso do Sal de Fructa ENO, laxante e antiácido, garantia ao homem “o seu bom humor diário e a saúde de toda a sua vida!”.⁴⁷⁷ O bom humor vinculado ao bom funcionamento do organismo fornecia disposição para as atividades diárias. O anúncio vendia o produto de forma humorada. O recurso utilizado foi o chiste “Nada de Black-out! Eu sou do contra!”.⁴⁷⁸ A ilustração exibia um homem, trajando um pijama por debaixo de um roupão, na porta de sua casa, que estava toda iluminada. Ele gritava a frase (contida em um balão de quadrinhos) para uma mulher vestida com um uniforme institucional, semelhante ao das voluntárias de guerra. O corpo dele se inclinava para a frente, seus braços estavam contraídos junto ao corpo, suas mãos estavam fechadas em punho, e sua expressão facial sugeria irritação. A mulher o olhava de baixo para cima, seus braços meio erguidos para fora do corpo com as palmas das mãos para cima e expressão facial de espanto manifestavam incompreensão da situação.

Figura 20 – Anúncio do “Sal de Fructa ENO”



Fonte: Alterosa, ano VI, n. 55, novembro de 1944, p. 73.

⁴⁷⁷ SAL DE FRUCTA ENO. Alterosa, ano VI, n. 55, novembro de 1944, p. 73.

⁴⁷⁸ Ibidem, p. 73.

A cena mostrava que o homem mal-humorado era o contrário do ideal masculino desejado. Não tinha saúde, pois seu organismo não funcionava adequadamente e, por isso, seu rendimento não contribuía para o sistema de produção econômica. As toxinas produzidas pela atividade corporal diária precisavam ser eliminadas para não levar ao estado de irritação constante. Segundo Maria Izilda Matos (2011, p. 137), os anúncios publicitários sobre os cuidados com o sistema digestivo reforçavam a moderação, norteadando o comportamento masculino para o domínio das emoções, dos impulsos e uso da razão. O mal-humorado demonstrava descontrole, era intratável, não cooperava com o momento solidário do esforço de guerra, era um homem que não acompanhava os novos tempos. O humor é utilizado como um contraste para afirmar que aquela postura era insustentável, reforçando a necessidade do uso do produto. Pode-se sintetizar pelo uso do termo *black-out*, que ele significava o próprio, ao negar-se a apagar as luzes e colaborar com a economia de energia, sendo “contra” o esforço de guerra. Negava-se, assim, o funcionamento adequado do sistema. A parada de força, a interrupção de energia deixava em suspenso as atividades ordinárias do corpo social, prejudicando a produção e a reprodução do conjunto de bens materiais e simbólicos da sociedade.

O anúncio das Meias Lobo representava exatamente o que se esperava do homem, “resistência em todas as linhas...”.⁴⁷⁹ A resistência como sinal de força e disposição para a luta, realizava uma analogia entre o produto (meia) e a produção (esforço de guerra). Argumento que arregimentava toda a sociedade: “homens e mulheres que lutam pelos interesses da coletividade produzindo boas meias!”,⁴⁸⁰ sob a ordem do trabalho. O reforço da representação dirigia-se ao homem por meio da ilustração de vários rostos masculinos que mostravam quais eram as “linhas” da batalha, um operário e soldados do Exército, Marinha e Aeronáutica. Rostos sorridentes, bem-humorados, bem-dispostos, que cumpriam sua função social na esfera da produção, na indústria e na defesa do modelo econômico: “Lembre-se, com orgulho, que a sua Pátria progride com o progresso do trabalho de seus filhos!”.⁴⁸¹ A ideologia do trabalho, que o considerava um direito, sobretudo um dever civil (GOMES, 1999), fortaleceu-se na figura do militar como referência para os homens, por meio da convocação para a “batalha da produção”, devido ao esforço de guerra.

⁴⁷⁹ MEIAS LOBO. Alterosa, ano V, n. 33, janeiro de 1943, p. 49.

⁴⁸⁰ Ibidem, p. 49.

⁴⁸¹ Ibidem, p. 49.

Um soldado da Marinha olhava através de binóculos o horizonte, outro, do Exército, empunhava uma arma, e um aviador sorridente parecia caminhar em direção ao leitor do anúncio do Vinho Reconstituente Silva Araujo, cujo *slogan* dizia: “Proibido para os fracos! Só sendo forte, você poderá formar ao lado dos fortes”.⁴⁸² Era uma convocação para o homem cuidar de sua saúde e um reforço do distintivo força como sinal do “homem de verdade”. De acordo com Maria Izilda Matos (2011, p. 137), esse homem era viril, marcado pela força, energia, disposição e capacidade de luta, aquele que tinha condições de corresponder ao chamamento da Pátria e ao papel de trabalhador e chefe de família. O texto apresentava os males da desnutrição do sangue, nervosismo, falta de apetite, cansaço, abatimento e perda de peso, e prometia a revigoração do corpo e dos “nervos”, abrindo o apetite e, assim, o homem ganharia “mais disposição para o trabalho, mais apetite e maior resistência física”.⁴⁸³ Embora tratasse da nutrição do sangue e não da eliminação de toxinas produzidas pelo organismo, o sentido de fortalecimento do corpo e da mente era o mesmo, o cumprimento de um dever social. A ilustração de uma mão apontada para o leitor com o indicador em riste na mesma direção e acompanhada pelos dizeres “É seu dever ser forte e ter saúde!”⁴⁸⁴ corroborava a ideia da responsabilidade civil, que impunha ao homem a atividade na esfera pública, por isso, por estar exposto aos embates diários do mundo da produção, tinha a obrigação de contribuir para o progresso da nação. A construção da ideia de força sustentava que “com brasileiros fortes, o Brasil será mais forte ainda!”.⁴⁸⁵ O dever do homem era ser forte mental e fisicamente para o trabalho.

Os apelos publicitários dos medicamentos que regulavam o corpo masculino se concentravam no cultivo da saúde por meio da depuração do sangue. O sangue limpo, além de fortificar o corpo, seria responsável pela felicidade conjugal: “Vae casar-se? Então seria, aconselhavel depurar o seu sangue, para aumentar a felicidade conjugal”.⁴⁸⁶ Nesse caso, a felicidade conjugal decorria da capacidade para a atividade sexual e para a geração de filhos, sendo que o casamento em si já era uma “prova de virilidade”. De acordo com Maria Izilda Matos (2011, p. 130), dentre as

⁴⁸² VINHO RECONSTITUINTE SILVA ARAUJO. Alterosa, ano V, n. 37, maio de 1943, p. 23.

⁴⁸³ Ibidem, p. 23.

⁴⁸⁴ Ibidem, p. 23.

⁴⁸⁵ Ibidem, p. 23.

⁴⁸⁶ ESSÊNCIA PASSOS. Alterosa, ano IV, n. 29, setembro de 1942, p. 64.

preocupações higienistas⁴⁸⁷ em torno do corpo masculino, estavam a impotência sexual, a sexualidade desregrada, antes e depois do casamento, e as doenças venéreas, principalmente a sífilis, uma vez que a prole sadia era resultado de pais sadios.

O depurativo Tapayuna enunciava o seu sucesso no combate à sífilis, entre outras doenças e males, apresentando-se como “o alicerce da saúde”.⁴⁸⁸ O anúncio sugeria a estrutura do “casamento higienizado”, caracterizado por Maria Izilda Matos (2011, p. 143) pela contenção da sexualidade em busca de uma prole sadia para o futuro da nação. A ilustração do casal de corpos vigorosos em trajes de banho representava o ideal de nação pretendido pelo projeto nacionalista. A mulher, bela, forte e sadia, em primeiro plano, oferecia ao homem o produto que garantia sua saúde, reforçando sua função de cuidadora de outrem. O homem, forte e sadio, em segundo plano, ao colocar a mão no ombro da mulher sinalizava sua dominância sobre a mulher. Argumento reforçado pelo uso dos termos “guardião e chefe supremo” que correspondiam à virilidade, sendo que, carregados de valores morais também diziam respeito à normatização do comportamento masculino, para o seu dever de cultivar a saúde do seu corpo.

⁴⁸⁷ Os desvios de norma também integravam o horizonte higienista, que considerava a prostituição, o celibato e o homossexualismo, ameaças à ordem conjugal e ao projeto de uma nação civilizada (MATOS, 2011).

⁴⁸⁸ TAPAYUNA. Alterosa, ano VII, n. 64, agosto de 1945, p. 171.

Figura 21 – Anúncio do depurativo Tapayuna



Fonte: Alterosa, ano VII, n. 64, agosto de 1945, p. 171.

A virilidade, conforme Maria Izilda Matos (2011), identificada com a heterossexualidade, a potência e a frequência, tinha o seu contraponto na doença e na velhice. O tônico estimulante Pansexol “M”, produto que, segundo a publicação “A debilidade sexual e o seu tratamento moderno”, de janeiro 1945, agitou o mundo médico em 1891 pela descoberta do rejuvenescimento corporal através da ingestão de hormônios masculinos, era indicado para os casos de “diminuição parcial ou geral das reservas do organismo, com especial referencia aos órgãos da sexualidade, aos quais reanima dando-lhes nova vida e vigor”.⁴⁸⁹ O medicamento tratava da impotência sexual masculina sugerindo que a queda de energia e disposição do corpo para a atividade sexual seria sanada por meio de reposição hormonal. Era notável não existir uma idade que determinasse a velhice do homem ou sua atividade sexual, como existia para a mulher (em torno dos 40 anos). E mais, o medicamento tinha uma

⁴⁸⁹ A DEBILIDADE SEXUAL E O SEU TRATAMENTO MODERNO. Alterosa, ano VII, n. 57, janeiro de 1945, p. 12.

“fórmula para cada sexo”. Enquanto o “M” proporcionava ao homem disposição e vigor para a atividade sexual, o “F” regulava as regras menstruais para a maternidade e o “conforto” feminino na menopausa, indicando que o desejo sexual feminino era silenciado. Quanto ao significado da denominação “M” e “F”, não existia nenhum esclarecimento se significava masculino e feminino ou macho e fêmea, de qualquer maneira, o sentido presente era de oposição.

3.4.2 “Mantenha a aparência dos homens ativos”⁴⁹⁰

A boa aparência masculina era resultado do cuidado com o corpo, principalmente os cabelos e a barba. Marcada pelo higienismo, ela simbolizava elegância e estava relacionada ao refinamento dos modos e à capacidade de sedução.

O anúncio Colgate dirigido à purificação do hálito masculino apresentava uma estrutura em quadrinhos semelhante ao direcionado à mulher (item 2.4.1, capítulo 2), no entanto, a proposição do asseio bucal para o público feminino conduzia ao matrimônio, diferentemente dessa, como será explicitado. A peça publicitária condicionava a purificação do hálito para a conquista amorosa, o romance “o mau hálito-inimigo do romance”.⁴⁹¹ A ilustração exibia um homem fantasiado de palhaço, com o semblante triste, dizendo: “Rosinha me despreza, já nem fala comigo... Meu destino é o de todo palhaço. Rir enquanto soffro”.⁴⁹² A fala sugere que ele desconhecia o porquê de Rosinha não desejar mais contato. A cena ambientada em um circo fazia alusão ao papel de tolo que o homem representava pelo descuido com hábitos higiênicos e seu destino penoso devido a sua incapacidade de sedução.

Figura 22 – Anúncio do creme dental Colgate

⁴⁹⁰ CREME DAGELLE. Alterosa, ano V, n. 41, setembro de 1943, p. 5.

⁴⁹¹ COLGATE. Alterosa, ano VI, n. 53, setembro de 1944, p. 71.

⁴⁹² Ibidem, p. 71.

Fonte: Alterosa, ano VI, n. 53, setembro de 1944, p. 71.

O conselho para que o homem procurasse um dentista (saber médico) foi dado por outro componente do circo, um homem forte (que poderia ser o acrobata), “Quem sabe se êsse afastamento de Rosinha não é devido ao mau-hálito?”.⁴⁹³ Essa construção sustentava a concepção de virilidade caracterizada pelo corpo sadio e limpo. O produto embasado na ciência prometia a correção “instantânea” do mal, e o resultado era a posse da mulher desejada: “Agora Rosinha me pertence! Um sorriso Colgate faz milagres!”⁴⁹⁴ A conquista vinculada à posse sugeria a passividade feminina, afirmando a dominância do homem sobre a mulher. Ao corrigir seus hábitos higiênicos o homem estava a caminho do êxito social.

O homem foi incentivado a cultivar seu corpo sob os preceitos de saúde e a maneira pela qual se apresentava em público correspondia ao mesmo propósito higiênico. O creme Dagelle confirmava essa ideia ao anunciar: “Mantenha a aparência

⁴⁹³ COLGATE. Alterosa, ano VI, n. 53, setembro de 1944, p. 71.

⁴⁹⁴ Ibidem, p. 71.

dos homens ativos”.⁴⁹⁵ O dinamismo carregava a ideia de capacidade produtiva e realização, o que se desejava para o progresso material da nação. O cuidado com a aparência era sinal de higiene e refinamento dos modos, opondo-se à negligência e ao desleixo: “Uma barba por fazer prejudica sua boa aparência!”.⁴⁹⁶

Figura 23 – Anúncio do creme de barbear Dagelle



Fonte: Alterosa, ano V, n. 42, outubro de 1943, p. 17.

A ilustração da Figura 23 mostra que o descuido era motivo de reprovação social, pois o homem em destaque que tinha a barba por fazer era o motivo dos comentários de uma mulher com outro homem, esse, com a barba feita. Uma aparência descuidada assinalava certa passividade masculina, o que configurava incapacidade de conquista, perda de virilidade e, até mesmo, sujeira e ociosidade. O que contrariava os propósitos de civilizar o país. Em vista disso, a importância dos

⁴⁹⁵ CREME DAGELLE. Alterosa, ano V, n. 41, setembro de 1943, p. 5.

⁴⁹⁶ CREME DAGELLE. Alterosa, ano V, n. 42, outubro de 1943, p. 17.

cuidados com a barba e os cabelos, o apuro e a elegância como fatores de distinção compunham os produtos de *toilette* masculina dirigidos para esse homem, como por exemplo, a loção facial pós barba Coty, “criada para o ‘Gentleman’”.⁴⁹⁷ Maria Izilda Matos (2011, p. 139-140) destaca as alusões constantes entre higiene, saúde e beleza, vinculando a boa aparência, o bom gosto e a elegância a uma estratégia de obtenção de sucesso amoroso.

Para os cabelos masculinos, existia a necessidade do fortalecimento, evitando a caspa, a queda e o embranquecimento precoce: “elimine a caspa e a queda de cabelo, para *evitar a calvície!*”,⁴⁹⁸ “para assegurar a vitalidade, o brilho, e evitar a queda e o embranquecimento prematuro dos cabelos”.⁴⁹⁹ Essas mensagens diziam respeito ao cultivo da saúde e da aparência, que estavam estreitamente ligadas à ideia de juventude. A calvície e o embranquecimento dos cabelos sinalizavam a velhice, a falta de potência, a perda de virilidade. Assim, o produto Tricófero de Barry era um tônico capilar que atuava na revitalização dos cabelos para a conquista, pois “a beleza do cabelo aumenta a atração pessoal.”⁵⁰⁰ Segundo Oliveira (2007), os cabelos são da maior importância para diversas culturas, dentre seus diversos sentidos, sua beleza está ligada à provocação sexual (tanto para homens como para mulheres), sendo para o homem, elemento de virilidade. Dessa forma, os cabelos “lisos, macios e sedosos, brilhantes, perfumados [...]”⁵⁰¹ marcavam a boa aparência e o refinamento dos modos. Simbolicamente, pentear e alinhar os cabelos significaria controlar a energia sexual masculina.

O sentido de beleza no universo masculino estava unido à elegância, algo que precisava ser cultivado, ao contrário da mulher que era “naturalmente” bela, por esta razão o termo não era usado para dizer do homem em si. A aproximação do homem com o universo feminino era vista sob o risco de sua feminilização. Assim, o conceito de beleza, estrito ao mundo da mulher, foi substituído pela negação da vaidade visando a preservação da virilidade. Foi dessa maneira que a moda incentivou a adesão do homem aos valores modernos e mercantis daquela época.

⁴⁹⁷ COTY. Alterosa, ano VII, n. 61, maio de 1945, p. 57.

⁴⁹⁸ TRICÓFERO DE BARRY. Alterosa, ano VII, n. 60, abril de 1945, p. 99.

⁴⁹⁹ TRICÓFERO DE BARRY. Alterosa, ano VII, n. 61, maio de 1945, p. 10.

⁵⁰⁰ Ibidem, p. 10.

⁵⁰¹ ÓLEO PALMOLIVE. Alterosa, ano VII, n. 62, junho de 1945, p. 66.

Pinto, “o alfaiate da moda”,⁵⁰² colaborador da revista, apresentava seus serviços pelo *slogan* “Não por vaidade mas por exigência da vida moderna vista-se com apuro”.⁵⁰³ A mensagem enfatizava que o refinamento dos modos era uma obrigação dos novos tempos e não um incentivo ao “embelezamento” masculino. O sentido de urgência apelava para a perda, afirmando que um homem sem boa aparência não obteria grandes chances no mercado de trabalho: “Não vacile um instante. De sua melhor apresentação, do talhe impecável de suas roupas depende, às vezes, a realização de um bom negócio ou a obtenção de um magnífico emprêgo.”⁵⁰⁴ Já a Casa Guanabara, também no ramo da moda, oferecia um outro tipo de serviço: “O homem moderno veste-se pela ½ confecção”,⁵⁰⁵ mas sustentava isso em acordo com o sentido de adequação do homem ao tempo moderno e acelerado: “Viva de acordo com seu tempo! Hoje tudo se faz com rapidez. Com um cartão de crédito veste-se toda a família!”.⁵⁰⁶ O magazine de roupas atendia toda a família e ainda vendia à crédito.

Os sentidos que circulavam nesses anúncios em torno da elegância masculina detinham diferentes significados. No caso da alfaiataria, “o talhe impecável” se aproximava da alta-costura, uma roupa feita sob medida que ganhava o sentido de distinção e refinamento. Já o magazine de roupas, a meia confecção, com modelos parcialmente confeccionados, nos quais o arremate era feito de acordo com o tipo físico do cliente, o sentido atribuído era de praticidade e comodidade. Significados que necessariamente não se opunham, pois o que de fato interessava, era a adesão do homem a um estilo de vida centrado na lógica do mercado. Os valores da elegância regidos pela moda, conforme Lipovetsky (1989), nasceram de uma nova representação da individualidade expressa no prazer das novidades e facilidades materiais.⁵⁰⁷ Sendo assim, a aparência impulsionava esse novo comportamento através da aquisição de bens simbólicos.

O homem que adquiria um “Studebaker – o carro da atualidade”⁵⁰⁸ podia escolher entre os modelos presidente, comandante ou campeão. O automóvel,

⁵⁰² PINTO. Alterosa, ano IV, n. 32, dezembro de 1942, p. 2.

⁵⁰³ Ibidem, p. 2.

⁵⁰⁴ Ibidem, p. 2.

⁵⁰⁵ GUANABARA. Alterosa, ano V, n. 36, abril de 1943, segunda capa.

⁵⁰⁶ Ibidem, segunda capa.

⁵⁰⁷ O autor não nega o valor distintivo do consumo, mas reforça que a moda se originou de um desejo de personificação da identidade da classe aristocrática, sendo fruto de um contexto em que o hedonismo florescia, e não de um simples desejo de manutenção de *status* social.

⁵⁰⁸ STUDEBAKER. Alterosa, ano II, n. 8, junho / julho de 1940, p. 41.

símbolo moderno, representava os avanços tecnológicos dos novos tempos. Identificado com os valores de autonomia, mobilidade, dinamismo e potência, ele proporcionava comodidade e indiciava poder de consumo e, conseqüentemente, era tido como objeto distintivo na sedução e conquista da mulher, pois sua posse demonstrava condições financeiras para sustentar uma família. Presidente, comandante e campeão eram papéis sociais masculinos de grande reconhecimento social, a escolha para a nomeação dos modelos oferecia simbolicamente o poder que construía o ideal do vencedor.

O vencedor detinha capital simbólico para a conquista diante dos embates diários no mundo do trabalho e no romance. A caneta Parker, por exemplo, afirmava reunir “a combinação ideal de qualidades para ganhar, sempre e sempre, nas mais severas competições”.⁵⁰⁹ Os condicionantes da vitória eram fruto da eficiência, demonstração de competência na disputa. A Figura 24, o anúncio da caneta, exibia uma corrida entre homens, destacando o campeão cruzando a linha de chegada da competição. A expressão do semblante do vencedor denotava empenho para alcançar o objetivo, acompanhado pela alusão de força e dinamismo presentes na prática esportiva.

⁵⁰⁹ PARKER VACUMATIC. Alterosa, ano IV, n. 29, setembro de 1942, p. 13.

Figura 24 – Anúncio da caneta Parker

Contrato de Garantia por Vida
com duração total de Parker

O VENCEDOR É SEU
quando adquire uma caneta Parker Vacumatic. A única que possui a combinação ideal de qualidades para ganhar sempre e sempre, nas mais severas competições.

Orgulhe-se de possuir Parker – Vencedora em muitas competições Sobre Preferência de Canetas

Milhares de pessoas exigentes manifestaram insistentemente a sua preferência pela Parker sobre todas as outras canetas. Estas competições recentes mostram a V.S. que Parker Vacumatic deve possuir vantagens especiais. Peça ao seu revendedor uma demonstração destes característicos "vitoriosos", e depois escolha a sua Vacumatic.

1º em facilidade de escrever. A rigorosa e precisa Parker, "fabricada" pela indústria de Oxnard, está baseada em novo modelo em facilidade de escrever e estabilidade.

2º em confiança que merece. O depósito de tinta do Parker, de elevada taxa, permite ver sempre o nível da tinta. Custos mínimos de troca de canetas com todo o conforto.

3º em comodidade. O vencedor portábil, a uma só mão, possui todos os recursos de uma caneta, e sem necessidade de mudar, outro programa de expansão de funcionamento. Classe III.

4º em beleza. Parker Vacumatic é de fato a "luz" das canetas. Nenhuma outra caneta igual o luminoso brilho de seus detalhes, desde o plástico até o metal.

Contrato de Garantia por Vida
O Vacumatic tem a reputação de ser a mais segura caneta. O "Contrato de Vida" para o vencedor, possibilita o reparo de qualquer avaria (exceto em caso de perda ou dano intencional) que ocorra durante todo o tempo em qualquer parte do mundo, desde que o caneta seja enviada completa para o reparo.

Parker VACUMATIC

À venda em todas as boas casas de papel
Cidade Distribuidora: Av. 2005 para além outras canetas Parker, desde 005. — (União distribuidora para todo o Brasil e para Central de Comércio: COSTA, PORTÉLA & CIA., Rua 11 de Março, 9.1.1. — Rio — Caixa Postal 508

Fonte: Alterosa, ano IV, n. 29, setembro de 1942, p. 13.

A cena ilustrava a postura do vencedor diante dos embates da vida, associando a conduta combativa e viril ao esporte, signo de modernidade. Nesse espírito, as facilidades técnicas do produto e sua apresentação com “anéis de pérola laminado” demarcavam as qualidades do vencedor, um homem ativo e elegante.

O esporte esteve, ao longo desta seção, fortemente atrelado aos sentidos que caracterizavam a masculinidade. Força, dinamismo, potência, conquista, elegância e *status* social foram difundidos pela publicidade e auxiliaram a construção do *ethos* do campeão, aquele que atendia às imagens e chamados do progresso.

3.5 “Contando a história dos campeões”⁵¹⁰

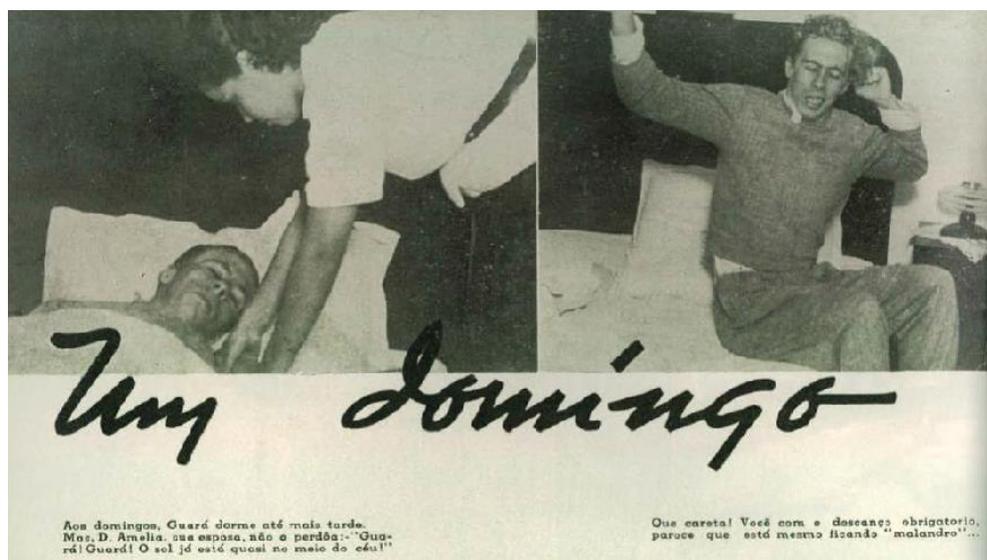
A figura do homem campeão foi construída na revista pela inter-relação entre o cultivo do corpo e o desejo de progresso da nação. Fruto de um contexto de

⁵¹⁰ LIMA, Vasco C. Contando a história dos campeões. Alterosa, ano IV, n. 27, julho de 1942, p. 86.

conflito mundial, a representação reverberava o nacionalismo varguista por meio do projeto eugênico de fortalecimento do homem. A vitória residia no corpo sadio, proveniente dos hábitos higiênicos, do revigoramento via medicalização e da prática de exercícios físicos. Esse corpo ainda devia ser elegante para atestar o refinamento dos modos. De acordo com Connel e Messerschmidt (2013, p. 263), “a hegemonia trabalha em parte através da produção de exemplos de masculinidade (como as estrelas dos esportes profissionais), símbolos que têm autoridade”, ainda que a maioria dos homens não adotem o padrão. A ideia do vencedor sublinhada pela figura do esportista, era mais acessível a outras camadas sociais, devido à crescente popularização do esporte no cenário mineiro, principalmente, do futebol, o mais retratado para o público masculino da revista.

Guará, que estreou as poucas matérias esportivas da publicação, era o sinônimo do homem vencedor. O “craque sem rival” foi mostrado em sua casa, recuperando-se de uma lesão.⁵¹¹

Figura 25 – Fotografias da reportagem sobre o jogador Guará



Fonte: Alterosa, ano I, n. 1, agosto de 1939, p. 48.

⁵¹¹ Guaracy Januzzi foi atacante do Atlético Mineiro da década de 30. O “Perigo louro” ou “Demônio Louro” fez história no futebol mineiro com uma média próxima a 1 gol por partida. Campeão brasileiro em 1936, deixou os campos anos após o incidente do qual a *Alterosa* menciona sua recuperação. O choque entre Guará e Caieira ocorreu, em 4 de junho de 1939, na partida entre o Atlético Mineiro e o Palestra Itália. Numa disputa de bola alta, o zagueiro deu uma testada na nuca do atacante. Ambos caíram, mas somente Caieira, se levantou, meio tonto. Guará continuou desmaiado e foi levado ao Pronto Socorro, onde ficou 72 horas em estado de choque e um mês inconsciente. Recuperou-se, mas não voltou a jogar como antes. Maiores informações em: <http://www.galodigital.com.br/enciclopedia/Guaracy_Januzzi>. Acesso em 15. Dez. 2017.

As fotografias e as legendas exibiam e contavam sobre as atividades do jogador do Atlético Mineiro. Nesse ponto, apesar das imagens exibirem o atleta em casa e em recuperação, ele, por seus feitos no esporte apresentados no texto da reportagem, detinha simbolicamente autoridade como exemplo de masculinidade (CONNEL; MESSERSCHIDT, 2013). Nesse sentido, o corpo do atleta como objeto e agente da prática desejada foi difundido como exemplo de masculinidade. Conforme Connel e Messerschmidt (2013, p. 269), “os corpos participam na ação social ao delinear os cursos da conduta social – o corpo como participante da geração de práticas sociais”. A Figura 25 mostrava que ele acordava tarde aos domingos, sendo chamado por sua esposa D. Amelia, o que parecia ser indolência: “você com o descanso obrigatório parece que está mesmo ficando ‘malandro’...”.⁵¹² Uma atitude que não condizia com a figura do esportista, e muito menos com a ideia de campeão, porque significava ociosidade, inatividade, passividade.

Figura 26 – Fotografias da reportagem sobre o jogador Guará



Fonte: Alterosa, ano I, n. 1, agosto de 1939, p. 49.

Por isso, as imagens seguintes e suas legendas, Figura 26, desfaziam essa impressão: “está vencido o primeiro tempo. O craque mudou de campo, e vai dar início ao segundo...”.⁵¹³ Guará venceu o desânimo, ganhou forças para atuar no jogo social, tomou banho e fez a barba, pedagogicamente demonstrando cuidados com a

⁵¹² UM DOMINGO COM GUARÁ. Alterosa, ano I, n. 1, agosto de 1939, p. 48.

⁵¹³ Ibidem, p. 49.

higiene e a aparência. Um detalhe merece ser comentado: ao acordar, ele vestia traje esportivo, na sequência, ele trajava roupão para o banho e, ao fazer a barba, retorna ao traje inicial. São indícios da roteirização da matéria para melhor configurar a personagem para a reportagem. As imagens não são propriamente flagrantes, apesar de buscarem transmitir essa impressão. As fotografias foram produzidas dentro de um ambiente controlado (a casa do jogador), de modo a compor um cenário que revelasse hábitos comuns do esportista.

Em seguida, como mostra a Figura 27, a família entrava em cena recebendo um amigo para o almoço de domingo: “Guará e Elcir são muito amigos. Hoje, este é convidado de honra no almoço da família”.⁵¹⁴ Sob a perspectiva da construção do campeão ou vencedor, a família não poderia faltar, pois ela era a prova da capacidade produtiva, através do trabalho para sua manutenção, e prova da capacidade sexual, conquista e geração de prole. O reforço dessa afirmativa estava na imagem seguinte: “o ‘banquete’ da ‘craquinha’ Vera Lucia...⁵¹⁵”, no qual sua esposa não aparece, mas era ele quem alimentava sua filha, acompanhado de perto pelo amigo, o que também sugeria que era um bom marido e um bom pai.

Figura 27 – Fotografias da reportagem sobre o jogador Guará



Fonte: Alterosa, ano I, n. 1, agosto de 1939, p. 48.

⁵¹⁴ UM DOMINGO COM GUARÁ. Alterosa, ano I, n. 1, agosto de 1939, p. 48.

⁵¹⁵ Ibidem, p. 48.

A estória finaliza (Figura 28) apresentando o jogador no quintal de sua casa: “Guará cria galinhas e sabe fazer galinheiros”,⁵¹⁶ demonstrando a habilidade que ele possuía em outras atividades. Nota-se, na primeira imagem da Figura 28, que Guará usava um traje *sportwear*, enquanto o amigo Elcir vestia um terno. Como a reportagem tratava de mostrar como era o dia de domingo do jogador, o ambiente não requeria formalidade por parte do esportista, mas sim do convidado.

Figura 28 – Fotografias da reportagem sobre o jogador Guará



Fonte: Alterosa, ano I, n. 1, agosto de 1939, p. 49.

No quintal, ele também tinha pássaros: “À tardinha, é preciso mudar a água e dar alpiste aos belos passarinhos, divertimento proferido do craque preferido...”.⁵¹⁷ Diferentemente da criação das galinhas e a feitura de galinheiros, que podem ser entendidos como trabalhos voltados para a economia doméstica, alimentar os pássaros era um momento de descontração e diversão, anunciado e reconhecido pelo ídolo dessa maneira, o que afirmava, mesmo no tempo de não trabalho, uma atitude ativa.

O futebol como uma esfera de domínio essencialmente masculino era lugar de expressão de rivalidades e de disputas violentas, sendo esse um argumento da interdição feminina para sua prática, conforme Goellner (2005, p. 144). O texto sobre o atacante do Atlético exprimia essa relação:

Ele carrega aos ombros uma colossal multiplicação de triunfos, porque sua cabeça tem duas privilegiadas faces: – uma guarda a sutil inteligência, que

⁵¹⁶ UM DOMINGO COM GUARÁ. Alterosa, ano I, n. 1, agosto de 1939, p. 49.

⁵¹⁷ Ibidem, p. 49.

penetra e apreende a técnica, e a outra arremessa violenta e indefensavelmente, o couro, para o fatal estremecer das rêdes.⁵¹⁸

O êxito do esportista se fundava em dois atributos considerados “naturalmente” masculinos, a inteligência e a força. Nesse caso, a inteligência estava relacionada diretamente à racionalidade, a capacidade de elaborar uma estratégia pelo uso da técnica, mostrando o desenvolvimento de uma habilidade esportiva. Elizabeth Badinter (1993, p. 94-95) trata os esportes coletivos no Ocidente como rituais de iniciação à virilidade. Esferas sociais em que a competição, a agressividade e a violência formam a masculinidade, inclusive inculcando nos jovens a resistência física e emocional da dor como atestado de coragem. Conforme Silvana Goellner (2005, p. 145), em torno dos anos 1940, o mundo esportivo era um território marcado por ambiguidades porque contestava os discursos legitimadores sobre os limites e condutas adequadas a cada sexo e por meio de seus rituais tencionava a liberação e o controle de emoções, assim como as representações de masculinidade e feminilidade, como discutido no capítulo anterior e no que apresentarei a seguir.

Em Minas Gerais, a tensão entre as representações da masculinidade envolvia o debate entre o amadorismo e o profissionalismo do futebol mineiro. O embate, presente na revista, apresentava contornos saudosistas que afirmavam o caráter formativo e civilizador do esporte. A disputa simbólica acontecia no terreno do controle das emoções, tendendo à valorização do amadorismo e dos valores distintivos que o cercavam desde o surgimento da prática na capital mineira.

A seção memorialista “Recordar é viver”, de Abílio Barreto, relembra o contexto social dos anos iniciais da cidade, incluindo a conformação do campo esportivo, sendo dedicadas quatro edições⁵¹⁹ ao futebol, provavelmente pelo crescente desenvolvimento da prática na capital: “Não temos lembrança de nenhuma outra alternativa lançada em Belo Horizonte e cuja aceitação imediata e rápido desenvolvimento se possa comparar à do futebol”.⁵²⁰ Inicialmente atrelado ao

⁵¹⁸ UM DOMINGO COM GUARÁ. Alterosa, ano I, n. 1, agosto de 1939, p. 48.

⁵¹⁹ Essas quatro edições dizem respeito ao período entre a edição de agosto de 1945 (que inicia a seção) e a edição de abril de 1946, que totalizaram nove edições. Na edição de maio de 1946, não há a publicação da seção, que retorna em junho de 1946, novamente com o tema da conformação do futebol na cidade, mas que não abrange o espaço temporal, 1939-1945, contemplado por essa pesquisa.

⁵²⁰ BARRETO, A. Recordar é viver... Alterosa, ano VIII, n. 69, janeiro de 1946, p. 106. O dado, que extrapola o período demarcado para o estudo, foi utilizado por conter informações que auxiliam a entender a configuração do esporte na capital e por compor a coluna de cunho memorialista sobre a cidade, cuja série sobre o futebol iniciou-se na edição de dezembro de 1945.

seletismo, o futebol integrou o caráter aristocrático de esportes como ciclismo, turfe e críquete, por exemplo, mas rapidamente estabeleceu certa autonomia de atuação, devido a crescente expansão e popularização do jogo. Processo que abalou os princípios formativos e distintivos que coordenavam o projeto civilizador de Minas Gerais, idealizado desde a fundação da nova capital, sobretudo após a implantação da modalidade profissional em 1933 (SOUTTO MAYOR, 2017, p. 95-97).

As disputas simbólicas travadas entre a elite mineira e o estrato social popular pela manutenção de um *ethos* distintivo e pela apropriação da prática esportiva, respectivamente, segundo Sarah Soutto Mayor (2017, p. 96-97), ocasionou a subdivisão do esporte em “amadorismo aristocrático” e “amadorismo popular”, refletindo na ressignificação de esportes como o voleibol, o basquetebol e o tênis, entre outros, que passaram a deter o *status* elitista em detrimento do futebol. Esses ainda guardavam os preceitos formativos do ideal de progresso e civilização, enquanto o futebol, ainda que a elite o praticasse, passou a ser taxado pejorativamente de “esporte das multidões” no decorrer dos anos 1920. De acordo com a autora, essa denominação abrangeria todo o esporte e todos os seus praticantes, “dado o incessante aumento de seus adeptos, o crescimento de sua vivência nas periferias, as incursões mercadológicas e as constantes cenas de violência relatadas nos periódicos” (SOUTTO MAYOR, 2017, p. 96).

A *Alterosa* não ignorou a conformação ambígua do cenário e posicionou-se valorizando a prática esportiva em sua dimensão formativa. Em matéria sobre o Uberaba Sport Clube, clube localizado nesta cidade que dá nome ao time, no interior de Minas Gerais, o texto enaltecia os feitos da agremiação afirmando-a como expressão legítima do esporte montanhês. Essa qualificação relacionava-se a educação de corpos para o projeto civilizatório varguista, já que no clube ensinava-se “o moço a ser forte em corpo e em espírito, para mais facil triunfo na vida pratica e consequente beneficio ao Brasil, com a aquisição de homens capazes de trabalhar pelo seu maior progresso”.⁵²¹ O trecho apontava que o aperfeiçoamento moral e físico do homem visava, sobretudo, sua adequação ao mercado de trabalho. O futebol, nesse sentido, era considerado um meio para o progresso da nação.

Dessa perspectiva, o profissionalismo ou a mercantilização do futebol confrontava as estruturas hegemônicas estabelecidas pelo ideário moderno de

⁵²¹ UBERABA ESPORTE – GRANDE CLUBE BRASILEIRO! *Alterosa*, ano II, n. 6, maio de 1940, p. 88.

fundação da capital mineira. Identificado inicialmente “à conquista de um modo de vida distintivo” (SOUTTO MAYOR, 2017, p. 80), o futebol caracterizou-se pelo ideal amador calcado na “elegância, cavalheirismo, caráter ilibado, discrição, disciplina e inteligência” (Idem, 2017, p. 80), representando um estilo de vida moderno, orientado por normas de conduta. A breve seção esportiva “Contando a história dos campeões”, de Vasco de Castro Lima, entrevistava antigos jogadores de futebol amador, “Os ‘players’ que iremos lembrar foram ‘cracks’ de verdade [...]”,⁵²² enaltecendo um modo de comportamento baseado no autocontrole e no refinamento de modos, valorizando aqueles jogadores como representantes do ideal esportista para difundir um modelo de masculinidade condizente com os valores modernos de fortalecimento da Pátria.

O Dr. Lucas Machado, *center-half* do América Futebol Clube que, segundo o texto, jogava “elegantemente”, relatou que no futebol “aprendeu a dominar os nervos”. A elegância e o autocontrole, provenientes da crença no caráter formativo do ideal amador, eram sustentadas pela ética social: “as imposições da ética esportiva (hoje muito descuidada) que tão bem se ajustam às imposições da ética social e profissional em nossa vida ulterior”.⁵²³ O descuido da ética esportiva, vista pelo jogador como um problema, vinha da crescente e incontrolável popularização do futebol, sua mercantilização e suas cenas de violência,⁵²⁴ pois, “na contramão dessa prerrogativa educativa, o futebol passava a representar o lugar do descontrole”, desde 1920 (SOUTTO MAYOR, 2017, p. 98). Para o jogador, a solução estaria no retorno ao ideal amador:

É necessário dosar a prática do esporte, para não prejudicar o livro. O gosto pelo esporte é inato, ao passo que o estudo nada tem de natural, merecendo, portanto, ser cuidadosamente estimulado. Ao Estado e às entidades esportivas não deve interessar fazer “cracks”, seja de natação, de basket, de futebol, ou qualquer outro. Para manter sua finalidade educativa, o que se deve é difundir o esporte às massas, sem a preocupação de seleção qualitativa.⁵²⁵

⁵²² LIMA, Vasco C. Contando a história dos campeões. Alterosa, ano IV, n. 27, julho de 1942, p. 86.

⁵²³ Ibidem, p. 109.

⁵²⁴ O aumento da identificação da assistência com os clubes e a lógica do pertencimento clubista, geradas entre as décadas de 1910 e 1920, levaram ao acirramento das rivalidades. Os frequentes “sururus” (confrontos físicos, insultos) remontam à época elitista e segregacionista do futebol mineiro. Grosso modo, o autor afirma que o aumento da violência ser atribuída exclusivamente aos populares, por coincidir com o momento de massificação do esporte, constitui-se um exagero (SOUZA NETO, 2010).

⁵²⁵ LIMA, Vasco C. Contando a história dos campeões. Alterosa, ano IV, n. 27, julho de 1942, p. 109.

Lado a lado com a escolarização, Machado afirmava os princípios educativos do esporte, acreditando que ele despertava naturalmente as paixões. O gosto pelo jogo e pela competição era inerente ao ser humano e precisava ser controlado, sugerindo que o estímulo ao estudo teria a função de equilibrar essa situação. Talvez, por tratar-se também de uma dimensão formativa, isto é, como o esporte, prescrevia disciplina e autocontrole. Para isso, caberia ao Estado e às agremiações esportivas a incumbência de educar “as massas”, privilegiando a formação moral adequada para o viver em sociedade, e não com a finalidade exclusiva de fazer “craques”. O direcionamento da finalidade educativa para as massas reforçava os símbolos distintivos dos tempos iniciais da prática esportiva na cidade, problematizando o acesso popular que, segundo essa visão, ameaçava a figura do *sportsman* mineiro, no sentido de expor que as paixões despertadas pela vivência do futebol confrontavam seu ideal formativo. Sarah Soutto Mayor (2017, p. 121) relata que a possibilidade de ganhos materiais e prestígio por parte dos clubes foi potencializada pelo profissionalismo, que, dentro das incursões mercadológicas, teceriam relações cada vez mais sólidas entre o rendimento esportivo e o rendimento financeiro. Esse cenário confirmava que a crítica de Machado ao profissionalismo se baseava na valorização dos princípios morais do esporte, “tecnicamente é duvidoso que tenha havido melhora do padrão do jogo com o advento do profissionalismo. Socialmente e moralmente, a queda foi vertiginosa.”⁵²⁶ Sua opinião demarcava que o discurso sobre a pretensa “evolução técnica” do esporte não foi acompanhado pelos valores iniciais do ideal amador aristocrático.

Saint-Clair Valadares, ponta direita do América, apontava o profissionalismo como “uma consequência inevitável do amadorismo ‘marrom’”,⁵²⁷ constituído pela remuneração ilegal do jogador. Conforme Soutto Mayor (2017, p. 125), a prática comportava uma ambiguidade que residia na manutenção do *status* de amador dos jogadores, mas no intuito de formar equipes competitivas, os clubes, mesmo acordados na proibição de qualquer tipo de remuneração para a prática, recrutavam jogadores de diversos lugares e origens sociais, oferecendo salários e recompensas. O motivo da saída de Valadares do futebol, “os ‘profissionais enrustidos’ não eram da nossa condição social”,⁵²⁸ revelava que a disputa entre

⁵²⁶ LIMA, Vasco C. Contando a história dos campeões. Alterosa, ano IV, n. 27, julho de 1942, p. 109.

⁵²⁷ LIMA, Vasco C. Contando a história dos campeões. Alterosa, ano IV, n. 28, agosto de 1942, p. 152.

⁵²⁸ Ibidem, p. 152.

amadores e profissionais estava atrelada à defesa de um modo de vida e de um *status* social e não necessariamente à implementação do profissionalismo. O que se confirmava na opinião de Ivo Melo, centro médio do Atlético e do Mineiro, ao afirmar que “o profissionalismo como é praticado na Inglaterra, França e outros países da Europa, não é máu, porque tem ordem, moralidade e respeito”,⁵²⁹ ou seja, a discórdia não estava fundada no profissionalismo como prática em si, mas, no comportamento inadequado presente na vivência de todos os atores envolvidos com o futebol que o desviavam de seu caráter formativo e moral. De acordo com Ricardo Santos (2009), desde meados de 1920, houve tentativas de barrar a presença da camada popular no futebol, por esta “banalizar” seus ideais nobres. O autor relata que se procurava manter o “nível de moralidade” no esporte, associando-o “a outros aspectos definidores, como a cor de pele e condição econômica, para a inclusão de novos atletas” (SANTOS, 2009, p. 186).

Dessa forma, a tensão entre o *sportsman* e o vencedor foi gerida pela revista por meio de uma estratégia de transferência de algumas qualidades do primeiro ao segundo. Soutto Mayor (2017, p. 249) esclarece que, paradoxalmente, a figura do esportista amador permanecia como uma qualidade do esportista profissional que mantinha comportamentos, gestos e vestimentas do *sportsman*, como visto na matéria sobre o jogador Guará. Pode-se inferir que o contexto de censura em conjunto com a pretensão de representar Minas Gerais no cenário brasileiro conduziram a posição da revista em não aprofundar o debate sobre a conformação do futebol naquela época. De acordo com Maurício Drumond (2009, p. 213), o futebol e o samba foram promovidos por Vargas como elementos fundamentais para a redefinição da identidade nacional. Nos estádios de futebol, muitas vezes, foram organizadas festividades em comemoração à Semana da Pátria e ao 1º de Maio, dia do trabalhador. Um posicionamento veemente sobre a disputa simbólica entre o amadorismo e o profissionalismo poderia ser entendido, de alguma forma, como uma crítica ao governo Vargas, considerando que o futebol “já despontava no Brasil como um importante elemento da propaganda nacionalista” (DRUMOND, 2009, p. 222), o que, segundo esse autor, deu-se em função de sua popularidade com as massas. Para não entrar em polêmicas ou mesmo por não ter interesse em aprofundar a discussão sobre a política do futebol, a publicação se

⁵²⁹ LIMA, Vasco C. Contando a história dos campeões. Alterosa, ano IV, n. 29, setembro de 1942, p.104.

absteve em argumentar pontualmente sobre os embates que ainda existiam sobre o futebol mineiro. Dar publicidade a essas discussões abarcaria temas que fragilizariam a construção idealizada da cidade moderna e civilizada que a revista apresentava a seus leitores, pois expunha a irracionalidade das emoções e paixões, contrapondo sua matriz discursiva.

A valorização da fala de antigos amadores promovia o que era de seu interesse, o esporte sob a prerrogativa de formação para a civilização e o progresso material da nação, conservando a ideia de elegância e refinamento dos modos (leia-se autocontrole) sob a lógica da eficiência. A ideia parecia evocar o valor inicial do esporte na capital conjugando-o com sua atualidade para afirmar e representar os mineiros como modernos. A matéria sobre as transmissões esportivas da Rádio Guarani, na locução de Álvaro Celso, rememorava os feitos tecnológicos da emissora, em meio a diversas modalidades esportivas:

Foi a PRH6 a primeira emissora do País a irradiar uma partida de basquete, luta livre e giugitis. E a primeira a levar seu microfone ao Rio, a São Paulo e a Juiz de Fóra, e ainda a várias cidades do interior. Outro fato digno de registro é ter sido a única, no país, que levou aos ares uma partida de Waterpolo, quando os paulistas e os cariocas se confrontaram em Belo Horizonte (1938).⁵³⁰

O sentido era de exaltar como a emissora mineira estava à frente de outras no país e, por meio disso, atestar que os mineiros caminhavam lado a lado com a modernidade, e em certos momentos, até se antecipavam a cariocas e paulistas (referências brasileiras de progresso para o mineiro). Tecnologia, esporte e eficiência funcionavam como sinais de tal construto.

A cobertura esportiva da emissora, “Nas canchas de futebol, nas piscinas, nos prados de cavalos, nas quadras de tennis, nos circuitos automobilísticos ou nos tablados de giugitis, onde quer que se concentre o interesse da alma esportiva dos mineiros [...]”,⁵³¹ refletia o esporte em Minas Gerais como um todo, nutrindo a composição da identidade mineira em seu desejo de modernidade.

⁵³⁰ A VITORIOSA CARREIRA DE ALVARO CELSO... Alterosa, ano VI, n. 48, abril de 44, p. 98.

⁵³¹ Ibidem, p.98.

4 A MODERNIDADE: O CULTIVO DO CORPO E A DIVERSÃO

Este capítulo se divide em três seções. A primeira, apresenta as transformações urbanísticas e econômicas ocorridas em Belo Horizonte que acarretaram o desenvolvimento de uma nova dinâmica social na cidade. Vários elementos contribuíram para essa realidade que se impunha aos moradores da capital, dentre eles, a verticalização da região central, a expansão da infraestrutura, a urbanização do subúrbio, a industrialização crescente e a diversificação do comércio. Na segunda seção, são discutidos os impactos dessas mudanças na cena social e cultural, apontando como a ampliação do comércio e a criação de espaços culturais instituiu novas formas de conduta na tentativa de forja de uma sensibilidade considerada como moderna. Esse processo foi notadamente marcado pelo americanismo e pelo desenvolvimentismo nacionalista do Estado Novo. A terceira e última seção trata dos monumentos que expressavam o espírito moderno, permeado pelo cultivo do corpo e pela diversão: a Estância de Araxá, por sua monumentalidade arquitetônica, manifestação do poder do Estado Novo e do progressismo de Minas Gerais; o Minas Tênis Clube, pela representação esportiva e cultural da elite mineira, e o Complexo Arquitetônico da Pampulha, signo maior da modernidade de Belo Horizonte, pelo incremento do cosmopolitismo.

4.1 “Belo Horizonte não podia permanecer na quietude monótona das cidades silenciosas e mornas”⁵³²

Belo Horizonte não podia permanecer na quietude monótona das cidades silenciosas e mornas. Ruas, avenidas e praças cheias de flores e de sombras já não bastavam ao inquieto anseio dos mineiros. Às cidades, como às mulheres, não basta, apenas, a pureza das formas; é preciso também a graça que as vivifica. A Pampulha veio, como uma rima sonora na extremidade de um verso, encher de harmonia a vida tranquila e quieta da metropole incipiente. No espelho metálico de suas águas, na leve graça de suas curvas, na transparência iluminada de suas construções, a cidade encontrou a forma indecisa e esbelta de seus sonhos de arte. Ao ritmo viril dos músculos de sua mocidade as embarcações a remo e as velas sugestivas e nostálgicas enchem de vibrações novas a paisagem social da cidade.⁵³³

⁵³² BELO HORIZONTE NÃO PODIA PERMANECER NA QUIETUDE MONOTONA DAS CIDADES SILENCIOSAS E MORNAS. Alterosa, ano VI, n. 45, janeiro de 1944, p. 101.

⁵³³ Ibidem, p. 101.

O trecho acima compõe o discurso proferido por Juscelino Kubitschek em um evento realizado pelo Rotary Club em homenagem ao prefeito pelo conjunto das obras realizadas.⁵³⁴ A fala apresentava uma nova imagem de Belo Horizonte. Uma cidade vívida, graças ao erguimento de um complexo arquitetônico voltado para o lazer e o turismo – a Pampulha, sugerindo que, a partir daquele momento, a capital materializava seu ideal de modernidade. A metáfora entre a cidade e a mulher refletia o paradoxo da cidade planejada para ser moderna, mas que carecia de dinamismo social. O espírito moderno, tão sonhado, estava contido no entrecruzamento do cultivo do corpo e a diversão. Esse entrecruzamento dizia respeito à adaptação do corpo a um novo ritmo de vida que concentrou, sobretudo no esporte, a diversão moderna e civilizada, os propósitos de conformar o corpo para o trabalho e para a diversão. A Pampulha, frequentemente citada entre as obras municipais, era o maior símbolo daqueles novos tempos, tornara-se um marco das transformações socioculturais que ocorriam em Belo Horizonte, por isso, será apresentada com maiores detalhes no item 3.3, juntamente a outros signos que foram eleitos para a representação da modernidade mineira.

Ao longo dos anos de 1939 a 1945, diversos elementos auxiliaram a construção do imaginário moderno dos belo-horizontinos. A reurbanização e a verticalização crescente da capital eram motivo de orgulho:

A magnífica capital dos mineiros, ao completar 44 anos, não é mais a ‘cidade vergel’ – a época do cimento e do ferro – grandes arranha-céus e obras gigantescas de saneamento – a eloquência das estatísticas e o assombroso progresso material da cidade – onde se encontram a obra da natureza e a mão do homem.⁵³⁵

A cidade arborizada dava lugar aos grandes edifícios, o cenário urbano se transformava pelo uso avançado da técnica e pela melhoria das condições sanitárias da população. De acordo com Arreguy e Ribeiro (2008, p. 12), a partir de 1940, o crescimento de Belo Horizonte deveu-se à expansão das indústrias. A área central que concentrava praticamente toda a infraestrutura da cidade, estava quase toda ocupada e, por isso, a expansão se fez “para cima”, pelos arranha-céus. O

⁵³⁴ A revista *Belo-Horizonte: na palavra do prefeito Juscelino Kubitschek* (1944), único número, também continha o discurso do prefeito na íntegra. Ricamente ilustrada com fotografias, não tinha nenhuma informação sobre quem a produziu. Ela pode ter sido realizada somente pela Prefeitura ou pelo Rotary Clube, e pode ter sido uma iniciativa público-privada.

⁵³⁵ BELO HORIZONTE ESPELHA A INTENSIDADE DA VIDA DE HOJE EM MINAS GERAIS. Alterosa, ano IV, n. 22, janeiro de 1942, p. 74.

crescimento das obras municipais e estaduais, juntamente à verticalização da cidade, iniciada em 1937 (CHACHAM, 1996), e a construção da Cidade Industrial,⁵³⁶ tangenciavam a consolidação da imagem da modernidade. A Cidade Industrial significou uma nova etapa na economia de Minas Gerais: “não será difícil prever o brilhante surto industrial que nos está reservado, para muito breve”.⁵³⁷ Segundo Lúcia Oliveira (2018), “no início de 1940, Belo Horizonte se esforçava para deixar para trás sua imagem de cidade de funcionários e assumir uma posição de destaque como polo industrial”. A produção industrial de grande porte era demonstrativo da evolução material da cidade, antes centrada no comércio e pequenas indústrias.

As obras que atestavam materialmente as transformações vividas pela sociedade mineira faziam parte de uma nova visão política que, segundo a *Alterosa*, devia-se à mudança de um velho hábito dos administradores do estado de governar beneficiando sua região de nascimento, o que a revista dizia ter acabado nos últimos dez anos, sob o governo de Benedito Valadares, que cuidava “igualmente de todos os municípios, sem mostrar preferência por qualquer região do Estado”.⁵³⁸ Apesar do comentário abranger Minas Gerais, a matéria tratava da capital e, de forma contraditória, apontava que ela teria recebido do interventor uma “atenção especial merecida e justa”, que transformou sua fisionomia, pois atacou seus problemas com o objetivo de torná-la “uma verdadeira metrópole de civilização e de progresso, um legítimo motivo de vaidade para os mineiros!”,⁵³⁹ “um centro de vida, de atividade, de trabalho intenso, em nada inferior, a qualquer outra metrópole americana”.⁵⁴⁰ Observa-se que o enfrentamento dos problemas da capital e sua transformação em uma metrópole civilizada justificava priorizá-la entre outros municípios mineiros, pois, como capital do estado, ela representava a todos os mineiros.

Em 1944, parecia não restar dúvida de que Belo Horizonte tinha alcançado seu sonho de modernidade:

Houve períodos de atividade brilhante e fases de estagnação. De 1914 a 1918, por exemplo, durante o período da primeira conflagração mundial, quase nada se fez. E em verdade, o período áureo de Belo Horizonte deve

⁵³⁶ Conferir nota de rodapé 159, na página 68 do capítulo 1, sobre a criação desse parque industrial.

⁵³⁷ ULTIMAM-SE OS TRABALHOS DA CIDADE INDUSTRIAL DE BELO HORIZONTE. *Alterosa*, ano VI, n. 46, fevereiro de 1944, p. 65.

⁵³⁸ O ANIVERSÁRIO DA CAPITAL. *Alterosa*, ano VI, n. 56, dezembro de 1944, p. 93.

⁵³⁹ *Ibidem*, p. 93.

⁵⁴⁰ *Ibidem*, p. 92.

ser assinalado no último decênio. Quem mora aqui sabe disso. Foi nestes últimos dez anos que o progresso local adquiriu um 'elan' nunca visto.⁵⁴¹

Esta citação mostrava a alternância de períodos de muita e pouca atividade urbanística na cidade ao longo de seus quarenta e poucos anos de história, como mencionado por Lígia Maria Leite Pereira (2009) no item 1.1 do capítulo 1. Este seria um possível indicativo da percepção da cidade “morta” descrita na introdução da tese, ou mesmo, da cidade “morna”, no início deste capítulo que, até então, não se considerava moderna. É perceptível que a ideia de moderno estava acompanhada pela concepção do desenvolvimento contínuo e linear e que as pausas neste processo sustentavam essa impressão.

A imagem da “verdadeira metrópole” fora construída pelo progresso material ininterrupto de seus últimos dez anos, engendrado pela busca de solução dos seus problemas de infraestrutura, industrialização e de equipamentos urbanos, econômicos e sociais. Durante esse período, segundo a matéria, foram criadas, pelo interventor Valadares, a Feira Permanente de Amostras, a Rádio Inconfidência, a Cidade Industrial, a Feira Permanente de Animais, o Instituto Químico e Biológico de Minas Gerais, os Entrepósitos Belo Horizonte, a Escola Superior de Veterinária e iniciada a construção da Cidade Universitária, entre outros empreendimentos.

O desenvolvimento da cidade e o crescimento da população ocasionou a reestruturação de equipamentos sociais por parte do governo estadual, como “a reorganização da Oficina Escola ‘Alfredo Pinto’ e da Granja Escola ‘João Pinheiro’”, que, segundo a revista, representou não só “uma magnífica contribuição à solução do nosso problema de menores desvalidos”, como também a ampliação dessa estrutura de amparo social por iniciativa da administração municipal:

O “Lar dos meninos”,⁵⁴² a “Assistência popular municipal”, o “Restaurante da cidade”, e o “Hospital municipal”, grandiosos contornos de um programa de assistência efetiva as classes humildes da capital – onde a antiga demagogia cedeu lugar as realizações práticas.⁵⁴³

⁵⁴¹ O ANIVERSÁRIO DA CAPITAL. Alterosa, ano VI, n. 56, dezembro de 1944, p. 92.

⁵⁴² O Lar dos meninos contou com o auxílio financeiro do Rotary Clube (BELO HORIZONTE NÃO PODIA PERMANECER NA QUIETUDE MONOTONA DAS CIDADES SILENCIOSAS E MORNAS. Alterosa, ano VI, n. 45, janeiro de 1944, p. 38).

⁵⁴³ O SENTIDO HUMANO DE UMA GRANDE OBRA ADMINISTRATIVA. Alterosa, ano VI, n. 52, setembro de 1944, p. 118.

As políticas públicas que envolviam o Lar dos meninos e instituições semelhantes, direcionadas às camadas populares, estavam associadas ao disciplinamento via aprendizado técnico para o trabalhismo. Consideradas um fator de civilização, essas instituições, como por exemplo, o Instituto Pestalozzi⁵⁴⁴ criado por Valadares, segundo a matéria, recuperava os menores por meio de uma educação moderna. O educandário dirigido à “infância excepcional” ministrava cursos de sapataria, tecelagem, carpintaria, tipografia e encadernação para: “surdos-mudos, crianças com defeitos de audição e pronúncia; retardados pedagógicos, retardados mentais e crianças com defeito de caráter”. A instituição recebia também menores “difíceis” com maiores recursos financeiros.⁵⁴⁵

Ao menos até 1930, os “menores desvalidos” retratavam os resquícios do pensamento corrente que, segundo Lonardonni, Gimenes, Santos e Nozabielli (2006), compreendia a pobreza como disfunção individual e não como expressão social, sendo tratada, por isso, por meio de aparelhos repressivos. Essa visão não foi alterada tão facilmente (ainda hoje ela é presente). De modo geral, a responsabilidade continuava sendo atribuída ao indivíduo, no caso, aos pais: “e nem sempre é a miséria a verdadeira causa de tudo isso. [...] Se chegou à conclusão de que a maior culpa dêsse triste espetáculo cabe aos vícios e à indolência dos pais dêsses seres infelizes”.⁵⁴⁶ Sob a lógica da produtividade e da eficiência capitalista, era pelo trabalho que se corrigia o caráter e se recuperava a força de produção para o progresso da Pátria. Essa correção dizia respeito a disciplinar para o trabalho, de modo a forjar um trabalhador despolitizado, produtivo e provedor da família, segundo Figueiredo (1998), com a educação dos hábitos e a reordenação do cotidiano dos trabalhadores promovida pela tutela paternalista do Estado Novo, “esperava-se que os trabalhadores se adequassem às exigências do sistema, o que incluía despertar neles o desejo de escaparem de sua condição de classe” (FIGUEIREDO, 1998, p. 56).

Mediante a expansão capitalista e a pauperização da força de trabalho, os princípios da assistência social enquanto política de Estado surgiram no país, a partir de 1938, com a instalação do Conselho Nacional de Serviço Social e, posteriormente, em 1942, com a criação da Legião Brasileira de Assistência, ainda sob a lógica

⁵⁴⁴ MONTANHEZ, Raul. Recuperando os valores humanos para a Pátria. Alterosa, ano VI, n. 51, agosto de 1944, p. 56.

⁵⁴⁵ Ibidem, p. 57.

⁵⁴⁶ MONTANHEZ, Raul. Elas representam valores para a Pátria. Alterosa, ano VI, n. 50, julho de 1944, p. 43.

filantrópica proveniente das práticas de benemerência da sociedade civil e da caridade das instituições religiosas que se constituíram, ao longo do tempo, em uma política de seguridade social (LONARDONI; GIMENES; SANTOS; NOZABIELLI, 2006).

Assim, as políticas públicas dirigidas às camadas populares eram vistas como ações generosas e humanitárias, e não como dever do Estado em prover o mínimo das necessidades básicas do cidadão, apesar de serem apontadas como índice civilizatório. Um exemplo que confirma esse argumento vem da comemoração do aniversário do Restaurante da Cidade. Em meio ao desabastecimento de produtos⁵⁴⁷ e à consequente carestia nos preços de gênero alimentícios que impactava diretamente as classes assalariadas,⁵⁴⁸ a revista apresentou uma matéria sobre a instituição sob a ótica da filantropia: “[a] benemérita instituição vem servindo de valioso lenitivo às dificuldades de nossas classes menos favorecidas”.⁵⁴⁹ Não tinha nenhuma menção sobre a responsabilidade social do Estado, pelo contrário, existia o reforço da ideia de caridade que integrava o surgimento do primeiro-damismo no Brasil, apresentado no capítulo 2, em meio ao estreitamento de relações com o modelo cultural norte-americano.

Paralelamente às preocupações beneméritas, a reurbanização de áreas ocupadas demonstrava as contradições do projeto modernizador da capital. A criação do bairro de Lourdes foi apresentada pela revista como “o sintoma mais evidente da nossa vitalidade econômica, do surpreendente progresso da cidade que já ostenta o aspecto de um grande centro de vida ativa e civilizada”.⁵⁵⁰ A citação referia-se à expansão da infraestrutura para os bairros da zona suburbana próximos à região central, como era o caso do bairro de Lourdes, ao mesmo tempo que apontava as lacunas sociais presentes no projeto da cidade. O traçado da planta geral demonstrava claramente a definição do espaço social da cidade, em que a zona urbana estava reservada à elite e à classe média, enquanto o subúrbio era destinado à classe popular. O projeto da capital elaborado por Araújo Reis dividia a cidade em três zonas – urbana, suburbana e rural, sendo a área central delimitada por um *boulevard* de contorno, conhecido atualmente como Avenida do Contorno, que

⁵⁴⁷ O GOVERNO DO ESTADO EMPENHA-SE EM ASSEGURAR O ABASTECIMENTO DA CAPITAL. Alterosa, ano VI, n. 46, fevereiro de 1944, p. 86-A.

⁵⁴⁸ A VIDA ESTA FICANDO MESMO DIFÍCIL. Alterosa, ano V, n. 39, julho de 1943, p. 44.

⁵⁴⁹ O 1º ANIVERSÁRIO DO “RESTAURANTE DA CIDADE”. Alterosa, ano VII, n. 58, fevereiro de 1945, p. 75

⁵⁵⁰ UM NOVO E ARISTOCRÁTICO BAIRRO QUE SURGE NA CAPITAL. Alterosa, ano VI, n. 47, março de 1944, p. 125.

representaria a transição entre o urbano e o rural (SALGUEIRO, 2001). O espaço hierarquizado aludia aos princípios utopistas e higienistas⁵⁵¹ e “em nome da tríade *salubridade, comodidade, embelezamento*” (SALGUEIRO, 1997, p. 155, grifos do autor), os equipamentos públicos, assim como a estrutura de transportes, saneamento, educação e saúde foram instalados na área central. Essa concentração originou o crescimento desordenado do subúrbio que não recebeu a mesma atenção do Poder Público e, de acordo com Arreguy e Ribeiro, “os bairros surgiram mesmo sem esses serviços. A desigualdade social fez aparecer vilas e favelas nos arredores desses bairros, mas também próximas aos bairros dentro da área central” (2008, p. 11).

Para a *Alterosa*, a urbanização da área suburbana mostrava o progresso material que a cidade vivenciava, e o bairro de Lourdes⁵⁵² representava essa visão:

[...] onde há pouco se viam apenas sórdidas cafúas que como por milagre desapareceram da paisagem para dar lugar a mais um bairro aristocrático na nossa Capital e iniciar, valentemente, a solução do nosso problema de habitação.⁵⁵³

O trecho indicava que o desalojamento das camadas populares que viviam próximas à região central para bairros mais distantes foi regido pelo princípio de higienização do espaço social suburbano para a apropriação da elite e da classe média. Uma readequação ao projeto original da cidade marcado pela hierarquização do espaço urbano. Os “lindos e moderníssimos palacetes” estavam sendo construídos “obedecendo a um plano de urbanismo e estético – novas ruas estão sendo abertas no coração da zona elegante da cidade”.⁵⁵⁴ Como é próprio dos processos de urbanização no capitalismo, a dimensão material da cidade se impunha pelo desejo expresso de uma minoria, alheia à vontade da maioria dos moradores. À vista disso,

⁵⁵¹ Segundo Salgueiro (1997), Araújo Reis via a miséria como um obstáculo ao progresso moral e ao bem-estar social da humanidade pois acreditava na relação direta entre o progresso da ciência e a evolução dos costumes.

⁵⁵² Os bairros próximos à região central como Barro Preto, Lourdes e Santo Agostinho, até a década de 1920, tinham pouca ocupação. As cafuas eram habitações precárias que foram construídas nesta região, à beira dos córregos Leitão e da Barroca, dos quais os moradores, muitos deles operários, utilizavam a água. Em 1909, a prefeitura criou o Bairro Operário, onde hoje fica o Barro Preto, para onde foram enviadas as pessoas despejadas das beiras dos córregos do Leitão e da Barroca. As obras de canalização do córrego do Leitão, a partir de 1925, possibilitou a abertura de ruas e avenidas, valorizando o bairro que passou a ostentar elegantes casarões. Em 1937, foi inaugurado o Parque Santo Antônio, um espaço de lazer público, que veio a tornar-se o Minas Tênis Clube (ARREGUY; RIBEIRO, 2008, p. 20-69).

⁵⁵³ SURGE O NOVO BAIRRO DA CAPITAL. *Alterosa*, ano VII, n. 66, outubro de 1945, p. 113.

⁵⁵⁴ *Ibidem*, p. 112.

sob a demanda de novos imperativos funcionais e econômicos, a urbanização é um dos “instrumentos de uma burguesia dinâmica e de um Estado ativo, decididos a modernizar rapidamente, a desenvolver forças produtivas e relações sociais, a acelerar o escoamento de mercadorias, dinheiro e seres humanos” (BERMAN, 1994, p. 218).

A transformação do espaço urbano foi um elemento fundante para a construção da imagem de modernidade de Belo Horizonte nos anos 1940. A ampliação da infraestrutura, a verticalização da cidade, a criação e readequação de equipamentos urbanos, econômicos e sociais e, principalmente, a expansão da indústria ampararam a ideia de progresso material pautada na lógica econômica de racionalização e reordenação do espaço social, privilegiando a afirmação das classes abastadas.

4.2 A dinâmica sociocultural de Belo Horizonte

A transfiguração da cidade ocasionou a mudança de percepção dos moradores, posto que o ritmo da vida na capital foi alterado, instituindo novas práticas cotidianas pelo fomento de novos códigos de conduta e de sociabilidade na tentativa de forja de uma sensibilidade condizente com o que se julgava moderno. Momento de internacionalização das trocas econômicas (ORTIZ, 2001) e de expansão da cultura norte-americana na América Latina (TOTA, 2000), a circulação de mercadorias foi ampliada na capital mineira pela diversificação do comércio local.

Nesse ponto, cabe esclarecer o uso do termo *diversão* para definir as práticas sociais apresentadas na *Alterosa* para o tempo de não trabalho, uma vez que esse assunto será abordado mais detidamente a partir desse ponto. Essa escolha se deve à quase inexistência do emprego do termo *lazer* na revista. As práticas sociais do tempo de não trabalho eram apresentadas como diversão ou divertimento, quando existia alguma definição por parte da publicação, pois, na maioria das vezes, nem sequer são definidas. Mediante essa observação, procurou-se compreender as peculiaridades e intencionalidades do ato de se divertir, relacionando-as aos sentidos e significados (MELO, 2011, p. 74) apresentados e articulados na revista. Foi possível perceber que esses sentidos estavam, de certa maneira, atrelados a características do que tem sido entendido como o fenômeno do lazer, apesar de não serem definidas como tal. Dentre essas características, pode-se apontar a impregnação da dinâmica

do tempo da produção (trabalho) no tempo de não trabalho (MELO, 2011, p. 69) e as noções de espetáculo e consumo na configuração de um novo *modus operandi* ligadas ao ideário e imaginário da modernidade (MELO, 2011, p. 70). Ao longo das seções que seguem, de forma pontual, essas características serão abordadas, iniciando pelo incremento do comércio da capital que engendrou uma das práticas que ligavam a diversão ao consumo.

Figura 29 – Anúncio da Guanabara



Fonte: Alterosa, ano I, n. 1, agosto de 1939, p. 8.

O anúncio da Guanabara indicava o crescimento do consumo na cidade, uma vez que o “número crescente de fregueses” levou a loja de departamentos a ampliar seu espaço físico: “a Guanabara ve-se assim obrigada a ampliar o seu negocio e a ocupar os sobrados”.⁵⁵⁵ Roupas feitas, alfaiataria, artigos para senhoras e crianças, roupas de cama e mesa, chapéus, camisaria, calçados, artigos para *sport*

⁵⁵⁵ GUANABARA. Alterosa, ano I, n. 1, agosto de 1939, p. 8.

e perfumaria mostravam um sortimento que orientava uma nova dinâmica social revestida pelo consumo simbólico. Observa-se pela ilustração do anúncio que o espaço era setorizado, no térreo, as vitrines mostravam diferentes produtos sem distinção de gênero, mas apontando que os artigos para as mulheres e crianças ficavam reunidos no primeiro andar, enquanto o homem tinha, com exclusividade, no segundo andar, as roupas prontas e a alfaiataria, que incluía os serviços de “três contramestres”, sendo que um dos contratados era do Rio de Janeiro. Novamente, o Rio de Janeiro aparecia como referência cultural. Maria Amaral de Andrade⁵⁵⁶ assevera a loja de departamento como força administrativa da esfera do consumo, sendo parte integrante do processo de disciplinamento do olhar e do comportamento do consumidor na modernidade (ANDRADE, 2008, p. 49). Grosso modo, a autora alega que o consumidor surgiu simultaneamente à criação de dispositivos imagéticos, como, por exemplo, a fotografia e o cinema que, devido aos avanços tecnológicos de reprodução da imagem, geraram um campo de exterioridade visual. Sendo treinado como “observador” para “enxergar” em meio a um conjunto de possibilidades disponíveis, o ato de consumir transformou-se, em última instância, em uma forma de entretenimento, e a loja de departamentos, alicerçada na força da imagem, vende sua própria imagem pela oferta de padrões de beleza e sucesso, instituindo, nesta troca, a noção de prazer (ANDRADE, 2008, p. 47-48).

As vitrines funcionam como palcos de exibição do que é para ser visto e desejado. O concurso de vitrines⁵⁵⁷ e a visita do prefeito às mais “belas” vitrines da capital⁵⁵⁸ revelavam a tônica do projeto que se afirmava pela representação de um grupo social, aquele que poderia usufruir das benesses da modernidade. O olhar excitado encontra na vitrine da loja de departamento os objetos de desejo ordenados. Em conjunto com os demais dispositivos visuais, como as fotografias das revistas ilustradas e a publicidade, ancoradas na estética cinematográfica hollywoodiana, sistematizou-se um comportamento para a experiência de modernidade, naquele momento dos anos 1940.

⁵⁵⁶ A autora aborda a construção do consumidor moderno a partir das lojas de luxo europeias do século XIX, identificando noções fundamentais que constituem o imaginário dos bens materiais e simbólicos até a contemporaneidade. Confira ANDRADE (2008).

⁵⁵⁷ CONCURSO DE VITRINES. Alterosa, ano IV, n. 27, junho de 1942, p. 34.

⁵⁵⁸ O PREFEITO DA CAPITAL VISITA AS NOSSAS MAIS BELAS VITRINES. Alterosa, ano IV, n. 27, junho de 1942, p. 34.

O desenvolvimento das forças produtivas exigia a adaptação para o modelo civilizatório que se instaurava, solicitando o desenvolvimento de habilidades sociais para lidar com o novo ambiente. Para isso, havia prescrições de comportamento para a moral pública desejada, já que, como indicava a revista, era “grande a quantidade de indivíduos mal educados nesta linda cidade”.⁵⁵⁹ As condutas indesejadas iam desde acompanhar a música dentro do cinema batendo os pés e incomodando os outros, passando pelo assobio dentro do bonde, até o assédio moral à mulher nas ruas da cidade. Por outro lado, se buscava inculcar novos hábitos referentes à esfera econômica, como a introdução do cheque, “o cheque é pratico, higiênico e garantido”,⁵⁶⁰ e a regulação do comportamento da consumidora, sendo a mulher a figura central na ordem do consumo:

Quando lhe fôr dito que a marca que a senhora deseja não há no mercado, não é de boa qualidade ou custa mais caro que um produto similar desconhecido, não se iluda: o seu fornecedor não deseja servi-la lealmente. O industrial que anuncia comprova, sua confiança no produto que fabrica e merece a sua preferência.⁵⁶¹

A nota sugeria cuidado na aquisição de um produto desconhecido, pois sua garantia de qualidade era assegurada pelo investimento em publicidade. A revista buscava conformar o comportamento da consumidora, vinculando-o ao processo produtivo simbólico, presente e reforçado na publicidade pela valorização do anunciante.

A diversificação do comércio e o crescente fluxo de bens materiais na cidade gestava um estilo de vida caracteristicamente moderno:

15 horas. O sol radiante das nossas tardes claras de primavera ilumina a cidade. A gente sente uma vontade louca de andar, sair por aí, ver as coisas bonitas das nossas vitrinas. E uma idéia surge: traçar o “carnet” da nossa elegante, indicar o comercio que honra a cidade, por suas montras de arte e bom gosto, por seu sortimento moderno e bonito.⁵⁶²

O texto criava uma cena em que o passeio pela cidade se misturava à diversão de olhar os produtos nas vitrines do comércio. Andrade (2008, p. 66) cita

⁵⁵⁹ ALTEROSA. Ano VI, n. 47, março de 1944, p. 102.

⁵⁶⁰ SIGA MEU CONSELHO. Alterosa, ano III, n. 17, agosto de 1941, quarta capa.

⁵⁶¹ ALTEROSA. Ano VII, n. 66, outubro de 1945, p. 126.

⁵⁶² PAIVA, Maria da Conceição. Do “carnet” da elegância mineira. Alterosa, ano IV, n. 31, novembro de 1942, p. 34.

Nancy Backes para afirmar que o *flâneur* se tornou um *window-shopper* que exercita o olhar como uma forma de lazer, em um ambiente em que o consumo se transformou em diversão. Essa foi outra forma de conformar o comportamento da leitora, mostrando a ela como era divertido consumir, indicando os lugares elegantes e de bom gosto na capital. A cena criou a imagem de um comércio intenso, que, segundo o texto, “já se pode comparar com o das grandes metrópoles brasileiras”.⁵⁶³ Mas parecia necessário atestar essa construção, comprovando a diversidade e sofisticação da vida comercial na capital mineira por meio de imagens, “e o resultado foram estas oito chapas, que aí estão, numa prova de que Belo Horizonte é, de fato, uma cidade que faz jús ao título de metrópole do progresso e da civilização”.⁵⁶⁴

Dentre as imagens dos estabelecimentos comerciais, a seção de perfumaria do Bazar Americano sintetizava o que era considerado um dos sinalizadores do progresso, o consumo: “um notável sortimento de artigos nacionais e estrangeiros com as ultimas novidades em perfumaria, cosmetica e produtos de beleza”⁵⁶⁵

Figura 30 – Bazar Americano



Fonte: Alterosa, ano IV, n. 31, novembro de 1942, p. 35.

⁵⁶³ PAIVA, Maria da Conceição. Do “carnet” da elegância mineira. Alterosa, ano IV, n. 31, novembro de 1942, p. 35.

⁵⁶⁴ Ibidem, p. 34.

⁵⁶⁵ Ibidem, p. 34.

A representação de uma sociabilidade moderna, ligada ao consumo e à diversão, era reforçada pela abertura de casas que proporcionavam divertimentos, assim como pela frequência das camadas abastadas a lugares distintivos. Ao que tudo indica, a cidade carecia de lugares em que a elite e a classe média pudessem dar-se a ver, sem comprometer seu *status* social, segundo a revista: “de há muito que a vida noturna da cidade se ressentia da falta de um bom ‘night-dancing’ [...], como existiam em outros [...] grandes centros civilizados do país”.⁵⁶⁶ Assim, o Minas Dancing teria vindo “suprir essa lacuna, proporcionando ao belo-orientino mais um moderníssimo centro de diversões”.⁵⁶⁷ Essas lacunas correspondiam ao que era pensado como falha na imagem da capital moderna. E cada preenchimento desse vazio era motivo para a afirmação da nova dinâmica social belo-horizontina: “a elite de Belo Horizonte, na glória de seu esplendor social, dirige-se para o seu centro de maior atração elegante: ‘A Confeitaria Elite’”.⁵⁶⁸ Tendo como paradigma cultural a ser alcançado a cidade do Rio de Janeiro, “a conclusão é fácil: ‘A Confeitaria Elite’, na vida da cidade, representa para a fina sociedade carioca a ‘Colombo’, a ‘Pascoal’ e demais estrelas de maior grandesa na constelação social do Rio”.⁵⁶⁹

O argumento de que havia uma efervescência cultural tecia igualmente o sentimento de desenvolvimento de Belo Horizonte. Segundo uma extensa matéria publicada na revista, uma das causas do “surto cultural” seria o investimento na educação. Os cuidados com a infância, de modo a proporcionar às crianças em idade pré-escolar a conclusão do primário, eram considerados suficientes. O destaque foi para o preparo educacional da juventude pelo incremento do ensino secundário e superior, que aumentou o número de estabelecimentos de cursos secundários, superiores, pedagógicos, comerciais, técnicos-profissionais e de aperfeiçoamento. O investimento resultou na redução do analfabetismo na capital: “proporcionalmente, à sua população, leva sobre as outras capitais de Estados as vantagens de contrapor a uma porcentagem quase nula de analfabetos a maior concentração de estudantes do Brasil”.⁵⁷⁰ Buscando corroborar a informação, o texto apresentou que na cidade existiam 30 livrarias e 42 bibliotecas (entre públicas e particulares), indicando a

⁵⁶⁶ BELO HORIZONTE CONTA AGORA COM UM EXCELENTE “DANCING”. *Alterosa*, ano IV, n. 30, outubro de 1942, p. 34.

⁵⁶⁷ *Ibidem*, p. 34.

⁵⁶⁸ AMBIENTE DE ESPLENDOR E BELEZA. *Alterosa*, ano IV, n. 32, dezembro de 1942, p. 66.

⁵⁶⁹ *Ibidem*, p. 66.

⁵⁷⁰ PINTO, Nilo A. O esplendor cultural de Belo Horizonte. *Alterosa*, ano VI, n. 52, setembro de 1944, p. 73.

intenção de afirmar o gosto do belo-horizontino pela literatura: “estamos familiarizados com o livro. Ele está nas ruas, nos escritórios, nos cafés, nos lares”.⁵⁷¹ Pautado na escolaridade, o desenvolvimento cultural mencionado referia-se ao “avanço espiritual” como prova de civilidade, “Belo Horizonte lê”⁵⁷², isto é, o belo-horizontino é culto. Porém, a modernidade apontada pela publicação, suprimia o valor do movimento literário modernista⁵⁷³ da capital, provavelmente por julgá-lo a antítese do legado literário mineiro, que era considerado um elemento identitário. Werneck (1992, p. 42) afirma que Djalma Andrade, expressivo colaborador da revista, via o advento do modernismo como o fim do “brilhante período da vida literária de Belo Horizonte”, ocasionado pelos “rapazes desatinados”.

Outros dados foram arregimentados pela matéria para ilustrar o “surto cultural”, como a cultura física e artística, salientando as aulas de dança para meninas do Curso Natália Lessa, as associações culturais, as exposições de pintura e audições musicais, os concertos da Sinfônica de Belo Horizonte, a formação de alunos no Conservatório Mineiro de Música, a criação do Museu⁵⁷⁴ de Belo Horizonte, a criação do Instituto de Belas Artes⁵⁷⁵ e a Exposição de Arte Moderna. Esses, reunidos, anunciavam o progresso espiritual da cidade:

⁵⁷¹ PINTO, Nilo A. O esplendor cultural de Belo Horizonte. *Alterosa*, ano VI, n. 52, setembro de 1944, p. 73.

⁵⁷² *Ibidem*, p. 73.

⁵⁷³ “Os ‘rapazes desatinados’ a que Djalma Andrade se refere começaram a justar-se em 1921. Eram todos estudantes e muitos já trabalhavam. Cada vez mais amplo, o grupo, segundo Pedro Nava, tinha quatro figuras centrais: Drummond, Emílio Moura, Milton Campos e Alberto Campos. Alguns – Milton, Gabriel Passos, Abgar Renault, Gustavo Capanema – fariam carreira política [...]” (WERNECK, 1992, p. 43). Segundo o autor, Miêta Santiago, Berenice Martins Prates e Lucia Machado de Almeida, embora tivessem ideias literárias avançadas, não podiam sentar-se à roda boêmia dos jovens escritores nos anos 1920. Aspecto que nos anos 1940 se tornou mais alentador para a mulher, que ainda não se sentava ao bar, mas frequentava a Nova Celeste, uma leiteria (padaria), que reunia alunas da Faculdade de Filosofia, como Ione Gianetti e Vanessa Netto, e alunas de Guignard, como Leda Gontijo e Maria Helena Andrés, contribuindo para a cena cultural da cidade (WERNECK, 1992, p. 125-127).

⁵⁷⁴ Ainda em 1943, iniciou-se a construção do Museu Histórico de Belo Horizonte. Em convergência com o discurso ideológico estado-novista de preservação do passado, Kubitschek conciliou o resgate da memória da cidade com o ideário moderno. A valorização do passado, a partir da modernização do presente, gestaria a futura Belo Horizonte. A tarefa de organizar os documentos históricos reunidos desde 1935 no Arquivo Público Municipal coube a Abílio Barreto, intelectual que acompanhou a construção da capital. Os críticos consideravam a cidade muito jovem para possuir um museu, o que foi rebatido por Kubitschek e Abílio, que alegavam ser a juventude da cidade elemento facilitador para a reunião de documentos visando a formação de sua memória (CEDRO, 2007). A organização do Museu foi iniciada na gestão de Otacílio Negrão de Lima e sua implantação se deu pelo Decreto n. 91, de 26 de maio de 1941, assinado por Kubitschek (BAHIA, 2011).

⁵⁷⁵ Anteriormente, foi publicada uma nota sobre a fundação do Instituto de Belas Artes, juntamente à Escola de Arquitetura, mencionando o currículo do artista Alberto da Veiga Guignard (1896 - 1962). O Instituto seria dirigido por João Kubitschek, primo do prefeito (FILHO, O. *Alterosa*, ano VII, n. 47, abril de 1944, p. 110).

Belo Horizonte vive, como afirmamos, momentos gloriosos para o espírito. Dentro de sua existência movimentada de cidade progressista e em dia com o desenvolvimento material de outros grandes centros, há simultaneamente, braços que lutam, corações que sentem e cérebros que sabem pensar.⁵⁷⁶

A citação condensava o sentimento de uma capital que se via como moderna. Pareada com outros centros urbanos, o seu desenvolvimento material e cultural expressava-se por uma nova dinâmica social representada pela luta, no sentido de trabalho e esforço; pela sensibilidade, no refinamento do gosto e dos sentidos, e pela intelectualidade.

Dentre o que foi apresentado, a criação do Instituto de Belas Artes e a Exposição de Arte Moderna de 1944 merecem ser mais comentados por participarem diretamente do projeto modernista de Juscelino Kubitschek, bem como por mostrarem as tensões resultantes de sua implementação e a omissão da revista em relatar tais embates.

Em 1943, a conselho de Portinari, Kubitschek convidou Alberto da Veiga Guignard para fundar uma escola de artes plásticas na capital. Guignard, um artista de destaque na arte moderna brasileira, cursou a Academia de Arte de Munique, morou em Florença e em Paris, buscando as novidades modernistas da época. A “Escolinha do Parque”, como ficou conhecido o Instituto de Belas Artes, ministrava cursos livres de pintura e desenho ao ar livre no Parque Municipal (CEDRO, 2007). A reestruturação das artes plásticas na capital mineira objetivou educar os sentidos para a forja de uma sensibilidade adequada ao gosto moderno. O ensino pouco ortodoxo de Guignard opunha-se ao estilo tradicional acadêmico em vigor, desde a fundação da Sociedade Mineira de Belas Artes, criada em 1918, por Aníbal Mattos sob a tutela do Estado. Segundo Vieira (1998), Kubitschek não pretendia somente a reforma do ensino de arte, mas também a conscientização do artista de sua função sociocultural. Guignard foi quem criou o espaço de congregação entre artistas, escritores, intelectuais, jornalistas e interessados no debate sobre o moderno. Um espaço de mediação para educar o olhar do artista e do observador para as novas linguagens estéticas, cabendo à escola formar artista e público.

Ainda assim, dois fatos emblemáticos na época, resultantes da incompreensão gerada pela ruptura dos princípios artísticos naturalistas,

⁵⁷⁶ PINTO, Nilo A. O esplendor cultural de Belo Horizonte. Alterosa, ano VI, n. 52, setembro de 1944, p. 75.

demonstraram o vigor das forças conservadoras da cidade:

Mas, em especial, Juscelino teve de enfrentar a fúria reacionária do arcebispo da cidade, D. Cabral, e de parte da população católica que se scandalizou com o painel e com os azulejos de Portinari para a Igreja de São Francisco de Assis, na Pampulha, que conseguiu a proeza de enxergar, na base invertida do cruzeiro, projetado por Niemeyer para o adro da igreja, a imagem de um **'poleiro para satã'**. Foi essa mesma população que retalhou com gilete telas modernistas apresentadas na exposição de artes plásticas de 1944 – uma espécie de comemoração mineira da Semana de Arte Moderna de 22 promovida pelo prefeito – e tentou impedir os debates do ciclo de conferências que acompanhava a exposição, programado para se realizar na Biblioteca Municipal – **'na rua, não garanto'**, teria dito Juscelino aos intelectuais e artistas convidados que compareceram, em bloco, vindos do Rio de Janeiro e de São Paulo, **'mas, no interior da Biblioteca, a palavra é livre'** (STARLING, 2002, p. 33, grifos da autora).

No caso da Igreja da Pampulha, ou Igreja de São Francisco, nenhuma menção sobre o debate foi encontrada na revista. Aliás, as matérias sobre o Complexo Arquitetônico raramente citaram a igreja. Uma forma encontrada pela *Alterosa* de evitar as polêmicas em torno da obra e não se posicionar de um lado ou de outro. Como apresentado no capítulo 3 e na citação acima, Kubitschek e D. Cabral estavam em lados opostos (CARVALHO, 2005). Como a implantação do projeto modernista de Kubitschek se deu em ambiente tenso, em que houve resistência de parte da população belo-horizontina, a *Alterosa* procurou não mostrar esses embates, principalmente porque envolvia o maior representante da Igreja na cidade. Quanto à Exposição de Arte Moderna,⁵⁷⁷ a postura da revista foi, em parte, a mesma. Ela procurou “capitalizar” as notícias que foram publicadas na imprensa de São Paulo, buscando valorizar a imagem moderna da capital, o que era de seu interesse, na representação da cultura mineira no país. A menção sobre a mostra iniciava com o seguinte texto: “COM ABSOLUTO êxito inaugurou-se no mês de abril, no edifício Mariana, a Exposição de Arte moderna, promovida pela Prefeitura de Belo Horizonte”.⁵⁷⁸ Logo em seguida, foram apresentados todos os artistas e intelectuais mineiros, cariocas e paulistas presentes no evento que, além da participação na mostra, debateram os rumos do modernismo no Brasil. Entre eles estavam: Lasar Segall, Portinari, Tarsila do Amaral, Volpi, Osvald de Andrade, Anita Malfati, Di

⁵⁷⁷ Segundo Bahia (2011, p. 55-58) Dois eventos marcaram o modernismo na cultura de Belo Horizonte, sendo o “Salão de 1936”, realizado no porão do Cine Brasil, o marco inicial. A primeira coletiva modernista, de âmbito local, ganhou expressão nacional com a Exposição de 1944, promovida por Kubitschek, ao articular-se com seu caráter cosmopolita, que tinha como propósito a continuidade do movimento da Semana de 1922, ocorrida vinte e dois anos antes, em São Paulo.

⁵⁷⁸ FILHO, O. No mundo das artes. *Alterosa*, ano VI, n. 49, maio de 1944, p. 96.

Cavalcanti, Burle Marx.

Como forma de afirmar a imagem de modernidade, o texto publicado pela *Alterosa* reproduziu a alusão de Luiz Martins, “uma das mais altas expressões mentais do país”,⁵⁷⁹ publicada no Diário de São Paulo, sobre Guignard e a exposição: “Minas esta empenhada, nos últimos tempos, em se apresentar aos olhos do Brasil como uma terra de surpreendentes realizações, reveladoras de uma notável mentalidade moderna, arejada, progressista e vibrante”.⁵⁸⁰ Observa-se que o jornalista fala sobre a pretensão de Minas em “apresentar-se” moderna, o que não implicava “ser” moderna. Essa era a representação que, inclusive, a revista esforçava-se em difundir, para os mineiros e para o restante do país, ao omitir as tensões inerentes aos processos de acomodação e resistência a uma nova estrutura sociocultural. Segundo Denise Bahia (2011, p. 99), a exposição obteve grande repercussão na cidade, causando debates fervorosos entre a intelectualidade mineira. Os tradicionalistas radicais que danificaram as telas à gilete foram destaque na imprensa jornalística, mas não obtiveram nenhuma menção na revista.

4.2.1 “Somos todos americanos”⁵⁸¹

A imagem de modernidade nos anos 1940 estava fortemente marcada pelo americanismo. Um dos fatores que potencializou a inserção da cultura norte-americana na cidade foi a expansão de salas de cinema e sua descentralização em direção aos bairros. Desde os primeiros anos da cidade, o cinema sempre esteve entre as suas maiores diversões (SOUZA NETO; SILVA, 2009), porém, o que particulariza essa fase dos anos 1940 era a introdução de recursos tecnológicos e de mais conforto para os espectadores. Foi o momento em que as salas de cinema em estilo norte-americano foram incorporadas ao cotidiano da cidade (SOUZA, 2002). A protagonista nesse investimento em direção aos bairros foi a empresa Cine Teatral Ltda.⁵⁸²

⁵⁷⁹ FILHO, O. No mundo das artes. *Alterosa*, ano VI, n. 49, maio de 1944, p. 96.

⁵⁸⁰ *Ibidem*, p. 96.

⁵⁸¹ GUARABARA. *Alterosa*, ano VII, n. 59, fevereiro de 1945, segunda capa.

⁵⁸² Os proprietários da empresa eram Juventino Dias, industrial fundador da Cia. Portland Cimentos Cauê (a Cidade Industrial recebeu o seu nome); Antônio Mourão Guimarães, médico fundador do Banco de Minas Gerais e sócio-fundador da Magnesita S.A.; Anielo Anastasia, um dos fundadores do Palestra Itália e proprietário do Frigorífico Perrella, junto a Sebastião de Lima e Manoel Guimarães (sobre esses dois últimos, nada foi encontrado). A Cine Teatral foi a empresa citada no editorial da revista que sugeria à iniciativa privada a construção de um teatro popular na cidade.

Como si não bastassem tudo que já fizeram, tal como o levantamento do majestoso Cine-Brasil, os melhoramentos introduzidos no Cine Gloria, duas casas lançadoras de primeira ordem; a construção do Cinema America e do Cine Democrata, assim como do Cine Teatro São Carlos, casas que vêm prestando inestimável serviço à classe media; as amplas reformas ao Cinema Floresta [...].⁵⁸³

O trecho mostrava que a empresa foi responsável pelo restauro do Cine-Brasil, que passou a ser conhecido por Cine Teatro Brasil. Segundo Starling (2002, p. 39), o Cine-Brasil, projetado em 1932, sempre marcou o imaginário moderno da cidade. Dentre as demais salas de cinema, algumas foram construídas e outras também passaram por reformas, assim como, segundo a matéria, o antigo Teatro Municipal se transformara no Cine MetrÓpole. Esse investimento foi considerado pela revista como uma forma de democratização: “são os inúmeros cinemas que se localizam no centro de Belo Horizonte e os que se espalham pelos bairros levando um pouco de descanso e entretenimento a todos, ricos e pobres, ilustrados e sem instrução.”⁵⁸⁴ Observa-se a noção de descanso atrelada ao entretenimento, sublinhando o revigoramento do corpo e da mente pela diversão. O descanso já não se referia a estar desocupado, pelo contrário, ele implicaria na escolha de outra atividade. Tanto o tempo do trabalho quanto o tempo de não trabalho requeriam atividade, no interior da lógica de desenvolvimento capitalista. Nesse sentido, o papel da empresa foi louvado pela *Alterosa*, pelo que era percebido como contribuição para o desenvolvimento da cidade: “como revista social que é, sempre pronta a proclamar tudo quanto se faz pelo bem-estar de nossa gente, e pelo progresso da cidade, ALTEROSA é um órgão autorizado a falar em nome do povo.”⁵⁸⁵ Nesse sentido, não importava o grau de instrução do espectador, mas sim a introjeção de um sistema que se reproduzia pelo consumo de bens simbólicos.

Na década de 1940, os bairros belo-horizontinos iniciaram sua consolidação como centros da vida social e prestação de serviços, enquanto os grandes magazines e cineteatros surgiram no centro da capital. O cenário composto pelo cinema e pelos bens materiais ganharam o sentido do espetáculo (ANDRADE, 1995, p. 9-10).

⁵⁸³ UM JUSTO MOTIVO DE VAIDADE PARA OS MINEIROS. *Alterosa*, ano IV, n. 22, janeiro de 1942, p. 86.

⁵⁸⁴ ENTREGUES A POPULAÇÃO AS NOVAS E MODERNAS INSTALAÇÕES DO CINE BRASIL. *Alterosa*, ano V, n. 40, agosto de 1943, p. 90.

⁵⁸⁵ *Ibidem*, p. 91.

A descentralização dos cinemas fez com que alguns dos cineteatros localizados na região central da cidade funcionassem como locais distintivos. A inauguração do Cine-rádio Guarani, dos Diários Associados, era uma mostra de tal situação. Quem não teve o privilégio de estar na sessão de gala, aglomerou-se ao lado de fora do cinema para assistir a entrada da elite belo-horizontina em cena glamourizada, descendo dos carros em frente ao cinema. Os privilegiados contribuíram pagando a entrada da “première”, cuja renda foi revertida para o sanatório Morro das Pedras. Um modo “civilizado” de diversão de quem podia usufruir das benesses da modernidade. Na sessão de gala “afluiu o que Belo Horizonte tem de mais ‘refiné’ em sua sociedade, para assistir ao grande espetáculo proporcionado com a apresentação de O FANTASMA DA ÓPERA, notável tecnicolor da Universal.”⁵⁸⁶

A reportagem da revista mencionava a expectativa de uma sala de cinema desse porte na capital: “esperado com ansiedade por toda a população belo-horizontina, cansada de aguardar uma casa de diversões desse gênero, capaz de proporcionar-lhe verdadeiro conforto e verdadeiros programas de sensação.”⁵⁸⁷ O texto sugeria que as salas de cinema da cidade não ofereciam o padrão de conforto e tecnologia esperados por seus moradores. O “verdadeiro conforto” residia em dois quesitos que distinguiam o Cineteatro Guarani dos demais: “além de confortabilíssimas poltronas estofadas e caprichosa montagem, êle conta ainda com a única instalação de ar condicionado existente em nossas casas de projeção.”⁵⁸⁸ Quanto aos “verdadeiros programas de sensação”, o espaço era “dotado da aparelhagem mais moderna do mundo para projeção e som”.⁵⁸⁹ Essa descrição não só posicionava o cinema à frente dos outros locais, como o igualava aos modernos cineteatros do Brasil e do mundo. A expectativa diante de um lugar desse porte poderia ser de toda a população da cidade, o que não significava que todos teriam acesso ao local.

O cinema hollywoodiano serviu à política exterior norte-americana tanto para buscar a adesão dos brasileiros ao alinhamento ideológico norte-americano, para suprimir o germanismo no país, como para a interiorização dos valores culturais,

⁵⁸⁶ INAUGURADO O CINE-TEATRO GUARANI. Alterosa, ano VII, n. 58, janeiro de 1945, p. 103.

⁵⁸⁷ Ibidem, p. 103.

⁵⁸⁸ Ibidem, p. 103.

⁵⁸⁹ Ibidem, p. 103.

visando a abertura de mercado para os bens materiais. Tota (2000, p. 57) aponta que “no plano simbólico, vendia-se o sistema”, isto é, o cinema, aliado à moda e à publicidade dos produtos norte-americanos, indiferentes de explicitarem apoio ao esforço de guerra, vendiam o liberalismo e tudo o que o circunscrevia. Como estandarte da política norte-americana, ele mediou o processo de estreitamento das relações entre o Brasil e os EUA. A presença frequente de personalidades norte-americanas em território nacional foi uma das estratégias utilizadas pelo Office of the Coordinator of Inter-American Affairs, o órgão responsável por controlar o antiamericanismo na América Latina (ver nota de rodapé 350 na página 122), para a asserção dos laços entre os dois países (TOTA, 2000), criando, dessa maneira, um ambiente de confraternização que arrefecia resistências. Comumente, as estrelas de cinema faziam esse papel, mas não era somente elas que personificavam a nação norte-americana.

Em Belo Horizonte, a visita do embaixador norte-americano foi um grande acontecimento. Convidado oficialmente pelo governador Benedito Valadares para conhecer a capital, tendo em vista o acordo firmado de exportação de minério de ferro de Itabira⁵⁹⁰ para os norte-americanos, a visita incluiu a Feira de Amostras, a Cidade Industrial, a Rádio Guarani, o Minas Tênis Clube, em uma recepção de grande pompa:

“[...] o representante da grande nação irmã teve a oportunidade de verificar, através dos delirantes aplausos do povo e dos alunos de dezenas de estabelecimentos de ensino, que ha, realmente, entre os dois países do Novo Mundo, uma tão perfeita quanto espontanea identidade de sentimentos.”⁵⁹¹

Os EUA eram considerados um paradigma civilizatório a ser alcançado. A exaltação das manifestações de acolhimento do embaixador Jefferson Cafferi foi uma maneira encontrada pela revista de parear os dois países em torno do compartilhamento de valores comuns. Nesse caso, pode se inferir que a identificação se relacionava ao ideal de liberdade, constantemente difundido pela propaganda norte-americana na América Latina.

⁵⁹⁰ Sobre o interesse que os norte-americanos tinham em Minas Gerais, é possível assistir um vídeo produzido na década de 1940, pelo US Office of Inter-American Affairs, sobre Belo Horizonte. Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=nj7cQWZ9Dgs>>. Acesso em 12. Fev. 2018.

⁵⁹¹ A CONFRATERNIDADE AMERICANO-BRASILEIRA. Alterosa, ano IV, n. 27, julho de 1942, p. 50.

Figura 31 – Recepção do embaixador norte-americano nas ruas da cidade



Fonte: Alterosa, ano IV, n. 27, julho de 1942, p. 49.

É importante considerar que, desde fevereiro de 1942, o Brasil estava sofrendo o torpedeamento de seus navios mercantes pelos países do Eixo, tendo entrado na guerra, ao lado dos Aliados, em agosto de 1942. A Figura 31 mostra a recepção do embaixador norte-americano nas ruas da cidade. No momento em que as pessoas se sentiam comovidas pelo ataque ao Brasil, a visita tornou-se um acontecimento, pois os EUA, que combatiam as forças nazifascistas, tinham como bandeira política a liberdade. Liberdade que não significava somente um alinhamento político para deter o Eixo, mas que também intencionava forjar modos de conduta para adesão aos valores liberais e o reconhecimento da grandiosidade dos EUA. Essa valorização vinha da visão de que a nação norte-americana tinha alcançado um alto grau de civilização e, como tal, era o modelo a ser seguido:

Somos todos americanos. Tradicionalmente solidários, procuramos sempre tirar ensinamentos da iniciativa de quantos pisam o chão deste continente. Em qualquer esfera de conhecimento humano, na América, essas conquistas vão sendo colhidas e incorporadas indiscriminadamente por todos os cidadãos americanos! Foi esse princípio que inspirou a Guanabara a lançar

no seu setor de atividade - a confecção de vestimentas masculinas – a roupa americana, moderna e prática, tal como o é a América.⁵⁹²

O estreitamento das relações entre o Brasil e os EUA produziu uma interação cultural que, segundo Antônio Pedro Tota (2000), não implicou na simples assimilação da cultura norte-americana, mas também envolveu um complexo processo de recriação de sentidos, aproximando-se da ideia de antropofagia cultural. Concretamente, os dois países buscavam defender seus interesses comerciais e geopolíticos na região. A diferença essencial era que o Brasil, ainda pouco industrializado, vendia, em grande medida, matérias-primas, enquanto comprava produtos manufaturados que carregavam como valor agregado a ideologia norte-americana que defendia o livre-comércio. Esse foi um dos fatores que enfraqueceram o regime varguista, pois o nacionalismo de Vargas preocupava os norte-americanos por sua política econômica intervencionista e protecionista (embora o país estivesse aberto ao capital estrangeiro), por outro lado, internamente, para alguns, uma fração significativa de militares, a Alemanha seria o paradigma cultural adequado ao Brasil, porque o aspecto técnico-consumista do americanismo não era visto com bons olhos (TOTA, 2000, p. 23). Em comum, guardados os sentidos culturais locais, os dois países compartilhavam valores como: a ordem conjugal, a ética do trabalho, a primazia da técnica, a eugenia, o patriotismo, entre outros, e a instrumentalização dos meios de comunicação de massa para difundir seus ideais de nação.

4.2.2 A formação do novo homem

O nacionalismo gestado no interior de um projeto intervencionista e autoritário visava a eliminação de forças políticas contrárias ao regime e o controle do corpo social, apoiado pelas Forças Armadas e através de uma intensa propaganda política na imprensa periódica e no rádio. O sentimento patriótico crescia em meio ao desenvolvimento industrial e econômico do país. Grandes manifestações cívicas eram incentivadas e promovidas pelo DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda,⁵⁹³ cuja matriz ideológica nutria simpatia pelo fascismo europeu (CAPELATO, 1999). A

⁵⁹² GUANABARA. Alterosa, ano VII, n. 59, fevereiro de 1945, segunda capa.

⁵⁹³ Conforme Capelato (1999, p. 172), “o órgão estava estruturado da seguinte forma: Divisão de Divulgação, Divisão de Radiodifusão, Divisão de Cinema e Teatro, Divisão de Turismo, Divisão de Imprensa e Serviços Auxiliares. A organização funcional revelava alto grau de centralização, e os cargos de confiança eram atribuídos diretamente por Getúlio Vargas”.

busca de homogeneidade cultural para a construção da identidade nacional dependia do controle dos meios de comunicação que se tornaram instrumentos para a tentativa de forja de uma cultura política⁵⁹⁴ (MOTTA, 2009).

Em Belo Horizonte, vários atos cívicos mobilizaram a população no ano de 1942, após a entrada do Brasil no conflito mundial:

Os festejos do 'Dia da Pátria' assumiram este ano um aspecto de raro entusiasmo cívico, congregando todas as classes sociais de Belo Horizonte nas estrondosas manifestações patrióticas que foram assistidas por quase toda a população da cidade. A nota palpitante desses festejos foi marcada, sem dúvida, pela grande parada trabalhista⁵⁹⁵.

Os eventos reuniam aglomerações de pessoas nas ruas da capital, configurando-se também sob a forma estética do espetáculo, “teatralização de uma imagem de ‘nação feliz e longeva’” (DRUMOND, 2009, p. 239, grifos do autor). Mas, especificamente, a parada de 1942, segundo o trecho, chamou atenção pela participação da classe trabalhadora juntamente com as outras classes sociais. Enfatizando a situação, o texto declarou que chefes e operários da Cia. Antártica Paulista empunharam “um estandarte em que demonstravam o seu entusiástico apoio à causa do Brasil e à vigorosa atitude do Presidente GETULIO DORNELES VARGAS”.⁵⁹⁶ A atitude de Vargas referia-se à entrada do Brasil na guerra ao lado dos Aliados, mas o ponto importante da menção era o esforço em retratar certa “união” entre a classe empresarial e a classe trabalhadora na construção nacional. Esse entendimento vinha da política estado-novista que procurava superar a luta entre classes pela colaboração entre os grupos opostos (ROMITA, 1999, p. 96), que para tal criou, em 1939, a Justiça do Trabalho.⁵⁹⁷ O autor assevera que a luta de classes era repelida pelo ideário fascista, optando pela negação ou ocultamento do conflito industrial, pois preconizava a necessária colaboração entre capital e trabalho para a realização dos interesses da produção nacional. Concepção que submetia os sindicatos ao controle do Estado (1999, p. 104), arrefecendo os movimentos sindicais

⁵⁹⁴ O conceito foi apropriado no sentido de que o conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas, constituído pela ideologia do Estado Novo e difundido sobretudo pelos meios de comunicação, buscava afirmar um projeto político direcionado ao futuro (MOTTA, 2009, p. 21).

⁵⁹⁵ A CIA ANTÁRTICA PAULISTA ASSOCIA-SE AS GRANDIOSAS MANIFESTAÇÕES CÍVICAS DA “SEMANA DA PÁTRIA”. *Alterosa*, ano IV, n. 30, outubro de 1942, p. 55.

⁵⁹⁶ *Idem*.

⁵⁹⁷ Conforme assinala Arion Sayão Romita (1999, p. 102), a instituição foi prevista “inicialmente, pela Constituição de 1934, a sua instituição foi reproduzida pela Carta outorgada de 10 de novembro de 1937, porém, implementada praticamente, no plano da legislação infraconstitucional, pelo Decreto-lei no 1.237 de 1939”.

para a manutenção da ordem, para o afastamento de doutrinas anarquistas e comunistas, para ganhar apoio popular e, sobretudo, para fazer a engrenagem produtiva do país ser eficiente.

As principais organizações do comércio e da capital, como a Cia. Brahma, Biscoitos Confiança, Guanabara, entre outras, também participaram do “Movimento espontaneo, partido do coração do trabalhador mineiro”.⁵⁹⁸ Inclusive, a loja Guanabara,⁵⁹⁹ uma das frequentes anunciantes da revista, ganhou destaque com o desfile das classes trabalhistas⁶⁰⁰ sendo aberto pelos funcionários da empresa. Enquanto os homens carregavam os retratos de Vargas e Valadares, as mulheres carregavam uma enorme bandeira brasileira para angariar donativos para a Cruz Vermelha Brasileira e as vítimas dos torpedeamentos dos barcos nacionais. O enaltecimento de símbolos nacionais canalizava o envolvimento das massas pelo sentimento de pertencimento à nação. Na Figura 32, pode ser vista a movimentação das ruas para a comemoração do 7 de setembro. As funcionárias da Guanabara aparecem segurando uma faixa com as seguintes palavras: “A Guanabara pede apoio ao povo para as vitimas do torpedeamento à Cruz Vermelha Brasileira”. A fotografia foi realizada de um ponto de vista mais elevado que o público, enquadrando uma multidão que aparentemente observa um desfile que avança rua abaixo.

⁵⁹⁸ O COMERCIO E A INDUSTRIA DA CAPITAL INTEGRADOS NO MOVIMENTO CIVICO QUE ANIMA TODO O PAIS. Alterosa, ano IV, n. 30, outubro de 1942, p. 34.

⁵⁹⁹ A GUANABARA NO MOVIMENTO PATRIOTICO DA CIDADE. Alterosa, ano IV, n. 30, outubro de 1942, p. 35.

⁶⁰⁰ Segundo José Murilo de Carvalho (1999, p. 343), a criação do movimento trabalhista foi uma das razões que levaram parte das Forças Armadas a depor Vargas em 1945.

Figura 32 – Desfile da Guanabara no dia 7 de setembro



Fonte: Alterosa, ano IV, n. 30, outubro de 1942, p. 35.

A mobilização da nação era um exercício de coerção e coesão para a formação do novo homem para, segundo Helena Bomeny, “conformar mentalidades e criar o sentimento de brasilidade, fortalecer a identidade do trabalhador, ou por outra, forjar uma identidade positiva no trabalhador brasileiro” (BOMENY, 1999, p. 139). Era esse pensamento, segundo a autora, que fazia parte de um grande empreendimento cultural e político no qual a educação tinha um lugar estratégico por sua capacidade de internalizar valores nos indivíduos. Corpos disciplinados eram úteis ao sistema produtivo. Maurício Drumond (2009) relata que as festas cívicas associavam a cultura, a educação, o trabalho e o esporte em um movimento ufanista de exaltação da nação que celebrava o “novo”: “um novo governo, um novo regime, um novo país e uma nova ‘raça’” (2009, p. 239). O autor destaca ainda que a propaganda política do Estado buscava ressaltar a construção de uma nova raça pela ligação da juventude com o esporte (2009, p. 239).

As cerimônias da semana da Pátria contavam com a participação de jovens secundaristas, na comemoração do dia da “Juventude Brasileira”, em 5 de setembro:

A juventude escolar de belo Horizonte, perfazendo 15.000 alunos de nossas escolas secundarias, desfilaram diante do Governador do Estado e altas autoridades, delirantemente aplaudida pela população que enchia

literalmente as ruas centrais da Capital.⁶⁰¹

O projeto de educação do Estado Novo tinha a juventude como meta prioritária. A Juventude Brasileira⁶⁰² era uma organização nacional de secundaristas fomentada pelo Ministério da Educação e Saúde Pública, dirigido por Gustavo Capanema, para modelar o pensamento juvenil em torno dos valores cívicos, conforme Bomeny (1999, p. 149): “Educação física e educação moral e cívica lhe pareceram ser as chaves de um movimento em prol da socialização do novo homem para o Estado Novo”. Meily Assbú Linhales⁶⁰³ (2009, p. 356-357) mostra que os debates em torno da educação e do esporte como elementos de modelagem e unificação nacional datam dos anos 1920. Inicialmente, a “energização do caráter” do brasileiro buscava tornar o corpo vigoroso para a vida social por meio do esporte, mas, gradativamente, deslocou seu sentido para priorizar a eficiência do corpo social. Essa pedagogia foi, aos poucos, incorporada à sociedade e, especificamente na Era Vargas, ela ordenou os corpos a serviço da nação, por meio do civismo, tornou o corpo “uma representação do Estado” (LINHALES, 2009, p. 357).

Um apontamento que Helena Bomeny (1999) traz em sua discussão sobre o propósito da educação no Estado Novo, ajuda na compreensão do cenário cívico em questão. A lei orgânica do ensino secundário e a nacionalização do ensino, que buscava a uniformização cultural, faziam parte de uma estratégia que visava a construção de um projeto de soberania nacional. A participação ativa do Exército na política educacional objetivava a preparação civil, para a “construção de barreiras eficazes à propagação de doutrinas consideradas perigosas à defesa da nacionalidade” (BOMENY, 1999, p. 143). Capanema pretendia formar a elite para o desenvolvimento e a condução do país. O investimento no ensino secundário (em detrimento do primário), de matriz clássica humanista, a criação do sistema de ensino profissionalizante que originou o que conhecemos hoje como Sistema S (SENAI, SESC, SESI etc.) e a reestruturação do ensino superior demarcaram o caminho da educação voltada para a forja da mentalidade juvenil (BOMENY, 1999, p. 138-143).

⁶⁰¹ A PARADA DA JUVENTUDE. Alterosa, ano VI, n. 54, outubro de 1944, p. 110.

⁶⁰² A organização surgiu em 2 de março de 1940, formalizada pelo Decreto-lei nº 2.072, após entraves ao projeto inicial da Organização Nacional da Juventude, do Ministério da Defesa, dirigido por Francisco Campos. Projeto que vinculava a educação à segurança nacional, orientado pela conformação de um movimento paramilitar juvenil (BOMENY, 1999).

⁶⁰³ Ainda que a autora trate da entrada do esporte na escola, nas décadas de 1920 e 1930, com a finalidade de corrigir o caráter brasileiro, sua abordagem sobre o civismo no Estado Novo traz elementos para a discussão desta tese.

Reproduzindo algumas palavras do General Dutra, citado por Bomeny (1999, p. 142), era necessário inculcar no espírito do público, a disciplina, a hierarquia, a solidariedade, a cooperação, a intrepidez, o aperfeiçoamento físico, de par com a subordinação moral e com o culto ao civismo. Esses valores, ao longo dos capítulos anteriores, estiveram presentes nos discursos da revista *Alterosa* sob nuances, em diversas esferas, como por exemplo, na publicidade e no esporte. Embora o que se denomina de formação integral do indivíduo, de viés humanista, tenha sido dirigida à elite do país, toda essa ideologia perpassou a sociedade como um todo.

Outro emblema da cultura do civismo em Minas Gerais estava alocado na Legião Brasileira de Assistência, na figura de Odete Valadares. A associação da assistência com o civismo tornou a entidade um signo da civilidade mineira:

É a velha Minas que ressurge e se impõe pelas suas virtudes tradicionais. É Minas disposta a todos os sacrifícios em prol da grandeza do Brasil. É a terra acostumada a produzir almas, caracteres e corações, que atende ao apêlo do Brasil feito pela palavra de Getúlio Vargas.⁶⁰⁴

O trecho identificava a resposta pronta de Minas Gerais ao chamamento de guerra como tradição. Embora a palavra “liberdade” não esteja no texto, sua construção sugeria que essa tradição estava ligada ao legado inconfidente, gestado na época da atividade mineradora de ouro. Dessa forma, o velho espírito patriótico integrava Minas Gerais, que não media esforços para a construção nacional. Observa-se que esse é um elemento que não compunha diretamente a construção identitária apresentada no capítulo 1. Ele parecia um componente intrínseco ao “ser mineiro” que não necessitava de valorização ou ênfase. Convenientemente, ele era acionado lembrando somente um sentido de liberdade da voz do ouro, o de lutar pela grandeza da nação. Sob esse aspecto, era considerado positivo, porque os demais sentidos que tocavam o sentido de liberdade civil, como a rebeldia política e a estratificação social volátil (até a inexistência de famílias regulares pode ser vista sob o sentido de liberdade), contrapunham-se à Minas da terra – estável, ordeira e familista –, senhora da voz da tradição (CARVALHO, 2005).

A LBA foi criada, em 1942, para assistir as famílias de soldados enviados à Guerra, o que efetivamente só aconteceu em 1944 (TOTA, 2000), e se fazia presente em diversas cerimônias públicas, como a despedida de soldados mineiros

⁶⁰⁴ O PATRIOTISMO DA MULHER MINEIRA. *Alterosa*, ano VI, n. 48, abril de 1944, p. 41.

para integrar a FEB, solenidade essa que foi transmitida pelas emissoras de rádio da capital em 20 de outubro de 1944. Da Praça Rui Barbosa, discursaram vários oradores. Em nome dos soldados do 10 R. I, o cabo Alberto Carvalho; em nome dos expedicionários, o cabo Ruvier Mendes; em nome da LBA, a sra. Magda Ladeira Martins, e, em nome do governo do estado e da cidade, o jornalista Mário Matos, diretor da Alterosa.⁶⁰⁵

Essa organização ampliou com vigor suas atividades na capital e no interior do estado. Da assistência à infância e à maternidade, com a criação de creches, lactários e maternidades, cursos de puericultura, além de cuidados clínicos e farmacêuticos, à formação de monitores agrícolas para a batalha da produção:

Deste modo, tem sido concreto e efetivo o auxílio às famílias dos convocados, as quais nunca deixaram de receber assistência econômica e moral. Além disso, essa assistência que se amplia a todas as camadas sociais menos protegidas da sorte, é também de caráter sanitário e educacional.⁶⁰⁶

Em evidente exagero, o trecho mostrava que a LBA incorporava inúmeras iniciativas que também faziam parte da formação do novo homem. De acordo com Ângela Gomes (1999, p. 55), a “concepção totalista de trabalho” estava “atenta, às mais diversas facetas da vida do povo brasileiro: saúde, educação, alimentação, habitação, etc.” (GOMES, 1999, p. 59). Nesse sentido, a LBA seria um dos braços do regime para o amparo à família, porque, segundo a autora, era por meio da família que o Estado chegava ao homem (Ibidem, p. 63), ela era considerada a base econômica e moral do indivíduo.

O contexto de intensas transformações urbanas, econômicas e socioculturais em Belo Horizonte apontava para uma reorganização das funções da cidade. Verticalização do centro da cidade; finalização das obras do parque industrial e a diversificação do comércio, ampliando a economia da cidade; expansão da infraestrutura e do modelo higienista para a zona suburbana; aumento de aparelhos econômicos, sociais, culturais, de turismo e lazer. Tudo isso compunha um movimento em que a cidade, em conjunto com o projeto formativo do Estado Novo, reeducava o

⁶⁰⁵ SOLDADOS DE MINAS PARA A LIBERTAÇÃO DO MUNDO, Alterosa, ano VI, n. 55, novembro de 1944, p. 132

⁶⁰⁶ PINTO, Nilo A. Obra de bondade, tarefa de patriotismo. Alterosa, ano VI, n. 53, setembro de 1944, p. 98.

morador belo-horizontino através da incorporação de uma nova mentalidade considerada moderna. Logo, civilizada.

4.3 Os monumentos da modernidade

Monumentos foram erguidos para demarcar esse momento em que a sociedade mineira vivia os ares de sua modernidade. Eram marcos civilizatórios, regidos pelos ideais de cultivo do corpo e a diversão, pelos quais Minas Gerais afirmava seu progresso: a Estância de Araxá,⁶⁰⁷ o Minas Tênis Clube e o Complexo Arquitetônico da Pampulha.

Se o conceito de modernidade surgiu na esfera da mentalidade e dos costumes, como Le Goff (1997) afirma, o corpo expressa os valores que configuram sua ideologia, na medida em que:

[...] sua materialidade concentra e expõe códigos, práticas, instrumentos, repressões e liberdades. É sempre submetido a normas que o transformam, assim, em texto a ser lido, em quadro vivo que revela regras e costumes engendrados por uma ordem social (SOARES, 2006, p. 109).

Os novos padrões advindos do avanço científico-tecnológico engendraram a reconstrução do espaço urbano, do tempo e das relações sociais com vistas a integração do homem à cidade. A mesma concepção higiênica e estética da premissa urbanista atuava sobre os corpos, de modo a saneá-los, tornando-os belos e vigorosos, unindo o aperfeiçoamento físico ao prazer.

4.3.1 O “diamante líquido” de Minas Gerais

A reaproximação do homem com a natureza iniciada na Europa, no século XIX, valorizava o contato com a paisagem natural, o sol, a água e o ar puro, para o revigoramento corporal. A crescente popularização do hábito do banho, limpeza e asseio difundidos pelas teorias higienistas do século XX, mais o aprofundamento de

⁶⁰⁷ A despeito da localização da Estância, em Araxá, e não em Belo Horizonte, o imaginário criado em torno de sua inauguração estava relacionado ao progressismo de Minas. Poços de Caldas, a estância hidromineral de renome em Minas, no século XIX, dava lugar ao novo que marcava de tempos em tempos, o moderno.

investigações científicas sobre as propriedades da água, contribuíram para a formulação de sua terapêutica (PORTO, 2005, p. 21).

No Brasil, no final do século XIX, o investimento estrutural em algumas cidades hidrominerais, ocorreu após a comprovação técnica das propriedades terapêuticas de suas águas (PORTO, 2005, p. 39). Neste período, em Minas Gerais, eram Caxambu e Poços de Caldas que recebiam os “aquáticos”, segundo Porto (2005, p. 39), turistas em busca dos benefícios das águas minerais. Cambuquira, São Lourenço, Lambari e até Parreiras,⁶⁰⁸ que oferecia o diferencial da “cura pelo vinho,” estiveram presentes na *Alterosa*, seja por pequenas matérias ou por anúncios, demarcando a atividade turística nas estâncias hidrominerais como uma prática de diversão. A maior anunciante era Caxambu, com a promessa de que “15 dias em Caxambú valem por 1 ano de bôa saúde. Clima de montanha, maravilhosas paisagens, passeios que encantam, esportes, diversões, hotéis para todas as bolsas.”⁶⁰⁹ De acordo com Maria Manuel Quintela (2004), as estações termiais brasileiras desenvolveram-se juntamente às edificações para práticas lúdicas, em que se destacavam os cassinos. Como pode ser percebido, o propósito desses lugares não se restringia à cura pelas águas, eles uniam saúde à diversão, sob a alegação de reestabelecer o equilíbrio do organismo, “Caxambú lhe devolverá a saúde e o bom humor perdidos no entre-choque das vertiginosas atividades da vida moderna.”⁶¹⁰ O tempo, artificializado, não mais regido pela ordem natural, acelerava-se, a intensidade do ritmo da vida moderna demandava pausas.

A “mudança de ares” era considerada uma atividade necessária para a manutenção da saúde, subjacente à “cura termal”, segundo Quintela (2004). A autora diz que esse deslocamento da cidade para o campo preconcebeu a vilegiatura – viagem a um local determinado durante uma temporada. Os poderes das águas poderiam revigorar e até rejuvenescer o corpo. Higiene, saúde e longevidade eram valores imbricados na prática.

Araxá, nas palavras da *Alterosa*, tornara-se um dos mais expressivos pontos de turismo em Minas, onde os veranistas se estendiam “pelos diversos e luxuosos salões do hotel”,⁶¹¹ ou procuravam, “na tranquilidade de suas imediações,

⁶⁰⁸ ESTAÇÃO DE CURA PELA UVA. *Alterosa*, ano VI, n. 51, julho de 1944, p. 121.

⁶⁰⁹ CAXAMBU. *Alterosa*, ano VI, n. 52, agosto de 1944, p. 180.

⁶¹⁰ *Ibidem*, p. 180.

⁶¹¹ A BRILHANTE TEMPORADA DE VERANEIO DE ARAXA. *Alterosa*, ano VII, n. 60, abril de 1945, p. 92.

outros motivos de prazer e descanso”.⁶¹² Observa-se que o descanso, neste trecho, estava atrelado ao prazer, no caso, ele significava diversão, indicando que os sentidos presentes no tempo de não trabalho tinham relação com a busca de deleite, satisfação, bem-estar. Embora a citação mencionasse que alguns veranistas estivessem descansando, a estância oferecia ao visitante uma gama de atividades, além das termas, exercícios físicos, passeios ao ar livre, de bicicleta, de charrete e de cavalo, shows, saraus e jogos,⁶¹³ ou seja, a conformação desses lugares compreendia a dinâmica do tempo de trabalho sob a lógica da atividade. As viagens de “cura e prazer” tiveram seu período áureo no Brasil entre 1930 e 1950, e uma das razões para seu declínio foi a proibição do jogo em 1946 (QUINTELA, 2004).

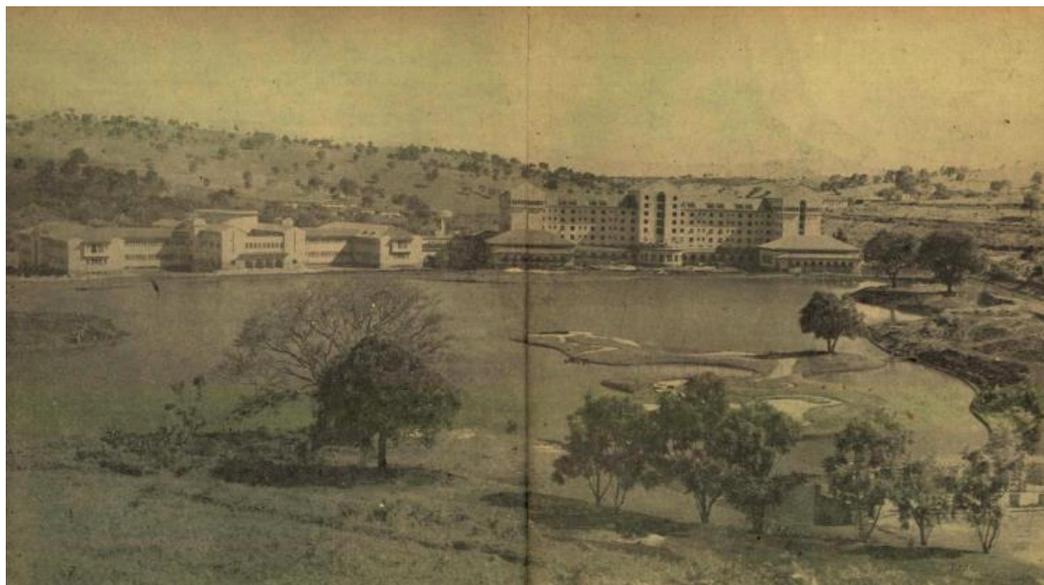
A obra realizada por Benedito Valadares seria “testemunho de seu alto descortino e de sua compreensão da importância do movimento turístico para o maior progresso do Estado”.⁶¹⁴ De acordo com Quintela (2004), as águas minerais foram batizadas como “diamante líquido”, “petróleo”, “ouro” e “remédio universal” por suas virtudes terapêuticas e pelo seu potencial econômico. Apesar dos investimentos na infraestrutura da cidade e na estruturação da atividade turística voltada para as águas datar da década de 1920, foram os aportes financeiros durante o Estado Novo que concretizaram o projeto da estância, visando o aquecimento da economia do Triângulo Mineiro e o aumento do turismo em Minas (PORTO, 2005).

⁶¹² Ibidem, p. 92.

⁶¹³ Conforme Paixão (2007, p. 142), o cassino de Araxá era propriedade de Joaquim Rolla, dono de outros cassinos no país, como os da Urca, de Icarai e da Pampulha.

⁶¹⁴ A BRILHANTE TEMPORADA DE VERANEIO DE ARAXA. Alterosa, ano VII, n. 60, abril de 1945, p. 92.

Figura 33 – Vista panorâmica da estância de Araxá



Fonte: Alterosa, ano VI, n. 49, maio de 1944, p. 104.

A monumentalidade da obra, Figura 33, fazia “do Barreiro um símbolo de pujança e riqueza, uma imagem progressista e modernizadora dos governos estadual e federal” (PORTO, 2005, p. 148). Na inauguração da obra, comentada no capítulo anterior, a revista referia-se ao balneário como “a estância mais bem aparelhada da América do Sul e uma das mais completas do mundo”.⁶¹⁵

A estância de Araxá foi construída como um monumento do Estado Novo, representava, portanto, uma ideologia que sustentava desde a afirmação do país no continente como estratégia geopolítica na região à negação de luta entre classes, é em razão disso que a publicação defendia que a estância “é uma realização destinada a ricos e pobres, uma obra, enfim, que irá beneficiar toda a coletividade brasileira que necessitar”.⁶¹⁶ Conforme Dario Paixão (2007, p. 143), enquanto o discurso da elite exigia lugares seletos e voltados para a diversão sadia que garantissem lazer após o trabalho, a classe popular via seus clubes serem acusados de perigosos. Daniele Porto (2005, p. 49) revela que o acesso à estância pelas camadas populares somente se efetivou em 1949. Percebe-se que a data é posterior à proibição do jogo, um dos motivos do declínio das atividades balneárias no país, como já referido. Dessa forma, na prática, a obra era para a fruição da elite e da classe média, desejosas de

⁶¹⁵ INAUGURADAS PELO PRESIDENTE GETULIO VARGAS AS GRANDIOSAS OBRAS DA ESTANCIA DE ARAXA. Alterosa, ano VI, n. 49, maio de 1944, p. 108.

⁶¹⁶ A BRILHANTE TEMPORADA DE VERANEIO DE ARAXA. Alterosa, ano VII, n. 60, abril de 1945, p. 92.

compartilhar os costumes europeus. Para Minas Gerais, a estância a posicionava entre as mais conhecidas do mundo, suas águas rivalizavam com as “de Vichy, Carlsbad, Aix-la-Chapelle e outras não menos famosas do mundo”.⁶¹⁷ Esse discurso afirmava a importância de Araxá na configuração da Minas progressista e moderna, tendo em vista que o moderno era sempre o modelo exterior, nesse caso, europeu. Fruir nos moldes de uma modernidade civilizada era a aspiração da elite mineira.

4.3.2 “Em Minas também se faz esporte” ⁶¹⁸

O esporte surgiu em Belo Horizonte, segundo Abílio Barreto,⁶¹⁹ quando a capital ainda se chamava “Minas”,⁶²⁰ por meio de reuniões que fundaram, em 1905, uma sociedade turfista. Mas, anteriormente, desde o tempo da Comissão Construtora da nova capital do estado, o ciclismo⁶²¹ tornara-se uma prática social. Os relatos do memorialista apresentavam a correlação entre o surgimento da cidade e o esporte, uma das maiores expressões da modernidade. A alegação de que o esporte esteve presente em Belo Horizonte desde sua construção afirmava a identidade mineira como esportiva, logo, moderna, e a seção “Recordar é viver...” da revista *Alterosa* procurava estabelecer um vínculo entre o passado e o presente da capital, mesmo relatando os momentos de arrefecimento de alguns esportes na cidade, como o próprio turfe, por exemplo. A alusão ao passado era uma tentativa de conferir à cidade uma trajetória progressista. Nos tempos idos, a prática esportiva era restrita a poucos.

Nos anos 1940, a atuação do poder público no fomento das atividades esportivas, em consonância com a ideologia do Estado Novo, foi fortalecida pela difusão da cultura física, e o Minas Tênis Clube foi instrumento de propaganda política para a forja de uma nação vigorosa, como já referido no item 2.5, “O esporte como fator de beleza”. O mineiro que vivia “entre as quatro paredes do lar colonial”,⁶²² dava lugar a “um povo sadio e rejuvenescido, que pratica o esporte, que fortalece a alma e

⁶¹⁷ A BRILHANTE TEMPORADA DE VERANEIO DE ARAXA. *Alterosa*, ano VII, n. 60, abril de 1945, p. 92.

⁶¹⁸ EM MINAS TAMBEM SE FAZ ESPORTE. *Alterosa*, ano III, n. 17, agosto de 1941, p. 54.

⁶¹⁹ BARRETO, Abílio. O prado de corridas. *Alterosa*, ano VII, n. 66, outubro de 1945, p. 50.

⁶²⁰ Apesar da capital ter sido inaugurada com o nome “Cidade de Minas”, alguns anos depois, seu nome foi mudado definitivamente em função da região em que fora construída, Curral del Rei, também conhecida como Belo Horizonte.

⁶²¹ BARRETO, Abílio. O ciclismo e o “Velo Clube”. *Alterosa*, ano VII, n. 67, novembro de 1945, p. 92.

⁶²² O CALOR CONVIDA AS PISCINAS. *Alterosa*, ano I, n. 5, dezembro de 1939, p. 67.

os músculos ao contato íntimo com a natureza prodigiosa.⁶²³ As piscinas do clube foram motivo de frequentes matérias que demonstravam como o mineiro se integrava aos novos valores vigentes, “o mineiro sombrio e noturno que Saint-Hilaire viu, preso às tradições, conservador e rotineiro, cedeu o lugar a um povo sadio e feliz, comunicativo e progressista.”⁶²⁴ O esporte, por sua característica salutar e socializante, era considerado como um fator de progresso, sua disseminação na cidade ampliava a ideia de que a sociedade mineira⁶²⁵ civilizava-se:

A prática esportiva faz parte da vida na cidade. Faz vibrar a mocidade e, quando interpretada e integrada no seu verdadeiro sentido educativo, é sobretudo patriótica. Por isso mesmo é que o esporte absorve a maior parte da atenção do povo, e hoje a nossa Capital se apresenta no cenário esportivo do país como um dos seus mais adiantados centros de cultura física.⁶²⁶

O discurso sobre a presença do esporte na cidade assemelhava-se ao realizado por Abílio Barreto no intuito de mostrar o gosto pelo esporte como elemento da alma mineira, destacando o ambiente progressista em que a capital se encontrava, atrelando-o ao caráter educativo proposto pelo ideal de civismo do Estado Novo. Esse momento foi demarcado pela transformação do Minas Tênis Clube em monumento de representatividade de Minas no país e no exterior:⁶²⁷

Os seus sucessos consecutivos, obtidos nos setores de natação, evidenciam a pujança de seus atletas de ambos os sexos, em disputas sensacionais, de repercussão continental, onde o vigor da nossa raça e a destreza de nossos desportistas ficaram patenteadas, com o mais raro esplendor e a mais justa glória para os mineiros.⁶²⁸

A citação se refere às sucessivas conquistas da equipe de natação infanto-juvenil em competições que repercutiam no continente sul-americano. Nelas se

⁶²³ O CALOR CONVIDA AS PISCINAS. Alterosa, ano I, n. 5, dezembro de 1939, p. 67.

⁶²⁴ Ibidem, p. 67.

⁶²⁵ Praças esportivas foram construídas no interior do estado, como por exemplo, em Pará de Minas (SUA EXCIA. INAUGURA EM 'PARÁ DE MINAS' A GRANDE PRAÇA DE ESPORTES 'MINAS GERAIS'. Alterosa, ano II, n. 7, maio de 1940, p. 64) e Araxá (PREPARANDO UMA JUVENTUDE FORTE PARA O ESTADO NOVO. Alterosa, ano II, n. 7, maio de 1940, p. 77).

⁶²⁶ EM MINAS TAMBÉM SE FAZ ESPORTE. Alterosa, ano III, n. 17, agosto de 1941, p. 54.

⁶²⁷ Sarah Soutto Mayor (2017) relata que a repercussão da construção do Minas Tênis Clube foi grande na Argentina: “a revista argentina El Gráfico publicou em uma de suas edições uma reportagem sobre o clube, enaltecendo a grandeza da obra. Na descrição da imagem, lia-se: ‘Um aspecto da bonita piscina que tem o Minas Tennis Club de Bello Horizonte, Brasil, instituição esportiva muito poderosa e que se distingue por sua firme atividade e constante progresso’ (2017, p. 86, tradução da autora).

⁶²⁸ O SEXTO ANIVERSÁRIO DO MINAS TENIS CLUBE. Alterosa, ano III, n. 21, dezembro de 1941, p. 91.

confirmava a força e a habilidade esportiva do mineiro, com o reconhecimento da capacidade e da qualidade de preparação dos atletas do clube.

A representatividade esportiva da natação do Minas Tênis Clube tornou-se um elemento propagandístico para a imagem progressista de Minas: “mais uma vez, pela quinta vez consecutiva, os jovens nadadores que formam a equipe de natação infanto-juvenil de Minas Gerais, regressaram vitoriosos e cobertos de glórias, do Campeonato Nacional”,⁶²⁹ em dois sentidos. O primeiro anunciava Minas Gerais na dianteira nacional da modalidade esportiva, pois os jovens esportistas “elevaram e dignificaram, de modo o mais brilhante, as tradições de vanguardeira que Minas alcançou na natação do País”,⁶³⁰ e o segundo, pedagogicamente, ilustrava o poder público estadual, na figura do interventor, como o agente produtor dessa realidade: “mercê da sadia política de incentivo à cultura física de sua juventude, posta em pratica com alta visão e espírito patriótico, pelo Sr. Benedito Valadares.”⁶³¹

No ano seguinte, em 1945, novamente a equipe de natação infanto-juvenil do clube ganhava o campeonato brasileiro.⁶³² A concepção do campeão ou vencedor, como discutida no capítulo 3, estava imbuída pelo nacionalismo, ao mesmo tempo que destacava Minas à frente de outros estados da nação, reforçando a identidade regional pelo caráter afirmativo da representatividade esportiva. Em Belo Horizonte, as exposições dos jovens esportistas do clube recepcionavam personalidades políticas, como forma de homenagem, assim foram recebidos o embaixador norte-americano, Jefferson Caffery, e o prefeito do Distrito Federal, Henrique Dodsworth,⁶³³ em visita à capital. Esses eventos cívicos buscavam simbolizar o espaço de poder de Minas Gerais no Brasil e sua sintonia com o projeto eugênico nacional, em que o desenvolvimento das potencialidades corporais, pautada no disciplinamento dos corpos e na lógica da eficiência, canalizava o sentimento de progresso do estado. Assim, o Minas Tênis era tido como “elemento vital da grandeza de Minas, na preparação da juventude, no fortalecimento físico da raça de que dependerá a vitória das futuras gerações brasileiras”.⁶³⁴

⁶²⁹ PENTA-CAMPEOES BRASILEIROS! Alterosa, ano VI, n. 47, março de 1944, p. 122.

⁶³⁰ Ibidem, p. 122.

⁶³¹ Ibidem, p. 122.

⁶³² HEXA-CAMPEAO DO BRASIL, A NATAÇÃO INFANTO-JUVENIL DE MINAS! Alterosa, ano VII, n. 60, abril de 1945, p. 96.

⁶³³ A GRANDE CONCENTRAÇÃO ESCOLAR EM HOMENAGEM AO PREFEITO DO DISTRITO FEDERAL. Alterosa, ano V, n. 42, outubro de 1943, p. 47.

⁶³⁴ O SEXTO ANIVERSARIO DO MINAS TENIS CLUBE. Alterosa, ano III, n. 21, dezembro de 1941, p. 91.

Frequentado pela elite, o Clube, localizado na região central de Belo Horizonte, era um ambiente de conagração, no plano salutar e no plano da diversão:

Num dos mais aprazíveis recantos da capital montanhosa, no Bairro de Santo Antonio, a sua area que rasga uma clareira luminosa na floresta do casario abriga, nas manhas alouradas do verão, á orla de sua piscina que mais parece um retalho de céu estival, aquilo que Belo Horizonte chama a fina flor de sua elite social, o que temos de mais representativo em nossa alta sociedade.

A sua séde social, onde se realizam mensalmente algumas das mais elegantes soirées dansantes que anima a alta vida mundana de Belo Horizonte, possúe instalações luxuosas e modernas em que o fausto e o bom gosto se harmonizam num conjunto de elegancia e magnificencia, da mais alta beleza e distinção.⁶³⁵

Ao ar livre, nas águas das piscinas ou nos salões de festas, a promoção e a reprodução dos novos hábitos era incorporada a uma sociedade, até então, vista como provinciana. O mundanismo era sinal de que o estado das coisas na cidade estava se transformando. O Minas Tênis, sendo reconhecido no continente por sua representatividade esportiva, legava a todos os sócios minastenistas o valor de seu reconhecimento. Na representação de si, ser sócio do clube significava participar dessa construção nacional, lugar de ostentar, de coesão social de uma classe para se representar como tal, compartilhar modos e valores distintivos. Ver e ser visto. Sendo atribuídas às elites a condução do novo país, a nova mentalidade forjava a disciplina necessária para a atuação, e não somente dos jovens, no sistema de produção capitalista em que o país buscava se inserir, assim, o clube era para o mineiro “incontestavelmente uma expressão do progresso e da civilização da terra mineira.”⁶³⁶

4.3.3 A “Copacabana” de Belo Horizonte

O Conjunto Arquitetônico da Pampulha idealizado por Kubitschek e projetado por Oscar Niemeyer foi realizado entre os anos de 1941 e 1945. O projeto era composto originalmente por um cassino, um iate clube, um hotel (que não foi executado), uma igreja, uma casa de baile e a residência do prefeito. O objetivo da

⁶³⁵ O SEXTO ANIVERSARIO DO MINAS TENIS CLUBE. Alterosa, ano III, n. 21, dezembro de 1941, p. 91.

⁶³⁶ Ibidem, p. 91.

obra era dotar a cidade de uma área de turismo e lazer. Marcelo Cedro (2010) diz que seu planejamento seguiu os pressupostos da Carta de Atenas⁶³⁷ conjugando a criação de lagos artificiais e áreas verdes para a prática de esportes, visando compensar a população pelo trabalho desgastante do cotidiano.

Antes mesmo da inauguração do complexo, a Pampulha já construía o imaginário moderno da cidade, seja pela organização do 1º grande circuito da Pampulha,⁶³⁸ prova automobilística transmitida pela Rádio Guarani, seja pela venda dos lotes à margem da lagoa. Novamente, o esporte e a diversão estavam ligados para promover Belo Horizonte ao *status* civilizatório, sendo o paradigma local, a capital do Rio de Janeiro:

A avenida da Pampulha será uma das mais belas do Brasil e um orgulho de Belo Horizonte. É para lá que está se estendendo a capital, com todo o seu feitiço de mulher bonita. Somas consideráveis tem a Prefeitura investido ali, com a finalidade de torná-la um centro de atração e encantamento. Será a Copacabana de Belo Horizonte.⁶³⁹

A prefeitura, na figura de Juscelino Kubitschek, associou o desenvolvimentismo ao seu plano político de construção de uma nova imagem da cidade. Para tanto, era necessário que as obras incorporassem valores modernos de modo a alterar os costumes provincianos e incutir nos moradores da cidade a vivência do presente (STARLING, 2002, p. 35). Isto significava acompanhar o espírito do tempo que se impunha na capital.

As obras que o administrador tinha realizado transformaram Belo Horizonte em “uma capital moderna, cheia de vida, dinamica. Canalizou para aquí, a atenção de visitantes ilustres, mostrando a eles que em pleno coração de Minas se ergue a mais bela das novas capitais brasileiras”,⁶⁴⁰ sendo a Pampulha considerada sua obra emblemática: “ali, à beira do lago, como diamantes num colar, se localizaram as TRÊS mais avançadas afirmações do espírito moderno que tem presidido à realização das

⁶³⁷ A Carta de Atenas foi resultado do último Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (Ciam) que contou com arquitetos e técnicos em planejamento urbano de vários países. Redigida em 1933 e publicada em 1942, tinha por objetivo buscar soluções para o trânsito congestionado, as moradias insalubres, os limites de densidade habitante/metro quadrado, entre outros, diante do caos em que se encontravam várias cidades do mundo (CEDRO, 2010).

⁶³⁸ O EMPOLGANTE CIRCUITO DA PAMPULHA. *Alterosa*, ano IV, n. 25, abril de 1942, p. 44.

⁶³⁹ PAMPULHA – A “COPACABANA” DE BELO HORIZONTE. *Alterosa*, ano IV, n. 26, maio de 1942, p. 77.

⁶⁴⁰ TRES ANOS DE MAGNIFICO GOVERNO. *Alterosa*, ano V, n. 37, maio de 1943, p. 117.

obras da sua administração”.⁶⁴¹ A citação anunciava que o cassino, a casa de baile e o “iate-golfe”, obras do complexo de turismo e lazer, deram visibilidade à cidade no cenário nacional afirmando seu caráter progressista. A Pampulha seria a cristalização da vocação de modernidade de Belo Horizonte que, a partir daquele momento, retornava ao seu lugar de destino, pois essas obras representavam “a pena de morte para um conservantismo fictício ao mesmo tempo que colocaram Belo Horizonte no seu verdadeiro lugar de capital moderna e culta”.⁶⁴² O complexo de turismo e lazer inaugurou a presença da arquitetura moderna na capital que ganhou notoriedade nacional e internacionalmente, projetando Niemeyer como expoente do movimento modernista (BAHIA, 2011). Somente a partir de 1940, a arquitetura e as artes plásticas ganhariam um novo impulso em relação à inserção na produção modernista nacional, diferentemente das figuras de vulto do modernismo literário, como por exemplo, Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava, entre outros (CEDRO, 2007). Certamente, a inauguração da Exposição Brazil Builds, em 1943, no Museum of Modern Art de Nova York (MoMA), contribuiu para a divulgação do Complexo Arquitetônico da Pampulha, conseqüentemente, da cidade, internacionalmente. A mostra fazia parte do conjunto de ações da Política de Boa Vizinhança norte-americana e consistia numa exposição e num livro sobre a arquitetura barroca, imperial e contemporânea brasileira. O projeto realizado pelo arquiteto Philip L. Goodwin, vice-presidente do MoMA, e pelo fotógrafo G. E. Kidder Smith, circulou por várias cidades da América do Norte e do Brasil (BAHIA, 2011, p. 145).

O Cassino⁶⁴³ e a Casa do Baile⁶⁴⁴ iniciaram atividades em 1942, embora o conjunto inaugurado em 1943 não estivesse totalmente concluído. A revista anunciou a inauguração oficial das obras do complexo em 1943, com a presença de “Getulio Vargas, governador Valadares Ribeiro e interventor Amaral Peixoto, as majestosas obras do novo bairro da Pampulha, suprema realização da administração Juscelino Kubitschek em Belo Horizonte”.⁶⁴⁵ Chama a atenção o uso político da imagem nesta

⁶⁴¹ TRES ANOS DE MAGNIFICO GOVERNO. Alterosa, ano V, n. 37, maio de 1943, p. 117.

⁶⁴² Ibidem, p. 118.

⁶⁴³ O Cassino funcionou até 1946, quando foi desativado pela proibição dos jogos de azar no Brasil. Após quase uma década fechado, foi reaberto como museu em 1957, após mobilização da prefeitura e da população belo-horizontina, em 1955. Hoje, o edifício abriga o Museu de Arte da Pampulha (BAHIA, 2011).

⁶⁴⁴ Após alguns anos, a Casa do Baile sob administração privada e pública, alternadamente, permaneceu desocupada até ser restaurada em 2002, quando foi reaberta como espaço cultural vinculado à Secretaria Municipal de Cultura, ainda em vigor (BAHIA, 2011).

⁶⁴⁵ UM DIA DE GLORIAS PARA A CIDADE. Alterosa, ano III, n. 38, junho de 1943, p. 34.

reportagem, apesar da obra ser atribuída textualmente a Kubitschek, as fotografias destacavam Getúlio Vargas, Valadares e Peixoto. O que pode ser explicado pelo ganho de poder simbólico que a inauguração de uma obra pública oferecia a uma autoridade política, como mostrado anteriormente. As obras de grande vulto, em Minas Gerais, sempre contavam com a presença do presidente Vargas para sua inauguração. Isso fazia parte da propaganda política do regime ditatorial.

O late Golfe Clube,⁶⁴⁶ além de piscinas e quadras de esportes, incorporava a lagoa para a prática de esportes náuticos (remo, vela e regatas). Algumas obras do clube, como a garagem municipal⁶⁴⁷ para os barcos, ainda precisavam ser finalizadas, Denise Marques Bahia (2011, p. 139) relata que, originalmente, o clube era dividido em dois setores: um esportivo e outro social, esse destinado às reuniões dos sócios. Restavam a conclusão da igreja e do hotel (de responsabilidade do governo estadual). A Igreja São Francisco de Assis foi concluída em 1945, não obtendo a sagração pela Cúria Metropolitana, na época representada pelo Arcebispo Dom Antônio dos Santos Cabral, pelos motivos já expostos no item 4.2. A residência do prefeito, projetada às margens da lagoa, conhecida como Casa JK,⁶⁴⁸ foi construída para servir de modelo para o “bem-viver” (BAHIA, 2011). Obviamente, um empreendimento de tal porte serviu preferencialmente ao usufruto do tempo livre de uma classe abastada que aderira ao projeto, pela lógica do pertencimento e da distinção gerida pelo desejo de legitimar-se e representar-se como moderna.

A inauguração da linha de bondes ligando o centro da cidade à Pampulha, em 1944, ocorreu na ocasião da realização da prova de Regatas Governador Valadares (Bahia, 2011, p.113). O evento esportivo foi reportado pela revista, em tom entusiástico, devido à introdução de tal esporte na capital mineira: “o dia 2 de julho último, assinalou uma data realmente histórica nos anais esportivos mineiros: a implantação auspiciosa, em nós, do nobre esporte das regatas”.⁶⁴⁹ A valorização dessa prática esportiva estava vinculada à ascensão da burguesia na capital.

⁶⁴⁶ Em 1961, o late Golfe Clube, sob administração de Amintas de Barros, foi vendido, tornando-se propriedade privada e mudando o nome para late Tênis Clube (BAHIA, 2011).

⁶⁴⁷ ULTIMA-SE O GRANDIOSO CONJUNTO DE OBRAS DA PAMPULHA. Alterosa, ano III, n. 41, setembro de 1943, p. 86.

⁶⁴⁸ A Casa JK ou Casa Kubitschek foi tombada pelos órgãos de preservação federal, estadual e municipal. Adquirida pela Prefeitura de Belo Horizonte em 2005, é parte do núcleo do Museu Histórico Abílio Barreto vinculado à Fundação Municipal de Cultura (BAHIA, 2011). Em 2013, o espaço foi inaugurado e funciona como instituição de memória de Belo Horizonte.

⁶⁴⁹ O ESTRONDOSO EXITO DAS REGATAS “GOVERNADOR VALADARES”. Alterosa, ano VI, n. 52, agosto de 1944, p. 67.

Conforme afirma Victor Melo (2006, p. 5), o remo é fundamentalmente um esporte conduzido e apreciado pelas camadas médias em formação, tais como, profissionais liberais, comerciantes, industriais, tendo sua identidade construída em oposição ao turfe, diretamente relacionada à aristocracia rural.⁶⁵⁰ A implantação do remo condizia com os novos tempos que se estabeleciam na cidade, em acordo com o desejo de tornar visível seu projeto de modernidade.

Pelo esporte operava-se a construção da imagem da capital e dos mineiros. Após o preenchimento de lacunas e resolução de problemas em seu desenvolvimento urbano e econômico, que a colocavam em posição desfavorável como metrópole no cenário brasileiro, simbolicamente, a capital se sentia próxima à civilidade do Distrito Federal, pela prática esportiva do remo, pois o Rio de Janeiro, segundo Victor Melo (2006, p. 7), era a metrópole que ditava modas, comportamentos, sistema de valores e formas de viver no país.

Oito clubes cariocas e dois mineiros participaram da prova que contou com a presença de Vargas, Valadares e Kubitscheck, e a publicação elogiou a atuação do prefeito referindo-se a ele como “incansável estimulador do nobre esporte entre nós”.⁶⁵¹ Além das autoridades políticas e da visão panorâmica da prova, as fotografias destacavam a presença de Odete Valadares e representantes da “mais alta representação social feminina” na assistência, assim como o que a revista denominou de “massa popular” que assistia à prova nos gramados próximos à lagoa. Segundo a matéria, Kubitscheck era presidente do clube de remo, assumir esse cargo pode ser entendido como a afirmação de uma política pública voltada para a promoção desse esporte na cidade. O esporte novamente estava inserido nas engrenagens do poder para a forja do “novo homem”.

A implantação dos esportes náuticos na cidade estava prevista no projeto do complexo idealizado pelo administrador. Kubitscheck afirmava, em seu relatório ao interventor Valadares, que a Pampulha não seria uma obra completa se não tivesse um espaço destinado ao aperfeiçoamento físico do homem (Relatório..., 1941, p. 43), argumentando que a obra tinha um caráter educativo, inserido em um plano maior de

⁶⁵⁰ Victor Remo Melo (2006) discorre sobre a institucionalização do remo como política pública no Rio de Janeiro, durante a administração municipal de Pereira Passos, no início do século XX, razão pela qual o artigo é relevante para a tese.

⁶⁵¹ O ESTRONDOSO EXITO DAS REGATAS “GOVERNADOR VALADARES”. Alterosa, ano VI, n. 52, agosto de 1944, p. 67.

construção nacional:

[...] o late Golfe Clube, dotado de instalações modernas e que, em breve, estará com tôdas as obras concluídas, para que esportes como os do remo e da vela possam ser praticados pela mocidade, completando-se as finalidades de um plano de aperfeiçoamento da raça, do qual o Minas Tennis Clube é centro irradiador.

A fala do prefeito sugeria que a introdução dos esportes náuticos na cidade seria a etapa de conclusão do projeto de fortalecimento da raça, que tinha o Minas Tênis como principal propagador das práticas esportivas na cidade. O esporte, como instrumento de controle e adaptação do corpo às exigências do progresso, educava os jovens para a ética do trabalho. O remo se ajustava a essa finalidade por ser considerado o esporte do “exercício físico” e incorporar o espírito moderno. Era saudável, ativo e desafiador, portanto educava o músculo e a moral. Uma prática esportiva que se constituía, desde a virada do século no Rio de Janeiro, adequada para preparar uma juventude ativa e forte para a condução da nação ao progresso (MELO, 2006, p. 7-9).

A diversão fazia parte do empreendimento econômico voltado para os moradores da cidade e para o turismo. Nas palavras de Kubitschek, notava-se que a diversão, naquele tempo histórico, estava fortemente ligada ao revigoramento corporal para o retorno ao trabalho: “como capital já de vida intensa e trepidante, Belo-Horizonte, por êsse lado, reclamava um retempêro das energias gastas no labor diário” (Relatório..., 1941, p. 38). É preciso lembrar que a ideologia do Estado Novo procurava suprimir a luta de classes e o trabalho era considerado como digno de todo cidadão comprometido com o progresso da nação (GOMES, 1999). O que na prática funcionava de outra forma porque os lugares destinados às camadas abastadas e aos populares eram distintos.

No discurso da revista sobre a Pampulha, e no próprio projeto arquitetônico, é possível apontar contradições:

Aquele aristocrático bairro é hoje o centro de atração do povo de Belo Horizonte. Do povo, da elite e de todas as classes enfim. Juscelino Kubitschek tem, em alto grau, o sentido humano e democrático da existência e por isso, suas obras são ao mesmo tempo para o povo e para as elites.⁶⁵²

⁶⁵² UM DOMINGO NA PAMPULHA. Alterosa, ano VI, n. 46, fevereiro de 1944, p. 46.

Um bairro aristocrático, a princípio, não conjuga todas as classes sociais. No máximo, comporta alguns elementos da classe média, mas não a classe popular. Dessa forma, não eram todas as classes que tinham acesso aos aparelhos de lazer do conjunto. Apesar do projeto prever um espaço destinado às classes populares, o sentido “humano e democrático” citado pela revista dizia respeito ao caráter moralizador prescrito para a Casa do Baile que, segundo o prefeito, tinha a função social de proporcionar diversão sadia para o povo (Relatório..., 1941, p. 43). Ao contrário do Cassino, a Casa do Baile não tinha jogos nem atrações internacionais, a diversão se limitava à dança popular. Caracterizado por materiais e acabamentos menos nobres, não tinha uma rampa de acesso ligada a um promontório, estava localizada no mesmo nível da avenida, tendo seu acesso facilitado. A própria arquitetura dos espaços de lazer definia seus frequentadores. Se, por um lado, a Casa do Baile, por sua “simplicidade” não intimidava os populares, por outro lado, o Cassino, por sua opulência, demarcava o lugar social e político da elite.

Por meio de um discurso totalizante, a matéria apresentava a Pampulha como um lugar destinado à diversão: “todos se dirigem para alí, fugindo ao movimento da cidade, fugindo ao cansaço da semana de estafantes trabalhos, fugindo ao sol abrasador que cai perpendicularmente, sobre o asfalto”.⁶⁵³ Segue-se a ideia de revigoramento corporal: “a Pampulha trouxe para o domingo de sol belo-horizontino o seu complemento indispensável – a água. Água que, num dia festivo de sol, é um refrigerio para os olhos e para a alma”.⁶⁵⁴ Ar livre, água, esporte e jogo reuniam, em um só lugar, a “cura e o prazer” nas piscinas do late Golfe, nos botes e nas velas na lagoa, nas danças na casa do baile: “repletos sempre o late e o Baile, e com um verdadeiro ‘footing’ pela avenida sob o luar”.⁶⁵⁵ Esse era o “domingo perfeito” que, segundo a revista, a Pampulha oferecia ao belo-horizontino.

O Palácio de Cristal, nome pelo qual o cassino também era conhecido, agregava entre suas atrações cantores e humoristas nacionais, o Pampulha Ballet e artistas da Broadway, além dos jogos. Frequentado por “visitantes que chegam a cidade”⁶⁵⁶ e pela elite local, segundo a revista, “as noites de arte da Pampulha continuam constituindo as notas de elegancia na crônica social da cidade. Ali se

⁶⁵³ UM DOMINGO NA PAMPULHA. *Alterosa*, ano VI, n. 46, fevereiro de 1944, p. 46.

⁶⁵⁴ *Ibidem*, p. 47.

⁶⁵⁵ *Ibidem*, p. 47.

⁶⁵⁶ ELEGANCIA MINEIRA NA PAMPULHA. *Alterosa*, ano VII, n. 68, dezembro de 1945, p. 169.

reúnem as figuras mais expressivas no nosso 'set'".⁶⁵⁷ Grande parte das notas sociais sobre a Pampulha na revista referiam-se ao Cassino, o que pode ser explicado por se tratar do edifício que, particularmente, expressava as mudanças de costume e as novas formas de sociabilidade disponibilizadas pelo conjunto de lazer e turismo (BAHIA, 2011, p. 120). O mineiro afeito ao ambiente privado, como já mencionado, passava a se dar a ver em público. Uma conduta típica dos novos tempos que parecia enfraquecer os costumes provincianos da capital. O Cassino proporcionava um "verdadeiro mostruário de modas e refinamento, onde as 'toilettes' mais 'chics' são exibidas em meio à série de atrações que a Pampulha promove tôdas as noites".⁶⁵⁸ Denise Marques Bahia (2011, p. 120) menciona que o projeto de Niemeyer, intencionalmente, criou para o lugar a espacialização e a transparência que permitiam ver e ser visto no teatro da vida social.

Entre as permanências e as lentas mudanças no refinamento dos modos provincianos, a nova sociabilidade imposta pelo monumento materializava, em certa medida, o projeto de modernidade no imaginário social da cidade. Embora o conforto e as benesses do processo se dirigissem à elite e à sua legitimação enquanto classe distinta, o Complexo Arquitetônico da Pampulha tornou-se marco simbólico do progressismo de Minas Gerais e de sua capital, que celebrou com ela a chegada da "modernidade", articulando o cultivo do corpo e a diversão.

⁶⁵⁷ ELEGANCIA MINEIRA NA PAMPULHA. Alterosa, ano VII, n. 68, dezembro de 1945, p. 169.

⁶⁵⁸ Ibidem, p. 169.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Belo Horizonte, uma metrópole moderna. Era o que proclamava a revista *Alterosa*. Até os anos 1941, as transformações urbanas e econômicas que a cidade vivenciava pareciam não ser suficientes para a mudança de sua imagem, que ainda necessitava preencher certas “lacunas” (termo frequentemente usado pela revista para justificar o que era considerado um atraso em comparação a outras capitais do país, principalmente ao Distrito Federal que, até abril de 1960, foi o Rio de Janeiro) para afirmar-se como moderna. Essas lacunas foram vistas ao longo do texto e referiam-se, sobretudo, à esfera cultural. A partir de 1942, efetivamente, a publicação passou a construir e difundir o que seria o ideal de modernidade da capital mineira.

Como mediadora do processo de modernização que a cidade vivenciava, a *Alterosa* expressou em seu projeto editorial o objetivo de propagar e representar a cultura mineira no estado e no Brasil, notadamente na nova capital mineira que carecia de identidade. A cidade republicana, planejada sob o ideário positivista, deveria representar e determinar o gosto, o modo, a estética e a cultura de Minas Gerais. Dessa forma, a modernidade proposta na revista se baseava na conservação de alguns elementos selecionados do passado (WILLIAMS, 2003), principalmente a família, como componente essencial da identidade regional, atuando como fator de coesão social. Tratava-se de uma modernidade que buscava resguardar certos valores da “voz da terra” diante das forças modernizantes da “voz do ferro”, representada pelos industriais (CARVALHO, 2005). E, nesse ponto, pode-se dizer que também selecionava os valores para seu projeto moderno, configurando o que pode ser denominado de modernidade seletiva. Identificada como uma das revistas mais longevas da cidade de Belo Horizonte, ao longo de seus anos iniciais, vai cristalizando esse projeto e ganhando a credibilidade necessária para dar voz e ser agente do ideal de modernidade das elites mineiras, especialmente representadas pela oligarquia rural que, embora enfraquecida, era uma forte referência de valores morais. Fonte singular de informação e entretenimento, assumiu então o papel de mostrar e difundir ideias e comportamentos que matizavam os símbolos eleitos para a modernidade de capital mineira.

A diversão existia na capital mineira desde seus tempos iniciais, porém, a conservação de hábitos e comportamentos provincianos por parte de seus moradores diante dos divertimentos era o principal fator que gerava questionamentos sobre a

modernidade da cidade, em contraponto com as capitais de São Paulo e Rio de Janeiro, sendo o Distrito Federal a referência nacional a ser seguida. É possível afirmar que a ocupação gradativa do espaço público, ocasionada pelo adensamento populacional e a conseqüente expansão econômica, provocou o aumento da dinâmica de fluxos de bens e pessoas, fazendo emergir a sensação de vertigem devido à excitabilidade pública e a concretude da massa urbana. De acordo com Marshall Berman (1994), ser moderno é viver em contradição, é uma experiência de “autotransformação e transformação das coisas em redor” (BERMAN, 1994, p. 15), o que desestabiliza constantemente o que temos, o que sabemos e o que somos. Esse era o cenário da capital mineira exibido nas páginas da revista, o processo de modernização desencadeado na segunda metade da década de 1930 que se fortaleceu nos anos 1940. Em certa medida, essa construção condizia com a realidade do que ocorria na cidade, embora contivesse um discurso eufórico e positivo sobre as mudanças, procurando não apresentar as ambigüidades presentes nesse processo de modernização. A intensa transformação do espaço urbano, a expansão de sua infraestrutura e a criação e reorganização dos equipamentos urbanos, econômicos, sociais e culturais, tudo isso propiciou o afloramento de uma sensibilidade mais adequada ao imaginário moderno. Processos semelhantes ocorreram no Distrito Federal na transição do século XIX para o século XX, fortalecendo-se durante sua primeira década (MELO, 2006), e também em São Paulo, na segunda metade dos primeiros anos do século XX, fortalecendo ao longo da década de 1910 (MARTINS, 2008).

O que demarcou, de forma singular, o empreendimento moderno apresentado na revista foi a presença de dois projetos ideológicos na condução da modernização da cidade e na familiarização de códigos considerados civilizados por seus moradores. Dentro da lógica capitalista de desenvolvimento econômico via industrialização, o Estado Novo, como articulador do mercado nacional, levava adiante o ideal de progresso da nação, apoiado por estratos da burguesia urbana que viam nos EUA o modelo civilizatório para o país. A abertura para o capital externo, precisamente as trocas econômicas e culturais entre Brasil e EUA, auxiliou a formação de um mercado consumidor composto, principalmente, pelos estratos médios que estavam em ascensão na cidade. Se, por um lado, foi um período de racionamento de energia e carestia de alimentos, por outro, caracterizou-se pela crescente oferta de produtos industrializados norte-americanos. A partir de 1942, observou-se um

aumento substancial de publicidade e propaganda política norte-americana na revista, incluindo o incremento da seção de cinema e moda que vendiam um estilo de vida pautado, sobretudo, no consumo. Ainda que Ortiz (2001) sugira que não se possa dizer de uma sociedade de consumo antes dos anos 1960 no país, eu considero que esse período em Belo Horizonte sinalizou o início da organização do consumo de bens materiais e culturais na cidade, não só devido à ampliação e diversificação do comércio, mas também à expansão de salas de cinema e a criação de espaços culturais, aumentando a oferta de produtos e diversões.

A socialização dos hábitos e comportamentos modernos somente foi possível pela existência de um mercado consumidor que absorvia a revista *Alterosa*, dentre outras, e os discursos publicados por ela que formaram público, inclusive, anunciantes, fortalecendo ainda mais a dinâmica econômica e social da cidade. O que permitiu que o periódico criasse uma imagem de modernidade, de acordo com uma identidade elitista para representar a capital moderna. Foi usando o poder da imagem que Belo Horizonte e a elite mineira buscaram se legitimar no estado e adentrar o contexto nacional, apresentando seus indicadores de civilidade.

As imagens de modernidade presentes na revista correspondiam à regulação dos corpos para o progresso da nação. Argumentos que se desenvolveram desde a virada do século XX, mas que, sob a coordenação de um projeto nacionalista de regime autoritário, atingiram outra dimensão sobre a sociedade. A salvaguarda da instituição familiar foi prioridade para assegurar o controle sobre o corpo social no país que vivenciava um período conturbado desde o término da Primeira Guerra Mundial devido às transformações econômicas, sociais e culturais. Embora com alguns avanços para as mulheres, os papéis sociais e suas funções continuavam delimitados pela desigualdade entre os gêneros. O homem na esfera produtiva e a mulher na esfera reprodutiva era a ordem que se procurava reestabelecer e manter. O casamento era mostrado como a principal norma a ser seguida. Um dos achados do trabalho se trata justamente de um paradoxo, pois foi a tradicional família mineira que figurou na revista indicando o que era ser moderno. Como dito anteriormente, os valores morais da oligarquia rural continuaram vigorando, eram muito presentes no discurso dessa publicação e na sociedade da época, ainda que essa quisesse se apresentar como moderna. Embora essa classe ditasse a conduta social, quem propiciou a ampliação de bens culturais para a transformação da imagem de Belo Horizonte e contribuiu para a forja de uma sensibilidade moderna foram as forças

modernizantes, em certa medida, provenientes dos estratos médios. Não houve um conflito direto sobre a representação da família mineira porque era consenso entre as elites e a classe média que a preservação da ordem conjugal era necessária para a organização social. Isto posto, o termo “moderno” adquiria um sentido positivo quando tinha conotação de novidade e de atualidade, um caminho “natural” do progresso, porém, no sentido negativo significava tudo o que arriscava a ordem social familista. Assim, a *Alterosa* formulou o imaginário moderno em torno de sua tradição, mas em busca do paradigma cultural exterior a ser alcançado.

O alinhamento ideológico com o modelo cultural norte-americano, no que tange à valorização da ordem conjugal, principal mote da revista, e os princípios higiênicos e eugênicos, contribuiu para conformar novas práticas sociais na cidade. O cinema como invenção da vida moderna, segundo Alexandre Vaz (2006), foi responsável pelo treinamento do homem para a maquinaria (na perspectiva benjaminiana), foi a engrenagem que educou o corpo para a incorporação do ritmo moderno, a experiência de viver o novo e o tempo presente. O vasto material propagandístico, tanto do Estado Novo quanto norte-americano, veiculado na revista enfatizava a necessidade de adequação ao modo de vida trazido pelo progresso. O corpo, então, se tornou o suporte de representação dos tempos modernos. O tripé da indústria cultural norte-americana – cinema, moda e publicidade – promoveu, em grande medida, a inserção de novos padrões sociais na capital mineira. A higiene e o cuidado com a aparência, o fortalecimento do corpo pelas atividades físicas, a regulação do organismo via medicalização moviam o consumo de bens materiais e simbólicos, instituindo normas de comportamento e padrões de beleza modernos para os gêneros, além de afirmar seus papéis sociais. A força desse sistema de códigos residia na construção do real, isto é, suas imagens conferiam sentidos às práticas sociais. O procedimento de usar imagens para educar não é uma novidade na história da humanidade, na Idade Média, a Igreja doutrinou seus fiéis iletrados por meio das pinturas religiosas (GOMBRICH, 1999), portanto, o corpo é educado pela visão, não somente por ela, mas primordialmente por ela. O corpo construído pela revista reforçava funções sociais e educava para o trabalho e para a diversão.

A modernidade da capital mineira não poderia ser construída sem a presença da diversão. Cabe considerar as proposições de Victor Melo (2006, p. 1-4) quanto ao surgimento de uma indústria de lazer a partir da classe média, mesmo que não se tratasse exatamente de uma indústria, no caso de Belo Horizonte, mas da

emergência de vários espaços culturais destinados à diversão. Esse autor considera que as vivências de lazer ganham um papel estratégico predominante na estruturação da cidade moderna, pois elas se apresentam como marcas de um novo *modus vivendi* que se articula com todas as demais dimensões que estão sendo construídas. Esse conjunto multifacetado de intervenções prepara o terreno para a “sociedade do consumo” na qual as atividades de lazer passam a ser valorizadas como forma de quebrar a monotonia do mundo do trabalho. Nesse sentido, a revista procurou afirmar a identidade moderna de Belo Horizonte por meio do entrecruzamento do cultivo do corpo e da diversão, o que aponta para outro achado da pesquisa.

O cultivo do corpo expressava-se primordialmente através do esporte, que se consolidou na capital mineira como uma diversão sadia e elitista. As estratégias discursivas presentes na *Alterosa* privilegiavam seu caráter formativo que disciplinava corpo e mente para o trabalho e para a diversão. A diversão era apresentada em oposição ao mundo do trabalho, como uma forma de descanso. Esse descanso, por vezes, indicava a busca de deleite, satisfação e bem-estar, mas não significava estar desocupado, mas sim em atividade, já que estar em movimentação constante era uma característica dos tempos modernos. Assim, as dimensões do trabalho e do não trabalho estavam interligadas pela lógica da produtividade, em que o esporte fortalecia o corpo para o trabalho e o revigorava pela diversão.

Frequentemente apresentados na revista, determinados lugares serviram para atestar a mudança na vida social da cidade, com destaque para o Minas Tênis Clube, o Complexo da Pampulha e a Estância de Araxá, que passou a fazer parte do veraneio dos belo-horizontinos por se tratar de uma novidade que representava o progressismo de Minas Gerais. Em todos esses espaços, o esporte compunha as atividades de diversão, de modo a indicar o ideal civilizatório alcançado por Belo Horizonte e pelos mineiros. O esporte fazia parte da “alma do mineiro”. Novamente se operava com a seleção de elementos para compor uma tradição (WILLIAMS, 2003), pois essa ideia arregimentava o esporte como componente da identidade regional. A partir dessa construção apresentada pela revista, pode-se afirmar que o desenvolvimento do esporte foi um relevante fator de mudança nos costumes provincianos da cidade, pois sua característica salutar e socializante fez gradualmente o belo-horizontino dar-se a ver no espaço público.

As mudanças na vida social da cidade se limitaram à diversão das elites e da classe média. O Minas Tênis Clube foi criado em 1937 para ser uma praça

desportiva pública e tornou-se um lugar de frequência das camadas abastadas. O crescimento de suas atividades sociais e esportivas conferiram aos seus associados um *status* diferenciado na revista devido à representatividade esportiva que o clube alcançou no país. Suas piscinas, suas *soirées* dançantes e os eventos cívicos mostravam que a elite belo-horizontina havia incorporado hábitos modernos, como a atividade física e/ou esportiva e a diversão após o trabalho, o que também se deu com o Complexo da Pampulha. Construído para proporcionar diversão aos moradores da cidade após o trabalho, tendo em mente o incremento turístico e a implantação de esportes náuticos, converteu-se em um lugar de divertimento da elite e da classe média. As práticas esportivas como velas e remo, vistas como sofisticadas, de certa forma, pareavam Belo Horizonte com o Distrito Federal, da mesma forma que o cassino. As apresentações musicais internacionais, o *grill-room* e os jogos criaram um ambiente cosmopolita para as classes abastadas da capital mineira. A arquitetura modernista propagou a imagem da cidade moderna e, para além disso, tornou-se o símbolo da modernidade de Belo Horizonte, ainda que não usufruída por todos os seus moradores.

Esse foi um matiz da realidade apresentada na revista *Alterosa* que buscou não exibir as contradições do projeto de modernidade da capital mineira. Outros temas deixaram de ser abordados devido ao próprio limite do trabalho e merecem novos desdobramentos como, por exemplo, o panorama radiofônico na cidade ou a coluna “Sedas e Plumas”, que tratava da crônica social belo-horizontina. O trabalho também dá margem para a investigação sobre a centralidade do Complexo da Pampulha na representação da capital moderna, principalmente após a proibição do jogo no país. Outro ponto que merece esforços de compreensão são as possíveis mudanças nos papéis sociais dos gêneros e nos valores da tradicional família mineira, que podem ter diversas abordagens que incluem a perspectiva do cinema, da publicidade e do esporte em Belo Horizonte. Em torno da própria *Alterosa*, pesquisar sua trajetória é uma forma de acompanhar, em certa medida, as transformações políticas e socioeconômicas da sociedade mineira e do país que poderiam contribuir para o entendimento dessa dinâmica e, mais, para a conhecimento de como o periódico se estabeleceu no mercado nacional, auxiliando na elaboração da história do lazer e iniciando a construção de uma história da imprensa belo-horizontina.

Procurei investigar um período histórico a partir da trajetória inicial da revista *Alterosa*, de modo a evidenciar o papel da imprensa na construção e

reprodução de realidades, tendo em vista que as pesquisas sobre a história da imprensa em Belo Horizonte ainda são tímidas e podem contribuir para a construção da história do lazer na cidade a partir das relações políticas, econômicas e ideológicas que estão presentes nos projetos editoriais dos periódicos. O que se aponta é a necessidade de análises em torno das disputas culturais dos projetos de poder da imprensa.

Sendo assim, a pesquisa permite afirmar, a partir de alguns indícios, que o projeto da revista não seria longo sem o apoio financeiro da elite econômica e política que, inclusive, fazia parte de seu corpo diretor. Miranda e Castro reuniu representantes de diversos setores para a composição da diretoria, ele mesmo fazia parte da elite intelectual da cidade, assim como Mário Matos que, além de escritor, foi deputado estadual pelo PRM e ocupou vários cargos públicos em Minas Gerais. Theódulo Pereira, também escritor e jornalista, atuou em diversos veículos de comunicação no país e foi um dos fundadores do Sindicato dos trabalhadores da Imprensa. Por fim, Hélio Vaz de Melo era banqueiro e detinha boas relações entre os círculos políticos da cidade. A pretensão da *Alterosa* em circular nacionalmente e representar a cultura mineira no país pode ter sido um fator relevante para o investimento em tal projeto. A reunião de um corpo intelectual renomado e a preocupação com a apresentação gráfica se converteram em diferenciais que levaram a revista a se destacar na imprensa belo-horizontina. A escolha da família como mote principal de seu perfil editorial ampliou sua capacidade de captação de público. Esses elementos se tornaram interessantes para a venda de espaço para anunciantes, principalmente do estado, em todas as suas instâncias. O que esse quadro revela é que foi fundamental demonstrar alinhamento ao governo Vargas para sustentar e consolidar o projeto editorial da revista, seja para não sofrer retaliações devido à censura, seja porque foi beneficiada monetariamente pela propaganda política. O que não retira a possibilidade da publicação ter sido aliada dos propósitos do Estado Novo. Afinal, os discursos da *Alterosa* eram para a família do Brasil.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS DO BRASIL DE MINAS GERAIS. **Djalma Andrade**. Disponível em: <<http://academiadeletrasdobrasilminasgerais.blogspot.com.br/2011/10/linkcadeira-n-02alb-mg-silvia-de.html>>. Acesso em 20. Fev. 2016.

ADORNO, Theodor. Tempo Livre. In: _____. **Palavras e sinais: modelos críticos II**. Petrópolis: Vozes, 1995.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. A Indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: _____. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 113-156.

ALTEROSA. Belo Horizonte, 1940-1945.

ALVES, Hariane; TAVARES, Frederico de M. B. Representação da Mulher nos editoriais da revista Alterosa nos anos de 1960 a 1963. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 21., 2016, Salto. **Anais...** Salto: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016. p. 1-14.

ANDRADE, Maria A. **Comunicação do luxo, moda e consumo: representações da tradição na cultura contemporânea**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

ANDRADE, Rodrigo Ferreira. O sentido das coisas. In: MACHADO, Bernardo N. da M.; BARROS, José Márcio; PORTO, Marta. (Org). **O fim das coisas: as salas de cinema de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: PBH, 1995.

ARANTES, Haydêe Sant'Ana; MUSSE, Christina Ferraz. Estado de Minas: um resgate histórico do jornal dos mineiros. In: ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 2., 2012, Juiz de Fora. **Anais...**

ARAÚJO, Laís Corrêa (Org.). **Sedução do Horizonte**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1996.

ARREGUY, Cintia A. C.; RIBEIRO, Raphael R. **Histórias dos bairros de Belo Horizonte: Regional Centro-Sul**. Belo Horizonte: APCBH; ACAP-BH, 2008.

ARRUDA, Maria A. do Nascimento. **Mitologia da mineiridade: o imaginário mineiro**

na vida política e cultural do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1990.

AZEVEDO, Lia C. **No tempo do rádio: radiofusão e cotidiano no Brasil (1923-1960)**. 2002. 277 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, 2002.

BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BAHIA, Denise Marques. **A arquitetura política e cultural do tempo histórico na modernização de Belo Horizonte (1940-1945)**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

BAPTISTA, Maria Elisa; BAPTISTA, Paulo. A lente moderna; **Mediação**. Belo Horizonte, v. 14, n. 15, p. 37-49, jul/dez. 2012.

BARBOSA, Marialva C. Comunicação e História: presente e passado em atos narrativos. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, v.6, n. 16, p. 11-27, jul. 2009.

BARROS, Gelka A. **Retratos imaginários: fotografia, tempo livre e indústria cultural**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

BELO HORIZONTE. **Decreto nº. 91**, de 26 de maio de 1941.

BRASIL. **Lei nº 3.071**, de 1º de janeiro de 1916.

BRASIL. **Decreto nº 17943-A**, de 12 de outubro de 1927.

BRASIL. **Decreto nº 21.076**, de 24 de fevereiro de 1932.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 1.237**, de 02 de maio de 1939.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 2.072**, de 08 de março de 1940.

BRASIL. **Decreto-Lei 2.162**, de 1º de maio de 1940.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 2.848**, de 7 de dezembro de 1940.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 3.199**, de 14 de abril de 1941.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 5.452**, de 1º de maio de 1943.

BERGER, John. **Modos de Ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____, John. O traje e a fotografia. In: _____. **Sobre o olhar**. Barcelona: Gustavo Gilli, 2003. p. 35-42.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia da Letras, 1994.

BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1914-1940). São Paulo: USP, 1999.

BOMENY, Helena M. B. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999. p. 137-166.

CACHAPUZ, Paulo B. de B. **Usinas da Cemig**: 1952-2005. Rio de Janeiro: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2006. Disponível em :<[https://www.cemig.com.br/pt-br/a_cemig/nossos_negocios/usinas/Document s/livro_usinas.pdf](https://www.cemig.com.br/pt-br/a_cemig/nossos_negocios/usinas/Document_s/livro_usinas.pdf)>. Acesso em: 10 Fev. 2017.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Mietta Santiago**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/secretarias/secretaria-da-mulher/coordenadoria-dos-direitos-da-mulher/arquivos-e-documentos/biografia-mietta-santiago>>. Acesso em: 20. Abr. 2018.

CAMPOS, Luana Carla M. **“Instantes como estes serão seus para sempre”**: práticas e representações fotográficas em Belo Horizonte (1894-1939). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999. p. 167-178.

CARVALHO, José Murilo de. Vargas e os militares. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999, p. 341-345.

CARVALHO, José Murilo de. Ouro, Terra e Ferro: vozes de Minas. In: GOMES, Ângela de Castro. (Org.). **Minas e os fundamentos do Brasil moderno**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

CARVALHO, Keila A. Em busca do tipo ideal: a perspectiva de reforma social dos médicos sanitaristas mineiros (1930-1940). **Revista Agora**. Vitória, n. 12. p. 1-21, 2011.

CASTRO, Maria Ceres P. S. Estudo crítico e nota biográfica. In: LINHARES, Joaquim N. **Itinerário da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, Editora UFMG, 1995. p. 15-41.

CEDRO, Marcelo. A administração municipal do prefeito Juscelino Kubitschek: estética e planejamento da cidade de Belo Horizonte na década de 1940. **Oculum ensaios**. Campinas, n. 5, p. 81-91, 2006.

_____. A administração JK em Belo Horizonte e o diálogo com as artes plásticas e a memória: um laboratório para sua ação nos anos 1950 e 1960. **ArtCultura**. Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 127-142, jan./jun. 2007.

_____. **JK desperta BH (1940-1945): a capital de Minas Gerais na trilha da modernização**. São Paulo: Annablume, 2010.

CHACHAM, Vera. A memória urbana entre o panorama e as ruínas: a rua da Bahia e o Bar do Ponto na Belo Horizonte dos anos 30 e 40. In: DUTRA, Eliana de F. (Org.). **BH: horizontes históricos**. Belo Horizonte: C/ Arte, 1996. p.183-230.

CHAVES, Elisângela. Anos 30 e 40 em Belo Horizonte: a dança impressa nos corpos femininos. In: CONGRESSO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS, 7., 2010, São Paulo. **Anais...**

COBRA, Bianca L.; TAVARES, Frederico M. B. A representação do leitor e seu lugar na revista: uma análise das capas de Alterosa. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 19., 2014, Vila Velha. **Anais...**

CONNEL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v.21, n. 1, p. 241-282, jan/abr. 2013.

CORREIOS. **União Postal Pan-americana**. Disponível em: <http://blog.correios.com.br/filatelia/?page_id=14876>. Acesso em 25. Fev. 2015.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia**: introdução à ciência da sociedade. São Paulo: Moderna, 2005.

COSTA, João Batista de Almeida. Minas Gerais na contemporaneidade: identidade fragmentada, a diversidade e as fronteiras regionais. **Cadernos da Escola do Legislativo**. Belo Horizonte, v. 11, n. 16, p. 117-137, jan./jun. 2009.

COSTA, Alexandre G.; TAVARES, Frederico M. B. Revista Alterosa: identidade e elo editorial pela nomeação de um periódico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais...**

_____, Alexandre G.; TAVARES, Frederico M. B. O discurso internacional na construção dos laços de identidade em Alterosa. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 21., 2016, Salto. **Anais...**

DEL PRIORI, Mary. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Senac, 2000.

DRUMOND, Maurício. O esporte como política de Estado: Vargas. In: DEL PRIORI, Mary; MELO, Victor A. (Orgs.). **História do esporte no Brasil**: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 213-244.

DULCI, Otávio Soares. As elites mineiras e a conciliação: a mineiridade como ideologia. **Ciências Sociais Hoje**. São Paulo, p. 7-32, 1984.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **R.K.O Radio**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/RKO-Radio-Pictures-Inc>>. Acesso em 17. Abr. 2018.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte, 20 de agosto de 1939.

FACULDADE DE FILOSOFIA DE MINAS GERAIS. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/site/pt-BR/institucional/historico>>. Acesso em: 13. Abr. 2017.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Theódulo Pereira**. Disponível em: <<http://www.fiemg.org.br/admin/BibliotecaDeArquivos/Image.aspx?ImgId=42969&TabId+5160>>. Acesso em 10. Jan. 2017.

FERNANDEZ, Gyna de Ávila. **Competente sportswoman e dedicada professora: Lucia Joviano e a Gymnastica no ensino normal (1910-1932)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

FIGUEIREDO, Anna Cristina C. M. Trabalho e lazer, as duas faces da moeda. In: _____. **Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada: publicidade, cultura do consumo e comportamento político no Brasil (1954-1964)**. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 53-86.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: AnnaBlume, 2011.

FOLHA DE MINAS. Belo Horizonte, 22 de agosto de 1939.

FORTES, Rafael **O surfe nas ondas da mídia: um estudo de *Fluir* nos anos 1980**. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1993.

FRANZINI, Fábio F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, n. 50, jul./dez. 2005.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Benedito Valadares**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/benedito-valadares-ribeiro>>. Acesso em: 03. Abr. 2018.

_____. **Mário Matos**. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/MATOS,%20M%C3%A1rio%20Gon%C3%A7alves%20de.pdf>>. Acesso em: 03. Abr. 2018.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Disponível em: <www.fjp.mg.gov.br>. Acesso em: 13. Ago. 2015.

GIRAUD, Ana Cláudia B. Discursos e estilos de docentes de FLE e a influência da cultura francesa na formação da sociedade brasileira: **Non Plus**. São Paulo, v.1, n. 2, p. 75-87, jul./dez. 2012.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de educação física e esporte**. São Paulo, v.19, n. 2, p.143-51, abr./jun. 2005.

_____, Silvana Vilodre. Imagens da Mulher no esporte, In: DEL PRIORI, Mary; MELO, Victor A. (Orgs.). **História do esporte no Brasil**: do Império aos dias atuais. São Paulo: UNESP, 2009, p. 269-292.

_____, Silvana Vilodre. As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. **Recordes**. Rio de Janeiro, vol. 1, n. 1, p. 1-28, jun. 2008.

GOMBRICH, Ernst H. **A História da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

GOMES, Ângela Maria de Castro. Ideologia e trabalho do Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999. p. 53-72.

GUARÁ. Disponível em: <http://www.galodigital.com.br/enciclopedia/Guaracy_Januzzy>. Acesso em 15. Dez. 2017

GUIMARÃES, Eduardo N. **Formação e desenvolvimento econômico no Triângulo Mineiro**: integração nacional e consolidação regional. Uberlândia: EDUFU, 2010.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Agentes-correspondentes**. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>>. Acesso em: 05. Jan. 2017.

_____. **Gynestol**. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>>. Acesso em: 10. Jun. 2017.

_____. **Helio Vaz de Melo**. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>>. Acesso em: 26. Mar. 2018.

_____. **Kathleen Norris**. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>>. Acesso em: 11. Dez. 2016.

_____. **Revista Alterosa**. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>>. Acesso em: 18. Nov. 2016.

_____. **Veragridol**. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>>. Acesso em: 10. Jun. 2017.

IBGE. **Diplomas registrados**. Disponível em: <<http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/educacao.html>>. Acesso em 10. Abr. 2017.

_____. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1957, v. 24. Disponível em: <http://www.biblioteca.ibge.gov.br/.../emb_volume24_bh_separata.pdf>. Acesso em 03. Set. 2015.

_____. **Ensino em geral** <<http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/educacao.html>>. Acesso em 10. Abr. 2017.

_____. **Número de municípios por UF**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default_evolucao.shtm>. IBGE. **População do Brasil por municípios e estados (1907-1912)**. Disponível em: <<https://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/populacao.html>>. Acesso em: 03. Abr. 2018.

_____. **População**. Disponível em: <<https://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/populacao.html>>. Acesso em 10. Mai. 2017.

_____. **Trabalho**. Disponível em: <<http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/trabalho.html>>. Acesso em 10. Mai. 2017.

IMPrensa Oficial de Minas Gerais. **Jornal Minas Gerais**. Disponível em: <<http://www.iof.mg.gov.br/>>. Acesso em: 16 Ago. 2015.

KATHLEEN NORRIS. Disponível em: <<http://www.online-literature.com/kathleen-norris/>>. Acesso em: 10. Dez. 2016.

LE GOFF, Jacques. Antigo/Moderno. In: **Enciclopédia Einaudi**, v. 1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1997, p. 370-392.

LINHALES, Meily Assbú. Esporte e escola: astúcias na “energização do caráter” dos brasileiros. In: DEL PRIORI, Mary; MELO, Victor Andrade de. (Orgs.) **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 331-358.

LINHARES, Joaquim Nabuco. **Itinerário da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954**. Estudo crítico e nota biográfica de Maria Céres Pimenta S. Castro. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, Editora UFMG, 1995.

LIMA, Alceu Amoroso. **Voz de Minas: ensaio de sociologia regional brasileira**. 3a ed. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1983. [1945].

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LONARDONI, Eliana; GIMENES, SANTOS, Maria Lucia; NOZABIELLI, Sônia Regina. O processo de afirmação da assistência social como política social. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 8, n. 2, 2006. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c-v8n2_sonia.htm>. Acesso em: 25. Jan. 2018.

MACHADO, Valéria A. S. A cidade moderna: Belo Horizonte nas crônicas de Carlos Drummond de Andrade. **Outra Travessia**. Florianópolis, n. 8, p. 77-89, 2009.

MAIA, Cláudia J. Genealogia da solteirona no Brasil. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2001, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2001.

_____. **A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral – Minas Gerais (1890-1948)**. Tese (Doutorado em História). Universidade de Brasília, 2007.

MAIA, Cláudia de J.; SILVA, Telma B. Alterosa para a família do Brasil: breve história de uma revista. **Caminhos da História**. Montes Claros, v. 15, n. 2, p. 97-111, 2010.

MALUF, Marina; MOTT, Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Cia das letras, 2004. P. 367-421.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico (São Paulo 189-1930). In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Raquel (Orgs.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Unesp, 2003. p. 107-127.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Cabelo, barba e bigode: masculinidades, corpos e subjetividades. **Locus**. Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 125-143, 2011.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e História – interfaces. **Tempo**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

MAUAD, Ana Maria. O poder em foco: imagens reservadas de homens públicos, uma reflexão sobre fotografia e representação social. **Diálogos**. Maringá, v. 11, n. 3, pp. 119-149, 2007.

MELO, Victor Andrade de. **Esporte e Lazer**: conceitos: uma introdução histórica. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

_____. O lazer (ou a diversão) e os estudos históricos. In: ISAYAMA, Hélder F.; SILVA, Silvio Ricardo da. (Orgs.). **Estudos do lazer**: um panorama. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011, p. 65-80.

MELO, Victor A. Remo, modernidade e Pereira Passos: primórdios das políticas públicas de esporte no Brasil. **Esporte e Sociedade**, n. 3, jul/out. 2006. Disponível em: <<http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/>>. Acesso em: 10. Mar. 2018.

MENEZES, Daniella de. Construções da imagem feminina na propaganda: para além do efeito persuasivo. **Comunicação e Sociedade**. Braga, v. 21, p. 19-38, 2012.

MINAS GERAIS. **Decreto-Lei nº 150**, de 24 de dezembro de 1938.

MINAS GERAIS. **Decreto-Lei nº 175**, de 26 de janeiro de 1939.

MINAS GERAIS. Belo Horizonte, 20 de agosto de 1939.

MINAS GERAIS. **Decreto-Lei nº 770**, de 20 de março de 1941.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas**: o caso da Editora Abril. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de Campinas, 1997.

MOURA, Eriberto José Lessa. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Unicamp. Campinas, 2003.

MOREIRA, Elmo Nélio. **Histórico do salário mínimo no Brasil**. Disponível em: <http://www.gazetadeitauna.com.br/historioc_salario.htm>. Acesso em: 05. Dez. 2016.

MOTTA, R. P. S. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: _____. (org.). **Culturas políticas na história**: novos estudos. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, p. 13-37.

MUSEU VIRTUAL BRASIL. **Grill-room**. Disponível em: <http://www.museuvirtualbrasil.com.br/museu_pampulha/modules/news3/article.php?storyid=15>. Acesso em 20. Dez. 2016.

NOLASCO, Sócrates A. O trabalho como base para a identidade. In: _____. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 50-72.

O MALHO. Ano XLIII, n. 69, outubro de 1945, p.31.

OLIVEIRA, Ana Carla M. Economia doméstica: origem, desenvolvimentos e campo de atuação profissional. **Vértices**. Campos dos Goytacazes, v.8, n.1/3, jan./dez., 2006.

OLIVEIRA, Lúcia L. **Belo Horizonte nos tempos de JK**. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Brasilia/BeloHorizonte>>. Acesso em: 25. Jan. 2018.

OLIVEIRA, Marina T. Cabelos: da etologia ao imaginário. **Rev. bras. Psicanálise**. São Paulo, v.41, n.3, set. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000300012>. Acesso em 05. Dez. 2017.

OLIVEIRA JUNIOR, Virgílio C. **Moda e Cidade**: representações da modernidade na capital mineira das décadas de 1940 e 1950. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

OLIVEIRA VIANNA, Francisco José de. Minas do lume e do pão. In: _____. **Pequenos estudos de psicologia social**. 3 ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1942, p. 30-53. [1920].

_____. A alma mineira de Belo Horizonte. In: ARAÚJO, Laís Corrêa (Org.). **Sedução do Horizonte**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1996. p. 88-90.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**: cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 2001.

PADILHA, Márcia. **A cidade como espetáculo**: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20. São Paulo: Annablume, 2000.

PAIXÃO, Dario L. D. Thermae et Ludus: o início do turismo de saúde no Brasil e no mundo. **Turismo em Análise**, v. 8, n. 2, p. 133-147, nov. 2007.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. **200 anos da indústria gráfica no Brasil**: trajetória em Minas Gerais. Belo Horizonte: Prefácio Comunicação, 2009.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Raquel (Orgs.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Unesp, 2003. p. 13-27.

PORTAL BRASIL. **Réis e cruzeiros em 1942**. Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/economia_real_historico.htm>. Acesso em 25. Jan. 2017.

PORTO, Daniele R. **O Barreiro de Araxá**: projetos para uma estância hidromineral em Minas Gerais. Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo). São Carlos, Universidade de São Paulo, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Otacílio Negrão de Lima**. Disponível em: <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/>>. Acesso em 02. Jan. 2017.

_____. **Relatórios dos exercícios de 1940 e 1941**. Prefeito Juscelino Kubitschek. Belo Horizonte: PBH, 1941.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Revista BH – na palavra do prefeito Juscelino Kubitschek.** Disponível em: <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/contents.do?evento=conteudo&idConteudo=92095&chPlc=92095>>. Acesso em: 15. Nov. 2016.

_____. **Revistas.** Disponível em: <<https://prefeitura.pbh.gov.br/fundacao-municipal-de-cultura/arquivo-publico/acervo/revistas>>. Acesso em: 12. Abr. 2018.

QUINTELA, Maria Manuel. Saberes e práticas termais: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de S. Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz). **História das Ciências da Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 11, sup.1, 2004. Disponível em: <<http://periodicos.fiocruz.br/pt-br/publicacao/10182>>. Acesso em: 20. Fev. 2018.

RAMALHO, Walderez Simões Costa. Uma crítica ao essencialismo identitário: a historiografia da mineiridade na primeira metade do século XX. **História da Historiografia**. Ouro Preto, n. 18, p. 248-265, ago. 2015. Disponível em: <<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/841>>. Acesso em: 19. Jan. 2017.

REIS, Janine; TAVARES, Frederico de Mello B. Revista Alterosa e as marcas da editoração em Minas Gerais. In: ENCONTRO NACIONAL DE JOVENS PESQUISADORES EM JORNALISMO, 3, 2013, Brasília. **Anais...** Brasília, 2013.

RODRIGUES, Carla Corradi. Fotorreportagens e política nas páginas da revista Alterosa (1962-1964). In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA UFG, 2, 2011, Jataí. **Anais...** Jataí, 2011.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade:** uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

RODRIGUES, Marilita A. A.; ISAYAMA, Hélder F.; COSTA, Luciana C. L. R.; PERES, Fabiano A. S.; OLIVEIRA, Rita M. de.; VIANA, Juliana de A.; SILVEIRA, Amanda C. C.; SILVA, Márcio A. F.; LOPES, Tarcila B.; XAVIER, Jean L.; LANA, Vivyan L.; SAAD, Jane. Um olhar sobre a trajetória das políticas públicas de esporte em Minas Gerais: 1927 a 2006. In: RODRIGUES, M.; ISAYAMA, H. (Orgs). **Mapeando as primeiras ações de políticas públicas de esporte em Minas Gerais (1927-1946)**. Contagem: MJR, 2014. p. 29-46.

ROMITA, Arión Sayão. Justiça do Trabalho: produto do Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999, p. 95-112.

SALGUEIRO, Heliana A. **Engenheiro Araújo Reis**: o progresso como missão. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1997.

SALGUEIRO, Heliana A. O pensamento francês na fundação de Belo Horizonte: das representações às práticas. In: _____. (Org.). **Cidades capitais do século XIX**: racionalidade, cosmopolitismo e transferência de modelos. São Paulo: Edusp, 2001, p. 135-181.

SANTOS, Ricardo Pinto dos. Tensões na consolidação do futebol nacional. In: DEL PRIORI, Mary; MELO, Victor A. (Orgs.). **História do esporte no Brasil**: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 179-212.

SCHETINO, André Maia. Cultura esportiva em Belo Horizonte (1939-1964): nas páginas da revista Alterosa. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 6., 2012, Ilhéus. **Anais...**

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SIMILI, Ivana G. O que virou moda? As voluntárias da Legião Brasileira de Assistência no Jornal Correio da Manhã. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 18., 2006, Assis. **Anais...** Assis: ANPUH/SP – UNESP, 2006.

SOARES, Carmen L. Corpo, conhecimento e educação. In: SOARES, Carmen L. (Org.). **Corpo e História**. Campinas: Autores associados, 2006, p. 109-129.

SOUTTO MAYOR, Sarah T. **O futebol na cidade de Belo Horizonte**: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SOUZA, Eneida M. Olhares do cidadão. In: **Juscelino Prefeito 1940-1945**. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2002. p. 47-57.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. **A invenção do torcer em Belo Horizonte**: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930). Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de.; SILVA, Sílvia Ricardo da. O advento do lazer em Belo Horizonte ou das “Festas e Diversões”: um estudo dos hábitos de divertimento na ‘Cidade Moderna’ a partir do Minas Geraes. **Licere**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 1-27, jun. 2009.

SOW, Marilene M. A participação feminina na construção de um parlamento democrático. **E-Legis**, Brasília, n.5, p. 79 - 94, 2010.

STARLING, Heloisa Maria Murgel. **Os senhores das gerais**: os Novos Inconfidentes e o Golpe de 1964. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986.

_____. Juscelino Prefeito. In: **Juscelino Prefeito 1940-1945**. Belo Horizonte: Museu histórico Abílio Barreto, 2002, p. 31-44.

TAVARES, Frederico M. B.; COSTA, Alexandre G.; COBRA, Bianca L.; ALVES, Hariane; REIS, Janine L. Alterosa, perfil editorial e o mercado de revistas no Brasil (1939-1964). In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 10., 2015, Porto Alegre. **Anais...**

THE AFFAIRS OF SUSAN. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt0037498/>>. Acesso em 25. Nov. 2017.

TORRES, João Camilo de Oliveira. **O homem e a montanha**: introdução ao estudo das influências da situação geográfica para a formação do espírito mineiro. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011. (Série Alfarrábios) [1944].

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO DA TERCEIRA REGIÃO DE MINAS GERAIS. **Salário mínimo em Minas Gerais**. Disponível em: <<http://www.trt3.jus.br/informe/calculos/minimo.htm>>. Acesso em: 05. Dez. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **José Carlos Lisboa**. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/boletim/bol1375/oitava.shtml>>. Acesso em: 25. Fev. 2015.
VAZ, Alexandre F. Memória e progresso: sobre a presença do corpo na arqueologia da modernidade em Walter Benjamin. In: SOARES, Carmen L. (Org). **Corpo e História**. Campinas: Autores associados, 2006, p. 43-60.

VAZ, Alexandre F. Memória e progresso: sobre a presença do corpo na arqueologia da modernidade em Walter Benjamin. In: SOARES, Carmen L. (Org). **Corpo e História**. Campinas: Autores associados, 2006. p. 43-60.

VIEIRA, IVONE L. **A Escola Guignard**: na cultura modernista de Minas (1944-1962). Pedro Leopoldo: CESA, 1988.

WERNECK, Humberto. **O desatino da rapaziada**: jornalistas e escritores de Minas Gerais. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

WILLIAMS, Raymond. El análisis de la cultura. In: **La larga revolución**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003. p. 51-77.

YOUTUBE. **US Office of Inter-American Affairs - Belo Horizonte**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nj7cQWZ9Dgs>>. Acesso em: 12. Fev. 2018.